

Abril Encantado

ELIZABETH VON ARNIM

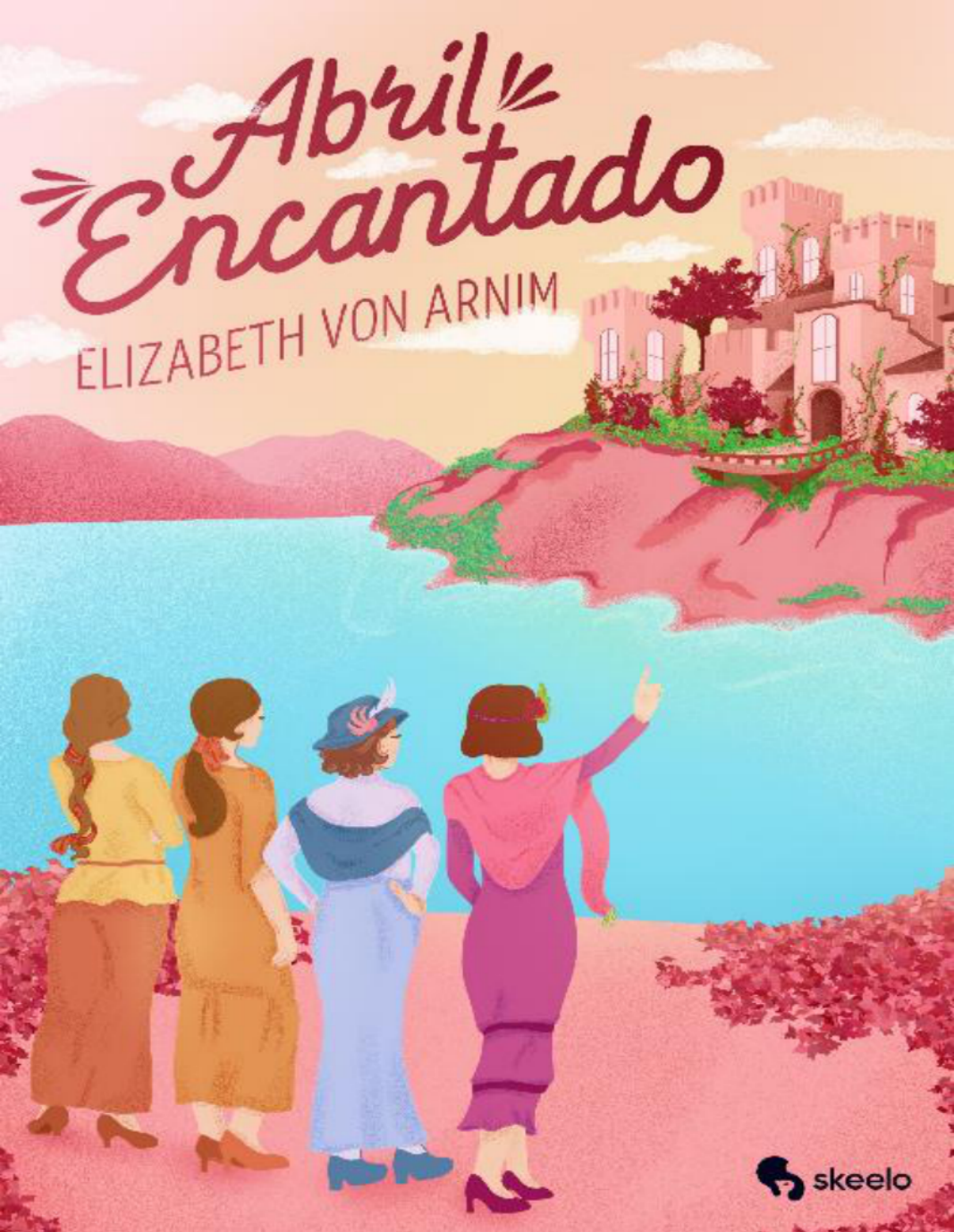


VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Abril Encantado

ELIZABETH VON ARNIM



Abril Encantado

ELIZABETH VON ARNIM

Tradução
Andresa Vidal



Coordenadora Editorial

Thereza Castro

Analistas Editoriais

Isabella Zacharias

Stephanie Cardoso

Tatiana Yoshizumi

Assistentes Editoriais

Alda Dias

Luana Araújo

Curadoria

Jade Maia Borges

Preparadoras e Revisoras

Ananda Andrade

Camila Figueiredo

Marta Fagundes

Tradução

Andresa Vidal

Capa

Vito Castrilo

Versão digital

Larissa Santana

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os personagens e as situações deste original são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos e não refletem nossa opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A749a Arnim, Elizabeth Von

Abril Encantado [recurso eletrônico] / Elizabeth Von Arnim ; traduzido por Andresa Vidal. - São Paulo : Skeelo Editora, Produtos e Serviços Digitais, 2024.

ePUB.

Tradução de: The Enchanted April

ISBN: 978-65-5394-831-0 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Literatura feminina. 3. Clássico. 4. Amizade. 5. Literatura britânica. I. Vidal, Andresa. II. Título.

CDD 823

CDU 821.111

2024-1150

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Inglesa 823
2. Literatura Inglesa 821.111

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 1

Tudo começou em um Clube para Mulheres em Londres, em uma tarde de fevereiro — um clube desconfortável e uma tarde miserável — quando a sra. Wilkins, que tinha vindo de Hampstead para fazer compras e parara no clube para almoçar, pegou o *Times* na mesa da sala de fumantes e, passando seu olhar indiferente pela Coluna de Anúncios, viu isso:

“Àqueles que apreciam glicínias e sol. Pequeno castelo italiano medieval às margens do Mediterrâneo, mobiliado, para locação durante o mês de abril. Com todos os serviços inclusos. Z, Caixa Postal 1000, *The Times*.”

A ideia surgiu ali; no entanto, como em muitos outros casos, naquele momento a idealizadora ainda não estava ciente disso.

A sra. Wilkins não imaginava que seu mês de abril daquele ano havia sido definido ali, por ela, que largou o jornal com um gesto irritado e resignado, foi até a janela e, desanimada, olhou para a chuva que molhava a rua.

Os castelos medievais, mesmo aqueles descritos como pequenos, não eram para ela. Nem as margens do Mediterrâneo em abril, com as glicínias e o sol. Tais prazeres eram apenas para os ricos. No entanto, o anúncio se dirigia a pessoas que apreciam essas coisas, então, de qualquer forma, também tinha sido direcionado a ela, pois ela certamente as apreciava; mais do que qualquer um sabia; mais do que podia admitir. Mas ela era pobre. Tudo o que tinha era noventa libras, economizadas de ano a ano, guardadas cuidadosamente, libra por libra, de sua mesada para roupas. Ela havia juntado essa quantia a pedido de seu marido, como um escudo e refúgio contra dias tempestuosos. Sua mesada para roupas, dada por seu pai, era de cem libras por ano, então as roupas da sra. Wilkins eram o que seu marido, instando-a a economizar, chamava de modestas e adequadas, e seus conhecidos, quando falavam dela, o que era raro por sua insignificância, chamavam de ideais.

O sr. Wilkins, um advogado, incentivava a economia, exceto quando o assunto era sua comida. Isso ele não chamava de economia, mas de má administração doméstica. Porém a economia que, como uma traça, penetrava nas roupas da sra. Wilkins e as estragava, ele elogiava muito.

— Nunca se sabe quando os dias difíceis virão — ele dizia —, e você ficará feliz em ter guardado essa reserva. Na verdade, nós dois ficaremos felizes com isso.

Olhando pela janela do clube para a avenida Shaftesbury — seu clube era econômico, mas conveniente para Hampstead, onde morava, e para Shoolbred's, onde fazia compras — a sra. Wilkins, ficou ali por algum tempo,

muito desanimada, com a mente vislumbrando o Mediterrâneo em abril, as glicínias e as oportunidades invejáveis dos ricos, enquanto encarava a chuva fuliginosa e terrível que caía sem parar sobre os guarda-chuvas apressados e respingava nos ônibus. De repente, perguntou-se se talvez esse não era o dia tempestuoso para o qual Mellersh — Mellersh era o sr. Wilkins — a tinha incentivado a se preparar tantas vezes, e se sair desse clima e entrar no pequeno castelo medieval não era talvez o que a Providência tinha planejado desde o início para suas economias. Parte de suas economias, é claro; talvez uma parte bem pequena. O castelo, sendo medieval, também poderia estar deteriorado, e as coisas depreciadas certamente eram baratas. Ela não se importaria nem um pouco com isso, porque você não pagava por danos que já estavam lá; pelo contrário — ao reduzir o preço que você tinha que pagar, elas realmente pagavam a você. Mas que absurdo pensar nisso...

Ela se afastou da janela com o mesmo gesto de irritação e resignação com o qual havia largado o *Times*, e atravessou o cômodo em direção à porta com a intenção de pegar sua capa de chuva e sua sombrinha, enfrentar um dos ônibus lotados e ir para Shoolbred's a caminho de casa para comprar algumas solhas para o jantar de Mellersh — Mellersh era exigente com peixes e só gostava de solhas, exceto salmão — quando avistou a sra. Arbuthnot, uma mulher que conhecia de vista, também moradora de Hampstead e membra do clube, sentada à mesa no centro da sala onde ficavam os jornais e revistas, absorta, por sua vez, na primeira página do *Times*.

A sra. Wilkins nunca havia falado com a sra. Arbuthnot, que pertencia a um dos vários círculos da igreja e analisava, classificava, dividia e registrava os pobres; enquanto ela e Mellersh, quando saíam, frequentavam as festas de pintores impressionistas, que viviam aos montes em Hampstead. Mellersh tinha uma irmã que havia se casado com um deles e morava no Heath; por causa dessa aliança, a sra. Wilkins foi introduzida em um círculo que era altamente estranho para ela, e então aprendeu a temer quadros. Ela tinha que dizer coisas sobre eles, e não sabia o que dizer. Costumava murmurar algo como “maravilhoso”, e sentia que não era suficiente. Mas ninguém se importava. Ninguém ouvia. Ninguém prestava atenção na sra. Wilkins. Ela era o tipo de pessoa que passava despercebida em festas. Suas roupas, infestadas de economia, a tornavam praticamente invisível; seu rosto não era marcante; sua conversa era relutante; ela era tímida. *E se as roupas, o rosto e a conversa são tão negligenciáveis*, pensava a sra. Wilkins, reconhecendo suas limitações, *o que resta para alguém em uma festa?*

Além disso, ela sempre estava com Wilkins, aquele homem bem-apeesoado e barbeado, que, apenas por estar presente, conferia grande elegância a uma festa. Wilkins era muito respeitável. Era muito estimado por seus sócios mais antigos. O círculo de sua irmã o admirava. Ele tinha opiniões adequadas e inteligentes sobre a arte e os artistas. Era conciso; era prudente; nunca dizia uma palavra a mais, nem uma palavra a menos. Dava a impressão

de manter cópias de tudo o que dizia; e era tão evidentemente confiável, que sempre acontecia de pessoas que o conheciam nessas festas ficarem insatisfeitas com os próprios advogados, e, após um período de inquietação, procurarem os serviços de Wilkins.

Naturalmente, a sra. Wilkins era ofuscada.

— Ela — dizia a irmã dele, com um tom de julgamento e ultimato na voz — deveria ficar em casa.

Mas Wilkins não podia deixar a esposa em casa. Ele era um advogado de família, e todos esses têm esposas e as exibem. Durante a semana, os dois iam a festas, e aos domingos, iam à igreja. Sendo ainda relativamente jovem — tinha 39 anos — e ávido por senhorinhas, as quais ainda não tinha em número suficiente como clientes, ele não podia se dar o luxo de faltar à igreja, e foi lá que a sra. Wilkins se familiarizou com a sra. Arbuthnot, embora não tenham trocado nenhuma palavra.

Ela a via organizando as crianças pobres nas fileiras dos bancos. Ela entrava à frente do cortejo da Escola Dominical exatamente cinco minutos antes do coral, acomodando as crianças em seus assentos designados, ajoelhando-se para a oração inicial e levantando-se novamente, quando, ao som do órgão, a porta da sacristia se abria, e o coral e o sacerdote, imbuídos dos cânticos e mandamentos que logo entoariam, apareciam. Ela tinha um rosto triste, mas era evidentemente eficiente. A combinação costumava deixar a sra. Wilkins intrigada, pois Mellersh lhe dizia, nos dias em que só conseguia encontrar linguado, que se alguém fosse eficiente, não se sentiria deprimido, e que quem faz bem seu trabalho é automaticamente uma pessoa animada e ativa.

Não havia nada de animado e ativo na sra. Arbuthnot, embora sua conduta com as crianças da Escola Dominical fosse, sim, bem automática; mas quando a sra. Wilkins, ao se afastar da janela, avistou-a no clube, ela não estava sendo automática de modo algum, olhava fixamente para uma parte da primeira página do *Times*, segurava o jornal completamente parada, seus olhos imóveis. Ela estava apenas fitando a página; e seu rosto, como sempre, era o rosto de uma madona, paciente e decepcionada.

Seguindo um impulso que ela se perguntava até quando duraria, a sra. Wilkins, tímida e relutante, em vez de seguir como planejado para o Shoolbred's em busca do peixe de Mellersh, parou na mesa e se sentou exatamente em frente à sra. Arbuthnot, com quem ela nunca havia falado na vida.

Era uma daquelas longas mesas estreitas de refeitório, de modo que estavam bem próximas uma da outra.

Entretanto, a sra. Arbuthnot não ergueu o olhar. Ela continuou a fitar, com olhos de quem parecia estar sonhando, apenas um ponto do *Times*.

A sra. Wilkins a observou por um minuto, tentando reunir coragem para falar com ela. Queria perguntar se ela tinha visto o anúncio. Não sabia por quê, mas queria fazer essa pergunta. Que estupidez não conseguir falar com ela. Parecia uma mulher tão gentil. Parecia tão infeliz. Por que duas pessoas infelizes não poderiam animar uma à outra nesse caminho difícil da vida com uma simples conversa — uma conversa real, natural, sobre o que sentiam, do que gostavam, o que ainda desejavam? E ela não pôde deixar de pensar que a sra. Arbuthnot estava lendo o mesmo anúncio que ela há pouco havia visto. Seus olhos estavam na mesma parte do jornal. Será que ela também estava imaginando como seria — a cor, a fragrância, a luz, o mar quebrando suavemente nas pequenas pedras quentes? Cor, fragrância, luz, mar; em vez da avenida Shaftesbury, e dos ônibus molhados, e da peixaria na Shoolbred's, e do metrô para Hampstead, e do jantar, e de tudo isso se repetindo, dia após dia...

De repente, a sra. Wilkins se viu inclinada na mesa.

— Está lendo sobre o castelo medieval e as glicínias? — ela perguntou.

Naturalmente, a sra. Arbuthnot ficou surpresa; mas nem de perto tão surpresa quanto a própria sra. Wilkins por ter feito a pergunta.

Até onde se lembrava, a sra. Arbuthnot não tinha posto os olhos na figura desalinhada, magra e despojada sentada a frente dela, com o rosto pequeno e sardento, e grandes olhos cinza quase desaparecendo sob um chapéu amassado por causa da chuva. Ela a observou por um momento, sem responder. Estava lendo sobre o castelo medieval e as glicínias, ou melhor, havia lido sobre isso há dez minutos, e desde então estava perdida em devaneios — sobre a luz, a cor, a fragrância, o mar quebrando suavemente nas pequenas pedras quentes...

— Por que a pergunta? — ela disse com sua voz grave. Seu convívio com os pobres a tornara séria e paciente.

A sra. Wilkins corou, parecendo excessivamente tímida e assustada.

— Ah, é que eu também vi, e pensei que talvez... pensei que, de alguma forma — ela gaguejou.

A sra. Arbuthnot, acostumada a classificar as pessoas em listas e categorias, por hábito considerou, enquanto observava pensativamente a sra. Wilkins, em qual categoria ela poderia ser colocada da forma mais apropriada, supondo que precisasse classificá-la.

— E eu a reconheço de vista — continuou a sra. Wilkins, que, como todos os tímidos, uma vez que começava, mergulhava cada vez mais na timidez, assustando-se até com os sons das próprias palavras. — Todos os domingos. Eu a vejo todos os domingos na igreja.

— Na igreja? — ecoou a sra. Arbuthnot.

— E parece maravilhoso... Este anúncio sobre as glicínias... e...

A sra. Wilkins, que devia ter pelo menos 30 anos, interrompeu-se e se remexeu na cadeira, como uma colegial desajeitada e constrangida.

— Parece *tão* maravilhoso — ela continuou em uma espécie de explosão — e hoje está um dia tão sem graça...

E então ela ficou olhando para a sra. Arbuthnot, com os olhos de um cachorro aprisionado.

Essa pobrezinha precisa de uns conselhos, pensou a sra. Arbuthnot, cuja vida era baseada em ajudar e aliviar.

Ela se preparou pacientemente para oferecer isso.

— Se você me vê na igreja — disse, gentil e atenciosa —, suponho que também mora em Hampstead?

— Ah, sim — disse a sra. Wilkins. E repetiu, inclinando um pouco a cabeça sobre o pescoço fino e comprido, como se a lembrança de Hampstead a humilhasse. — Ah, sim.

— Onde? — perguntou a sra. Arbuthnot, que, quando era necessário dar conselhos, naturalmente começava a coletar os fatos.

Mas a sra. Wilkins, colocando a mão suave e carinhosamente na parte do *Times* em que estava o anúncio, como se as meras palavras impressas fossem preciosas, apenas disse:

— Talvez seja por isso que parece tão maravilhoso.

— Não. Acho que é algo maravilhoso, de qualquer maneira — disse a sra. Arbuthnot, esquecendo os fatos e suspirando levemente.

— Então a senhora estava lendo?

— Sim — disse a sra. Arbuthnot, seus olhos voltando a se tornar sonhadores.

— Não seria maravilhoso? — murmurou a sra. Wilkins.

— Maravilhoso — disse a sra. Arbuthnot. Seu rosto, que se iluminara, desvaneceu-se novamente em paciência. — Muito maravilhoso — ela disse. — Mas não adianta perder tempo pensando nessas coisas.

— Oh, adianta, *sim*. — Foi a rápida e surpreendente resposta da sra. Wilkins; surpreendente porque era tão diferente do resto dela... do casaco e da saia sem personalidade, do chapéu amassado, da mecha de cabelo solto indecisa. — Sonhar com isso já vale a pena por si só. Algo tão diferente de Hampstead. E às vezes eu acredito... realmente acredito... que se alguém

pensa em algo com bastante intensidade, as coisas acontecem.

A sra. Arbuthnot a observou pacientemente. Em que categoria a colocaria, se fosse preciso?

— Talvez — disse ela, inclinando-se um pouco para frente — você queira me dizer seu nome. Se vamos ser amigas — ela deu seu sorriso sério —, como espero que sejamos, é melhor começarmos do início.

— Ah, sim... que gentileza sua. Sou a sra. Wilkins — apresentou-se. — Não espero — acrescentou, corando, já que a sra. Arbuthnot não disse nada — que isso signifique algo para você. Às vezes, parece que para mim também não transmite nada. Mas... — Ela olhou ao redor como se estivesse buscando ajuda — ... eu *sou* a sra. Wilkins.

Ela não gostava do seu nome. Era um nome mesquinho, pequeno, com um tipo de torção jocosa no final, como a curva ascendente da cauda de um pug, ela pensava. Era o que tinha, no entanto. Não havia nada a ser feito. Ela era Wilkins e permaneceria Wilkins; e embora seu marido a encorajasse a se apresentar em todas as ocasiões como sra. Mellersh-Wilkins, ela só fazia isso quando ele estava por perto, pois achava que Mellersh piorava Wilkins, enfatizando-o da mesma forma que Chatsworth na entrada de uma vila, enfatiza a vila.

Quando ele sugeriu pela primeira vez que ela adicionasse Mellersh, ela objetou por essa razão, e depois de uma pausa — Mellersh era muito prudente para falar, exceto após uma pausa, durante a qual presumivelmente estava fazendo uma cópia mental cuidadosa de sua próxima observação — ele disse, muito descontente: “Mas eu não sou uma vila”. E a olhou como quem espera, talvez pela centésima vez, não ter se casado com uma tola.

Claro que ele não era uma vila, assegurou-lhe a sra. Wilkins; ela nunca havia suposto que ele fosse; nem sequer sonhou em dizer... ela estava apenas divagando...

Quanto mais ela explicava, mais intensa se tornava a esperança de Mellersh, naquela altura já comum, pois era seu marido há dois anos, de que, enfim, não tinha se casado com uma tola; e eles tiveram uma longa discussão, se é que isso pode ser chamado de discussão, quando havia silêncio de um lado e um eterno sincero pedido de desculpas do outro, sobre se a sra. Wilkins tinha ou não a intenção de sugerir que o sr. Wilkins era uma vila.

Acredito, ela pensou quando finalmente acabou — o que levou muito tempo, *que qualquer um discutiria por qualquer razão quando não se separam nem por um único dia durante dois anos inteiros. O que ambos precisamos é de férias.*

— Meu marido — continuou a sra. Wilkins, tentando lançar alguma luz sobre si mesma — é advogado. Ele... — Ela procurou algo bom que

pudesse dizer sobre Mellersh, e encontrou: — Ele é muito bonito.

— Bem — disse a sra. Arbuthnot amavelmente —, isso deve lhe trazer um grande prazer.

— Por quê? — perguntou a sra. Wilkins.

— Porque sim — disse a sra. Arbuthnot um pouco surpresa, pois a constante convivência com os pobres a tinha acostumado a ter suas declarações aceitas sem questionamento. — Porque a beleza, a graciosidade, é um dom como qualquer outro, e se for usada corretamente...

Ela se perdeu no silêncio. Os grandes olhos cinzentos da sra. Wilkins estavam fixos nela, e subitamente pareceu para a sra. Arbuthnot que talvez ela tivesse se habituado à exposição, e a exposição como a das governantas, em ter uma plateia que não podia discordar delas, que teria medo de interromper, que não soubesse sobre as coisas, e que estava à sua mercê, de fato.

Mas a sra. Wilkins não estava ouvindo; pois naquele momento, por mais absurdo que parecesse, uma imagem surgiu em sua mente, e nela havia duas figuras sentadas juntas sob uma grande glicínia que se estendia pelos galhos de uma árvore que ela não conhecia, e eram ela mesma e a sra. Arbuthnot — ela as *via* — ela conseguia vê-las. E atrás delas, brilhando ao sol, estavam antigas paredes cinzentas — o castelo medieval — ela o *via* —, elas estavam lá...

Por isso, ela encarava a sra. Arbuthnot sem ouvir uma palavra do que ela dizia. E a sra. Arbuthnot também encarava a sra. Wilkins, detida pela expressão em seu rosto, que foi capturada pela excitação do que ela via, e era tão luminosa e tremeluzente quanto a água sob o sol quando é agitada por uma rajada de vento. Neste momento, se estivesse em uma festa, a sra. Wilkins teria sido observada com interesse.

Elas se encaravam; a sra. Arbuthnot surpresa, inquisitiva, a sra. Wilkins com os olhos de alguém que teve uma revelação. Claro. Essa era a resposta que procurava. Sozinha, ela não poderia pagar todos os custos, e mesmo que pudesse, não seria capaz de ir para lá sozinha; mas ela e a sra. Arbuthnot juntas...

Ela se inclinou na mesa.

— Por que não tentamos ir, então? — sussurrou.

A sra. Arbuthnot arregalou ainda mais os olhos.

— Tentar ir? — ela repetiu.

— Sim — disse a sra. Wilkins, ainda como se estivesse com medo de ser ouvida. — Não apenas se sentar aqui e dizer “que maravilhoso”, e depois ir para casa em Hampstead sem ter mexido um dedo para mudar as coisas... voltar para casa, como de costume, e cuidar do jantar e do peixe como temos

feito por anos e anos, e continuaremos fazendo anos a fio, na verdade — disse a sra. Wilkins, corando até as raízes do cabelo, pois o som do que estava dizendo, do que estava confessando, assustava-a, e ainda assim ela não conseguia parar. — Eu não vejo um fim para isso. Não há fim. Então será preciso uma pausa, deveria haver intervalos... para o bem de todos. Seria realmente altruísta viajar e ser feliz por um tempo, porque voltaríamos muito melhores. Veja, depois de um tempo, todo mundo precisa de férias.

— Mas... o que você quer dizer com ir? — perguntou a sra. Arbuthnot.

— Arriscar — disse a sra. Wilkins.

— Arriscar?

— Alugar. Contratar. Ir.

— Mas... a senhora quer dizer você e eu?

— Sim. Nós duas. Dividir. Assim custaria apenas a metade, e você parece tão... parece mesmo desejar isso tanto quanto eu... como se precisasse de um descanso... de um momento de felicidade.

— Ora, nós nem nos conhecemos.

— Mas pense como nos conheceríamos bem se viajássemos juntas por um mês! E venho economizando para os dias tempestuosos, e espero que a senhora também tenha feito o mesmo, e este é o dia da tempestade... como pode ver lá fora.

Ela está desequilibrada, pensou a sra. Arbuthnot; ainda assim, ela se sentiu estranhamente agitada.

— Imagine ficar longe por um mês... de tudo... rumo ao paraíso.

Ela não deveria dizer essas coisas, pensou a sra. Arbuthnot. *O vigário...* Ainda assim, sentiu-se estranhamente agitada. Seria realmente maravilhoso ter um descanso, uma pausa.

O hábito, no entanto, estabilizou-a novamente; e anos de convivência com os pobres a fizeram dizer, com a ligeira, porém benevolente, superioridade do explicador:

— Mas, veja bem, o paraíso não está em outro lugar. Está aqui e agora. É o que nos é ensinado.

Ela ficou muito séria, assim como fazia ao tentar pacientemente ajudar e esclarecer os pobres.

— O paraíso está dentro de nós — disse com a voz suave. — Quem nos diz isso é a mais importante de todas as autoridades. E você conhece os versos sobre a equivalência, não conhece?

— Oh, sim, eu conheço — interrompeu a sra. Wilkins impacientemente.

— O paraíso equivale ao lar — continuou a sra. Arbuthnot, que estava acostumada a terminar suas frases. — O paraíso está em nosso lar.

— Não está — disse a sra. Wilkins, surpreendendo novamente.

A sra. Arbuthnot deteve-se. Então disse suavemente:

— Ah, mas está, sim. Está lá se escolhermos que assim seja.

— Eu escolho, e eu faço de tudo para que assim seja, mas o paraíso não está lá — disse a sra. Wilkins.

Então a sra. Arbuthnot ficou em silêncio, pois ela também às vezes tinha dúvidas sobre os lares. Ela ficou sentada e olhou inquieta para a sra. Wilkins, sentindo cada vez mais a urgente necessidade de classificá-la. Se ao menos pudesse classificar a sra. Wilkins, colocá-la seguramente sob sua categoria apropriada, ela sentia que recuperaria seu equilíbrio, que parecia estar estranhamente desvanecendo. Pois ela também não tirava férias havia anos, e o anúncio a fizera sonhar, e a empolgação da sra. Wilkins sobre isso era contagiante. Ela teve a sensação, enquanto ouvia sua conversa impulsiva e estranha, e observava seu rosto iluminado, de que estava sendo despertada do sono.

A sra. Wilkins estava claramente desequilibrada, mas a sra. Arbuthnot já tinha encontrado pessoas desequilibradas antes — na verdade, ela sempre as encontrava — e elas não tinham nenhum efeito em sua própria estabilidade; mas esta mulher estava mexendo com seus sentidos, como se viajar para longe de suas referências, que eram Deus, Marido, Lar e Dever — ela não achava que a sra. Wilkins pretendesse que o marido viajasse também — e ser feliz ao menos uma vez, fosse bom e desejável. O que, é claro, não era; certamente, não era. Ela também tinha economias que havia investido gradualmente no Banco de Poupança dos Correios, mas supor que ela esqueceria seu dever a ponto de pegar o dinheiro e gastá-lo consigo mesma seria um grande absurdo. Claro que ela não poderia, ela nunca faria uma coisa dessas, faria? Certamente não esqueceria os pobres, a miséria e a doença assim de repente, não é? Sem dúvida, uma viagem à Itália seria extraordinariamente encantadora, mas há muitas coisas encantadoras que gostaria de fazer, e para que serve sua força senão para ajudar a não fazê-las?

Para a sra. Arbuthnot, os quatro grandes fatos da vida eram firmes como os pontos cardeais: Deus, Marido, Lar, Dever. Ela se estabeleceu nesses fatos anos atrás, após um período de muita miséria, sua cabeça repousada neles como em um travesseiro; e ela tinha um grande temor de ser despertada de uma condição tão simples e tranquila. Portanto, foi com seriedade que ela procurou uma categoria em que colocar a sra. Wilkins, e, assim, iluminar e estabilizar sua própria mente. Sentada ali, olhando para ela com inquietação

após seu último comentário, e sentindo-se cada vez mais desequilibrada e contaminada, ela decidiu, *pro tempore*, como dizia o vigário nas reuniões, colocá-la na categoria Nervos. Era possível que ela devesse ir diretamente para a categoria Histeria, que muitas vezes era apenas a antessala da Loucura, mas a sra. Arbuthnot aprendeu a não se apressar em colocar as pessoas em suas categorias definitivas, tendo em mais de uma ocasião descoberto com consternação o seu erro; e como fora difícil tirá-las dali, e como ficara arrasada de tanto remorso.

Sim. Nervos. *Provavelmente, ela não tem o hábito de servir os outros*, pensou a sra. Arbuthnot; *nenhum trabalho que a leve para além de si mesma*. Evidentemente, ela estava sem rumo — soprada por rajadas de impulsos. Nervos era quase certamente a categoria dela, ou seria em breve se ninguém a ajudasse. *Coitadinha*, pensou a sra. Arbuthnot, seu próprio equilíbrio retornando de mãos dadas com sua compaixão, e incapaz de ver o comprimento das pernas da sra. Wilkins, escondidas sob a mesa. Tudo que viu foi seu rosto pequeno, ávido e tímido, e seus ombros magros, e o anseio infantil em seu olhar por algo que ela tinha certeza de que a faria feliz. Não; essas coisas não faziam as pessoas felizes, essas coisas eram passageiras. A sra. Arbuthnot aprendeu em sua longa vida com Frederick — seu marido, com quem se casara aos 20 anos, havia treze anos — qual era o único lugar onde as verdadeiras alegrias podem ser encontradas. Elas são encontradas, agora ela sabia, apenas no viver diário, no viver a cada hora pelos outros; elas são encontradas apenas aos pés de Deus — ela não levara suas decepções e seu abatimento para lá inúmeras vezes, e saíra consolada?

Frederick era o tipo de marido cuja esposa precisara se prostrar aos pés de Deus desde muito cedo. De um para outro tinha sido um passo curto, embora doloroso. Em retrospecto, parecia-lhe curto, mas na verdade demorara o primeiro ano inteiro de seu casamento, e cada centímetro do caminho fora uma luta, e lhe parecera na época que cada centímetro estava manchado com o sangue do seu coração. Tudo isso tinha acabado. Ela encontrara a paz havia muito tempo. E Frederick, de noivo apaixonado e amado, de seu jovem marido adorado, passara a ser o segundo na lista de deveres e tolerâncias dela, ficando atrás apenas de Deus. Lá ele ficava, como sua segunda prioridade, uma coisa sem sangue, esgotada por suas preces. Por anos, ela só conseguia ser feliz esquecendo-se da felicidade. Ela queria continuar assim. Queria evitar tudo que a lembrasse das coisas bonitas, que pudesse fazê-la ansiar novamente, desejar...

— Gostaria muito de ser sua amiga — disse ela, com sinceridade. — Por que não vai me visitar? Ou talvez eu possa ir até a sua casa? Sempre que sentir vontade de conversar. Eu vou te dar meu endereço — ela procurou na bolsa —, e assim você não esquecerá. — Ela encontrou um cartão e o estendeu.

A sra. Wilkins ignorou o cartão.

— É tão engraçado — disse a sra. Wilkins, como se não tivesse ouvido —, mas eu nos *vejo* lá, em abril, neste castelo medieval.

A sra. Arbuthnot voltou à inquietação.

— É mesmo? — indagou, fazendo um esforço para se manter equilibrada sob o olhar visionário, cinza e brilhante da outra. — É mesmo?

— Você nunca vislumbra as coisas antes de acontecerem? — perguntou a sra. Wilkins.

— Nunca — disse a sra. Arbuthnot.

Ela tentou sorrir; tentou dar o sorriso simpático e ao mesmo tempo sábio e tolerante com o qual estava acostumada a ouvir as opiniões necessariamente tendenciosas e incompletas dos pobres. Mas não teve sucesso. O sorriso se desfez.

— Claro — ela disse em voz baixa, quase como se tivesse medo de que o vigário e o Banco de Poupança estivessem ouvindo — seria muito bonito, muito bonito...

— Mesmo que fosse errado — disse a sra. Wilkins —, seria apenas por um mês.

— Isso... — começou a sra. Arbuthnot, com bastante convicção de que isso era bem repreensível; mas a sra. Wilkins a interrompeu antes que ela pudesse terminar.

— De qualquer maneira — disse a sra. Wilkins —, tenho certeza de que é errado continuar sendo boa por tempo demais, até ficar infeliz. E posso ver que você tem sido boa há anos e anos, porque parece muito infeliz. — A sra. Arbuthnot abriu a boca para protestar, mas ela continuou: — E eu... eu não fiz nada além de deveres, coisas para os outros, desde que era jovem, e acredito que ninguém me ama nem um pouco, nem um pouquinho... oh, eu anseio... por algo mais... algo mais...

Ela ia chorar? A sra. Arbuthnot sentiu-se muito desconfortável e compassiva. Não queria que ela chorasse. Não ali. Não naquele lugar público, com estranhos indo e vindo.

Mas a sra. Wilkins, depois de puxar agitadamente um lenço que não queria sair do bolso, conseguiu enfim assoar o nariz. Então, piscando uma ou duas vezes, olhou para a sra. Arbuthnot com um ar trêmulo de desculpas, cheio de humildade e apreensão, e sorriu.

— A senhora acredita que nunca falei com ninguém assim na minha vida? Não consigo entender, simplesmente não sei o que deu em mim — sussurrou ela, tentando controlar a boca, evidentemente envergonhada.

— É por causa do anúncio — disse a sra. Arbuthnot, assentindo com seriedade.

— Sim — disse a sra. Wilkins, enxugando furtivamente os olhos —, e por nós duas estarmos tão... — ela assoou o nariz mais um pouco — deprimidas.

Capítulo 2

É claro que a sra. Arbuthnot não estava deprimida — como poderia, ela se perguntava, quando Deus é quem cuidava dela? — mas, por enquanto, por sua convicção de que a seu lado havia alguém que necessitava de ajuda, ela deixou isso passar sem repudiar a questão. E, desta vez, a ajuda não era apenas por botas, cobertores e sistemas sanitários melhores; mas a ajuda mais sensível da compreensão, de encontrar as palavras certas.

As palavras certas, ela descobriu posteriormente, após tentar várias sobre viver para servir os outros e oração e a paz encontrada ao se colocar incondicionalmente nas mãos de Deus — para dar sentido a essas palavras, a sra. Wilkins tinha outras palavras, incoerentes e ainda assim, pelo menos por enquanto, até que se tivesse mais tempo, difíceis de retrucar —, as palavras certas eram uma sugestão de que não faria mal responder ao anúncio. Como quem não quer nada. Dar uma conferida. E o que perturbou a sra. Arbuthnot sobre essa sugestão foi que ela não a fez apenas para confortar a sra. Wilkins; mas por causa de seu próprio estranho anseio pelo castelo medieval.

Isso era muito perturbador. Lá estava ela, acostumada a conduzir, a liderar, a aconselhar, a apoiar — exceto Frederick; há muito tempo ela aprendera a deixar Frederick com Deus — sendo agora liderada, influenciada e levada por um simples anúncio e por uma estranha incoerente. Era, de fato, perturbador. Ela não conseguia entender seu repentino anseio por aquilo que era, afinal, indulgência, quando por anos nenhum desejo desse tipo havia adentrado seu coração.

— Perguntar não fará nenhum mal — ela disse em voz baixa, como se o vigário, o Banco de Poupança e todos os pobres que dependiam dela estivessem ouvindo-a e condenando-a.

— Não é como se estivéssemos nos comprometendo com alguma coisa — disse a sra. Wilkins, também em voz baixa, mas trêmula.

Elas se levantaram simultaneamente — a sra. Arbuthnot ficou surpresa com a altura da sra. Wilkins — e foram até uma escrivaninha, onde a sra. Arbuthnot escreveu para Z, Caixa 1000, *The Times*, pedindo detalhes. Solicitou todos os detalhes, mas a única informação que realmente queriam era o valor do aluguel. Concordaram que a sra. Arbuthnot deveria escrever a carta e cuidar da parte burocrática. Além de estar acostumada a organizar as coisas e ser uma mulher prática, ela também era mais velha e, certamente, mais calma; e ela própria não tinha dúvidas de que era mais sábia. A sra. Wilkins também não duvidava disso; a maneira como a sra. Arbuthnot dividia o cabelo sugeria uma grande paciência que só poderia resultar da sabedoria.

Mas embora fosse mais sábia, mais velha e mais calma, era a nova

amiga da sra. Arbuthnot quem a impelia. Incoerente, mas cativante. Além de precisar de ajuda, ela parecia ter um tipo de caráter perturbador. Era uma pessoa contagiante. Ela impulsionava os outros. E a maneira como sua mente instável tirava conclusões — conclusões erradas, é claro; como a de que ela, a sra. Arbuthnot, era infeliz —, o modo como ela acabava tirando conclusões precipitadas era desconcertante.

Seja lá como fosse, e apesar de sua instabilidade, a sra. Arbuthnot se viu compartilhando a ansiedade e o anseio da sra. Wilkins; e quando a carta foi postada na caixa de correio e já não era mais possível voltar atrás, tanto ela quanto a sra. Wilkins tiveram o mesmo sentimento de culpa.

— Isso só mostra como temos sido imaculadamente boas durante toda a vida. Na primeira vez que fazemos algo sem o conhecimento de nossos maridos, nos sentimos culpadas — disse a sra. Wilkins em um sussurro, enquanto se afastavam da caixa de correio.

— Receio não ter sido imaculadamente boa — protestou gentilmente a sra. Arbuthnot, um pouco desconfortável com essa nova conclusão precipitada, pois ela não havia dito uma palavra sobre seu sentimento de culpa.

— Oh, mas tenho certeza de que sim... você *parece* ser muito boa... e é por isso que você não é feliz.

Ela não deveria dizer esse tipo de coisa, pensou a sra. Arbuthnot. *Tenho que tentar ajudá-la a não agir dessa forma.*

Séria, ela disse em voz alta:

— Não sei por que você insiste que eu não sou feliz. Quando me conhecer melhor, acredito que verá que sou, sim. E tenho certeza de que você não quer, de fato, dizer que a bondade, se pudéssemos alcançá-la, nos faria infelizes.

— Sim, quero — disse a sra. Wilkins. — Nosso tipo de bondade nos faz infelizes. Nós a alcançamos, e estamos infelizes. Existem tipos sofríveis de bondade, e tipos felizes... o tipo que teremos no castelo medieval, por exemplo, é o tipo feliz.

— Isto é, supondo que vamos para lá — disse a sra. Arbuthnot, contendo-a. Ela sentia que a sra. Wilkins precisava ser contida. — Afinal, só escrevemos para perguntar. Qualquer pessoa pode fazer isso. Acho bem possível que julgaremos as condições impossíveis, e mesmo que não sejam, provavelmente amanhã já não teremos vontade de ir.

— Eu nos vejo lá — foi a resposta da sra. Wilkins.

Tudo isso era muito desorientador. Enquanto caminhava pelas ruas encharcadas a caminho de uma reunião que conduziria, a sra. Arbuthnot

estava estranhamente perturbada. Esperava ter se mostrado uma mulher muito calma para a sra. Wilkins, muito prática e sóbria, escondendo sua própria excitação. Mas a verdade é que estava extraordinariamente emocionada. Ela se sentia feliz, culpada, com medo, e sentia um pouco de tudo, como uma mulher depois de um encontro secreto com seu amante. De fato, era o que parecia ter acontecido quando chegou atrasada ao seu púlpito; ela, de rosto lívido, parecia quase furtiva quando seus olhos caíram sobre os rostos impassíveis que esperavam ouvi-la tentar persuadi-los a contribuir com as necessidades mais urgentes dos pobres de Hampstead, cada um convencido de que eles mesmos precisavam de contribuições. Ela parecia estar escondendo algo afrontoso, mas maravilhoso. Certamente, sua expressão costumeira de franqueza não estava lá, porque foi tomada por uma espécie de satisfação suprimida e assustada, que levaria uma plateia mais mundana à convicção imediata de que ela havia acabado de se envolver amorosamente.

Beleza, beleza, beleza... as palavras ecoavam sem parar em seus ouvidos enquanto ela, no púlpito, falava de coisas tristes em uma reunião pouco frequentada. Ela nunca tinha ido à Itália. Deveria gastar suas economias com isso, afinal? Embora não pudesse aprovar a maneira como a sra. Wilkins introduzia a ideia de predestinação em seu futuro próximo, como se ela não tivesse escolha, como se lutar, ou mesmo refletir, fosse inútil, isso ainda a influenciava. Os olhos da sra. Wilkins foram como os olhos de uma vidente. Algumas pessoas eram assim, a sra. Arbuthnot sabia; e se a sra. Wilkins realmente a tivesse visto no castelo medieval, lutar contra isso provavelmente seria uma perda de tempo. Ainda assim, gastar suas economias em autoindulgência... A origem desse dinheiro tinha sido corrupta, mas ela ao menos supunha que seu fim seria louvável. Ela deveria desviá-lo de seu suposto destino, que parecia justificar sua reserva, e gastá-lo com o próprio prazer?

A sra. Arbuthnot continuou falando sem parar, tão acostumada com esse tipo de discurso que poderia recitá-lo até enquanto dormia, e no final da reunião, com seus olhos deslumbrados por suas visões secretas, nem percebeu que ninguém se sentiu comovido a contribuir.

Mas o vigário notou, e ficou desapontado. Normalmente, sua boa amiga e apoiadora, sra. Arbuthnot, conseguia resultados muito melhores. E, o que era ainda mais incomum, ele observou, ela nem mesmo pareceu se importar.

— Não consigo imaginar — ele disse enquanto se separavam, irritado tanto com a plateia quanto com ela — no que essas pessoas estão se transformando. Nada parece comovê-las.

— Talvez elas precisem de férias — sugeriu a sra. Arbuthnot; *uma resposta insatisfatória e esquisita*, pensou o vigário.

— Em fevereiro? — questionou ele, com sarcasmo.

— Oh, não... só em abril — disse a sra. Arbuthnot por cima do ombro.

Muito estranho, pensou o vigário. *Muito estranho mesmo*. Então ele foi para casa e talvez não tenha sido muito cristão com sua esposa.

Naquela noite, em suas orações, a sra. Arbuthnot pediu orientação divina. Ela sentia que deveria realmente pedir, de forma clara e objetiva, que o castelo medieval já tivesse sido alugado por outra pessoa e que toda a questão fosse assim resolvida, mas lhe faltou coragem. E se sua oração fosse atendida? Não, ela não podia pedir isso; não podia arriscar. Além disso — ela quase disse isso para Deus —, se ela gastasse sua poupança atual em férias, logo poderia juntar dinheiro novamente. Frederick sempre lhe dava dinheiro; e só significaria que, enquanto ela acumulava a poupança futura, suas contribuições para as instituições de caridade paroquiais seriam menores. Então a economia futura seria purificada de sua corrupção pelo uso ao qual foi finalmente destinada.

Para a sra. Arbuthnot, que não tinha renda própria e era obrigada a viver com os rendimentos das atividades de Frederick, até mesmo sua tão esperada “mesada” era o fruto, postumamente amadurecido, de um antigo pecado. A forma como Frederick ganhava a vida sempre lhe causou angústia. Todos os anos, ele escrevia as memórias das amantes dos reis, e sua produção era bastante popular. Na história, havia muitos reis que tiveram amantes, e ainda mais amantes que tiveram reis; de modo que ele conseguira publicar um livro de memórias durante cada ano de sua vida conjugal, e mesmo assim havia grandes pilhas dessas damas esperando para serem ouvidas. A sra. Arbuthnot não tinha escapatória. Gostasse ou não, era obrigada a viver com os rendimentos. Ele lhe deu um sofá terrível uma vez, com almofadas fofas e um assento macio e aconchegante, após o sucesso de suas memórias de Du Barry; e lhe pareceu uma coisa miserável que ali, em sua própria casa, devesse ostentar essa reencarnação de uma velha pecadora francesa.

Simplesmente boa, convencida de que a moralidade é a base da felicidade, o fato de ela e Frederick obterem seu sustento a partir da culpa, por mais que tenha sido purificada pela passagem dos séculos, era uma das razões secretas de sua tristeza. Quanto mais sem pudor era a dama retratada, mais o livro escrito por seu marido era lido e mais generoso ele era com a esposa; e tudo que ele lhe dava era gasto com os pobres, depois de guardar um pouco à sua mesada — pois ela esperava e acreditava que algum dia as pessoas deixariam de querer ler sobre a maldade, e então Frederick precisaria de apoio. A paróquia prosperava por causa do mau comportamento de damas como Du Barry, Montespan, Pompadour, Ninon de l'Enclos e até da erudita Maintenon. Os pobres eram o filtro que purificava esse dinheiro, ou assim esperava a sra. Arbuthnot. Ela não podia fazer mais nada. No passado, tentou

pensar na situação, encontrar o curso exato a seguir, mas descobrira, assim como Frederick, que era muito difícil. Então deixou para Deus, assim como fizera com o marido. Nada desse dinheiro era gasto em sua casa ou com suas vestimentas; essas permaneciam, exceto pelo grande sofá macio, austeras. Eram os pobres que se beneficiavam. Suas botas estavam sujas com o pecado. Mas como tinha sido difícil. A sra. Arbuthnot, buscando orientação divina, orava até a exaustão. Talvez devesse se recusar a tocar no dinheiro, evitá-lo como evitaria os pecados que eram sua fonte? Mas e quanto às botas da paróquia? Ela perguntou ao vigário o que ele achava, e, através de uma linguagem delicada, evasiva e cautelosa, finalmente pareceu que ele estava a favor das botas.

Pelo menos ela havia persuadido Frederick, quando ele começou sua terrível e bem-sucedida carreira — ele só começou depois que se casaram; antes disso, ele era um funcionário irrepreensível da Biblioteca do Museu Britânico —, a publicar as memórias com um pseudônimo, para que ela não fosse identificada publicamente. Hampstead lia os livros com alegria e não tinha ideia de que o autor vivia entre eles. Em Hampstead, Frederick era quase desconhecido, mesmo de vista. Ele nunca frequentava os eventos locais. Só passeava em Londres, mas nunca falava sobre o que fazia ou com quem se encontrava; para sua esposa, ele poderia perfeitamente ser um solitário. Apenas o vigário sabia de onde vinha o dinheiro da paróquia, e ele considerava, conforme dissera à sra. Arbuthnot, uma questão de honra não mencionar tal fato.

E, pelo menos, sua casinha não era assombrada pelas damas libertinas, pois Frederick fazia seu trabalho longe de casa. Ele tinha dois quartos perto do Museu Britânico, onde destrinchava seus achados, lugar em que ia todas as manhãs e voltava muito depois que sua esposa estava dormindo. Às vezes, ele nem voltava. Às vezes, ela não o via por vários dias seguidos. Então ele aparecia de repente no café da manhã, depois de ter entrado com sua chave reserva na noite anterior, com o espírito jovial e de bom humor, generoso e contente, se ela permitisse que ele lhe desse algo — um homem bem alimentado, satisfeito com o mundo; um homem alegre, feliz e satisfeito. E ela era sempre gentil, e ansiava em preparar o café do jeito que ele gostava.

Ele parecia muito feliz. A vida, ela pensava com frequência, por mais que fosse tabulada, ainda era um mistério. Sempre havia algumas pessoas impossíveis de entender. Frederick era uma delas. Ele não parecia ter a menor semelhança com o Frederick original. Não parecia ter o menor interesse pelas coisas que costumava achar tão importantes e bonitas — amor, lar, comunhão completa de pensamentos, imersão nos interesses um do outro. No início, depois das dolorosas tentativas de mantê-lo no ponto de onde haviam começado com tanto sucesso — tentativas essas em que ela havia se machucado e o Frederick com quem ela supunha ter se casado estava irreconhecível e desfigurado —, ela o pôs ao lado de sua cama como o

principal objeto de suas orações, e o deixou ali, inteiramente para Deus. Ela amava Frederick demais para fazer qualquer coisa além de rezar por ele. Ele não tinha ideia de que nunca saía de casa sem sua bênção o acompanhando, pairando, como um pequeno eco do amor consumado, ao redor daquela cabeça que um dia fora tão querida. Ela não ousava pensar nele como antes, lembrar de como ele parecia ser maravilhoso nos primeiros dias da paixão, de seu casamento. O filho deles havia morrido; ela não tinha nada nem ninguém só seu a que se dedicar. Os pobres se tornaram seus filhos, e Deus, o objeto de seu amor. *O que poderia ser mais feliz do que uma vida assim?*, ela se perguntava; mas seu rosto, e seus olhos continuavam tristes.

Quando formos velhos... talvez quando ambos formos bem velhos..., ela pensava, melancólica.

Capítulo 3

O proprietário do castelo medieval era um inglês, o sr. Briggs, que estava em Londres no momento e escreveu que o local acomodava até oito pessoas, além dos empregados. Havia três salas de estar, ameias, masmorras e energia elétrica. O aluguel era de 60 libras por mês, os salários dos empregados deveriam ser pagos por fora, e ele queria referências — queria garantias de que a segunda metade do aluguel seria paga, sendo a primeira metade acertada antecipadamente. Também queria garantias de respeitabilidade de um advogado, médico ou clérigo. Ele foi muito educado em sua carta, explicando que seu desejo era parte do protocolo e devia ser considerado apenas uma formalidade.

A sra. Arbuthnot e a sra. Wilkins não tinham referências, e nem sonhavam que o aluguel pudesse ser tão alto. Imaginaram quantias como três guinéus por semana; ou menos, considerando que o lugar era pequeno e antigo.

Sessenta libras por um único mês.

Isso as deixou atordoadas.

Pares de botas surgiram diante dos olhos da sra. Arbuthnot: visões intermináveis, todas as botas resistentes que 60 libras poderiam comprar; e além do aluguel, haveria os salários dos empregados, e a comida, e as viagens de trem de ida e volta. Quanto às referências, estas pareciam de fato um obstáculo; parecia impossível fornecer qualquer uma sem tornar seu plano mais público do que pretendiam.

Ambas — até mesmo a sra. Arbuthnot, atraída pela primeira vez para longe da candura perfeita pela percepção do tamanho dos problemas e críticas que uma explicação imperfeita causaria — consideraram que seria um bom plano contar, cada uma para seu respectivo círculo, sendo os círculos delas felizmente distintos, que estavam indo ficar com uma amiga que tinha uma casa na Itália. Seria verdade, até certo ponto — a sra. Wilkins afirmava que seria completamente verdade, mas a sra. Arbuthnot achava que não seria bem assim — e era a única maneira, de acordo com a sra. Wilkins, de convencer Mellersh. Gastar qualquer parte do seu dinheiro apenas para ir para a Itália deixaria o marido indignado; a sra. Wilkins preferia não pensar no que ele diria se soubesse que ela estava alugando parte de um castelo medieval por conta própria. Ele falaria durante dias e dias; mesmo sendo com o dinheiro dela, sem nem um centavo pertencer ao marido.

— Mas imagino que seu marido seja exatamente igual. Acho que todos os maridos são assim, no final das contas — ela disse.

A sra. Arbuthnot não disse nada, porque sua razão para não querer que

Frederick soubesse era exatamente o oposto — Frederick ficaria muito satisfeito por ela ir, ele não se importaria nem um pouco; na verdade, com desapego, ele saudaria tal manifestação de indulgência e mundanismo com um divertimento que doeria, e a encorajaria a se divertir e não se apressar em voltar para casa. Para ela, ter alguém que sentisse sua falta, como Mellersh, era muito melhor do que ser desprezada, como era o seu caso. Achava que ser querida, ser necessária, por qualquer motivo que fosse, era melhor do que a solidão completa de não ser querida ou necessária de forma alguma.

Portanto, ela não disse nada e permitiu que a sra. Wilkins chegasse às suas conclusões precipitadas. Mas ambas sentiram, durante todo o dia, que a única coisa a ser feita era desistir do castelo medieval; e foi ao chegar a esta decisão amarga que realmente perceberam quão forte tinha sido a vontade de ir.

Então a sra. Arbuthnot, cuja mente estava treinada a encontrar maneiras de se desvencilhar das adversidades, pensou em uma solução para a dificuldade das referências; e simultaneamente a sra. Wilkins teve uma ideia brilhante para reduzir o aluguel.

O plano da sra. Arbuthnot era simples e completamente promissor. Ela levou todo o aluguel pessoalmente ao proprietário, retirando-o de seu Banco de Poupança — novamente ela parecia furtiva e apologética, como se o balconista soubesse que o dinheiro era para fins de autoindulgência — e, indo com as seis notas de dez libras em sua bolsa até o endereço perto do Oratório de Brompton, onde o proprietário morava, apresentou-as a ele, renunciando ao direito de pagar apenas metade. Quando ele a viu, com seu cabelo partido, seus olhos escuros suaves e sua vestimenta sóbria, e quando ouviu sua voz grave, disse que ela não precisava se preocupar com as referências.

— Tudo dará certo — ele disse, enquanto escrevia um recibo para o aluguel. — Por favor, sente-se. Dia desagradável, não? A senhora verá que bate muito sol no antigo castelo, e isso compensará o que ele não tem. O marido da senhora vai acompanhá-la?

A sra. Arbuthnot, não acostumada a nada além de franqueza, ficou preocupada com essa pergunta e começou a murmurar inarticuladamente, e o proprietário logo concluiu que ela era viúva — uma viúva de guerra, é claro, do contrário seria idosa — e que ele tinha sido um tolo por não adivinhar isso.

— Oh, me desculpe — ele disse, ficando vermelho até a raiz do cabelo claro. — Eu não quis dizer... hã, hã, hã...

Ele passou os olhos pelo recibo que tinha escrito.

— Sim, acho que está tudo certo — falou, levantando-se e o entregando a ela. — Agora — ele acrescentou, pegando as seis notas que ela estendia, e sorriu, pois a sra. Arbuthnot era agradável de se olhar —, eu estou mais rico e a senhora está mais feliz. Eu tenho dinheiro, e a senhora tem San

Salvatore. Eu me pergunto qual é o melhor.

— Imagino que o senhor saiba — disse a sra. Arbuthnot, com seu doce sorriso.

Ele riu e abriu a porta para ela. Foi uma pena que a conversa tivesse acabado. Ele gostaria de convidá-la para almoçar. Ela o fazia se lembrar de sua mãe, de sua babá, de todas as coisas gentis e reconfortantes, além de ter a vantagem de não ser sua mãe, ou sua babá.

— Espero que você goste do lugar — declarou ele, segurando sua mão por um minuto à porta. A sensação da mão dela, mesmo através da luva, era reconfortante; era o tipo de mão, ele pensou, que as crianças gostariam de segurar no escuro. — Em abril o lugar simplesmente se torna um mar de flores, sabia? E há o mar. A senhora deveria usar branco. Cairia muito bem. Há vários retratos seus por lá.

— Retratos?

— Madonas, sabe? Há um retrato na escada que é exatamente como a senhora.

A sra. Arbuthnot sorriu, disse adeus e agradeceu a ele. Sem o menor esforço, ela o havia colocado imediatamente em sua categoria definitiva: ele era um artista de temperamento efervescente.

Ele apertou sua mão e ela saiu, e ele desejou que ela não tivesse ido. Depois que ela se foi, ele supôs que deveria ter pedido a carta de referência, porque ela poderia tê-lo achado pouco comprometido por não tê-la exigido, mas também porque ele costumava exigir referências tanto de um santo nas nuvens quanto daquela senhora doce e séria.

Rose Arbuthnot.

Sua carta, marcando a conversa, estava em cima da mesa.

Nome bonito.

Aquela dificuldade, então, havia sido superada. Mas ainda restava a outra, o efeito realmente aniquilador do gasto das economias das duas, especialmente no caso da sra. Wilkins, cujas economias eram como um leitão ao lado de um porco gordo se comparadas as da sra. Arbuthnot; e isso, por sua vez, foi superado pela visão concedida à sra. Wilkins, que lhe revelou as medidas a serem tomadas a esse respeito. Tendo conseguido San Salvatore — o nome bonito e religioso as fascinava —, elas escreveriam para a Coluna de Anúncios do *Times* procurando por mais duas senhoras para se juntarem a elas na viagem, e, assim, dividiriam as despesas.

De repente, A sra. Wilkins se deu conta de que sobraria apenas um

quarto de suas economias em vez da metade. Ela estivera disposta a apostar naquela aventura tudo que tinha economizado, mas então percebeu que se gastasse um centavo além de suas noventa libras, ficaria em uma situação terrível. Imagine dizer a Mellersh que ela estava em dívida. Já seria ruim o bastante se algum dia as circunstâncias a forçassem a admitir que tinha gastado suas economias, apesar de, nesse caso, contar com o consolo de saber que o dinheiro desembolsado era dela. Assim, embora estivesse pronta para gastar até seu último centavo naquela peripécia, não pretendia despende um único centavo que não fosse seu de fato; e calculou que se sua parte do aluguel fosse reduzida a quinze libras, ficaria com uma margem segura para outros gastos. Também poderiam economizar bastante na alimentação — podiam colher azeitonas dos jardins, por exemplo, ou pescar.

É claro que, como apontaram uma à outra, poderiam reduzir o aluguel a uma quantia quase ínfima se aumentassem o número de hóspedes; elas poderiam acomodar mais seis senhoras em vez de duas, se quisessem, visto que havia oito camas. Mas supondo que as oito camas fossem distribuídas em duplas num total de quatro quartos, dormir com uma estranha não era exatamente o que elas tinham em mente. Além disso, pensaram que uma viagem com tantas pessoas talvez não fosse tão tranquila. Afinal, estavam indo para San Salvatore em busca de paz, descanso e alegria, e mais seis mulheres poderiam atrapalhar um pouco esse plano, especialmente se tivessem que dividir o quarto com alguém.

No entanto, aparentemente, naquele momento havia apenas duas senhoras na Inglaterra que tinham o desejo de se juntar a elas, pois receberam só duas respostas ao anúncio.

— Bem, só queremos duas mesmo — disse a sra. Wilkins, rapidamente, recuperando-se, pois tinha imaginado que haveria uma grande competição.

— Teria sido melhor poder decidir entre algumas opções — disse a sra. Arbuthnot.

— A senhora diz isso porque então não precisaríamos aceitar lady Caroline Dester.

— Não foi o que eu disse — protestou gentilmente a sra. Arbuthnot.

— Nós não precisamos dela — disse a sra. Wilkins. — Apenas mais uma pessoa já nos ajudaria muito com o aluguel. Não somos obrigadas a aceitar as duas.

— Mas por que não deveríamos aceitá-la? Ela parece ser exatamente o que queremos.

— Sim, parece... pelo que diz em sua carta — concordou a sra. Wilkins, com dúvidas.

Ela sentiu que ficaria terrivelmente tímida perto de lady Caroline. Por mais incrível que possa parecer, a sra. Wilkins nunca tinha se encontrado com nenhum membro da aristocracia, ainda que ela e o marido sempre estivessem presentes na maioria dos lugares.

Elas entrevistaram lady Caroline e a outra candidata, uma mulher chamada sra. Fisher.

Lady Caroline foi ao clube na avenida Shaftesbury e parecia estar completamente envolvida por uma grande motivação: o desejo de se afastar de todas as pessoas que conhecia. Quando viu o clube, a sra. Arbuthnot e a sra. Wilkins, ela teve certeza de que ali estava exatamente o que queria. Ela estaria na Itália — um lugar que adorava; e não ficaria hospedada em um hotel — coisa que detestava; nem com conhecidos de quem não gostava; e estaria na companhia de estranhos que nunca mencionariam uma única pessoa que ela conhecesse, pelo simples fato de que não as conheciam, nem nunca conheceriam. Ela fez algumas perguntas sobre a quarta mulher e ficou satisfeita com as respostas. A sra. Fisher morava em *Prince of Wales Terrace*. Era viúva. Ela também não estaria familiarizada com nenhum de seus amigos. Lady Caroline nem sequer sabia onde ficava *Prince of Wales Terrace*.

— Em Londres — respondeu a sra. Arbuthnot.

— É mesmo? — indagou lady Caroline.

Tudo parecia muito tranquilo.

A sra. Fisher não pôde ir ao clube porque, como explicou em uma carta, não conseguia andar sem uma bengala; portanto, a sra. Arbuthnot e a sra. Wilkins foram até ela.

— Mas se ela não pode vir ao clube, como poderá ir para a Itália? — questionou a sra. Wilkins em voz alta.

— Vamos ouvir isso de seus próprios lábios — disse a sra. Arbuthnot.

Dos lábios da sra. Fisher, apenas ouviram, em resposta a questionamentos delicados, que se sentar em trens não era o mesmo que andar; e isso elas já sabiam. Exceto pela bengala, no entanto, ela parecia ser a quarta integrante perfeita — quieta, educada, idosa. Ela era muito mais velha do que elas e lady Caroline — lady Caroline as informara de que tinha 28 anos —, mas não tão velha a ponto de ter perdido a sanidade. Era muito respeitável, e ainda vestia traje de luto completo, embora tivesse contado que seu marido morrera há onze anos. Sua casa estava cheia de fotografias autografadas por ilustres falecidos da era vitoriana, todos os quais, segundo ela, conheceu quando era criança. Seu pai fora um crítico eminente, e ela vira passar por sua casa praticamente todos os grandes nomes das letras e das artes. Carlyle tinha olhado torto para ela; Matthew Arnold a segurara no colo; Tennyson havia feito graça com o comprimento de sua maria-chiquinha.

Empolgada, ela lhes mostrou as fotografias penduradas em todos os lugares de suas paredes, apontando as assinaturas com a bengala, e nem deu nenhuma informação sobre seu próprio marido nem perguntou sobre os maridos de suas visitantes; o que era um grande conforto. Na verdade, ela parecia pensar que elas também eram viúvas, pois, ao questionar quem seria a quarta senhora, e sendo informada de que a mulher se chamava lady Caroline Dester, perguntou:

— Ela também é viúva?

E ao explicarem que não, que ela ainda não havia se casado, a sra. Fisher devaneou com afeição em voz alta:

— Tudo a seu tempo.

Mas a abstração da sra. Fisher — e ela parecia estar absorvida principalmente nas pessoas interessantes que costumava conhecer e em suas fotografias, e boa parte da entrevista foi dedicada a anedotas sobre Carlyle, Meredith, Matthew Arnold, Tennyson e tantos outros —, foi algo de que elas gostaram. O único pedido dela era para ser deixada em paz ao sol para se recordar do passado. Isso era tudo o que a sra. Arbuthnot e a sra. Wilkins queriam de suas companheiras. A ideia que tinham de uma companheira perfeita era alguém que tomasse sol silenciosamente, e que interagisse na noite de sábado apenas para pagar sua parte. A sra. Fisher também gostava muito de flores, ela dissera, e uma vez, enquanto passava um fim de semana com seu pai em Box Hill...

— Quem morava em Box Hill? — interrompeu a sra. Wilkins, absorta nas lembranças da sra. Fisher, intensamente entusiasmada por encontrar alguém que conhecesse tantas pessoas importantes, e que de fato as vira, as ouvira falar e tocara nelas.

A sra. Fisher olhou para ela por cima dos óculos, um tanto surpresa. A sra. Wilkins, ansiosa para arrancar rapidamente as lembranças do coração da outra, com medo de que a qualquer momento a sra. Arbuthnot a levasse embora e ela não tivesse ouvido tudo, já havia interrompido várias vezes com perguntas que pareciam tolas para a sra. Fisher.

— Meredith, é claro — disse a sra. Fisher um pouco abruptamente. — Lembro-me de um fim de semana específico — ela continuou. — Meu pai costumava me levar com frequência, mas me lembro deste fim de semana de modo especial...

— A senhora conheceu Keats? — interrompeu a sra. Wilkins, com ansiedade.

A sra. Fisher, após uma pausa, disse de maneira reservada e ácida que não havia conhecido nem Keats nem Shakespeare.

— Oh, claro... que ridículo da minha parte! — exclamou a sra.

Wilkins, corando. — É porque... — ela se atrapalhou — ...é porque os imortais ainda parecem vivos de alguma forma, não é? Como se estivessem aqui, prestes a entrar na sala a qualquer momento... e a gente se esquece de que estão mortos. Na verdade, a gente sabe muito bem que eles continuam vivos... bom, tão vivos quanto você e eu agora — assegurou à sra. Fisher, que a observava por cima dos óculos.

— Eu pensei ter visto Keats outro dia — continuou a sra. Wilkins, incoerente, impelida pelo olhar da velha senhora. — Em Hampstead... atravessando a rua na frente daquela casa... você sabe... a casa onde ele morava.

A sra. Arbuthnot disse que precisavam ir embora.

A sra. Fisher não fez nada para impedi-las.

— Eu realmente achei que o tinha visto — protestou a sra. Wilkins, apelando pela crença primeiro de uma e depois da outra, enquanto seu rosto mudava de cor, e totalmente incapaz de parar por causa dos óculos da sra. Fisher e do olhar rígido que lhe lançava sobre eles. — Eu acho que o vi... ele estava vestido com um...

Até mesmo a sra. Arbuthnot olhava para ela agora, e em sua voz mais gentil, disse que deveriam ir, ou se atrasariam para o almoço.

Foi neste ponto que a sra. Fisher pediu referências. Ela não desejava ficar presa por quatro semanas com alguém que via coisas. Sim, havia três salas de estar, além do jardim e das ameias em San Salvatore, de modo que haveria muitas oportunidades de se afastar da sra. Wilkins; mas seria desagradável para a sra. Fisher, por exemplo, se a sra. Wilkins de repente começasse a dizer que estava vendo o sr. Fisher. O sr. Fisher estava morto; que permanecesse assim. Ela não desejava ser informada de que ele estava andando pelo jardim. A única referência que ela realmente queria, pois era muito velha e estava firmemente estabelecida em seu lugar no mundo para se importar com companhias duvidosas, era em relação à saúde da sra. Wilkins. Sua saúde era completamente normal? Seu dia a dia era o de uma mulher comum e sensata? A sra. Fisher sentiu que se lhe dessem apenas um endereço, ela seria capaz de descobrir o que precisava. Então pediu referências, e suas visitantes pareceram tão surpresas — a sra. Wilkins, de fato, ficou instantaneamente sóbria — que ela acrescentou:

— É uma formalidade.

A sra. Wilkins foi a primeira a falar:

— Mas nós é quem deveríamos pedir as referências da senhora, não?

E a sra. Arbuthnot concordou com a amiga. Certamente eram elas que estavam levando a sra. Fisher para a viagem, e não o contrário.

Em resposta, a sra. Fisher, apoiada em sua bengala, foi até a escrivanhinha e, com uma mão firme, escreveu três nomes e os entregou à sra. Wilkins. Os nomes eram tão respeitáveis, mais que isso, eram praticamente nobres, que apenas ler era suficiente. O presidente da Royal Academy, o arcebispo de Canterbury e o presidente do Banco da Inglaterra. Quem se atreveria a perturbar tais personalidades de suas meditações com perguntas para confirmar a conduta de uma amiga deles?

— Eles me conhecem desde pequena — disse a sra. Fisher. Todos pareciam ter conhecido a sra. Fisher desde sua infância.

— Eu não acho que referências sejam coisas necessárias entre... entre mulheres comuns e decentes! — exclamou a sra. Wilkins, encorajada por ter se sentido encurralada; pois sabia muito bem que a única referência que poderia dar sem se meter em encrenca era a de Shoolbred, e ela tinha pouca confiança nisso, já que seria totalmente baseada no peixe de Mellersh. — Nós não somos pessoas de negócios. Não precisamos desconfiar umas das outras...

E a sra. Arbuthnot acrescentou, com firmeza e doçura:

— Receio que referências tragam uma atmosfera que não é exatamente o que queremos para as nossas férias, e não vamos aceitar as suas, nem dar-lhe as nossas. Então suponho que não queira se juntar a nós.

E ela estendeu a mão para se despedir.

Então a sra. Fisher, desviando o olhar para a sra. Arbuthnot, que inspirava confiança e simpatia até mesmo nos funcionários do metrô, sentiu que seria tolice perder a oportunidade de estar na Itália nas condições oferecidas, e que ela e essa mulher de semblante sereno certamente seriam capazes de conter a outra quando ela tivesse seus ataques. Assim, aceitou a mão oferecida pela sra. Arbuthnot e disse:

— Muito bem. Vou dispensar as referências.

E o fez.

Enquanto caminhavam até a estação na Kensington High Street, as duas não puderam deixar de pensar que aquela forma de se expressar era grandiosa. Mesmo a sra. Arbuthnot, generosa em desculpas para falhas, achou que a sra. Fisher poderia ter usado outras palavras. Quando chegou à estação, e a caminhada e a luta de guarda-chuvas nas calçadas aqueceram seu sangue, a sra. Wilkins sugeriu que dispensassem a sra. Fisher.

— Se é preciso dispensar algo, que sejamos nós a dispensá-la — ela disse ansiosamente.

Mas a sra. Arbuthnot, como de costume, segurou a mão da sra. Wilkins; e tendo se acalmado no trem, a sra. Wilkins disse que a sra. Fisher

encontraria seu lugar em San Salvatore.

— Eu a vejo encontrando o seu lugar lá — disse, com os olhos muito brilhantes.

Enquanto isso, a sra. Arbuthnot, sentada com as mãos no colo, ponderou como poderia ajudar melhor a sra. Wilkins a não ver além do que era preciso; ou ao menos, se precisasse ver, que visse em silêncio.

Capítulo 4

Ficou combinado que a sra. Arbuthnot e a sra. Wilkins, viajando juntas, chegariam a San Salvatore na noite de 31 de março — o proprietário, que lhes explicou como chegar lá, apreciou a decisão delas de não começar sua estadia em 1º de abril. Lady Caroline e a sra. Fisher, que ainda não se conheciam e, portanto, não tinham obrigações de aborrecer uma à outra na viagem, deveriam chegar na manhã de 2 de abril. Dessa forma, tudo estaria preparado para as duas que, apesar da igualdade na partilha, pareciam ser como convidadas.

No final de março, houve incidentes desagradáveis quando a sra. Wilkins, com o coração na boca e um misto de culpa, terror e determinação no rosto, disse ao marido que tinha sido convidada para ir à Itália, e ele se recusou a acreditar. Claro que ele se recusou a acreditar. Ninguém jamais tinha convidado sua esposa para a Itália. Não havia precedentes. Ele exigia provas. A única prova era a sra. Arbuthnot, e a sra. Wilkins a tinha apresentado; mas após súplicas e uma persuasão apaixonada! A sra. Arbuthnot não imaginava que teria que enfrentar o sr. Wilkins e dizer a ele coisas que não eram a completa verdade, e isso lhe mostrou o que ela suspeitava há algum tempo, que estava afastando-se cada vez mais de Deus.

De fato, todo o mês de março foi preenchido com momentos desagradáveis e de ansiedade. Foi um mês agitado. A consciência da sra. Arbuthnot, tornada supersensível por anos de indulgência, não conseguia conciliar o que ela estava fazendo com seu próprio padrão elevado do que era correto. Isso a perturbava. Ela era lembrada em suas orações. Pontuava suas súplicas por orientação divina com perguntas desconcertantes, como: *Você não é uma hipócrita? Você realmente quer dizer isso? Você não ficaria, francamente, desapontada se essa oração fosse atendida?*

A longa duração do clima úmido e frio também pesava na consciência dela, pois causava muito mais doenças do que o habitual entre os pobres. Eles tinham bronquite; febre; não havia fim para o sofrimento. E ali estava ela, partindo, gastando seu dinheiro precioso e simples em sua própria felicidade. Uma mulher. Uma mulher sendo feliz, e essas multidões lastimáveis...

Ela não conseguia olhar nos olhos do vigário. Ele não sabia, ninguém sabia, o que ela faria, e desde então ela não conseguira encarar ninguém. Dava desculpas para não ter que fazer discursos apelando por dinheiro. Como poderia ficar de pé e pedir dinheiro às pessoas quando ela mesma estava sendo egoísta e gastando tanto em seu próprio prazer? Também não ajudava nem a acalmava que, tendo realmente dito a Frederick, em seu desejo de compensar o que estava desperdiçando, que ficaria grata se ele lhe desse algum dinheiro, ele instantaneamente lhe deu um cheque de 100 libras. Ele

não fez perguntas. Ela ficou vermelha. Ele olhou para ela por um momento, então desviou o olhar. Foi um alívio para Frederick que ela aceitasse algum dinheiro. Ela de imediato doou tudo para a organização com a qual trabalhava, e se viu mais enrolada em dúvidas do que nunca.

A sra. Wilkins, ao contrário, não tinha dúvidas. Ela estava bastante certa de que tirar férias era a coisa mais adequada a se fazer, e que era totalmente nobre gastar as economias duramente acumuladas para ser feliz.

— Pense em como seremos pessoas muito mais agradáveis quando voltarmos — disse à sra. Arbuthnot, encorajando a mulher pálida.

Não, a sra. Wilkins não tinha dúvidas, mas tinha receios; e março também foi um mês de ansiedade para ela, com o inconsciente sr. Wilkins voltando diariamente para o jantar e comendo peixe no silêncio da segurança que imaginava haver.

Além disso, as coisas acontecem de maneira bem incomum. É de fato surpreendente como foram incomuns. A sra. Wilkins, que foi muito cuidadosa durante todo o mês, oferecendo a Mellersh apenas a comida de que ele gostava, comprando-a e cuidando de seu preparo com mais zelo do que de costume, teve tanto sucesso que Mellersh ficou satisfeito; definitivamente satisfeito; tão satisfeito que começou a pensar que talvez, afinal de contas, tivesse se casado com a esposa certa em vez de, como frequentemente suspeitava, a errada. A sra. Wilkins tinha tomado a firme decisão de que no quarto domingo, havendo cinco naquele março e sendo no quinto quanto ela e a sra. Arbuthnot partiriam, ela contaria a Mellersh sobre seu convite. No terceiro domingo, então, depois de um almoço muito bem-preparado no qual o *Yorkshire pudding* derreteu na boca e a torta de damasco estava tão perfeita que ele a comeu toda, Mellersh fumava seu charuto junto à lareira acesa enquanto rajadas de granizo batiam na janela, e disse:

— Estou pensando em levá-la para a Itália na Páscoa. — E fez uma pausa, esperando o êxtase e a expressão atônita e grata da esposa.

Nada disso aconteceu. O silêncio na sala era completo, exceto pelo granizo batendo nas janelas e o alegre crepitar do fogo. A sra. Wilkins não conseguia falar. Ela estava pasma. Pretendia dar a notícia a ele no domingo seguinte, e ainda nem havia pensado nas palavras que usaria.

O sr. Wilkins, que não viajava para o exterior desde antes da guerra, e estava notando com crescente desgosto, à medida que semana após semana de vento e chuva se seguiam, a persistente e peculiar vileza do clima, havia concebido lentamente o desejo de sair da Inglaterra para a Páscoa. Ele estava indo muito bem em seu negócio. Podia se dar o luxo de fazer uma viagem. A Suíça era terrível em abril. Parecia uma boa ideia passar a Páscoa na Itália. Ele iria para a Itália; e como causaria comentários se não levasse sua esposa, teria que levá-la. Além disso, ela seria útil; uma segunda pessoa sempre era

útil para segurar as coisas ou esperar com a bagagem em um país cujo idioma não se fala.

Ele esperava uma explosão de gratidão e excitação. A ausência disso era inacreditável. Ela não deveria ter ouvido, concluiu. Provavelmente estava absorta em algum devaneio tolo. Era lamentável como ela continuava infantil.

Ele virou a cabeça, suas poltronas estavam na frente da lareira, e olhou para ela. Ela encarava o fogo, e era, sem dúvida, o fogo que estava deixando seu rosto tão vermelho.

— Estou pensando — ele repetiu, elevando sua voz clara e contida, e falando com acerbidade, pois a falta de atenção em um momento desses era deplorável — em levá-la para a Itália na Páscoa. Você não me ouviu?

Sim, ela havia ouvido, e refletia sobre a extraordinária coincidência, realmente muito extraordinária. Ela estava prestes a contar a ele como havia sido convidada, como uma amiga a havia convidado... Páscoa, também... a Páscoa seria em abril, não? Sua amiga tinha uma... tinha uma casa lá.

Na verdade, a sra. Wilkins, impelida pelo terror, pela culpa e surpresa, havia sido mais incoerente do que o habitual, se isso fosse possível.

Foi uma tarde terrível. Mellersh, profundamente indignado, além de ter seu convite recusado, interrogou-a com maior severidade. Ele exigiu que ela recusasse o convite. Exigiu que, já que ela o havia aceitado sem consultá-lo, o gesto ultrajante, escrevesse e cancelasse tudo. Ao deparar com a obstinação dela, firme como uma rocha, e inesperada e chocante, ele se recusou a acreditar que ela havia sido convidada para a Itália. Recusou-se a acreditar nesta sra. Arbuthnot de quem até aquele momento nunca tinha ouvido falar; e só quando conheceu a gentil criatura — com tanta dificuldade, com tanto desejo de sua parte de desistir de tudo a ter que mentir para o sr. Wilkins —, que endossou as afirmações de sua esposa, ele foi capaz de dar-lhes crédito. Ele não pôde deixar de acreditar na sra. Arbuthnot, que produziu nele o mesmo efeito que nos funcionários do metrô. Ela mal precisava dizer alguma coisa. Mas isso não fez diferença para sua consciência, que sabia, e não a deixaria se esquecer, de que ela havia omitido vários detalhes ao marido da amiga. *Você*, perguntou sua consciência, *vê alguma diferença real entre omissão e uma mentira completamente declarada? Deus não vê nenhuma.*

O restante de março foi um pesadelo confuso. Tanto a sra. Arbuthnot quanto a sra. Wilkins estavam arrasadas; por mais que tentassem rejeitar o sentimento, ambas se sentiam extraordinariamente culpadas; e quando finalmente partiram na manhã do dia 30, não havia animação pela viagem nem pelas férias.

— Somos mulheres boas *demais*... muito boas mesmo — a sra. Wilkins continuava murmurando enquanto caminhavam para cima e para baixo na plataforma de Victoria, tendo chegado lá uma hora antes do

necessário —, e é por isso que sentimos como se estivéssemos fazendo algo errado. Estamos intimidadas... já estamos além da espécie humana. Seres humanos normais nunca seriam tão bons quanto nós. Oh — ela cerrou as mãos magras —, e pensar que *devíamos* estar tão felizes agora, partindo de verdade, e não estamos! E está tudo arruinado simplesmente porque nós estragamos tudo! O que fizemos... o que fizemos, eu gostaria de saber — perguntou à sra. Arbuthnot, indignada —, além de, uma vez sequer, desejar viajar sozinhas e ter um pouco de descanso *deles*?

A sra. Arbuthnot, caminhando pacientemente de um lado para outro, não perguntou a quem a sra. Wilkins se referia como “eles”, porque na verdade ela sabia. A sra. Wilkins queria dizer seus maridos, persistindo em sua suposição de que Frederick estava tão indignado quanto Mellersh com a partida da esposa, enquanto Frederick nem sabia que sua esposa tinha partido.

A sra. Arbuthnot, sempre discreta sobre ele, não havia dito nada disso à sra. Wilkins. Frederick estava em um lugar tão escondido em seu coração que ela não conseguia falar sobre ele. Ele estava trabalhando sem parar para terminar mais um daqueles livros terríveis, e estivera ausente praticamente o tempo todo nas últimas semanas, e estava ausente quando ela partiu. Por que ela devia ter contado a ele antes? Tão miseravelmente certa de que ele não teria objeção a nada do que ela fizesse, ela apenas escreveu um bilhete e o deixou na mesa do hall, para quando ele chegasse em casa. Ela disse que, depois de tanto tempo, estava indo passar um mês de férias, porque precisava descansar, e que Gladys, a eficiente empregada, tinha recebido ordens para cuidar de tudo. Ela não disse para onde estava indo; não havia motivo para dizer; ele não se interessaria, nem se importaria.

O dia estava tristonho, ventava e chovia; a travessia tinha sido horrível, e elas estavam muito enjoadas. Assim, o simples fato de chegarem a Calais e pararem de passar mal já era motivo de felicidade, e foi lá que o verdadeiro esplendor do que estavam fazendo começou a aquecer seus espíritos entorpecidos. A sra. Wilkins foi a primeira a senti-lo, e se espalhou sobre sua pálida companheira como uma chama cor-de-rosa. Em Calais — onde mataram o desejo da sra. Wilkins de comer um linguado que não fosse preparado exclusivamente para o marido —, Mellersh já começara a parecer alguém menos importante. Nenhum dos carregadores franceses o conhecia; nenhum oficial em Calais se importava com Mellersh. Em Paris, não havia tempo para pensar nele, porque o trem estava atrasado e elas o pegaram rumo a Turim na Gare de Lyon; e na tarde do dia seguinte, quando chegaram à Itália, a Inglaterra, Frederick, Mellersh, o vigário, os pobres, Hampstead, o clube, Shoolbred, todos e tudo, toda a melancolia e desolação, tudo desapareceu para dar início a um sonho.

Capítulo 5

Estava nublado na Itália, o que as surpreendeu. Elas esperavam um sol brilhante. Mas não era um problema: era a Itália, e até mesmo as nuvens pareciam felizes. Nenhuma delas tinha estado lá antes. Ambas olhavam pela janela com a expressão extasiada. As horas voavam enquanto havia luz do dia, e então vinha a emoção de estarem se aproximando do destino, de estarem chegando lá. Em Gênova, começou a chover — Gênova! Imagine estar realmente em Gênova, vendo seu nome escrito na estação como qualquer outro nome —, em Nervi estava chovendo muito, e quando finalmente, por volta da meia-noite, pois o trem estava atrasado novamente, chegaram a Mezzago, a chuva caía torrencialmente. Mas era a Itália. Nada que acontecesse poderia ser ruim. A própria chuva era diferente — reta, caindo belamente no guarda-chuva; não aquela coisa inglesa violentamente soprada, que respingava em todos os lugares. E a chuva parava; e quando parasse, eis que a terra estaria coberta de rosas.

O sr. Briggs, dono de San Salvatore, havia dito: “Vocês descem em Mezzago e depois seguem de carro.” Mas ele havia se esquecido de algo que sabia muito bem, que os trens na Itália às vezes se atrasavam, e tinha imaginado que suas inquilinas chegariam a Mezzago às oito horas, e encontrariam uma fila de carruagens para escolher.

O trem estava quatro horas atrasado, e quando a sra. Arbuthnot e a sra. Wilkins desceram às pressas os degraus altos do vagão, em meio à escuridão da chuva, suas saias arrastavam em grandes poças de água cobertas de fuligem, pois suas mãos estavam ocupadas com malas; se não fosse pela ajuda de Domenico, o jardineiro de San Salvatore, elas não teriam encontrado ninguém para levá-las. Todas as carruagens comuns já tinham saído havia muito tempo. Domenico, prevendo que isso aconteceria, enviou a carruagem da tia, guiada pelo filho dela, seu primo. A tia vivia em Castagneto, a vila que ficava aos pés de San Salvatore, e, portanto, não importava quão atrasado o trem estivesse, a carruagem não ousaria voltar para casa sem as passageiras que fora encarregada de buscar.

O primo de Domenico se chamava Beppo, e ele surgiu logo quando a sra. Arbuthnot e a sra. Wilkins ponderavam, incertas, sobre o que fazer depois que o trem partisse, pois não conseguiam ver nenhum carregador e tinham a sensação de que não estavam em uma plataforma, mas no meio da via.

Beppo, que estava procurando por elas, emergiu da escuridão e falou com elas em um italiano vigoroso. Beppo era um jovem muito respeitável, mas não aparentava isso, especialmente não no escuro, e a chuva gotejava de seu chapéu inclinado sobre um olho. Elas não gostaram da maneira como ele agarrou suas malas. Ele não poderia ser um carregador, pensaram. No entanto,

logo discerniram de sua conversa agitada a palavra San Salvatore, e depois disso continuaram a repeti-la para ele, pois era a única palavra em italiano que conheciam, enquanto o seguiam apressadamente, sem querer perder de vista suas malas, tropeçando nos trilhos e através de poças até uma carruagem pequena e alta.

A cobertura da carruagem estava erguida, e o cavalo contemplava algo. Elas subiram, e assim que entraram — na verdade, a sra. Wilkins mal tinha terminado de subir —, o cavalo, assustado, despertou de seu devaneio e partiu rapidamente; sem Beppo; sem as malas.

Beppo correu atrás dele, seus gritos ecoando na noite, e pegou as rédeas no momento certo. Ele explicou orgulhosamente, e, para ele, com perfeita clareza, que o cavalo sempre fazia isso, sendo um animal forte, cheio de energia e cuidado por ele, como se fosse seu próprio filho, e que as senhoras não deviam se alarmar — ele havia notado que elas estavam agarradas uma à outra; mas apesar de sua declaração, elas apenas continuaram olhando para ele, perplexas.

Ele continuou falando, no entanto, enquanto empilhava as malas ao redor delas, certo de que mais cedo ou mais tarde elas deveriam entendê-lo, especialmente porque se esforçava para falar muito alto e ilustrar tudo que dizia com os gestos elucidativos mais simples, mas as duas continuaram apenas a encará-lo. Ambas, ele notou com simpatia, tinham rosto pálido, fatigado, e olhos grandes, cansados. Eram senhoras bonitas, pensou ele, e seus olhos, encarando-o por cima das malas, observando cada movimento seu — não havia baús, apenas malas — eram como os olhos da Mãe de Deus. A única coisa que as senhoras diziam, e repetiam em intervalos regulares, mesmo depois de já terem partido, cutucando-o gentilmente para chamar sua atenção, era:

— San Salvatore?

E em todas as vezes ele respondia vigorosamente, soando encorajador:

— *Sì, sì...* San Salvatore.

— Não podemos ter certeza se ele está nos levando para lá — disse a sra. Arbuthnot em voz baixa, depois de já estarem na estrada por muito tempo, conforme lhes parecia. Tinham saído das pedras da cidade adormecida e entravam em uma estrada sinuosa com o que parecia ser um muro baixo à esquerda deles, além do qual havia uma vasta escuridão e o som do mar. À direita havia algo próximo, íngreme, alto e preto. “Rochas”, sussurraram uma para a outra; rochas enormes.

— Não, não podemos ter certeza — concordou a sra. Wilkins, sentindo um leve arrepio na espinha.

Sentiam-se muito desconfortáveis. Estava tão tarde. Tão escuro. A

estrada era tão deserta. E se uma roda se soltasse? E se encontrassem fascistas, ou seus opositores? Lamentavam por não terem dormido em Gênova e continuado na manhã seguinte, à luz do dia.

— Mas teria sido 1º de abril — disse a sra. Wilkins em voz baixa.

— Já estamos em 1º de abril — disse a sra. Arbuthnot, o tom de voz ainda mais baixo.

— De fato — murmurou a sra. Wilkins.

Ficaram em silêncio.

Beppo se virou em sua caixa — um hábito inquietante já notado, afinal seu cavalo deveria ser cuidadosamente observado — e novamente se dirigiu a elas com o que ele estava convencido ser lucidez — sem dialeto, e com os movimentos mais claros para explicar.

Como desejavam que suas mães as tivessem ensinado italiano quando eram pequenas. Se ao menos pudessem dizer: “Por favor, sente-se direito e cuide do cavalo”. Nem mesmo sabiam como se dizia “cavalo” em italiano. Era desprezível ser tão ignorante.

Na ansiedade, pois a estrada contornava grandes rochas pontiagudas, e à esquerda havia apenas a mureta para impedir que caíssem no mar caso algo acontecesse, elas também começaram a gesticular, agitando as mãos para Beppo, apontando para frente. Elas só queriam que ele se virasse e olhasse seu cavalo, apenas isso. Ele pensou que elas queriam que fosse mais rápido; e então se seguiram dez minutos aterrorizantes, durante os quais ele supunha que estava satisfazendo as damas. Estava orgulhoso de seu cavalo, que podia correr muito rápido. Ele se ergueu em seu assento, o chicote estalou, o cavalo avançou, as rochas se aproximaram, as malas se agitaram, a sra. Arbuthnot e a sra. Wilkins se agarraram. E assim eles seguiram, balançando, pulando, batendo-se, agarrando-se, até chegar a um ponto perto de Castagneto, onde havia uma subida na estrada. Ao chegar ao pé da subida, o cavalo, que conhecia cada centímetro do caminho, parou subitamente, lançando tudo que havia na carruagem em um monte, e então prosseguiu a subida em um trotar tranquilo.

Beppo se virou para receber a admiração delas, rindo, com orgulho de seu cavalo.

As belas senhoras não responderam com risadas. Seus olhos, fixos nele, pareciam maiores do que nunca, e seus rostos contra a escuridão da noite pareciam pálidos.

Mas ali, na subida, era possível ver casas. As rochas desapareceram e as casas surgiram; era o fim da mureta e o início do vilarejo; o mar recuou, e o som dele cessou, e a solidão da estrada ficou para trás. Não havia luzes em lugar nenhum, é claro, ninguém para vê-las passar; e ainda assim, quando as

casas surgiram, depois de olhar por cima do ombro e gritar “Castagneto” para as senhoras, mais uma vez Beppo se levantou e estalou o chicote, fazendo seu cavalo galopar outra vez.

— Em um minuto estaremos lá — disse a sra. Arbuthnot para si mesma, segurando-se.

— Vamos parar logo, logo — disse a sra. Wilkins para si mesma, também se segurando. Elas não disseram nada em voz alta, porque nada seria ouvido acima do estalo do chicote, do barulho das rodas e dos sons exaltados que Beppo fazia para seu cavalo.

Ansiosas, procuravam qualquer vislumbre do início de San Salvatore.

Elas supunham e esperavam que, após uma quantidade razoável de vilas, um arco medieval se ergueria diante delas, e através dele entrariam em um jardim e parariam em uma porta aberta e acolhedora, com luz jorrando através dela e os empregados que, de acordo com o anúncio, lá permaneceriam.

Em vez disso, a carruagem parou subitamente.

Olhando para fora, elas puderam ver que ainda estavam na rua da vilarejo, com pequenas casas escuras de ambos os lados da estrada; e Beppo, jogando as rédeas sobre as costas do cavalo como se estivesse completamente confiante desta vez de que ele não iria mais adiante, desceu de sua caixa. No mesmo instante, surgindo como se saíssem do nada, um homem e vários meninos apareceram ao lado do coche e começaram a puxar as malas.

— Não, não... San Salvatore, San Salvatore — exclamou a sra. Wilkins, tentando segurar o maior número de malas possível.

— *Sì, sì...* San Salvatore — todos gritaram, puxando.

— Aqui não pode ser San Salvatore — disse a sra. Wilkins, virando-se para a sra. Arbuthnot, que permaneceu quieta, vendo suas malas sendo tiradas dela com a mesma paciência que aplicava aos problemas menores. Ela sabia que não podia fazer nada se esses homens fossem pessoas ruins determinadas a levar suas malas.

— Não deve ser — ela admitiu, e não pôde deixar de se maravilhar por um momento com os caminhos de Deus. Será que ela realmente tinha sido trazida até ali, ela e a pobre sra. Wilkins, depois de tantos problemas para organizar essa viagem, tantas dificuldades e preocupações, ao longo de caminhos tão tortuosos de prevaricação e engano, apenas para serem...

Ela interrompeu seus pensamentos, e enquanto os jovens esfarrapados desapareciam na noite com as malas e o homem com a lanterna ajudava Beppo a tirar o cobertor dela, gentilmente disse à sra. Wilkins que ambas estavam nas mãos de Deus; e pela primeira vez ao ouvir isso, a sra. Wilkins

sentiu medo.

Não havia alternativa além de seguirem. Ficarem sentadas na carruagem repetindo San Salvatore seria inútil. Cada vez que diziam isso, e suas vozes ficavam cada vez mais fracas, Beppo e o outro homem simplesmente ecoavam a palavra em uma série de gritos. Se ao menos tivessem aprendido italiano quando eram pequenas. Se ao menos pudessem dizer: “Queremos ser levadas até a porta.” Mas elas nem mesmo sabiam dizer porta em italiano. Tal ignorância não era apenas desprezível, era definitivamente perigosa. Mas agora era inútil se lamentar sobre isso. Inútil adiar o que quer que fosse permanecendo na carruagem. Portanto, elas desceram.

Os dois homens abriram seus guarda-chuvas e os entregaram a elas. Isso as encorajou um pouco, porque não conseguiam acreditar que homens mal-intencionados ofereceria guarda-chuvas. O homem com a lanterna, fez sinal para que elas o seguissem, falando alto e rápido, e Beppo, elas notaram, ficou para trás. Deveriam pagar a ele? Não se fossem roubadas e, talvez, assassinadas, pensaram. Certamente, em uma ocasião dessas, não se pagava. Além disso, ele não as havia levado a San Salvatore. Com certeza estavam em outro lugar. E ele também não demonstrou o menor desejo de ser pago; ele deixou que se afastassem sem fazer nenhum pedido. Isso, elas não puderam deixar de pensar, era um mau sinal. Ele não pedia nada porque em breve receberia muito.

Elas chegaram a alguns degraus. A estrada terminava abruptamente em uma igreja e uma escada que descia. O homem abaixou a lanterna para que não tropeçassem.

— San Salvatore? — indagou a sra. Wilkins mais uma vez, com a voz fraca, antes de prestar atenção aos degraus. Era inútil mencionar isso agora, é claro, mas ela não conseguia descer em completo silêncio. Tinha certeza de que nenhum castelo medieval jamais fora construído ao pé de uma escada.

Porém, novamente veio o grito ecoante:

— *Sì, sì...* San Salvatore.

Elas desceram com cautela, segurando suas saias como se fossem precisar delas de novo, e não como se fosse seu fim.

Os degraus terminavam em um caminho íngreme, com lajes de pedra no meio. Elas escorregaram bastante nessas lajes molhadas, e o homem com a lanterna, falando alto e depressa, as segurava. Seus modos eram educados.

— Talvez esteja tudo bem, afinal — disse a sra. Wilkins em voz baixa para a sra. Arbuthnot.

— Estamos nas mãos de Deus — repetiu a sra. Arbuthnot; e novamente a sra. Wilkins sentiu medo.

Chegaram ao final do caminho íngreme, e a luz da lanterna tremulou sobre um espaço aberto, cercado de casas em três direções. Na quarta estava o mar, ondulando preguiçosamente para trás e para frente sobre seixos.

— San Salvatore — disse o homem, apontando com sua lanterna para uma massa escura curvada ao redor da água, como um braço lançado em seu contorno.

Elas semicerraram os olhos. Viram a massa preta e, no topo dela, uma luz.

— San Salvatore? — repetiram juntas, incrédulas. Afinal onde estavam as malas e por que tinham sido forçadas a sair da carruagem?

— *Sì, sì...* San Salvatore.

Elas seguiram ao longo do que parecia ser um cais, bem na beira da água. Nem mesmo havia uma mureta ali... nada para impedir que o homem as jogasse na mar, se quisesse. No entanto, ele não as empurrou. Talvez estivesse tudo bem, afinal, sugeriu novamente a sra. Wilkins à sra. Arbuthnot, que desta vez também estava começando a acreditar nisso, e não mencionou mais as mãos de Deus.

A luz da lanterna tremeluzia, refletida no pavimento molhado do cais. À esquerda, na escuridão, havia uma luz vermelha ao final do cais. Chegaram a um arco com um portão de ferro pesado. O homem com a lanterna o empurrou. Desta vez, elas subiram degraus em vez de descer, e no topo havia um caminho que serpenteava entre flores. Elas não podiam ver bem as flores, mas era evidente que o lugar inteiro estava cheio delas.

Ali ocorreu à sra. Wilkins que provavelmente a razão pela qual a carruagem não as tivesse levado até a porta, era porque não havia estrada, apenas trilhas estreitas. Isso também explicaria o desaparecimento das malas. Ela começou a sentir confiança de que encontrariam a bagagem esperando por elas quando chegassem ao topo. Ao que parecia, San Salvatore estava no topo de uma colina, onde devia haver um castelo medieval. Em uma curva, viram a luz acima delas, muito mais perto agora e brilhando mais intensamente. Ela disse à sra. Arbuthnot que estava mais confiante, e a sra. Arbuthnot concordou que era muito provável que tudo ficasse bem.

Mais uma vez, mas desta vez em tom de real esperança, a sra. Wilkins indagou, apontando para cima, para o contorno denso contra o céu apenas ligeiramente menos escuro:

— San Salvatore?

E mais uma vez, mas desta vez de maneira reconfortante e encorajadora, veio a garantia:

— *Sì, sì...* San Salvatore.

Eles atravessaram uma ponte pequena, sobre o que parecia ser um desfiladeiro, e então surgiu uma parte plana, com grama alta nas laterais e mais flores. Conseguiram sentir a grama molhada batendo contra suas meias, e as flores invisíveis estavam por toda parte. Então subiram novamente por entre as árvores, ao longo de um caminho em zigue-zague, cercados pelo perfume das flores que não podiam ver. A chuva quente trazia toda a doçura à tona. Cada vez mais alto, iam subindo nesta doce escuridão, e a luz vermelha no cais ficava cada vez mais abaixo deles.

O caminho contornava o que parecia ser uma pequena península; o cais e a luz vermelha desapareceram por completo; através do vazio à esquerda deles havia luzes distantes.

— *Mezzago* — disse o homem, acenando com sua lanterna para as luzes.

— *Sì, sì* — elas responderam, pois, àquela altura, já tinham aprendido a confirmar em italiano.

Com isso, em seu italiano magnífico, o homem as recebeu com um grande fluxo de palavras educadas, das quais não entenderam nenhuma. Este era Domenico, o vigilante e habilidoso jardineiro de San Salvatore, o sustentáculo e a base do estabelecimento, o engenhoso, talentoso, eloquente, cortês e inteligente Domenico. Mas elas ainda não sabiam disso; e ele, na escuridão, e às vezes até mesmo na luz, com seus traços afiados como faca e seus movimentos ágeis de pantera, parecia muito ser alguém mal-intencionado.

Eles passaram por outro trecho plano, com uma forma preta como um muro alto elevando-se à direita deles, e então o caminho subiu novamente sob treliças. Ramos de plantas perfumadas se agarravam às suas roupas e respingavam gotas de chuva sobre eles, a luz da lanterna tremeluzia sobre lírios, e, de repente, surgiu uma escadaria antiga, desgastada com os séculos, e depois mais um portão de ferro, até eles finalmente entrarem, embora ainda subissem uma escadaria sinuosa de pedra com paredes antigas de ambos os lados, como as paredes de masmorras, e um teto abobadado.

No topo, havia uma porta de ferro forjado, e através dela havia um brilho abundante de luz elétrica.

— *Ecco* — disse Domenico, subindo os últimos degraus com agilidade e abrindo a porta com força.

E lá estavam, elas haviam chegado em San Salvatore; e as malas esperavam por elas; e não tinham sido assassinadas.

Encararam-se, os rostos brancos, os olhos piscando sem acreditar no que viam.

Foi um momento maravilhoso. Ali estavam, enfim, em seu castelo

medieval. Seus pés tocavam as pedras.

A sra. Wilkins passou o braço ao redor do pescoço da sra. Arbuthnot e a beijou.

— A primeira coisa a acontecer nesta casa — ela disse serena e solenemente — precisa ser um beijo.

— Querida Lotty — disse a sra. Arbuthnot.

— Querida Rose — disse a sra. Wilkins, com os olhos transbordando de alegria.

Domenico estava encantado. Gostava de ver belas damas se beijando. Ele fez um discurso de boas-vindas muito apreciado por elas, que ficaram de pé, apoiando uma à outra por causa do cansaço, piscando sorridentes para ele, e sem entender uma palavra sequer.

Capítulo 6

Quando a sra. Wilkins acordou na manhã seguinte, ficou na cama durante alguns minutos antes de se levantar e abrir as persianas. O que ela veria pela janela? Um mundo brilhante ou uma vastidão em chuva? Mas seria belo; o que quer que fosse, seria belo.

Estava em um pequeno quarto com paredes brancas e nuas, chão de pedra e alguns móveis antigo. As camas — havia duas — eram de ferro, esmaltadas de preto e pintadas com ramos de flores que exalavam alegria. Estava adiando o grande momento de ir à janela, como se adia a abertura de uma carta preciosa, regozijando-se com ela. Não fazia ideia de que horas eram; tinha-se esquecido de dar corda ao relógio desde que, há séculos, deitara-se pela última vez em Hampstead. Não se ouvia sons na casa, então supôs que era muito cedo, mas sentia como tivesse dormido bastante tempo — sentia-se completamente descansada, perfeitamente satisfeita. Estava deitada com os braços em volta da cabeça, com os lábios curvados para cima, em um sorriso de prazer, pensando em como estava feliz. Era adorável estar na cama sozinha. Havia cinco anos, não se deitava na cama sem Mellersh; e o espaço, a liberdade de movimentos, a sensação de ousadia, de audácia, de puxar os cobertores se quisesse, ou de ajeitar as almofadas mais confortavelmente! Era como a descoberta de uma alegria inteiramente nova.

A sra. Wilkins ansiava por se levantar e abrir as persianas, mas estava em uma posição tão deliciosa. Deu um suspiro de contentamento e continuou deitada, olhando à sua volta, observando tudo no quarto, o seu próprio quatinho, todo dela para arrumar como quisesse durante este mês abençoado, o quarto alugado com suas próprias economias, fruto das suas cuidadosas negações, cuja porta podia trancar se quisesse, e ninguém tinha o direito de entrar. Era um quatinho tão estranho, tão diferente de todos os que ela já conhecera, e tão acolhedor. Era como uma cela. Exceto pelas duas camas, sugeria uma austeridade feliz. *E o nome do quarto*, pensou ela, citando-o e sorrindo, *é Paz*.

Bem, estar deitada ali a pensar em como estava feliz era delicioso, mas fora daquelas persianas era ainda melhor. Levantou-se em um salto, calçou os chinelos, pois não havia nada no chão de pedra além de um pequeno tapete, correu para a janela e abriu as persianas.

— Oh! — exclamou a sra. Wilkins.

Toda a sublimidade de abril na Itália estava reunida a seus pés. O sol se derramava sobre ela. O mar jazia adormecido, quase imóvel. Do outro lado da baía, as belas montanhas em tons diferentes também estavam adormecidas na luz; e sob sua janela, no sopé do declive gramado e salpicado de flores, de onde se erguia o muro do castelo, havia um grande cipreste, que cortava os

tons de azul, violeta e cor-de-rosa das montanhas e do mar como uma grande espada preta.

Ela contemplava. Tamanha beleza, e lá estava ela para apreciar. Tamanha beleza; e ela viva para senti-la. Seu rosto estava banhado em luz. Agradáveis fragrâncias subiam até a janela e a acariciavam. Uma leve brisa levantava gentilmente seu cabelo. Ao longe, na baía, um grupo de barcos de pesca pairava como um bando de pássaros brancos sobre o mar tranquilo. Que belo, que belo! Não ter morrido antes disso... ter vivido isso, respirar, sentir... Ela contemplava, com os lábios entreabertos. Feliz? Uma palavra simplória, comum, cotidiana. Mas como poderia dizer, como poderia descrever? Era como se mal pudesse se conter, como se fosse pequena demais para conter tanta alegria, como se estivesse imersa em luz. E que espanto sentir essa felicidade pura, pois ali estava ela, sem fazer e nem pretender fazer algo caridoso, sem fazer algo que não quisesse fazer. Segundo todos com quem já havia deparado, pelo menos deveria sentir uma ponta de remorso. Ela não tinha nenhum. Alguma coisa estava errada. Maravilhoso que em casa ela tivesse sido tão boa, tão terrivelmente boa, e apenas se sentido atormentada. Lá sentiu todo tipo de coisa; dores, mágoas, desencorajamentos, e ela o tempo todo sendo bondosa. Agora deixara toda a sua bondade para trás, como um monte de roupas encharcadas pela chuva, e só sentia alegria. Estava despida de bondade, e rejubilava-se em estar nua. Estava despida e exultante. E lá longe, na escura e úmida Hampstead, estava Mellersh, irritado.

Ela tentou visualizar Mellersh, tentou vê-lo tomando café da manhã e tendo pensamentos amargurados sobre ela; e eis que ele começou a tremeluzir, tornou-se cor-de-rosa, violeta delicado, um azul encantador, tornou-se disforme, e então iridescente. Na verdade, Mellersh, depois de vibrar por um minuto, perdeu-se na luz.

Bem, observou a sra. Wilkins, *que extraordinário não conseguir visualizar Mellersh*; e ela que costumava conhecer cada traço, guardar cada expressão dele no coração. Simplesmente não conseguia vê-lo como ele era. Só conseguia vê-lo envolvido em beleza, derretido em harmonia com tudo o mais. As palavras familiares da canção “General Thanksgiving” vieram à sua mente, e ela se viu abençoando a Deus por sua criação, preservação e todas as bênçãos desta vida, mas, acima de tudo, por Seu amor inestimável; em voz alta; num rompante de reconhecimento. Enquanto Mellersh, naquele momento, puxava suas botas com raiva antes de sair para as ruas molhadas e estava de fato tendo pensamentos amargurados sobre ela.

Começou a se vestir, escolhendo roupas brancas e limpas em homenagem ao dia de verão, desfazendo as malas, arrumando o seu adorável quartinho. Movia-se com passos rápidos e decididos, o corpo magro e alto ereto, o rosto pequeno, que em casa vivia enrugado pelas preocupações e pelo medo, estava suave. Tudo que ela tinha sido e feito antes desta manhã, tudo

que tinha sentido e com que se tinha preocupado, havia desaparecido. Cada uma das suas preocupações fez como a imagem de Mellersh e se dissolveu em cor e luz. E notou coisas que não notava há anos — quando estava arrumando o cabelo em frente ao espelho, reparou nele e pensou: *Que lindo*. Há anos se esquecera de que seu cabelo existia, trançando-o à noite e desfazendo a trança de manhã com a mesma pressa e indiferença com que amarrava e desamarrava os sapatos. Agora, de repente, viu-o, passou os dedos por ele diante do espelho, e ficou contente com sua beleza. Mellersh também não deve reparar, pois nunca tinha dito uma palavra sobre isso. Bem, quando chegasse em casa, chamaria a atenção dele para o fato. “Mellersh”, diria ela, “olhe para o meu cabelo. Não se alegra por ter uma mulher com um cabelo como mel em caracóis?”

Ela riu. Nunca tinha dito nada assim para Mellersh, e a ideia a divertiu. Mas por que ela nunca tinha feito isso? Ah, sim... ela costumava ter medo dele. Engraçado ter medo de alguém; especialmente do próprio marido, a quem ela via em seus momentos mais desconcertantes, como quando estava dormindo e não respirava direito pelo nariz.

Quando estava pronta, abriu a porta para ir ver se Rose, que fora acomodada na noite anterior por uma criada sonolenta no quarto em frente, estava acordada. Diria bom-dia para ela e depois correria para ficar perto daquela árvore de cipreste até o café da manhã estar pronto, e depois do café da manhã, ela nem sequer olharia pela janela para ajudar Rose a preparar tudo para lady Caroline e a sra. Fisher. Havia muito a ser feito naquele dia, arrumando os quartos; ela não deixaria Rose fazer tudo sozinha. Elas deixariam tudo impecável para as duas, que teriam uma visão encantadora de seus pequenos quartos cheios de flores. Ela se lembrou que tinha desejado que lady Caroline não viesse; imagine querer excluir alguém do paraíso por causa da própria timidez! E como se isso importasse; como se ela fosse ficar tão autoconsciente quanto tímida. Além disso, por quê? Não poderia se acusar de bondade por isso. E ela se lembrou que também não quis a presença da sra. Fisher, porque ela parecia fria. Que engraçado. Tão engraçado se preocupar com coisas tão pequenas, tornando-as importantes.

Os quartos e duas das salas de estar em San Salvatore ficavam no último andar e davam em um hall espaçoso com uma ampla janela de vidro na extremidade norte. San Salvatore era rico em pequenos jardins em diferentes áreas e níveis. O jardim que esta janela contemplava ficava no ponto mais alto das paredes e só podia ser acessado através do hall correspondente no andar abaixo. Quando a sra. Wilkins saiu de seu quarto, essa janela estava completamente aberta, e além dela, ao sol, havia uma árvore-de-judas em plena floração. Não havia sinal de ninguém, nenhum som de vozes ou passos. Vasos de lírios se espalhavam pelo chão de pedra, e sobre uma mesa flamejava um enorme buquê de agressivas capuchinhas. Espaçoso, florido, silencioso, com a ampla janela ao final abrindo para o jardim, e a árvore-de-

judas absurdamente bela sob o sol, tudo parecia para a sra. Wilkins, detida em seu caminho em direção à sra. Arbuthnot, bom demais para ser verdade. Será que ela realmente viveria ali por um mês inteiro? Até então, ela aproveitava a beleza a cada instante que surgia, agarrando-se a pequenos pedaços quando os encontrava — um campo de margaridas em um belo dia em Hampstead, um lampejo de pôr do sol entre duas chaminés. Ela nunca esteve em lugares completamente belos. Nunca nem mesmo estivera em uma casa majestosa; e ter uma profusão de flores nos cômodos era algo inatingível para ela. Às vezes, na primavera, ela comprava seis tulipas na Shoolbred's, incapaz de resistir, consciente de que, se soubesse quanto havia custado, Mellersh acharia inadmissível; mas logo morriam, e então não havia mais flores. Quanto à árvore-de-judas, ela não tinha ideia do que era, e a contemplava lá fora contra o céu com a expressão arrebatada de quem tem uma visão celestial.

A sra. Arbuthnot, saindo de seu quarto, encontrou-a ali assim, parada no meio do corredor, encarando o nada.

O que ela pensa que está vendo desta vez?, pensou a sra. Arbuthnot.

— Estamos nas mãos de Deus — disse a sra. Wilkins, virando-se para ela e falando com extrema convicção.

— Oh! — reagiu a sra. Arbuthnot rapidamente, sua expressão, que estava coberta de sorrisos quando saiu de seu quarto, desmoronou. — Por quê? O que aconteceu?

A sra. Arbuthnot havia acordado com uma sensação tão boa de segurança, alívio, e não queria descobrir que, no fim, não escapara da necessidade de refúgio. Ela nem mesmo sonhara com Frederick. Pela primeira vez em anos, fora poupada do sonho noturno de que estavam juntos intimamente, coração a coração, e de seu despertar infeliz. Ela dormira como um bebê e acordara confiante; descobrira que não havia nada que desejasse pedir em sua oração matinal, apenas agradecer. Era desconcertante ser informada de que, no fim, estava nas mãos de Deus.

— Espero que nada tenha acontecido — disse, ansiosa.

A sra. Wilkins olhou para ela por um momento e riu.

— Que engraçado — ela disse, beijando-a.

— O que é engraçado? — perguntou a sra. Arbuthnot, seu rosto clareando com o riso da sra. Wilkins.

— Nós. Isto. Tudo. É tudo tão maravilhoso. É tão engraçado e tão adorável que nós estejamos aqui. Ousaria dizer que quando finalmente chegarmos ao paraíso, aquele de que tanto falam, já não nos surpreenderemos mais.

A sra. Arbuthnot relaxou novamente e voltou a sorrir, confiante.

— Não é divino? — indagou ela.

— Você já esteve tão feliz assim? — perguntou a sra. Wilkins, segurando-a pelo braço.

— Não — respondeu a sra. Arbuthnot. Ela nunca havia estado, nem mesmo nos primeiros dias de amor com Frederick. Porque a dor sempre esteve muito próxima dos momentos de felicidade, pronta para torturá-la com dúvidas, até mesmo com o próprio excesso de seu amor; enquanto o que viviam ali era a simples felicidade em completa harmonia com seu ambiente, a felicidade que não pede nada, que simplesmente aceita, respira, que simplesmente é.

— Vamos lá fora dar uma olhada naquela árvore mais de perto — disse a sra. Wilkins. — Não acredito que possa ser apenas uma árvore.

De braços dados, elas seguiram pelo corredor, e seus maridos não as teriam reconhecido, seus rostos estavam tão joviais e cheios de ansiedade. Juntas, ficaram na janela aberta, e quando seus olhos, tendo se saciado com a maravilhosa coisa cor-de-rosa, vagaram mais entre as belezas do jardim, avistaram lady Caroline sentada na mureta na extremidade leste, contemplando a baía, com os pés entre lírios.

Ficaram surpresas. Não disseram nada em seu estupor, mas ficaram completamente paradas, de braços dados, encarando-a.

Ela também estava com um vestido branco e não usava chapéu. Naquele dia em Londres, com seu chapéu até o nariz e a pele toda coberta, nem imaginaram que ela era tão bonita. Elas meramente a acharam diferente das outras mulheres do clube, e assim também pensaram as outras mulheres e todas as garçonetes, olhando-a de lado e olhando-a novamente quando passavam pelo canto onde ela estava conversando; mas elas realmente não tinham ideia de que ela era tão bonita. Era belíssima. Tudo nela era extremo. Seu cabelo era extremamente loiro, seus adoráveis olhos cinzentos eram muito adoráveis e cinzentos, seus cílios escuros eram extremamente escuros, sua pele branca era muito branca, sua boca vermelha era extremamente vermelha. Ela era extremamente esbelta — um fio de garota, embora não sem pequenas curvas nos lugares certos sob seu vestido fino. Ela olhava para além da baía, o contorno do seu corpo nítido no fundo todo azul do além. Estava totalmente exposta ao sol. Seus pés balançavam entre as folhas e flores dos lírios como se não se importasse em machucar as plantas.

— Ela vai ter dor de cabeça sentada ali no sol — sussurrou a sra. Arbuthnot, finalmente.

— Ela deveria estar de chapéu — sussurrou a sra. Wilkins.

— Ela está pisando nos lírios.

— Mas os lírios são dela tanto quanto são nossos.

— Apenas um quarto deles.

Lady Caroline virou a cabeça. Olhou para cima, observou-as por um momento, surpresa por achá-las tão mais jovens do que aparentaram naquele dia no clube, e até mesmo mais encantadoras. Na verdade, elas estavam quase atraentes, se alguém pudesse mesmo ser atraente vestindo as roupas erradas. Seus olhos, passando depressa sobre elas, absorveram cada centímetro de cada uma no meio segundo antes de ela sorrir, acenar com a mão e saudá-las com um bom-dia. Percebeu imediatamente que não havia nada a ser esperado no que diz respeito ao interesse por suas roupas. Ela não pensou conscientemente nisso, pois estava tendo uma reação violenta contra roupas bonitas e a escravidão que elas impõem à sua experiência sendo que, assim que as tinha, elas tomavam conta de você e não lhe davam paz até que tivessem estado em todos os lugares e sido vistas por todos. A mulher não leva suas roupas para as festas; elas é que levavam a mulher. Era um erro pensar que uma dama realmente bem-vestida desgastava suas roupas; eram as roupas que desgastavam a dama — arrastando-a por aí a qualquer hora do dia e da noite. Não é de admirar que os homens permanecessem jovens por mais tempo. Calças novas não poderiam empolgá-los. Calças não os detinham de forma alguma. Sua mente estava desordenada, mas ela pensava como queria, usava as imagens mentais de que gostava. À medida que descia da mureta e se aproximava da janela, pensou que era reconfortante saber que passaria um mês inteiro com pessoas que usavam vestidos que ela usou cinco verões atrás.

— Cheguei ontem de manhã — disse, olhando para elas, que estavam mais acima, e sorrindo. Ela realmente era encantadora. Tinha tudo o que se espera, até uma pequena covinha.

— É uma pena — disse a sra. Arbuthnot, sorrindo de volta —, porque estávamos indo escolher o quarto mais bonito para você.

— Oh, mas eu já fiz isso — respondeu lady Caroline. — Pelo menos, eu acho que é o mais bonito. Tem vista para os dois lados... eu adoro um quarto com vista dupla, você não? É possível ver o mar ao oeste, e esta árvore-de-judas ao norte.

— E nós tínhamos planejado enfeitá-lo para você com flores — disse a sra. Wilkins.

— Ah, Domenico fez isso. Eu pedi a ele assim que cheguei. Ele é o jardineiro. Um homem maravilhoso.

— Isso é ótimo, claro — disse a sra. Arbuthnot um pouco hesitante —, ser independente e saber exatamente o que quer.

— Sim, poupa trabalho — concordou lady Caroline.

— Mas não se deve ser tão independente a ponto de não dar oportunidade para outras pessoas serem gentis com você — disse a sra.

Wilkins.

Lady Caroline, que estava olhando para a sra. Arbuthnot, agora olhava para a sra. Wilkins. Naquele dia, no estranho clube, ela teve apenas uma impressão difusa da sra. Wilkins, pois era a outra quem falava, e sua impressão era de alguém tão tímida e desajeitada que nem deu atenção a ela. Aquela senhora nem mesmo conseguira se despedir adequadamente, fazendo isso com agonia, ficando vermelha, suada. Portanto, agora, olhou-a com certa surpresa; e ficou ainda mais surpresa quando a sra. Wilkins acrescentou, olhando para ela com sincera admiração, falando de fato com uma convicção que se recusava a permanecer não dita:

— Eu não tinha percebido que você era tão bonita.

Ela encarou a sra. Wilkins. As pessoas não lhe diziam isso de modo tão direto e enfático. Por mais acostumada que estivesse — impossível não estar depois de 28 anos —, surpreendeu-a ser elogiada com tanta franqueza, ainda mais por uma mulher.

— É muito gentil da sua parte — respondeu.

— Você é adorável — disse a sra. Wilkins. — Totalmente encantadora.

— Espero que aproveite ao máximo sua estadia — disse a sra. Arbuthnot com doçura.

Lady Caroline então olhou para a sra. Arbuthnot.

— Ah, sim — ela disse. — Farei isso. Tenho aproveitado desde o início.

— Porque isso não durará para sempre — disse a sra. Arbuthnot, sorrindo e levantando um dedo de advertência.

Então, lady Caroline começou a temer que essas duas fossem originais. Se fossem, ela ficaria entediada. Nada a entediava tanto quanto pessoas que insistiam em ser originais, que vinham, abordavam-na e a faziam esperar enquanto estavam sendo originais. E aquela que a admirava — seria cansativo se ela a seguisse para observá-la. Tudo que ela queria dessas férias era uma completa fuga de tudo que já tivera, ela queria o descanso, o oposto do que vivia. Ser admirada, ser seguida, não era o oposto, era reviver o que não queria; e quanto às pessoas originais, ficar presa com as duas no topo de uma colina em um castelo medieval construído com o propósito de não ter para onde escapar, não seria, ela temia, especialmente tranquilo. Talvez fosse melhor ser um pouco menos encorajadora. Elas pareciam criaturas tão tímidas, até mesmo a morena — ela não conseguia se lembrar de seus nomes —, que naquele dia no clube, não hesitara em ser muito amigável. Aqui elas já tinham, de fato, saído de suas conchas. Não havia sinal de timidez em nenhuma delas neste lugar. Se elas saíram de suas conchas tão de imediato, no

primeiro contato, a menos que as detivesse, logo começariam a pressioná-la, e então adeus ao seu sonho de trinta dias de descanso e silêncio, deitada ao sol sem ser incomodada, revigorando-se, sem conversas, sem pedidos, não sendo agarrada e monopolizada, apenas recuperando-se do cansaço, do cansaço profundo e melancólico do excesso.

Além disso, havia a sra. Fisher. Ela também precisava ser controlada. Lady Caroline havia viajado dois dias antes do combinado por duas razões: primeiro, porque desejava chegar antes das outras para escolher o quarto ou os quartos que preferia, e segundo, porque julgava provável que, caso contrário, teria que viajar com a sra. Fisher. Ela não queria viajar com a sra. Fisher. Não queria chegar com a sra. Fisher. Ela não via absolutamente nenhuma razão pela qual, por um único momento, tivesse que ter qualquer contato com a sra. Fisher.

Mas, infelizmente, a sra. Fisher também foi tomada pelo desejo de chegar a San Salvatore antes e escolher o quarto ou os quartos que preferia, e ela e lady Caroline acabaram viajando juntas. Já em Calais começaram a suspeitar disso; em Paris temeram; em Modane souberam; em Mezzago disfarçaram, indo para Castagneto em carruagens separadas, a frente de uma carruagem quase tocando a traseira da outra durante todo o caminho. Mas quando a estrada subitamente terminou na igreja e nos degraus, não tiveram escapatória; e diante desse final abrupto e difícil de sua jornada não restou outra opção senão se unirem.

Por causa da bengala da sra. Fisher, lady Caroline teve que cuidar de tudo. As intenções da sra. Fisher, explicou ela de sua carruagem quando a situação ficou clara para si, eram ativas, mas sua bengala impedia que fossem realizadas. Os dois cocheiros disseram a lady Caroline que os meninos teriam que carregar a bagagem até o castelo, e ela foi em busca de alguns, enquanto a sra. Fisher esperava na carruagem por causa da bengala. A sra. Fisher explicou que sabia falar italiano, mas apenas o italiano de Dante, que Matthew Arnold costumava ler para ela quando era criança, e ela achava que seria acima da compreensão dos meninos. Portanto, lady Caroline, que falava muito bem o italiano comum, era obviamente quem deveria resolver tudo.

— Estou em suas mãos — disse a sra. Fisher, sentada ereta em sua carruagem. — Por favor, me veja apenas como uma idosa usando bengala.

E em breve, descendo os degraus e paralelepípedos até a *piazza*, e ao longo do cais, e subindo pelo caminho em zigue-zague, lady Caroline se viu obrigada a acompanhar o passo devagar da sra. Fisher, como se fosse sua própria avó.

— É minha bengala — observava complacentemente a sra. Fisher vez ou outra.

Quando paravam para descansar nas curvas do caminho em zigue-

zague, onde havia bancos, lady Caroline, que gostaria de se apressar e chegar logo ao topo, era forçada a esperar a sra. Fisher por causa de sua bengala, e a sra. Fisher contava como já tinha estado em um caminho como aquele uma vez com Tennyson.

— Ele é maravilhoso no críquete, não é? — comentou lady Caroline, distraída.

— O Tennyson? — indagou a sra. Fisher, virando a cabeça e observando-a por um momento sobre seus óculos.

— Não é? — perguntou lady Caroline.

— Estou falando de Alfred — disse a sra. Fisher.

— Ah — disse lady Caroline.

— Era uma trilha como esta — continuou a sra. Fisher, séria —, curiosamente parecida com esta. Sem os eucaliptos, é claro, mas curiosamente parecida. E em uma das curvas, ele se virou e disse para mim... eu o vejo agora, virando-se para mim e dizendo...

Sim, a sra. Fisher teria que ser controlada. Assim como essas duas na janela. Ela precisaria começar imediatamente. Estava arrependida de ter saído da mureta. Tudo o que precisava ter feito era acenar e esperar até que elas descessem e fossem para o jardim encontrá-la.

Então, ela ignorou o comentário da sra. Arbuthnot e levantou o dedo indicador, dizendo com uma frieza marcada — pelo menos, foi como ela tentou soar — que supunha que elas iriam tomar o café da manhã, e que ela já havia tomado; mas por mais friamente que lançasse suas palavras, elas ainda soavam bastante calorosas e agradáveis. Isso porque ela tinha uma voz simpática e encantadora, devido inteiramente a alguma formação especial de sua garganta e do céu da boca, e não tinha nada a ver com o que estava sentindo. Como resultado, ninguém jamais se convencia de que estava sendo desprezado por ela. Era muito cansativo. E mesmo que ela encarasse gelidamente, não parecia fria de forma alguma, porque seus olhos, já adoráveis por natureza, tinham a beleza adicional de cílios muito longos, macios e escuros. Um olhar gelado não poderia sair de olhos assim; ele ficava preso e perdido nos cílios macios, e as pessoas simplesmente achavam que estavam sendo observadas com uma atenção lisonjeira e requintada. E se alguma vez ela estivesse de mau humor ou irritada — e quem não estaria às vezes em um mundo como este? — ela só parecia tão patética que todos corriam para confortá-la, se possível com beijos. Era mais do que cansativo, era enlouquecedor. A natureza estava determinada a fazê-la parecer e soar angelical. Ela nunca poderia ser desagradável ou rude sem ser completamente incompreendida.

— Tomei meu café no quarto — disse ela, fazendo o possível para

parecer brusca. — Talvez eu as veja mais tarde.

Então ela assentiu e voltou para a mureta, com os lírios agradáveis e frescos tocando seus pés.

Capítulo 7

Os olhos das senhoras a seguiram com admiração. Elas não suspeitavam que tinham sido ignoradas. Foi uma decepção, é claro, descobrir que ela havia chegado antes do esperado e que não teriam a felicidade de preparar tudo para lady Caroline, não poderiam observar seu rosto quando chegasse e visse tudo pela primeira vez, mas ainda havia a sra. Fisher. Elas se concentrariam na sra. Fisher e observariam seu rosto em vez disso; apenas, como qualquer outra pessoa, elas prefeririam ter observado o rosto de lady Caroline.

Talvez, então, como lady Caroline tinha comentado sobre o café da manhã, elas deveriam começar o dia por ele, pois havia muito a ser feito e não podiam gastar mais tempo contemplando a paisagem — havia empregados a serem entrevistados, a casa a ser percorrida e examinada, e, por fim, o quarto da sra. Fisher precisava ser preparado e adornado.

Elas acenaram alegremente para lady Caroline, que parecia absorta no que via e não deu atenção, e virando-se, assustaram-se com a empregada da noite anterior bem atrás delas, que tinha surgido sem um ruído, com chinelos de pano com solado de barbante.

O nome dela era Francesca, a empregada idosa que segundo o proprietário trabalhava lá havia anos, e cuja presença tornava desnecessário se preocuparem com a despensa. Depois de lhes desejar bom-dia e indagar se tinham dormido bem, ela disse que o café da manhã estava pronto na sala de jantar do andar abaixo, e que poderia levá-las até lá.

Elas não entenderam uma única palavra das muitas com as quais Francesca se expressou de forma simples, mas a seguiram, pois pelo menos ficou claro que deveriam acompanhá-la. Descendo as escadas, ao longo do amplo salão semelhante ao de cima, exceto pelas portas de vidro no final em vez de uma janela que dava para o jardim, foram conduzidas até a sala de jantar; onde, sentada à cabeceira da mesa, tomando seu café da manhã, estava a sra. Fisher.

Desta vez, ambas exclamaram, embora a exclamação da sra. Arbuthnot fosse apenas um “Ah!”.

A sra. Wilkins foi mais enfática.

— Não posso acreditar que perdemos todas as oportunidades! — falou a sra. Wilkins.

— Como vai? — disse a sra. Fisher. — Não consigo me levantar por causa da minha bengala. — E estendeu a mão sobre a mesa.

Elas avançaram e a cumprimentaram.

— Não tínhamos ideia de que a senhora já estava aqui — disse a sra. Arbuthnot.

— Sim — disse a sra. Fisher, retomando seu café da manhã. — Sim, eu estou aqui. — E com compostura, ela retirou a parte de cima de seu ovo.

— É uma grande decepção — resmungou a sra. Wilkins. — Tínhamos planejado lhe dar uma recepção tão calorosa.

Essa é aquela que disse ter visto Keats em Prince of Wales Terrace, lembrou-se a sra. Fisher, dando uma breve olhada na mulher. Precisaria ter cuidado com ela... contê-la desde o início.

Portanto, ignorou a sra. Wilkins e disse com a voz grave, o semblante tranqüilo voltado para o ovo:

— Sim. Cheguei ontem com lady Caroline.

— É realmente terrível — repetiu a sra. Wilkins, como se não tivesse sido ignorada. — Não há mais ninguém para receber apropriadamente agora. Que frustração! Sinto como se tivessem tirado o doce da minha boca bem quando eu estava prestes a degustá-lo.

— Gostaria de se sentar? — perguntou a sra. Fisher encarando a sra. Arbuthnot; a comparação com o doce lhe pareceu muito desagradável.

— Ah, obrigada — disse a sra. Arbuthnot, sentando-se ao lado dela.

Havia apenas dois lugares onde ela poderia se sentar, um de cada lado da sra. Fisher. Portanto, ela escolheu um e a sra. Wilkins se sentou em frente a ela.

A sra. Fisher estava na cabeceira da mesa. O café e o chá foram servidos ao redor dela. Claro que estavam compartilhando San Salvatore igualmente, mas fora ela e Lotty que haviam encontrado, alugado, e escolhido acolher a sra. Fisher na viagem delas, refletiu a sra. Arbuthnot. Sem elas, a sra. Fisher não estaria ali. Moralmente, a sra. Fisher era uma convidada. Não havia anfitriã, mas supondo que houvesse, não seria a sra. Fisher nem lady Caroline, seria ela mesma ou Lotty. A sra. Arbuthnot não pôde deixar de sentir isso enquanto se sentava, e a sra. Fisher, com a mão que Ruskin havia apertado suspensa sobre as xícaras diante dela, perguntou: “Chá ou café?”. Ela não pôde deixar de sentir isso com ainda mais clareza quando a sra. Fisher tocou um pequeno gongo na mesa ao seu lado, como se estivesse acostumada com aquele gongo e aquela mesa desde sempre, e, quando Francesca surgiu, ordenou-lhe no idioma de Dante que trouxesse mais leite. Havia um ar curioso sobre a necessidade de posse da sra. Fisher, pensou a sra. Arbuthnot; e se ela mesma não estivesse tão feliz, talvez se incomodasse com isso.

A sra. Wilkins também reparou, mas sua mente estava pensando em cucos. Ela sem dúvida teria começado a falar de cucos, de forma incoerente,

incontrolável e lamentável, se estivesse tão nervosa e tímida como na última vez em que viu a sra. Fisher. Mas a felicidade tinha acabado com a timidez — ela estava muito serena; conseguia controlar a própria língua; não precisava ficar horrorizada ao perceber que estava dizendo coisas sem saber por quê; ela estava completamente à vontade. A decepção de não poder preparar uma recepção para a sra. Fisher evaporou logo, pois era impossível continuar decepcionada no paraíso. Nem se importou com a senhora comportando-se como anfitriã. O que importava? Não devia se incomodar com esse tipo de coisa no paraíso. Ela e a sra. Arbuthnot, portanto, sentaram-se mais dispostas do que nunca, uma de cada lado da sra. Fisher, e o sol, entrando pelas duas janelas voltadas para o leste, através da baía, inundava o cômodo, e havia uma porta aberta que levava ao jardim repleto de coisas adoráveis, especialmente frésias.

O aroma delicado e delicioso das frésias entrava pela porta e fluía ao redor das narinas extasiadas da sra. Wilkins. As frésias estavam completamente fora de seu alcance em Londres. Às vezes, ela entrava em uma loja e perguntava quanto custavam, apenas para ter uma desculpa para levantar um buquê e cheirá-lo, sabendo muito bem que o valor era um absurdo, como um xelim por três flores. Aqui elas estavam por toda parte — brotando em cada canto e cobrindo os canteiros. Imagine... ter frésias para colher em braçadas se quisesse, e com um sol glorioso inundando o cômodo e banhando seu vestido de verão. E ainda era apenas o primeiro dia de abril!

— Suponho que tenha percebido que chegamos ao paraíso, não é? — disse ela, irradiando para a sra. Fisher toda a familiaridade de um anjo amigo.

Elas são consideravelmente mais jovens do que eu tinha suposto e não tão simples quanto eu imaginei, pensou a sra. Fisher. E refletiu por um momento, enquanto ignorava a exuberância da sra. Wilkins, sobre a recusa instantânea e agitada delas em dar ou aceitar referências naquele dia na *Prince of Wales Terrace*.

Nada poderia afetá-la, é claro; nada do que qualquer um fizesse. Ela era uma senhora muito respeitável. A seu lado, em uma fileira imensa, estavam os três grandes nomes que ela havia oferecido, e não eram os únicos a quem ela poderia recorrer para lhe dar apoio e respaldo. Mesmo que essas jovens mulheres — ela não tinha motivos para acreditar que a que estava no jardim era realmente lady Caroline Dester, ela apenas ouvira dizer que era — revelassem ser o que Browning costumava chamar — como ela se lembrava bem de sua forma divertida e encantadora de expressar as coisas — de aventureiras, o que poderia importar para ela? Deixe-as se aventurarem se quiserem. Não se chega aos 65 anos à toa. De qualquer forma, seriam apenas quatro semanas, ao fim das quais ela não as veria mais. E, enquanto isso, havia muitos lugares onde ela poderia se sentar tranquilamente longe delas e recordar. Além disso, havia sua própria sala de estar, uma sala encantadora,

toda mobiliada em tons de mel e com quadros, janelas voltadas para o mar em direção a Gênova, e uma porta que se abria para as ameias. A casa possuía duas salas de estar, e ela havia explicado para aquela bela criatura, lady Caroline — certamente uma criatura bonita, seja lá o que mais fosse; Tennyson teria gostado de levá-la para passear nas colinas — que parecia inclinada a se apropriar da sala em tons de mel, uma vez que, por causa da bengala, precisava de um pequeno refúgio inteiramente para si.

— Ninguém quer ver uma velha se arrastando por todo lado — dissera ela. — Ficarei bastante satisfeita em passar a maior parte do meu tempo sozinha aqui ou sentada nessas convenientes ameias.

Ela tinha um quarto muito agradável também; ele tinha vista dupla, através da baía, para o sol da manhã — gostava do sol da manhã — e para o jardim. Havia apenas dois desses quartos com vistas duplas, como ela e lady Caroline descobriam, e eles eram de longe os mais arejados. Cada um tinha duas camas, e elas haviam mandado remover imediatamente as camas extras e colocá-las em dois dos outros quartos. Dessa forma, havia muito mais espaço e conforto. Lady Caroline, de fato, transformara o dela em um quarto com dois ambientes, quarto e sala de estar, com o sofá retirado da sala maior e a escrivaninha e a cadeira mais confortável, mas nem precisava ter feito isso porque tinha sua própria sala de estar, equipada com o necessário. Em um primeiro momento, lady Caroline havia pensado em pegar a maior sala de estar inteiramente para si, porque a sala de jantar no andar abaixo poderia muito bem ser usada entre as refeições pelas outras, e era um cômodo muito agradável, com cadeiras confortáveis, mas não gostara da forma da sala maior — era um cômodo redondo, na torre, com janelas profundas embutidas nas paredes maciças, e um teto em cúpula e nervurado disposto para assemelhar-se a um guarda-chuva aberto, e parecia um pouco escuro. Sem dúvida, lady Caroline havia lançado olhares cobiçosos para a sala em tons de mel, e se a sra. Fisher tivesse sido menos firme, teria se instalado lá. O que teria sido absurdo.

— Espero que seu quarto seja confortável — disse a sra. Arbuthnot, sorrindo ao tentar transmitir à sra. Fisher que, embora a senhora não fosse exatamente uma hóspede, certamente não era de forma alguma uma anfitriã.

— Bastante — respondeu a sra. Fisher. — Gostaria de mais café?

— Não, obrigada. E a senhora?

— Não, obrigada. Havia duas camas no meu quarto, ocupando espaço desnecessário, então mandei tirar uma. Ficou muito melhor.

— Ah, por isso tem duas camas no meu quarto! — exclamou a sra. Wilkins, iluminada; a segunda cama em sua pequena cela parecera um objeto que não pertencia àquele espaço desde o momento em que a viu.

— Não instruí para tal — disse a sra. Fisher, dirigindo-se à sra.

Arbuthnot —, apenas pedi a Francesca para removê-la.

— Também há duas camas no meu quarto — disse a sra. Arbuthnot.

— A segunda deve ser de lady Caroline. Ela também mandou tirar a dela — disse a sra. Fisher. — Parece tolice ter mais camas do que ocupantes em um quarto.

— Mas nós também não viemos com nossos respectivos maridos — disse a sra. Wilkins —, e não vejo utilidade em camas extras em nossos quartos se não temos maridos para usá-las. Não podemos mandar tirá-las também?

— Camas — disse a sra. Fisher friamente — não podem ser removidas de um quarto para outro. Elas devem permanecer em algum lugar.

As observações da sra. Wilkins pareciam persistentemente desagradáveis para a sra. Fisher. Cada vez que ela abria a boca, dizia algo que seria melhor não ter dito. Conversas sobre maridos nunca foram encorajadas no círculo da sra. Fisher. Nos anos 1880, quando ela florescia como mulher, os maridos eram levados a sério, como os únicos obstáculos reais ao pecado. Camas também, se tivessem que ser mencionadas, eram abordadas com cautela; e uma reserva decente evitava que elas e os maridos fossem mencionados na mesma frase.

Ela se virou mais enfática do que nunca para a sra. Arbuthnot.

— Deixe-me lhe servir mais um pouco de café — ofereceu ela.

— Não, obrigada. Mas a senhora não gostaria de mais uma xícara?

— De jeito nenhum. Nunca tomo mais do que duas xícaras no café da manhã. Gostaria de uma laranja?

— Não, obrigada. E a senhora?

— Não, não como frutas no café. É uma moda americana que estou velha demais para adotar. Está satisfeita?

— Sim. E a senhora?

A sra. Fisher hesitou antes de responder. Será que isso era um hábito, esse truque de responder a uma pergunta simples com a mesma pergunta? Se fosse, deveria ser controlado, pois ninguém conseguiria viver por quatro semanas com conforto ao lado de alguém que tivesse um hábito desse tipo.

Ela olhou para a sra. Arbuthnot, e seu cabelo repartido e seu semblante suave a tranquilizaram. Não; era o acaso, não o hábito, que produzia esses ecos. Poderia imaginar uma pomba tendo os mesmos hábitos cansativos da sra. Arbuthnot. Ela teria sido uma esposa esplêndida para o pobre Carlyle, refletiu. Muito melhor do que Jane, aquela mulher horrível e inteligente. Ela o teria acalmado.

— Então, vamos? — sugeriu.

— Deixe-me ajudá-la a se levantar — ofereceu a sra. Arbuthnot, com consideração.

— Oh, obrigada... eu consigo me levantar. Nem sempre minha bengala me impede.

A sra. Fisher se levantou com bastante facilidade; a sra. Arbuthnot havia pairado sobre ela à toa.

— Eu vou pegar uma dessas laranjas magníficas — disse a sra. Wilkins, ficando onde estava e esticando o braço até uma tigela preta cheia delas. — Rose, como você consegue resistir a elas? Veja... pegue esta beleza aqui. — E ofereceu uma das grandes.

— Não, vou cuidar dos meus afazeres — disse a sra. Arbuthnot, indo em direção à porta. — Vai me perdoar por deixá-la, não? — ela acrescentou educadamente para a sra. Fisher.

A sra. Fisher também se dirigiu à porta, com bastante facilidade, quase depressa; sua bengala não a atrapalhava em nada. Ela não tinha intenção de ficar com a sra. Wilkins.

— A que horas gostaria de almoçar? — perguntou a sra. Arbuthnot, tentando manter sua posição pelo menos como uma não-hóspede, se não exatamente como anfitriã.

— O almoço é ao meio-dia e meia — disse a sra. Fisher.

— Assim será, então — disse a sra. Arbuthnot. — Vou avisar a cozinheira. Será uma grande luta — continuou ela, sorrindo —, mas eu trouxe um pequeno dicionário...

— A cozinheira está ciente — disse a sra. Fisher.

— Ah — disse a sra. Arbuthnot.

— Lady Caroline já informou a ela — disse a sra. Fisher.

— Ah — repetiu a sra. Arbuthnot.

— Sim. Lady Caroline fala o tipo de italiano que as cozinheiras entendem. Eu sou impedida de ir à cozinha por causa da minha bengala. E mesmo que eu pudesse ir, temo que não seria compreendida.

— Mas... — começou a sra. Arbuthnot.

— Mas isso é mesmo maravilhoso — a sra. Wilkins completou por ela, encantada com essas facilidades inesperadas em suas vidas. — Porque assim nós não temos absolutamente nada para fazer aqui, exceto sermos felizes. Você não acreditaria — ela disse, virando a cabeça e falando diretamente para a sra. Fisher, com porções de laranja em ambas as mãos —

quão terrivelmente boas Rose e eu temos sido por anos a fio, e quanto precisamos de um merecido descanso.

E a sra. Fisher, saindo da sala sem responder, disse para si mesma:

— Ela deve, ela será contida.

Capítulo 8

Então quando, sem qualquer obrigação, a sra. Wilkins e a sra. Arbuthnot saíram e desceram os degraus de pedra desgastados sob a pérgola para o jardim inferior, a sra. Wilkins disse à sra. Arbuthnot, que parecia pensativa:

— Você não entende que se outra pessoa organizar as coisas, isso nos liberta?

A sra. Arbuthnot disse que entendia, mas ainda assim achava um pouco tolo terem tirado tudo de suas mãos.

— Adoro que tirem as coisas das minhas mãos — respondeu a sra. Wilkins.

— Mas nós encontramos San Salvatore — disse a sra. Arbuthnot —, e é meio tolo a sra. Fisher se comportar como se o lugar pertencesse apenas a ela.

— Tolice é se importar — disse a sra. Wilkins com muita serenidade. — Ter autoridade não compensa o preço da sua liberdade.

A sra. Arbuthnot não disse nada por duas razões: primeiro, porque ficou impressionada com a notável e crescente calma da outrora incoerente e enérgica Lotty, e segundo, porque a visão que tinha dali era muito bonita.

Todos os degraus de pedra em ambos os lados estavam cobertos de violetas em plena floração, e agora ela podia ver o que havia apanhado na noite anterior e roçado, molhado e perfumado, em seu rosto. Eram glicínias. Glicínias e sol... ela se lembrou do anúncio. Estavam ambos em profusão de fato. As glicínias se enrolavam sobre si mesmas em seu excesso de vida, florescendo; e onde a pérgola terminava, o sol brilhava sobre gerânios escarlates, arbustos repletos deles, e capuchinhas em grandes montes, e cravos-de-defunto tão brilhantes que pareciam estar queimando, e bocas-de-leão vermelhas e rosadas, todos se superando em cores brilhantes e intensas. O terreno atrás desses elementos flamejantes descia para o mar, cada terraço um pequeno pomar, onde entre as oliveiras cresciam vinhas em treliças, figueiras, pessegueiros e cerejeiras. As cerejeiras e pessegueiros estavam em flor — lindos chuveiros de branco e rosa profundo entre a delicadeza trêmula das oliveiras; as folhas de figueira eram apenas grandes o suficiente para cheirar a figos, os botões das vinhas apenas começavam a se mostrar. E sob essas árvores havia grupos de íris azuis e roxas, arbustos de lavanda, cactos cinzentos e afiados, a grama espessa com dentes-de-leão e margaridas, e bem lá embaixo estava o mar. A cor parecia lançada de todos os jeitos e lugares; todos os tipos de cores amontoadas, derramando-se em rios — as violetas pareciam exatamente como se estivessem sendo derramadas dos dois lados dos degraus — e flores que crescem apenas na fronteira da Inglaterra estavam

ali, como as grandes íris azuis e a lavanda, cercadas por outras flores comuns e pequenas, como dentes-de-leão, margaridas e cebola selvagem, e pareciam melhores e mais exuberantes por causa disso.

Elas ficaram contemplando essa imensidão de beleza, essa confusão feliz, em silêncio. Não, não importava o que a sra. Fisher fizesse; não aqui; não em meio a tamanha beleza. O desconforto da sra. Arbuthnot se dissipou. No calor e na luz do que estava vendo, do que para ela era uma manifestação, um lado inteiramente novo de Deus, como poderia se sentir desconfortável? Se ao menos Frederick estivesse com ela, vendo tudo aquilo também, como quando eram apaixonados, nos dias em que ele via o que ela via e amava o que ela amava...

Ela suspirou.

— Não se suspira no paraíso — disse a sra. Wilkins. — Não faça isso.

— Eu estava pensando em como desejaria compartilhar isso com quem eu amo — disse a sra. Arbuthnot.

— Não há desejos no paraíso — disse a sra. Wilkins. — Você deveria estar se sentindo completamente satisfeita. Aqui é o paraíso, não é, Rose? Veja tudo isso reunido... os dentes-de-leão e as íris, o vulgar e o superior, eu e a sra. Fisher... todos bem-vindos, todos misturados de qualquer maneira, e todos tão felizes e divertindo-se.

— A sra. Fisher não parece feliz... pelo menos não demonstra — disse a sra. Arbuthnot, sorrindo.

— Ela demonstrará em breve, você verá.

A sra. Arbuthnot respondeu que não acreditava que, após uma certa idade, as pessoas mudassem.

A sra. Wilkins retrucou que estava certa de que ninguém, por mais velho e resistente que fosse, seria capaz de resistir aos efeitos da beleza perfeita. Em alguns dias, talvez apenas horas, veriam a sra. Fisher explodindo em exuberância.

— Tenho certeza de que chegamos ao paraíso, e uma vez que a sra. Fisher perceba onde está, ela certamente mudará. Você vai ver. Ela vai se tornar mais flexível e será capaz de se adaptar, e nós até podemos... ora, eu não ficaria surpresa se acabarmos gostando bastante dela — disse a sra. Wilkins.

Imaginar a sra. Fisher explodindo de felicidade, logo ela que parecia tão presa a suas convicções, fez a sra. Arbuthnot rir. Ela absolveu a maneira descontraída como Lotty falava sobre o céu, porque em um lugar como esse, em uma manhã como aquela, a absolvição estava no ar. Além disso, que desculpa havia.

E lady Caroline, sentada na mureta onde a tinham deixado antes do café da manhã, espiou quando ouviu as risadas, viu-as de pé na trilha abaixo, e pensou na glória de estarem rindo lá em vez de terem ido até ela para fazer isso. Ela não gostava de piadas em momento nenhum, mas de manhã as detestava; especialmente de perto; especialmente invadindo seus ouvidos. Ela esperava que *as originais* estivessem indo caminhar, e não voltando de uma caminhada. Elas riam cada vez mais. Do que riam tanto?

Ela encarou suas cabeças com uma expressão muito séria, pois a ideia de passar um mês com pessoas tão alegres era terrível. E como se sentissem que eram observadas, elas se viraram subitamente e olharam para cima.

A terrível cordialidade daquelas senhoras...

Ela se esquivou dos sorrisos e acenos, mas não conseguiria se afastar da vista delas sem cair nos lírios. Ela nem sorriu nem acenou de volta, e virando os olhos para as montanhas mais distantes, examinou-as cuidadosamente até que as duas, cansadas de acenar, afastaram-se ao longo da trilha, viraram a esquina e desapareceram.

Desta vez, ambas notaram que, no mínimo, foram deixadas sem resposta.

— Se não estivéssemos no paraíso — observou a sra. Wilkins serenamente —, eu diria que fomos desprezadas, mas como não há desprezo no paraíso, é claro que deve ter sido outra coisa.

— Talvez ela esteja infeliz — sugeriu a sra. Arbuthnot.

— Seja lá o que for, aqui ela vai superar isso — disse a sra. Wilkins com convicção.

— Deveríamos tentar ajudá-la — ponderou a sra. Arbuthnot.

— Oh, mas não há ajuda no paraíso. Isso acaba aqui. Você não tenta ser ou fazer. Você simplesmente é.

Bem, a sra. Arbuthnot não entraria nesse assunto — não naquele lugar, nem naquele momento. O vigário, ela sabia, teria qualificado o discurso de Lotty como leviano, ou até mesmo de profano. Como ele parecia velho daqui; um velho, velho vigário.

Elas deixaram o caminho e desceram pelas terras de oliveiras, descendo cada vez mais até chegarem ao fundo, onde o mar quente e sonolento se erguia suavemente entre as rochas. Lá, um pinheiro crescia perto da água; elas se sentaram embaixo dele, e a poucos metros havia um barco de pesca, o casco verde na água. As ondas do mar faziam pequenos ruídos borbulhantes a seus pés. Elas semicerraram os olhos para vislumbrar o clarão de luz além da sombra da árvore. Soprava em seus rostos o cheiro quente das agulhas de pinheiro e dos amontoados de tomilho selvagem que acolchoavam

os espaços entre as rochas, e, às vezes, o aroma doce como mel de um grupo de íris vibrantes atrás delas, sob o sol. Tão logo, a sra. Wilkins tirou os sapatos e as meias e deixou os pés na água. Depois de observá-la por um minuto, a sra. Arbuthnot fez o mesmo. A felicidade delas estava completa. Os maridos não as teriam reconhecido. Elas pararam de falar. Deixaram de mencionar o paraíso. Apenas aceitaram.

Enquanto isso, lady Caroline, na mureta, estava considerando sua posição. Era deliciosa a vista do jardim pelo topo do muro, mas o local não era seguro e estava exposto a interrupções. A qualquer momento, as outras poderiam querer usá-lo, porque tanto o corredor quanto a sala de jantar tinham portas que se abriam diretamente para onde estava. *Talvez pudesse dar um jeito para que fosse exclusivamente meu*, pensou lady Caroline. A sra. Fisher tinha as ameias encantadoras, e uma torre de vigia só para ela, além de ter arrebatado o único cômodo realmente agradável da casa. Havia muitos lugares para *as originais* irem — ela mesma tinha visto pelo menos outros dois pequenos jardins, e a colina onde o castelo ficava era, em si, um jardim, com trilhas e bancos. Por que este não poderia ser o único local exclusivamente dela? Ela gostava dali; mais do que de todos os outros lugares. Tinha a árvore-de-judas e um pinheiro-manso, as frésias e os lírios, um tamarisco começando a se tingir de rosa, a conveniente mureta para se sentar, as paisagens mais surpreendentes — a leste, a baía e as montanhas, ao norte, a vila além da água verde clara e tranquila do pequeno porto e as colinas pontilhadas de casas brancas e pomares de laranjeiras, e a oeste estava o estreito trecho de terra pelo qual San Salvatore estava ligado ao continente, e depois o mar aberto e a linha costeira além de Gênova, estendendo-se para a névoa azul da França. Sim, ela diria que queria ter isso apenas para si. Era sensato que cada uma delas tivesse um lugar especial onde pudessem ficar sozinhas. Era essencial para seu conforto que pudesse estar separada, sozinha, em silêncio. As outras também deveriam gostar mais disso. Por que se agrupar? Já faziam isso o tempo todo na Inglaterra, com os parentes e amigos — ah, havia tantos! — pressionando-a continuamente. Tendo escapado com sucesso de todos por quatro semanas, por que continuar se amontoando, ainda mais com pessoas que mal conhecia?

Ela acendeu um cigarro, começando a se sentir segura. As duas tinham saído para uma caminhada. Não havia sinal da sra. Fisher. Isso era muito agradável.

Alguém saiu pelas portas de vidro assim que ela deu uma tragada profunda, cheia de confiança. Certamente não poderia ser a sra. Fisher querendo se sentar com ela. A sra. Fisher tinha suas ameias. Ela deveria ficar por lá, tendo as reivindicado. Seria muito cansativo se além das ameias e da sala de estar, ela também quisesse se estabelecer neste jardim.

Não; não era a sra. Fisher, era a cozinheira.

Lady Caroline franziu o cenho. Teria que continuar decidindo sobre a comida? Certamente uma daquelas duas que gostavam de acenar fariam isso agora.

A cozinheira, que estivera esperando na cozinha, cada vez mais ansiosa, observando a hora do almoço se aproximar, sem que tivesse recebido instruções sobre o que deveria servir, finalmente decidiu ir até a sra. Fisher, que imediatamente a dispensou. Ela então vagou pela casa, procurando uma das senhoras, qualquer senhora, que lhe dissesse o que cozinhar, e não encontrou nenhuma; por fim, dirigida por Francesca, que sempre sabia onde todos estavam, foi até lady Caroline.

Domenico tinha providenciado essa cozinheira. Ela se chamava Costanza, irmã de um de seus primos que mantinha um restaurante na praça. Ela ajudava o irmão na cozinha quando não tinha trabalho, e conhecia todo tipo de prato italiano suculento e misterioso, como os que os trabalhadores de Castagneto, que lotavam o restaurante ao meio-dia, e os habitantes de Mezzago adoravam comer quando vinham aos domingos. Ela era uma solteirona magra, de 50 anos, cabelo grisalho, ágil, rica de palavras, e considerou lady Caroline mais bonita do que qualquer pessoa que já tinha visto; o mesmo pensava Domenico, e o menino Giuseppe, seu sobrinho e ajudante; a menina Angela, que ajudava Francesca e era sobrinha de Domenico; e concordava Francesca. Domenico e Francesca, os únicos que as tinham visto, acharam as duas senhoras que chegaram por último muito bonitas, mas em comparação com a bela jovem que chegou primeiro, elas eram como velas para a luz elétrica recentemente instalada, e como as banheiras de lata nos quartos para o maravilhoso banheiro novo que seu mestre tinha mandado reformar na última visita.

Lady Caroline franziu o cenho para a cozinheira. A expressão, porém, como de costume, foi transformada em algo belo, e Costanza ergueu as mãos para o alto e invocou os santos em voz alta para testemunhar que ali estava a própria imagem da Mãe de Deus.

Nervosa, lady Caroline perguntou-lhe bruscamente o que ela queria, e a cabeça de Costanza se inclinou para o lado, deliciando-se com a melodiosa voz daquela dama. Ela disse, após esperar um momento para ver se a música continuaria, pois não desejava perder nenhum momento dela, que queria receber ordens; ela havia ido à mãe da *Signorina*, mas em vão.

— Ela não é minha mãe — repudiou lady Caroline, zangada; e sua raiva soou como o lamento de uma órfã.

Costanza se derramou em piedade. Ela também não tinha mãe, explicou.

Bruscamente, lady Caroline a interrompeu com a informação de que sua mãe estava viva, mas em Londres.

Costanza louvou a Deus e aos santos pelo fato de a jovem ainda não saber como é estar sem mãe neste mundo. Muito rapidamente as desgraças alcançam alguém; sem dúvida a jovem já tinha um marido.

— Não — respondeu lady Caroline com frieza. Pior do que piadas matinais, ela odiava a ideia de maridos. E todos estavam sempre tentando pressioná-la... todos os seus parentes, amigos, todos os jornais. Afinal, ela só podia se casar com um, de qualquer maneira; mas, pelo modo como todos falavam, especialmente os candidatos a maridos, parecia que ela poderia se casar com pelo menos uma dúzia.

Sua negação, suave e patética, fez com que Costanza, que estava perto dela, transbordasse empatia.

— Pobrezinha — disse Costanza, realmente comovida, enquanto dava um tapinha encorajador em seu ombro —, tenha esperança. Ainda há tempo.

— Para o almoço — disse lady Caroline gelidamente, assustada por ter sido tocada, ela que havia se esforçado tanto para vir a um lugar, remoto e escondido, onde pudesse ter certeza de que, entre outras coisas de natureza opressiva, não haveria esses gestos e toques —, vamos ter...

Costanza assumiu a postura profissional. Ela a interrompeu com sugestões, todas admiráveis e caras.

Lady Caroline não sabia que eram caras e concordou imediatamente. Pareciam muito boas. Todos os tipos de vegetais e frutas frescas faziam parte dos pratos, além de muita manteiga, uma grande quantidade de nata e um número incrível de ovos. Ao final, como um tributo a concordância da lady, Costanza disse entusiasticamente que entre as muitas senhoras e cavalheiros para quem ela havia trabalhado, os ingleses eram seus favoritos. Mais do que favoritos... ela os venerava. Pois sabiam o que pedir; não economizavam; e eram educados com os pobres.

Com isso, lady Caroline concluiu que tinha sido extravagante e pediu para cancelar a nata.

O rosto de Costanza desmoronou, pois ela tinha um primo que tinha uma vaca, e a nata viria de lá.

— E talvez seja melhor cancelar as galinhas — disse lady Caroline.

Costanza ficou ainda mais decepcionada, pois seu irmão que era dono de um restaurante, criava galinhas no quintal e muitas delas estavam prontas para serem abatidas.

— Também não peça morangos até que eu tenha consultado as outras senhoras — disse lady Caroline, lembrando que ainda era 1º de abril, e que talvez as pessoas que moravam em Hampstead fossem ser pobres; de fato, deviam ser pobres, senão por que morariam em Hampstead? — Não sou eu

quem dá ordens aqui.

— É a mais velha? — perguntou Costanza, ansiosa.

— Não — disse lady Caroline.

— Qual das outras duas senhoras, então?

— Nenhuma delas — disse lady Caroline.

Então os sorrisos de Costanza voltaram, pois a jovem estava se divertindo com ela, fazendo piadas. Costanza disse isso com seu jeito italiano amigável, e ficou genuinamente encantada.

— Eu nunca faço piadas — respondeu lady Caroline, breve. — É melhor você ir, ou o almoço certamente não estará pronto até o meio-dia e meia.

E essas palavras teoricamente bruscas saíram tão doces que Costanza sentiu como se a lady tivesse feito gentis elogios, esqueceu sua decepção com a nata e as galinhas, e foi embora agradecida e sorridente.

Isso não vai dar certo, pensou lady Caroline. *Eu não vim aqui para ser dona de casa, e não serei.*

Ela chamou Costanza de volta. Costanza voltou apressada. O som de seu nome naquela voz a encantava.

— Eu pedi o almoço para hoje — disse lady Caroline, com a expressão angelical e séria que tinha quando ficava irritada —, e o jantar também, mas a partir de agora você irá a uma das outras senhoras para receber ordens. Não venha mais até mim.

A ideia de que ela continuaria dando ordens era absurda demais. Ela nunca dava ordens em casa. Lá, ninguém sonhava em pedir que fizesse coisa alguma. Era ridículo que essa atividade tão cansativa fosse imposta a ela aqui simplesmente porque sabia falar italiano. Deixe *as originais* darem ordens, se a sra. Fisher se recusasse. A sra. Fisher, é claro, era aquela destinada a tal propósito. Ela exalava o ar de uma governanta competente. Ela se vestia como uma governanta, e até seu penteado era como o de uma.

Depois de dar seu ultimato sincero, que se tornou doce no meio do caminho, e acompanhá-lo com um gesto peremptório de dispensa que tinha a graça e a bondade de uma bênção, era irritante que Costanza ficasse simplesmente parada, com a cabeça inclinada, olhando para ela em óbvia admiração.

— Ah, vá embora! — exclamou lady Caroline em inglês, subitamente exasperada.

Naquela manhã, surgiu uma mosca em seu quarto que a perseguiu tanto quanto Costanza; apenas uma, mas que foi como um enxame, de tão

irritante, desde o amanhecer. Estava determinada a pousar em seu rosto, e ela não permitiria. Sua persistência era assustadora. A mosca a acordou e não deixou que voltasse a dormir. Lady Caroline tentou acertá-la, e ela a evitou sem barulho ou esforço e com uma bondade quase visível, de forma que só acertou a si mesma. A mosca voltou instantaneamente e, com um zumbido alto, pousou em sua bochecha. Tentou acertá-la mais uma vez e se machucou, enquanto a mosca escapava graciosamente. Ela perdeu a paciência, sentou-se na cama e esperou, observando para atingi-la e matá-la. Continuou a tentar acertá-la com fúria e com toda a sua força, como se fosse um inimigo real deliberadamente tentando enlouquecê-la; mas a mosca escapava elegantemente de seus golpes, nem mesmo irritada, voltando no instante seguinte. A mosca conseguiu pousar em seu rosto incontáveis vezes, completamente indiferente à quantidade de vezes que era afastada. Por isso lady Caroline se vestiu e saiu tão cedo. Francesca já tinha sido instruída a colocar um dossel em sua cama, pois ela não ia permitir ser incomodada de novo. As pessoas eram exatamente como moscas. Ela desejava que houvesse mosquiteiros para mantê-las afastadas também. Tentava acertá-las com palavras e franzindo a testa, e como a mosca, elas escapavam de seus golpes e ficavam intocadas. Pior do que a mosca, nem sequer pareciam cientes de que ela tinha tentado acertá-las. A mosca, pelo menos, ia embora em algum momento. Mas a única maneira de se livrar dos seres humanos era ela mesma ir embora. Foi o que fez neste abril, tamanho seu cansaço; e tendo chegado em San Salvatore, pareceu que também não seria deixada em paz.

Vista de Londres, San Salvatore parecia um vazio, um delicioso espaço desocupado. No entanto, após apenas vinte e quatro horas lá, estava descobrindo que não era assim, afinal, e que ela precisaria se proteger como sempre fazia. Já havia sido muito incomodada. No dia anterior, a sra. Fisher tinha ficado grudada nela a maior parte do tempo, e esta manhã não houve paz, nem dez minutos sem interrupções.

Costanza, é claro, finalmente teve que ir embora porque tinha que cozinhar, mas assim que ela saiu, Domenico apareceu. Ele veio regar e cuidar das plantas. Naturalmente, já que era o jardineiro, mas ele regava e amarrava todas as plantas e flores que estavam mais próximas dela; ficava cada vez mais perto; regava sem parar; amarrava plantas que estavam tão retas e firmes quanto flechas. Bem, pelo menos ele era um homem, e, portanto, não era tão irritante, e seu bom-dia alegre foi recebido com um sorriso em resposta; o que fez Domenico se esquecer de sua família, sua esposa, sua mãe, seus filhos já adultos e de todos os seus deveres, pois só queria beijar os pés da jovem dama.

Infelizmente, ele não podia fazer isso, mas podia falar enquanto trabalhava, e assim o fez; falou sem parar; despejando todo tipo de informação, ilustrando o que dizia com gestos tão vivos que tinha que largar o regador, atrasando o fim da rega.

Lady Caroline suportou por um tempo, mas logo não aguentou mais, e como ele não ia embora, e ela não podia dispensá-lo, visto que ele estava envolvido em seu trabalho, mais uma vez foi ela quem teve que agir.

Desceu da mureta e foi para o outro lado do jardim, onde havia algumas cadeiras de vime confortáveis e baixas perto de um gazebo de madeira. Tudo que ela queria era virar uma dessas cadeiras de costas para Domenico e de frente para o mar em direção a Gênova. Um desejo tão simples. Ela poderia ter feito isso. Mas ele, que observava cada movimento dela, quando a viu se aproximando das cadeiras, seguiu-a, pegando uma e perguntando onde deveria colocá-la.

Será que as pessoas nunca iriam parar de querer servi-la, de acomodá-la, de questioná-la sobre onde queria que as coisas fossem colocadas, de ter que agradecer? Ela foi rude com Domenico, que instantaneamente concluiu que o sol lhe causara dor de cabeça, e correu para dentro para buscar um guarda-sol, uma almofada e um banquinho para os pés, e foi habilidoso, maravilhoso, era um verdadeiro cavalheiro por natureza.

Ela fechou os olhos em profunda resignação. Não podia ser indelicada com Domenico. Não podia se levantar e se retirar como teria feito se fosse uma das outras mulheres. Domenico era inteligente e muito competente. Ela imediatamente descobriu que era ele quem administrava a casa de verdade, quem fazia tudo. Suas maneiras eram definitivamente encantadoras, e ele sem dúvidas era uma pessoa cativante. Mas ela ansiava tanto a solidão. Se ao menos pudesse ficar completamente quieta neste único mês, sentia que talvez pudesse fazer algo a si mesma, afinal.

Ela fechou os olhos, porque então ele pensaria que ela queria dormir e iria embora.

A romântica alma italiana de Domenico se derreteu ao vê-la de olhos fechados, ainda mais encantadora. Ele ficou deslumbrado, completamente imóvel, e ela pensou que ele tivesse se afastado, então abriu os olhos novamente.

Não; lá estava ele, encarando-a. Até mesmo ele. Não havia como escapar de ser observada.

— Estou com dor de cabeça — disse ela, fechando-os novamente.

— É o sol — disse Domenico —, e por ficar sentada na mureta sem um chapéu.

— Quero dormir.

— *Sì signorina* — ele disse com simpatia; e foi embora em silêncio.

Ela abriu os olhos e soltou um suspiro de alívio. O fechar suave das portas de vidro revelou que ele não só tinha ido embora de vez, mas a tinha

trancado no jardim para que não fosse incomodada. Agora talvez ficasse sozinha até a hora do almoço.

Era muito curioso, e ninguém no mundo teria ficado mais surpresa do que ela, mas ela queria pensar. Nunca tinha sentido vontade de fazer isso. Tudo que era possível ser feito sem muito incômodo, ela já fizera ou quisera fazer em algum momento da vida, mas nunca sentiu vontade de pensar. Ela foi a San Salvatore com a única intenção de ficar quatro semanas deitada sob o sol, em um lugar onde seus pais e amigos não estivessem, envolta em esquecimento, movendo-se apenas para se alimentar, e depois de apenas algumas horas ali, esse estranho e novo desejo se apoderou dela.

O céu estrelado da noite anterior estava maravilhoso, e ela tinha saído para o jardim após o jantar, deixando a sra. Fisher sozinha com suas nozes e o vinho. Sentada na mureta, onde os topos fantasmagóricos dos lírios se amontoavam, ela encarou o abismo da noite, e de repente sentiu como se sua vida fosse feita de muito barulho em torno de nada.

Ficou muito surpresa. Sabia que estrelas e escuridão podiam causar emoções incomuns, porque ela já tinha visto acontecer com outras pessoas, mas nunca havia acontecido com ela mesma. Muito barulho em torno de nada. *Será que estou bem?*, perguntou-se. Fazia tempo que havia percebido que sua vida era um grande barulho, mas até então lhe parecera normal; era um barulho, de fato, tanto que ela sentia que precisava sair do alcance disso por um tempo ou ficaria completa, e talvez permanentemente, ensurdecida. Mas e se fosse apenas barulho em torno de nada?

Ela nunca se perguntara isso. E esse pensamento a fez se sentir solitária. Queria ficar sozinha, mas não queria ser uma pessoa solitária. Era muito diferente; era algo que doía e machucava terrivelmente lá no fundo. Era o que mais temia. Era o que fazia alguém ir a tantas festas; e ultimamente até as festas vez ou outra pareceram não ser uma proteção. Era possível que a solidão não tivesse nada a ver com as circunstâncias, mas com a maneira como alguém as enfrenta? *Talvez*, pensou, *fosse melhor ir para a cama*. Ela não devia estar muito bem.

Foi para a cama; e, de manhã, depois de escapar da mosca, tomar o jejum e sair novamente para o jardim, lá estava aquele mesmo sentimento de novo, à luz do dia. Mais uma vez, ela teve aquela suspeita um tanto repugnante de que sua vida até agora não apenas tinha sido barulhenta, mas vazia. Bem, se fosse assim, e se seus primeiros 28 anos — os melhores — tivessem passado apenas em um barulho sem sentido, era melhor parar um momento e olhar ao redor; fazer uma pausa, como diziam nos romances cansativos, e refletir. Não teria muitos outros 28 anos pela frente. Dali 28 anos já estaria muito parecida com a sra. Fisher. Em 56 anos, então... Ela desviou o olhar.

Sua mãe teria ficado preocupada se soubesse. Sua mãe a adorava. Seu pai também. Todo mundo a adorava. E quando, obstinadamente melódica, ela insistiu em ir passar um mês inteiro na Itália com pessoas desconhecidas que encontrou em um anúncio, recusando-se até mesmo a levar sua empregada, a única explicação que seus amigos conseguiram elaborar era que a pobre Pequenina — como era chamada entre eles — estava sobrecarregada e com os nervos aflorados.

Sua mãe ficou angustiada com a partida da filha. Era uma atitude tão estranha, um sinal de desapontamento. Ela concordou com a suposição geral de que ela estava à beira de um ataque de nervos. Se pudesse ver sua adorada Pequenina, mais agradável ao olhar do que qualquer outra filha no mundo, o objeto de seu maior orgulho, a fonte de todas as suas melhores esperanças, encarando o vazio do meio-dia no Mediterrâneo, considerando três possíveis cenários para os próximos 28 anos, teria ficado abalada. Viajar sozinha era ruim; pensar era ainda pior. Nada de bom poderia resultar dos pensamentos de uma bela jovem. Complicações poderiam surgir em profusão, mas nada além disso. Ponderar sobre a beleza estava destinado a resultar em hesitações, em relutâncias, em infelicidade por todos os lados. E se pudesse vê-la aqui, sua Pequenina, sentada e pensando bastante. E em tais coisas. Coisas tão antigas. Coisas nas quais ninguém nunca pensava até ter pelo menos 40 anos.

Capítulo 9

Uma das duas salas de estar que a sra. Fisher havia reservado para si era encantadora e charmosa. Ela a examinou com satisfação depois do café da manhã, e ficou contente por tê-la escolhido. O piso era de azulejos e as paredes pintadas em um tom de mel pálido, móveis marchetados em âmbar, e livros amarelados, muitos deles com capas de marfim ou verde-limão. Havia uma grande janela com vista para o mar em direção a Gênova, e uma porta de vidro pela qual ela podia sair para as ameias e caminhar ao longo da pitoresca e atraente torre de observação, que tinha uma sala com cadeiras e uma escrivaninha. Do outro lado da torre, as ameias terminavam em um banco de mármore, de onde se podia ver a baía oeste e o ponto em torno do qual começava o Golfo de La Spezia. Sua vista para o sul, entre esses dois trechos de mar, era outra colina, mais alta que San Salvatore, a última da pequena península, com as torres suaves de um castelo menor e desabitado no topo, onde o sol poente ainda brilhava quando tudo mais afundava nas sombras. Sim, ela estava muito bem estabelecida ali; uma espécie de vasos com flores — a sra. Fisher não examinou de perto, mas pareciam pequenos tanques de pedra, ou talvez pequenos sarcófagos — circundavam as ameias.

Essas ameias, pensou, seriam um lugar perfeito para ela andar nos momentos em que sentia menos necessidade da bengala, ou para se sentar no banco de mármore, depois de colocar uma almofada nele, se não houvesse, infelizmente, uma segunda porta de vidro abrindo para elas, destruindo sua privacidade, estragando sua sensação de que o lugar era apenas dela. A segunda porta pertencia à sala de estar redonda, que tanto ela quanto lady Caroline tinham recusado por ser muito escura. Aquela sala provavelmente seria usada pelas mulheres de Hampstead, e ela tinha medo de que elas não se limitassem a ficar por ali, mas saíssem pela porta de vidro, em vez disso, e invadissem suas ameias. Isso arruinaria o lugar. Ou mesmo se não fossem invadidas de fato, estariam sujeitas a serem bisbilhotadas por quem ocupasse a sala. Ninguém pode ficar perfeitamente à vontade ciente de que está sendo observado. O que ela queria, o que com certeza tinha direito, era privacidade. Não tinha o desejo de se meter entre as outras; por que, então, elas deveriam se meter com ela? Sempre poderia abaixar a guarda se, ao se familiarizar com suas companheiras, achasse que valia a pena abrir mão de sua privacidade, mas duvidava que qualquer uma das três a fizesse mudar de ideia sobre isso.

Quase nada realmente valia a pena, refletiu a sra. Fisher, exceto o passado. Era espantosa, era simplesmente surpreendente, a superioridade do passado em relação ao presente. Seus amigos em Londres, pessoas razoáveis e da mesma idade que ela, conheciam o mesmo passado, podiam falar sobre ele, podiam compará-lo como ela fazia com o presente tilintante, e ao se lembrar de grandes homens, esquecer-se por um momento dos jovens triviais e estereis

que ainda, apesar da guerra, pareciam encher o mundo em tão grande número. Não se afastara dessas amizades, amizades maduras e de boa conversa, para passar seu tempo na Itália conversando com três pessoas de outra geração e pouca vivência; ela tinha viajado apenas para evitar as traições do abril londrino. Era verdade o que dissera às duas mulheres quando estiveram em *Prince of Wales Terrace*, que tudo o que desejava fazer em San Salvatore era se sentar sozinha ao sol e recordar o passado. Sabiam disso, pois havia dito a elas. Seu desejo tinha sido claramente expresso e compreendido. Portanto, tinha o direito de esperar que ficassem dentro da sala de estar e não a importunassem em suas ameaças.

Mas elas realmente ficariam na sala de estar? A dúvida estragou sua manhã. Foi apenas perto da hora do almoço que ela encontrou uma maneira de estar completamente a salvo das companhias e, chamando Francesca, ordenou-lhe, em um italiano lento e majestoso, que fechasse as persianas da porta de vidro da sala de estar arredondada. Em seguida, dirigindo-se com ela para dentro do cômodo, a sra. Fisher observou a Francesca, que embora tivesse ficado mais escuro do que nunca, também ficaria agradavelmente fresco por causa da escuridão e, afinal, havia as inúmeras janelas estreitas nas paredes para deixar entrar a luz. Não era problema dela se elas não a deixassem entrar, ela mandou que colocassem um gabinete atrás da porta, do lado de dentro.

Isso as desencorajaria a sair.

Em seguida, chamou Domenico e o fez empurrar um dos sarcófagos cheios de flores apoiado na porta, do lado de fora.

Isso desencorajaria a entrada.

— Ninguém poderá usar a porta — disse Domenico, hesitante.

— Ninguém desejará fazê-lo — respondeu a sra. Fisher firmemente.

Ela, então, se retirou para sua sala de estar e, de uma cadeira colocada onde pudesse observar diretamente as ameaças, contemplou-as, agora com exclusividade e gozijo.

Estar hospedada ali, refletiu plácida, era muito mais barato do que ficar em um hotel e, se conseguisse manter as outras afastadas, seria infinitamente mais agradável. Ela estava pagando três libras por semana por seus quartos — quartos muito agradáveis, agora que estava instalada neles —, o que dava cerca de oito xelins por dia, ameaças, torre de vigia e tudo mais. No exterior, onde mais poderia viver tão bem por tão pouco e tomar quantos banhos quisesse por oito xelins ao dia? É claro que ela ainda não sabia quanto sua comida custaria, mas insistiria na prudência nesse aspecto, embora também insistisse que fosse uma prudência combinada com excelência. Algo que era perfeitamente factível se fosse feito da maneira certa. O salário dos empregados, ela havia constatado, eram insignificantes, devido à vantajosa

taxa de câmbio, de modo que havia apenas a comida com que se preocupar. Se visse sinais de extravagância, iria propor que cada uma entregasse uma quantia razoável a lady Caroline todas as semanas para cobrir as despesas, qualquer quantia não utilizada seria devolvida, e se fosse excedida, a quantia seria custeada pela responsável.

A sra. Fisher estava bem de vida e desejava os confortos próprios de sua idade, mas não gostava de despesas. Estava tão bem de vida que, se quisesse, poderia viver em uma região fina de Londres e ser levada de um lado para outro em um Rolls-Royce. Mas não tinha tal desejo. Era necessário mais vitalidade do que conforto para lidar com uma casa luxuosa e um Rolls-Royce. Preocupações acompanhavam essas posses, preocupações de todos os tipos, coroadas por contas. Na sobriedade discreta de *Prince of Wales Terrace*, ela podia desfrutar de conforto real, porém barato, sem ser parada por empregados predatórios ou cobradores de instituições de caridade, e havia um ponto de táxi no final da rua. Seu gasto anual era pequeno. A casa era herdada. A morte a havia mobiliado para ela. Tinha um tapete turco na sala de estar, herdado de seus pais; ela controlava seu dia pelo excelente relógio de mármore preto sobre a lareira, do qual ela se lembrava desde a infância; suas paredes estavam completamente cobertas pelas fotografias que seus ilustres amigos falecidos haviam dado a ela ou a seu pai, com suas assinaturas sobre a parte inferior de seus corpos, e as janelas ficavam emolduradas por cortinas carmesim que viram toda a sua vida, além de aquários aos quais ela devia suas primeiras lições em ciência marinha e onde ainda nadavam lentamente os peixes dourados de sua juventude.

Eram os mesmos peixes dourados? Ela não sabia. Talvez, como carpas, eles sobrevivessem a todos. Talvez, por outro lado, por trás da vegetação marinha fornecida para eles no fundo do aquário, eles tivessem de tempos em tempos, à medida que os anos passavam, sido substituídos. Eram ou não eram, ela às vezes se perguntava, contemplando-os entre os pratos de suas refeições solitárias, os mesmos peixes dourados que estavam ali naquele dia quando Carlyle, — como ela se lembrava bem — irritado, aproximou-se deles no meio de uma discussão acalorada com seu pai, e batendo forte no vidro com o punho, os pôs em fuga, gritando enquanto se agitavam: “Ah, seus diabinhos surdos! Ah, seus sortudos de uma figa! Não conseguem ouvir nada da maldita tagarelice idiota que o seu mestre fala, não é?”. Ou algo do tipo.

O querido e amável Carlyle. Sua naturalidade; seu ar de frescor verdadeiro; sua grandeza real. Rústico, se preferir — sim, sem dúvida, às vezes rústico, e intimidante em uma sala de estar, mas magnífico. Quem agora se igualaria a ele? Quem estaria à sua altura? Seu pai, que tinha mais perspicácia que qualquer outro, dizia: “Thomas é imortal”. E aqui estava esta geração insignificante, levantando sua vozinha em dúvidas, ou, pior ainda, nem se dando o trabalho de levantá-la, ou — era incrível, mas isso lhe tinha sido relatado — nem mesmo o lendo. A sra. Fisher também não o lia, mas isso

era diferente. Ela o tinha lido; certamente o tinha lido. Claro que o tinha lido. Havia Teufelsdröck — ela se lembrava muito bem de um alfaiate chamado Teufelsdröck. Tão típico de Carlyle chamá-lo assim. Sim, ela devia tê-lo lido, embora naturalmente alguns detalhes lhe escapassem.

O gongo soou. Perdida em lembranças, a sra. Fisher perdeu-se no tempo, e se apressou para o seu quarto para lavar as mãos e se pentear. Não queria chegar atrasada e dar mau exemplo, e talvez encontrar seu lugar à cabeceira da mesa ocupado. Não podia confiar nos modos da geração mais jovem; especialmente não nos daquela sra. Wilkins.

No entanto, ela foi a primeira a chegar na sala de jantar. Francesca, com um avental branco, estava pronta, com um prato enorme de macarrão fumegante e brilhante, mas ninguém estava lá para comê-lo.

A sra. Fisher se sentou, parecendo austera. Relaxe, relaxe.

— Sirva-me — disse a Francesca, que mostrou uma predileção a esperar pelos outros.

Francesca a serviu. Do grupo, a sra. Fisher era de quem ela menos gostava, na verdade, não gostava dela de jeito nenhum. Era a única das quatro senhoras que ainda não havia sorrido. Era velha e feia, portanto, não tinha motivo para sorrir, mas senhoras gentis sorriam, com ou sem motivo. Sorriam, não porque estivessem felizes, mas porque desejavam fazer alguém feliz. Francesca concluiu que esta senhora não conseguia ser gentil, afinal; então ela lhe entregou o macarrão, mal-humorada e incapaz de esconder seus sentimentos.

O macarrão estava ótimo, mas a sra. Fisher nunca gostou de macarrão, especialmente não deste tipo, longo e em forma de verme. Ela achava difícil de comer — escorregadio, escapando-lhe do garfo, fazendo-a se sentir indigna quando, pensando tê-lo colocado em sua boca, ainda sobravam pedaços para fora. Além disso, sempre que comia macarrão, lembrava-se do sr. Fisher. Durante o casamento deles, ele havia se comportado muito como um macarrão. Era escorregadio, contorcido, tinha feito ela se sentir indigna, e, quando finalmente ela achava que o tinha seguro, ainda havia pedacinhos dele que, por assim dizer, escapavam-lhe.

Do aparador, Francesca observava o modo como a sra. Fisher lidava com o macarrão de maneira sombria, e sua tristeza se aprofundou ainda mais quando a viu, finalmente, pegar a faca e cortá-lo em pedaços pequenos.

A sra. Fisher realmente não sabia de que outra forma pegar o macarrão. Ela estava ciente de que não deveria usar faca, mas havia perdido a paciência. Nunca permitia macarrão em sua mesa em Londres. Além de ser algo inosso, ela nem sequer gostava, e diria a lady Caroline para não pedir novamente. Seriam necessários anos de prática na Itália para aprender o truque exato, refletia a sra. Fisher, enquanto cortava o macarrão. Browning o

manuseava maravilhosamente bem. Ela se lembrava de tê-lo observado um dia quando ele almoçou com seu pai, ofereceram macarrão como uma demonstração de carinho à sua ligação com a Itália. A maneira como ele o comia era fascinante. Sem escorrer pelo prato, sem escorregar do garfo, sem pontas soltas — apenas uma garfada, um movimento rápido, uma mordida, e eis que mais um poeta havia sido alimentado.

— Devo ir procurar a jovem senhora? — perguntou Francesca, incapaz de continuar vendo o macarrão sendo cortado com uma faca.

A sra. Fisher saiu com dificuldade de suas lembranças:

— Ela sabe que o almoço é ao meio-dia e meia. Todas sabem.

— Ela pode estar dormindo — insistiu Francesca. — As outras senhoras estão mais distantes, mas a lady não está longe.

— Então bata o gongo novamente — disse a sra. Fisher.

Que maneiras, pensou ela; *ora, que maneiras*. Aquilo não era um hotel, e considerações eram devidas. Ela devia dizer que estava surpresa com a sra. Arbuthnot, que não parecia ser alguém que costumava se atrasar. Lady Caroline também — ela havia parecido amável e cortês, fosse lá o que mais ela pudesse ser. Da outra, é claro, ela não esperava nada.

Francesca pegou o gongo e o levou para o jardim, batendo-o enquanto se aproximava de lady Caroline, que permanecia reclinada em sua cadeira baixa. Lady Caroline esperou até que Francesca tivesse terminado antes de virar a cabeça e falar com seu tom doce, que parecia música, mas na verdade era afronta.

Francesca não interpretou o discurso melodioso como afronta; como poderia, quando soava tão agradável? Com um sorriso no rosto, ela informou a lady Caroline que o macarrão estava esfriando.

— Quando eu pulo as refeições, é porque não desejo tomar parte nelas — respondeu Lady Caroline, irritada —, então não volte a me perturbar.

— Está doente? — perguntou Francesca, simpática, incapaz de parar de sorrir. Nunca tinha visto um cabelo tão bonito. Como linho puro; como o cabelo de bebês do norte. Em uma cabeça tão pequena, apenas bênçãos poderiam repousar ali, era possível ver até a auréola dos anjos sagrados.

Pequenina fechou os olhos e se recusou a responder. Nisso, foi imprudente, pois convenceu Francesca de seu mal-estar. Ela partiu apressada, cheia de preocupação, para contar a sra. Fisher que a lady estava indisposta. E a sra. Fisher explicou que não poderia ir até lady Caroline pessoalmente por causa de sua bengala, então enviou as outras duas, que tinham acabado de entrar, ofegantes e cheias de desculpas, enquanto ela prosseguia para o próximo prato, uma omelete muito bem-preparada, acompanhada de ervilhas

verdinhas.

— Sirva-me — ela se dirigiu a Francesca, que mais uma vez mostrou disposição para esperar pelas outras.

Ah, por que não me deixam em paz?, Pequenina se perguntou repetidamente quando ouviu mais ruídos nos pequenos seixos que ocupavam o lugar da grama, sabendo que mais alguém se aproximava.

Ela manteve os olhos bem fechados desta vez. Por que deveria ir almoçar se não queria? Esta não era uma casa particular; ela não era uma anfitriã e nem tinha obrigações ali. Para todos os efeitos, San Salvatore era como um hotel, e ela deveria ser deixada em paz para comer ou não, exatamente como se estivesse em um hotel.

Mas a infeliz Pequenina não podia simplesmente ficar quieta e fechar os olhos sem despertar aquele desejo que seus observadores tinham de cuidar dela ou tocar nela, com o qual estava muito familiarizada. Até a cozinheira a tinha afagado. E agora uma mão gentil — como ela conhecia bem e temia muito mãos gentis — foi colocada em sua testa.

— Temo que você não esteja bem — disse uma voz que não era da sra. Fisher e, portanto, devia pertencer a uma das *originais*.

— Estou com dor de cabeça — murmurou Pequenina. Talvez fosse melhor dizer isso; talvez fosse o caminho mais curto para a paz.

— Sinto muito — disse a sra. Arbuthnot suavemente, pois era sua a mão que estava sendo gentil.

E eu que pensei que se viesse para cá, escaparia da minha mãe, pensou Pequenina.

— Não acha que um pouco de chá lhe faria bem? — perguntou a sra. Arbuthnot com ternura.

Chá? A ideia era abominável para Pequenina. Beber chá ao meio-dia, nesse calor...

— Não — murmurou.

— Eu acho que seria melhor deixá-la sozinha — disse outra voz.

Que sensato, pensou Pequenina; e levantou as pestanas de um olho apenas o suficiente para espiar e ver quem estava falando.

Era a *original* sardenta. Então a morena era a que estava com a mão nela. A sardenta subiu em sua estima.

— Mas não suporto pensar em deixá-la aqui com dor de cabeça, sem ajudar — disse a sra. Arbuthnot. — Uma xícara de café preto forte...?

Pequenina não disse mais nada. Ela esperou, imóvel e silenciosa, até

que a sra. Arbuthnot afastasse sua mão. Afinal, ela não poderia ficar ali o dia todo, e quando fosse embora, teria que levar a mão junto.

— Eu acho que ela só quer ficar quieta — disse a sardenta.

E talvez a sardenta tenha puxado a outra pelo braço, pois o toque na testa da Pequenina relaxou, e depois de um minuto de silêncio, durante o qual sem dúvida ela estava sendo contemplada — ela sempre estava sendo contemplada — os passos começaram a ranger os seixos novamente, e ficaram mais fracos, até desaparecerem.

— Lady Caroline está com dor de cabeça — disse a sra. Arbuthnot, voltando à sala de jantar e sentando-se em seu lugar ao lado da sra. Fisher. — Não consegui convencê-la a tomar um pouco de chá ou café preto. Você sabe dizer aspirina em italiano?

— O melhor remédio para dor de cabeça — disse a sra. Fisher com convicção — é óleo de rícino.

— Mas ela não está com dor de cabeça — disse a sra. Wilkins.

— Carlyle — disse a sra. Fisher, que havia terminado sua omelete e tinha tempo livre para conversar enquanto esperava pelo próximo prato — sofreu muito de dor de cabeça por um tempo e constantemente se medicava com óleo de rícino. Ele o tomava, eu diria, quase em excesso, e o chamava, lembro-me, de óleo da tristeza. Meu pai disse que isso coloriu por um tempo toda sua atitude em relação à vida, toda sua filosofia. Mas foi porque ele tomou demais. Lady Caroline precisa de uma dose, apenas uma. É um erro tomar óleo de rícino em excesso.

— Você sabe dizer isso em italiano? — perguntou a sra. Arbuthnot.

— Ah, receio que não. Mas ela deve saber. Pergunte a ela.

— Mas ela não está com dor de cabeça — repetiu a sra. Wilkins, lutando com o macarrão. — Ela só quer ficar quieta.

Ambas olharam para ela. A palavra “pá” cruzou a mente da sra. Fisher, em conexão com as ações da sra. Wilkins naquele momento.

— Então, por que ela diria que está com dor? — perguntou a sra. Arbuthnot.

— Porque ela só está tentando ser educada. Logo ela não terá mais que tentar, este lugar a envolverá totalmente... ela simplesmente será isso. Naturalmente.

— Como pode ver... — explicou a sra. Arbuthnot, sorrindo para a sra. Fisher, que esperava com uma paciência de pedra pelo próximo prato, atrasado porque a sra. Wilkins continuava tentando comer o macarrão, que

devia estar ainda menos apetitoso agora que estava frio. — Como pode ver, Lotty tem uma teoria sobre este lugar.

Mas a sra. Fisher não tinha vontade de ouvir qualquer teoria da sra. Wilkins.

— Eu, com certeza, não entendo por que você presumiria que lady Caroline não está dizendo a verdade — interrompeu ela, olhando severamente para a sra. Wilkins.

— Eu não presumo... eu sei — disse a sra. Wilkins.

— E como você sabe? — perguntou a sra. Fisher com frieza, pois a sra. Wilkins estava servindo-se de mais macarrão, oferecido em excesso por Francesca uma segunda vez.

— Consegui perceber o que se passava com ela quando eu estava lá fora, agora há pouco.

Bem, a sra. Fisher não ia dizer nada sobre isso; ela não ia se incomodar em responder a uma idiotice dessas. Em vez disso, bateu bruscamente no pequeno gongo da mesa ao seu lado, embora Francesca estivesse parada no aparador, e disse, pois não esperaria mais por sua próxima refeição:

— Sirva-me.

E Francesca — deve ter sido de propósito — ofereceu-lhe o macarrão novamente.

Capítulo 10

Não havia como entrar ou sair do jardim superior em San Salvatore, exceto através das duas portas de vidro, infelizmente bem ao lado da sala de jantar e do hall. Logo não era possível passar pelo no jardim sem ser notado, pois se encontraria a pessoa da qual desejava escapar no caminho. O jardim era pequeno e retangular, e era impossível se esconder ali. As árvores — a árvore-de-judas, o tamarisco, o pinheiro-manso — cresciam perto dos parapeitos baixos. Os arbustos de rosas não ofereciam uma cobertura de verdade; um passo para a direita ou para a esquerda deles, e a pessoa que desejava privacidade seria descoberta. Apenas em um espaço pequeno no canto a noroeste, que se projetava para além da grande parede, uma espécie de excrescência ou alça, sem dúvida usada antigamente em dias de desconfiança, era possível realmente não ser visto, porque entre ele e a casa havia um denso aglomerado de troviscos.

Pequenina, depois de dar uma olhada para se certificar de que ninguém estava olhando, levantou-se e levou sua cadeira para esse lugar, afastando-se cuidadosamente na ponta dos pés, como uma ladra pecadora. Havia outra saliência no muro do canto nordeste, mas embora a vista fosse quase mais bonita de lá, pois podia-se ver a baía e as lindas montanhas atrás de Mezzago, estava exposta. Não havia arbustos crescendo perto dela nem havia sombra. Então se acomodou no lado noroeste, aninhando a cabeça na almofada e colocando os pés confortavelmente no parapeito, que, para os aldeões na praça lá embaixo, deviam parecer duas pombas brancas. Agora estaria protegida de fato, ela pensou.

A sra. Fisher a encontrou lá, guiada pelo cheiro de seu cigarro. A descuidada Pequenina não havia pensado nisso. A sra. Fisher não fumava, e justamente por isso podia sentir com mais nitidez o cheiro do cigarro dos outros. Ela o sentiu assim que saiu para o jardim depois do almoço, para tomar seu café. Havia instruído Francesca a servir o café à sombra da casa, perto da porta de vidro. Quando a sra. Wilkins, vendo uma mesa sendo levada para lá, lembrou-a, de um modo muito impertinente e sem tato — na opinião da sra. Fisher —, que lady Caroline queria ficar sozinha, ela retrucou com propriedade, argumentando que o jardim era para todas usufruírem.

Assim, ela entrou no jardim, e imediatamente percebeu que lady Caroline estava fumando. Ela disse para si mesma: “Essas jovens modernas”, e prosseguiu para encontrá-la. Sua bengala, agora que o almoço havia terminado, não representava mais um obstáculo para agir, como sempre acontecia antes das refeições, como Browning disse certa vez — teria sido Browning? Sim, ela se lembrava de como havia se divertido.

Ninguém a fazia rir agora, refletiu a sra. Fisher, indo direto para a

moita de troviscos; o mundo tinha se tornado muito entediante e ela tinha perdido completamente o senso de humor. Provavelmente as pessoas ainda faziam piadas — na verdade, ela sabia que sim, pois a revista *Punch* ainda existia; mas como eram diferentes, e que piadas. Thackeray, em seu estilo inimitável, teria feito picadinho dessa geração. Não faziam ideia do quanto precisavam das propriedades tônicas de uma caneta adstringente. Nem mesmo o valorizavam mais — pelo menos, foi isso que lhe informaram. Bem, ela não podia dar-lhe olhos para ver, ouvidos para ouvir e um coração para entender, mas podia e daria, representada e unida na forma de lady Caroline, uma boa dose de honestidade medicinal.

— Ouvi dizer que não está bem — disse ela, parada na estreita entrada do arco, olhando para baixo com o rosto inflexível de alguém determinado a fazer o bem à Pequenina, imóvel e aparentemente adormecida.

A sra. Fisher tinha uma voz profunda, muito parecida com a de um homem, pois às vezes uma estranha masculinidade perseguia mulheres nas últimas voltas da vida.

Pequenina tentou fingir que estava dormindo, mas se realmente estivesse, seu cigarro não estaria entre os dedos, e sim no chão.

Ela se esqueceu disso. A sra. Fisher não deixou de notar e, passando o arco, sentou-se em um estreito banco de pedra construído na parede. Passado algum tempo, o frio começou a penetrá-la.

Ela contemplou a figura diante de si. Sem dúvida, uma bela criatura que teria tido sucesso em Farringford. Estranho como até mesmo os maiores homens eram movidos facilmente por aparências. Ela tinha visto, com seus próprios olhos, Tennyson se afastar de todos — virar as costas para uma multidão de pessoas reunida para homenageá-lo, e se retirar para a janela com uma jovem de que ninguém jamais ouvira falar, trazida ali por acidente e cujo único mérito — se é que se pode considerar um mérito aquilo que é conferido pelo acaso — era a beleza. Beleza! Algo que se acaba de uma hora para outra. Um caso, pode-se dizer, de minutos. Bem, enquanto durava, parecia capaz de fazer o que queria com os homens. Até mesmo os casados não eram imunes. Até na vida do sr. Fisher houve acontecimentos...

— A viagem deve tê-la perturbado — disse ela, com sua voz profunda. — Você precisa de uma boa dose de remédio natural. Vou perguntar a Domenico se há algo assim na vila, como óleo de ricino.

Pequenina abriu os olhos e encarou a sra. Fisher.

— Ah — disse a sra. Fisher —, eu sabia que não estava dormindo. Se estivesse, teria deixado o cigarro cair no chão.

Pequenina jogou o cigarro sobre o parapeito.

— Desperdício — disse a sra. Fisher. — Não gosto de ver mulheres

fumando, mas gosto ainda menos de desperdício.

O que se faz com pessoas assim?, Pequenina se perguntou, seus olhos fixos na sra. Fisher, em um olhar indignado, mas que para a velha senhora parecia apenas um olhar doce e encantador.

— Agora, siga meu conselho — disse a sra. Fisher, tocada —, e não negligencie o que pode muito bem se transformar em uma doença. Estamos na Itália, como sabe, e é preciso ter cuidado. Primeiro, você deveria ir para a cama.

— Eu nunca vou para a cama — respondeu Pequenina com rispidez; e soou tão comovente, tão desolada, quanto aquela fala de anos e anos atrás, interpretada por uma atriz no papel de Pobre Jô na versão dramatizada de *A casa soturna*. “Eu estou sempre seguindo em frente”, disse Pobre Jô nesta peça, instigada a fazê-lo por um policial; e a sra. Fisher, uma jovem naquela época, apoiou a cabeça no parapeito de veludo vermelho da primeira fila da plateia e chorou em voz alta.

A voz da Pequenina era maravilhosa. Há dez anos, desde quando desabrochara, conquistou todos os triunfos que a inteligência e o humor podem oferecer, porque tudo que dizia parecia memorável. Com uma voz como aquela, ela deveria ter sido cantora, mas Pequenina era muda em todos os gêneros musicais, exceto na melodia da voz falada; e que fascínio, que encanto havia nisso. Tamanha era a beleza de seu rosto e a perfeição de sua pele que não havia homem em cujos olhos, ao vê-la, não se acendesse uma chama do mais intenso interesse. E quando ouvia sua voz, a chama nos olhos desse homem era enfim capturada e fixada. Era o mesmo com todos os homens, de boa instrução ou não, velhos, jovens, desejáveis ou não, homens da alta sociedade e cobradores de ônibus, gerais e soldados — a guerra foi uma época desconcertante para ela —, bispos e sacristães — ocorreram eventos surpreendentes na sua crisma —, saudáveis e doentes, ricos e pobres, brilhantes ou idiotas. Não importava o que eles fossem, ou há quanto tempo estivessem casados: essa chama estava nos olhos de cada um deles, e quando a ouviam, permanecia lá.

Pequenina já estava cansada desse olhar. Isso só trazia problemas. No começo, esses olhares a encantavam. Ela ficara animada, triunfante. Ser aparentemente incapaz de fazer ou dizer algo errado, ser aplaudida, ouvida, mimada, adorada aonde quer que fosse, e ao voltar para casa encontrar nada além do mais indulgente e orgulhoso afeto — ora, isso era extremamente agradável. E tão fácil também. Não precisava se preparar para a conquista, não tinha nenhum trabalho árduo, nada para aprender. Ela não precisava se preocupar. Só precisava aparecer e, eventualmente, dizer algo.

Mas aos poucos as experiências foram se acumulando. E ela teve, sim, que se preocupar, esforçar-se, porque descobriu com espanto e raiva que tinha

que se defender. Aquele olhar, aquele olhar ardente, significava que ela estava prestes a ser agarrada. Alguns daqueles que o tinham eram mais humildes do que outros, especialmente se fossem jovens, mas todos, de acordo com sua capacidade, agarravam-na; e ela, que havia entrado no mundo tão alegremente, com a cabeça erguida e a mais completa confiança em qualquer um cujo cabelo fosse grisalho, começou a desconfiar, e depois a desgostar, e logo a se afastar, e então a se indignar.

Às vezes, era como se ela não pertencesse a si mesma, como se não fosse sua de forma alguma, mas sim uma coisa universal, uma espécie de beleza a ser contemplada por qualquer um. Homens... E ela se viu envolvida em brigas vagas, sendo curiosamente odiada. Mulheres... E quando a guerra veio, e ela se lançou nela junto com todos os outros, isso a arruinou. Generais... A guerra acabou com a Pequenina. Matou o único homem com quem ela se sentia segura, com quem ela teria se casado, e finalmente a deixou desgostosa com o amor. Desde então, ficou amargurada. Ela lutava tão furiosamente na doçura da vida quanto uma vespa presa no mel, tentando desesperadamente descolar suas asas. Superar outras mulheres não lhe causava prazer; ela não queria seus homens tediosos. O que se poderia fazer com os homens depois de conquistá-los? Nenhum deles queria falar com ela sobre qualquer coisa além do amor, e como isso se tornava tolo e fatigante depois de um tempo. Era como se uma pessoa saudável, com uma fome normal, não recebesse nada para comer além de açúcar. Amor, amor... a simples palavra a fazia querer dar um tapa em alguém. “Por que eu deveria te amar? Por quê?”, ela perguntava, às vezes surpresa, quando alguém tentava convencê-la. Havia sempre alguém tentando propor algo a ela. Mas ela nunca obteve uma resposta de verdade, apenas mais incoerência.

Um profundo cinismo se apoderou da infeliz Pequenina. Por causa da desilusão, seu interior se tornou sem cor, enquanto seu exterior gracioso e encantador continuava a tornar o mundo mais bonito. O que o futuro reservava para ela? Ela não seria capaz de enfrentá-lo. Não servia para nada; tinha desperdiçado todo esse tempo sendo bonita. Em breve, não seria mais bela, e então? Pequenina não sabia o que faria, era aterrorizante pensar nisso. Estava cansada de chamar atenção, mas pelo menos estava acostumada com isso, nunca tinha conhecido outra realidade; e se tornar alguém que passa despercebida, desaparecer, tornar-se desgastada e opaca, provavelmente seria muito doloroso. E uma vez que essa realidade surgisse, quantos anos e anos teriam passado! *Imagine, pensou Pequenina, passar a maior parte da vida do lado errado. Imagine viver na velhice por duas ou três vezes mais do que na juventude.* Estúpido, estúpido. Tudo era estúpido. Não havia nada que ela quisesse fazer. Havia milhares de coisas que ela não queria fazer. Evitar as pessoas, ficar em silêncio, ser invisível, se possível inconsciente — essas negações eram tudo o que ela pedia no momento; e aqui, mesmo aqui, não lhe era permitido um minuto de paz, e esta mulher absurda deveria estar

mentindo, apenas porque queria exercer poder e fazê-la ir para a cama para beber óleo de rícino — que horror! —, achando que ela estava doente.

— Tenho certeza — disse a sra. Fisher, que sentiu o frio da pedra começando a penetrar sua pele e sabia que não poderia ficar sentada por muito mais tempo — de que você fará o que é sensato. Sua mãe desejaria... Você tem mãe?

Um leve espanto surgiu nos olhos de Pequenina. Se ela tinha uma mãe? Se alguém tinha mãe, com certeza era Pequenina. Não tinha ocorrido a ela que poderia haver pessoas que nunca ouviram falar de sua mãe. Ela era uma das principais marquesas — havendo, como Pequenina sabia melhor do que ninguém, marquesas e marquesas — e tinha ocupado altos cargos na Corte. Seu pai, também, tinha sido muito importante. Sua época já havia passado, coitado, por causa de alguns erros durante a guerra, além disso, agora estava velho; mesmo assim ainda era uma pessoa excessivamente conhecida. Como era extraordinariamente reconfortante ter encontrado alguém que nunca tinha ouvido falar de nenhum deles, ou pelo menos ainda não tinha feito a conexão dela com eles.

Ela começou a gostar da sra. Fisher. Talvez *as originais* também não soubessem nada sobre ela. Quando ela escreveu para elas pela primeira vez e assinou seu nome, aquele grande nome de Dester que se entrelaçava na história inglesa como um fio sangrento, pois seus portadores constantemente eram assassinos, ela tinha dado como certo que elas saberiam quem ela era; e na entrevista na avenida Shaftesbury, ela tinha certeza de que elas sabiam, porque não pediram referências, como deveriam ter feito.

Pequenina começou a se animar. Se ninguém em San Salvatore jamais ouvira falar dela, se por um mês inteiro ela pudesse se desvencilhar de si mesma, afastar-se de tudo que estivesse relacionado a ela, ser realmente permitida a se esquecer das pessoas que exigiam sua presença, as interrupções e todo o barulho, ora, talvez pudesse fazer algo a si mesma, afinal. Poderia realmente pensar; clarear sua mente; chegar a alguma conclusão.

— O que eu quero fazer aqui — ela disse, inclinando-se para a frente em sua cadeira e cruzando as mãos em cima dos joelhos, olhando para cima, para a sra. Fisher, cujo assento estava mais alto que o dela, quase com animação, tão satisfeita estava de que a sra. Fisher não sabia nada sobre ela — é chegar a uma conclusão. Só isso. Não é pedir muito, é? Apenas isso.

Ela olhou para a sra. Fisher e pensou que quase qualquer conclusão serviria; o importante era se agarrar a algo, ter firmeza, parar de ficar à deriva.

Os pequenos olhos da sra. Fisher a examinaram.

— Eu diria que uma jovem como você quer um marido e filhos — ela disse.

— Bem, isso é uma das coisas que passa pela minha mente — disse Pequenina amigavelmente. — Mas não acho que seria uma conclusão.

— E enquanto isso — disse a sra. Fisher, levantando-se por causa do frio da pedra —, eu não me preocuparia com considerações e conclusões se fosse você. A cabeça das mulheres não foi feita para pensar, eu lhe asseguro. Eu iria para a cama e logo me sentiria melhor.

— Estou bem — afirmou Pequenina.

— Então por que mandou avisar que estava doente?

— Eu não mandei avisar.

— Então tive todo este trabalho de vir até aqui à toa.

— Mas você não preferiria sair e me encontrar bem do que sair e me encontrar doente? — perguntou Pequenina, sorrindo.

Até mesmo a sra. Fisher foi fígada por aquele sorriso.

— Bem, você é uma criatura bonita — disse ela, perdendo-a. — É uma pena que não tenha nascido cinquenta anos atrás. Meus amigos teriam gostado de pôr os olhos em você.

— Fico feliz por não ter nascido — disse Pequenina. — Não gosto dos olhares.

— Absurdo — disse a sra. Fisher, ficando séria novamente. — É para isso que jovens como você foram feitas. Para que mais, diga-me? E eu lhe asseguro que se meus amigos tivessem olhado para você, teria sido vista por pessoas muito importantes.

— Eu não gosto de pessoas muito importantes — respondeu Pequenina, franzindo o cenho. Houve um incidente bem recente, com pessoas poderosas...

— Do que eu não gosto — disse a sra. Fisher, agora tão fria quanto a pedra da qual se levantara — é da postura da jovem moderna. Parece-me lamentável, muito lamentável, em sua tolice.

E, com sua bengala triturando as pedrinhas, ela se afastou.

Está tudo bem, pensou Pequenina, voltando para sua posição confortável com a cabeça no travesseiro e os pés no parapeito; se ao menos as pessoas fossem embora, ela não se importava nem um pouco com o motivo da partida.

— Você não acha que a querida Pequenina está ficando um pouco, apenas um pouco, peculiar? — sua mãe havia perguntado a seu pai pouco antes daquela fuga para San Salvatore, incomodada com as coisas muito estranhas que ela dizia e pela maneira como havia começado a se esquivar

sempre que podia para evitar todo mundo, exceto — sinal de idade tão evidente — rapazes bem jovens, quase meninos.

— Hein? O quê? Peculiar? Bem, deixe-a ser peculiar se quiser. Uma mulher com a aparência dela pode ser qualquer coisa que quiser — foi a resposta apaixonada dele.

— Eu a deixo — disse sua mãe, com doçura; e, na verdade, se ela não deixasse, que diferença faria?

A sra. Fisher lamentou ter se preocupado com lady Caroline. Seguiu pelo corredor em direção à sua sala de estar privativa, e sua bengala, enquanto ela caminhava, batia no chão de pedra em harmonia com seus sentimentos. Pura tolice, aquela postura. Ela não tinha paciência para isso. Incapazes de ser ou fazer qualquer coisa por si mesmos, os jovens da geração atual tentavam alcançar uma reputação de inteligência depreciando tudo o que era obviamente grande e bom, e enaltecendo tudo que fosse diferente, por pior que fosse. *Tolos*, pensou a sra. Fisher. Tolos. Tolos. E em sua sala de estar ela encontrou mais pessoas tolas, o que se agravava em seu humor atual, pois lá estava a sra. Arbuthnot, bebendo café tranquilamente, enquanto à escrivaninha, à escrivaninha que ela já considerava sagrada, usando sua caneta, que trouxera de casa, estava sentada a sra. Wilkins, escrevendo; à escrivaninha; em sua sala; com sua caneta.

— Este lugar não é encantador? — perguntou a sra. Arbuthnot cordialmente. — Acabamos de encontrá-lo.

— Estou escrevendo para Mellersh — disse a sra. Wilkins, virando a cabeça também cordialmente. Como se ela se importasse um pouco com isso e, de qualquer forma, soubesse quem era a pessoa que ela chamava de Mellersh. — Ele vai querer saber que cheguei aqui em segurança — acrescentou a sra. Wilkins, com o otimismo induzido pelo ambiente.

Capítulo 11

Os doces aromas que estavam por toda parte em San Salvatore eram suficientes por si só para produzir harmonia. Entravam na sala de estar vindos das flores nas ameias e encontravam o aroma das flores dentro da sala, e quase, pensou a sra. Wilkins, podiam ser vistos cumprimentando-se com um beijo sagrado. Quem poderia sentir raiva no meio de tanta grandeza? Quem poderia ser ganancioso, egoísta, no antigo modo rude de Londres, na presença dessa abundante beleza?

No entanto, a sra. Fisher parecia se encaixar em todas essas categorias.

Havia tanta beleza, muito mais do que suficiente para todas, que tentar monopolizá-la parecia uma atividade vã.

No entanto, a sra. Fisher estava tentando fazer isso, isolando uma parte para seu uso exclusivo.

Bem, ela superaria isso logo; seria inevitável, a sra. Wilkins tinha certeza, após um dia ou dois na extraordinária atmosfera de paz naquele lugar.

Mas era óbvio que ainda nem tentara superar. A sra. Fisher ficou olhando para ela e para Rose com uma expressão que parecia de raiva. Raiva. Imagina. Sentimentos tolos londrinos, pensou a sra. Wilkins, cujos olhos viam o quarto cheio de beijos, e todos nele sendo beijados, a sra. Fisher tão copiosamente quanto ela mesma e Rose.

— Você não gosta da nossa presença aqui — disse a sra. Wilkins, levantando-se e imediatamente, como era seu costume, falando a verdade. — Por quê?

— Pensei que tinham percebido que esta sala é minha — disse a sra. Fisher, apoiando-se em sua bengala.

— Por causa das fotografias? — indagou a sra. Wilkins.

A sra. Arbuthnot, que estava um pouco corada e surpresa, também se levantou.

— E do papel de carta — disse a sra. Fisher. — Papel de carta com meu endereço em Londres. Essa caneta...

Ela apontou. A caneta ainda estava na mão da sra. Wilkins.

— É sua. Sinto muito — disse a sra. Wilkins, colocando-a na mesa. E ela acrescentou, sorrindo, que acabara de escrever algumas coisas muito adoráveis.

— Mas por que não deveríamos estar aqui? É uma sala de estar —

perguntou a sra. Arbuthnot, que se viu incapaz de concordar com os arranjos da sra. Fisher sem pelo menos argumentar com educação.

— Há outra — disse a sra. Fisher. — Você e sua amiga não podem ficar em duas salas ao mesmo tempo, e se não tenho vontade de incomodá-las na de vocês, não vejo por que deveriam querer me incomodar na minha.

— Mas por que... — recomeçou a sra. Arbuthnot.

— É bem natural — interrompeu a sra. Wilkins, pois Rose parecia obstinada; e, virando-se para a sra. Fisher, disse que embora compartilhar coisas com os amigos fosse agradável, ela entendia que a sra. Fisher ainda estava apegada à vida que tinha em *Prince of Wales Terrace*, mas que logo esse sentimento ficaria no passado e ela se sentiria completamente diferente. — Logo vai sentir o desejo de compartilhar — disse a sra. Wilkins de maneira tranquila. — Acredito que pode até chegar me oferecer sua caneta, sabendo que não tenho uma.

A sra. Fisher quase ficou fora de si com esse discurso. Ter uma jovem qualquer de Hampstead dando tapinhas em suas costas, por assim dizer, muito confiante de que em breve ela a mudaria, agitou-a mais profundamente do que qualquer coisa desde que descobrira que o sr. Fisher não era o que parecia. A sra. Wilkins certamente precisava ser contida. Mas como? Havia uma estranha singularidade nela. Naquele momento, por exemplo, ela estava sorrindo tão agradavelmente e com um rosto tão desanuviado como se não estivesse dizendo nada de impertinente. Ela entenderia que estava sendo contida? Se não soubesse, se fosse tão resistente a ponto de não se sentir repreendida, então o que faria? Nada, exceto evitá-la; exceto, precisamente, ter uma sala de estar privativa.

— Sou idosa — disse a sra. Fisher — e preciso de uma sala para mim. Não consigo me locomover por causa da bengala. Como não posso me locomover, tenho que me sentar. Por que eu não poderia me sentar para ficar quieta, sem ser incomodada, como eu disse a vocês em Londres que era o que eu pretendia? Se vão entrar e sair o dia todo, tagarelando e deixando portas abertas, vocês terão quebrado o acordo.

— Mas não temos o menor desejo de... — começou a sra. Arbuthnot, que foi interrompida novamente pela sra. Wilkins.

— Ficaremos contentes em deixar este cômodo para a senhora, se isso a faz feliz — disse a sra. Wilkins. — Não sabíamos que queria ficar sozinha aqui, só isso. Não teríamos entrado se soubéssemos... pelo menos não até que nos convidasse. Eu espero que em breve a senhora queira — concluiu, olhando alegremente para a sra. Fisher, pegando sua carta e segurando a mão da sra. Arbuthnot, e puxando-a em direção à porta.

A sra. Arbuthnot não queria ir. Ela, a mais mansa das mulheres, estava cheia de um desejo curioso e, certamente nada cristão, de ficar e discutir.

Claro que não com palavras realmente agressivas. Não; ela só queria conversar pacientemente com a sra. Fisher. Mas sentia que algo deveria ser dito, e que não deveria permitir ser repreendida e enxotada como se fosse uma aluna pega por má conduta pela diretora da escola.

No entanto, a sra. Wilkins a puxou firmemente para além da porta, e mais uma vez Rose se perguntou sobre Lotty, sobre seu equilíbrio, seu temperamento doce e tranquilo — ela, que na Inglaterra era tão volúvel. Desde o momento em que chegaram à Itália, Lotty parecia a mais velha. Certamente ela estava muito feliz; nas nuvens, na verdade. Era possível que a felicidade protegesse tanto alguém? Fazia a pessoa se tornar tão intocável, tão sábia? Rose estava feliz também, mas não tanto. Evidentemente, não, pois não só queria discutir com a sra. Fisher, ela queria algo mais, algo além deste lugar encantador, algo que a completasse; ela queria Frederick. Pela primeira vez em sua vida, estava cercada por uma beleza perfeita, e só pensava em como gostaria que ele visse tudo aquilo, como queria compartilhá-la com ele. Ela queria Frederick. Ansiava por Frederick. Ah, se ao menos Frederick...

— Coitada — disse a sra. Wilkins, fechando a porta suavemente para a sra. Fisher e seu triunfo. — Irritada em um dia como este.

— Ela é uma velha muito rude — disse a sra. Arbuthnot.

— Ela vai superar isso. Sinto muito por termos escolhido justamente a sala dela para nos sentarmos.

— É a sala mais agradável — disse a sra. Arbuthnot. — E não é dela.

— Oh, mas há muitos outros lugares, e ela é uma coitada. Deixe-a ficar com a sala. De que isso importa?

E a sra. Wilkins disse que ia até o vilarejo para descobrir onde ficava o correio e enviar sua carta para Mellersh, e Rose iria junto.

— Tenho pensado em Mellersh — disse a sra. Wilkins enquanto caminhavam, uma atrás da outra, pelo estreito caminho sinuoso pelo qual tinham subido na chuva na noite anterior.

Ela ia na frente. A sra. Arbuthnot agora a seguia com naturalidade. Na Inglaterra era o contrário — Lotty, tímida, hesitante, exceto quando explodia desajeitadamente, ficava atrás da calma e razoável Rose sempre que podia.

— Tenho pensado em Mellersh — repetiu a sra. Wilkins por cima do ombro, já que Rose parecia não ter ouvido.

— É mesmo? — disse Rose, com um leve tom de desgosto em sua voz, pois não teve boas experiências com Mellersh para gostar de se lembrar dele. Ela havia enganado Mellersh; portanto, não gostava dele. Ela não estava consciente de que esta era a razão de sua antipatia, e pensava que era porque ele não parecia ter muito, se alguma, da graça de Deus sobre ele. E, ainda

assim, como era errado e muito presunçoso sentir isso, ela se repreendeu. Sem dúvida, o marido de Lotty estava muito, muito mais próximo de Deus do que ela própria jamais estaria. Ainda assim, não gostava dele.

— Tenho agido como uma cadela malcriada — disse a sra. Wilkins.

— O quê? — perguntou a sra. Arbuthnot, incrédula com o que ouvira.

— Essa ideia de viajar e deixá-lo naquele lugar sombrio enquanto eu me divirto no paraíso. Ele tinha planejado me levar para a Itália na Páscoa. Eu te contei?

— Não — disse a sra. Arbuthnot; e de fato ela tinha desencorajado conversas sobre maridos. Sempre que Lotty começava a desabafar sobre isso, ela rapidamente mudava de assunto. Um marido levava a outro, tanto na conversa quanto na vida, ela sentia, e não podia nem queria falar de Frederick. Além do simples fato de sua existência, o nome dele não tinha sido mencionado. Mellersh foi citado por causa de sua obstinação, mas ela cuidadosamente o manteve dentro dos limites da necessidade.

— Bem, ele planejava — disse a sra. Wilkins. — Ele nunca tinha feito uma coisa dessas na vida, e eu fiquei irritada. Imagine... Justo quando eu planejava fazer isso sozinha.

Ela parou no caminho e ergueu o olhar para Rose.

— Sim — disse Rose, tentando pensar em outro assunto.

— Agora você entende por que digo que tenho sido como uma cadela malcriada. Ele tinha planejado um feriado na Itália comigo, e eu planejei tirar férias na Itália deixando-o em casa. Acho — continuou ela, com os olhos fixos no rosto de Rose — que Mellersh tem motivos para estar irritado e magoado.

A sra. Arbuthnot ficou espantada. A extraordinária rapidez com que, hora após hora, diante de seus olhos, Lotty se tornava mais altruísta, desconcertava-a. Ela estava se transformando em algo surpreendentemente parecido com uma santa. Aqui estava ela agora, sendo afetuosa sobre Mellersh — Mellersh, que naquela manhã, enquanto balançavam os pés no mar, pareceu a Lotty ser apenas um espectro, uma coisa de sua imaginação. Isso foi apenas naquela manhã; e desde então até o almoço, Lotty tinha progredido o suficiente para tê-lo novamente sólido o bastante para escrever para ele, e escrever bastante. E agora, poucos minutos depois, ela estava anunciando que ele tinha todo o direito de estar irritado e magoado com ela, e que ela mesma tinha sido — a linguagem era incomum, mas expressava uma verdadeira penitência — uma cadela malcriada.

Rose olhou para ela, espantada. Se ela continuasse assim, logo seria possível ver uma auréola ao redor de sua cabeça. Já estava lá, se alguém não soubesse que era o sol através dos troncos das árvores refletindo em seu

cabelo ruivo.

Um grande desejo de amar e ser amiga de todos parecia estar invadindo Lotty — um desejo por pura bondade. Na experiência de Rose, a bondade, o estado de ser bom, só era alcançado com dificuldade e dor. Levava muito tempo para alcançar isso; na verdade, nunca se chegava, ou, se por um instante fugaz se chegava, era apenas isso, um instante fugaz. Era necessária uma perseverança desesperada para lutar ao longo desse caminho, e todo o percurso estava repleto de dúvidas. Lotty simplesmente voava. Rose pensou que ela certamente não havia se livrado de sua impetuosidade. Apenas havia tomado outra direção. Estava agora impetuosamente tornando-se uma santa. Será que alguém realmente poderia alcançar a bondade tão violentamente? Não haveria uma reação igualmente violenta?

— Eu não teria tanta certeza disso tão rapidamente — disse Rose com cautela, abaixando o olhar para ver os olhos brilhantes de Lotty; o caminho era íngreme, então Lotty estava bem abaixo dela.

— Mas eu tenho certeza, e escrevi a ele sobre isso.

Rose a encarou.

— Ora, mas nesta mesma manhã... — ela começou.

— Está tudo aqui — interrompeu Lotty, batendo no envelope e parecendo satisfeita.

— O quê... tudo?

— Você quer dizer sobre o anúncio e minhas economias sendo gastas? Ah, não... ainda não. Mas vou contar tudo isso quando ele vier.

— Quando ele vier? — repetiu Rose.

— Eu o convidei para vir e ficar conosco.

Rose só conseguia continuar encarando-a.

— É o mínimo que eu poderia fazer. Além do mais... olhe para isso. — Lotty acenou com a mão. — É terrível não compartilhar isso. Eu fui uma cadela malcriada por tê-lo abandonado em Londres, então preciso tentar persuadir Mellersh a sair e aproveitar isso também. É justo usar minhas economias para que ele se divirta também. Afinal, ele me abrigou e me alimentou por anos. Não se deve ser avarento.

— Mas... você acha que ele virá?

— Ah, eu espero que sim — disse Lotty com a máxima seriedade; e acrescentou: — Pobrezinho.

Com isso, Rose sentiu que gostaria de se sentar. Mellersh, um pobrezinho? Aquele mesmo Mellersh que algumas horas antes era apenas

fruto de um deslumbre? Havia um banco na curva da trilha, e Rose foi até lá e se sentou. Queria recuperar o fôlego, ganhar tempo. Se ela tivesse tempo, talvez pudesse alcançar a saltitante Lotty e talvez conseguisse detê-la antes que ela se compromettesse com algo pelo qual provavelmente logo se arrependeria. Mellersh em San Salvatore? Mellersh, de quem Lotty tinha acabado de escapar com tanto esforço?

— Eu o *vejo* aqui — disse Lotty, como se estivesse respondendo aos pensamentos de Rose.

Rose olhou para ela com verdadeira preocupação: porque toda vez que Lotty dizia “eu vejo” com aquele tom convincente, o que ela via se tornava realidade. Então, era de se supor que o sr. Wilkins também se tornasse realidade em breve.

— Eu queria entender você — disse Rose ansiosamente.

— Não tente — disse Lotty, sorrindo.

— Mas eu preciso, porque te amo.

— Querida Rose — disse Lotty, inclinando-se rapidamente e beijando-a.

— Você é tão rápida — disse Rose. — Eu não consigo acompanhar suas mudanças. Não consigo entender. Foi o que aconteceu com Freder...

Ela parou e pareceu assustada.

— A ideia toda de virmos para cá — ela continuou novamente, já que Lotty não pareceu ter notado — era para escapar da realidade, não era? Bem, nós escapamos. E agora, depois de apenas um dia disso, você quer escrever para as mesmas pessoas.

Ela parou.

— As mesmas pessoas das quais estávamos fugindo — concluiu Lotty. — É completamente verdade. Parece uma idiotice impensada. Mas estou tão feliz, estou tão bem, me sinto terrivelmente revigorada. Este lugar... bem, me faz sentir inundada de amor.

Ela então olhou para Rose com uma espécie de surpresa radiante.

Rose ficou em silêncio por um momento. Então ela disse:

— E você acha que terá o mesmo efeito sobre o sr. Wilkins?

Lotty riu.

— Não sei — disse ela. — Mas mesmo que não tenha, há amor suficiente por aqui para inundar cinquenta sr. Wilkins, como você o chama. O mais importante é ter muito amor por perto. Eu não vejo — continuou ela — pelo menos não vejo aqui, embora tenha visto em casa, que importa quem

ama, desde que alguém ame. Em casa, eu era uma idiota mesquinha, e costumava medir e contar. Tinha uma estranha obsessão por justiça. Como se a justiça importasse. Como se a justiça realmente pudesse ser distinguida da vingança. Só o amor vale a pena. Em casa, eu não amaria Mellersh a menos que ele me amasse de volta, exatamente na mesma medida, absoluta equidade. Entende? E como ele não amava, eu também não amava, e a *aridez* daquela casa! A *aridez*...

Rose ficou em silêncio. Estava perplexa com Lotty. Um efeito estranho que San Salvatore causara em sua amiga em rápida evolução era seu repentino uso livre de palavras impactantes. Ela não as usava em Hampstead. Idiota e cadela eram impactantes demais em Hampstead. As palavras de Lotty também tinham se libertado.

Mas como ela desejava, ah como Rose desejava, que ela também pudesse escrever para seu marido e dizer: “Venha”. O lar dos Wilkins, por mais pomposo que Mellersh pudesse ser, e ele parecia pomposo para Rose, tinha uma base mais saudável e natural do que o dela. Lotty poderia escrever para Mellersh e receberia uma resposta. Ela não poderia escrever para Frederick, pois sabia muito bem que ele não retornaria. Se respondesse, seria um rabisco apressado, mostrando o quanto estava entediado ao fazê-lo, com agradecimentos superficiais por sua carta. Mas isso seria pior do que nenhuma resposta; pois sua caligrafia, seu nome em um envelope endereçado por ele, apunhalava seu coração. De forma aguda, traria de volta as lembranças das cartas de seu início juntos, as cartas dele tão desoladas com a separação, tão doloridas de amor e saudade. Para ver aparentemente uma dessas mesmas cartas chegar, e, ao abri-la, encontrar:

Querida Rose,

Obrigado pela carta. Fico feliz que esteja se divertindo. Não tenha pressa em voltar. Diga se precisar de dinheiro. Tudo está indo esplendidamente bem por aqui.

Com carinho,

Frederick.

Não, ela não suportaria isso.

— Eu acho que não vou descer até o vilarejo com você hoje — ela disse, olhando para Lotty com olhos subitamente embaçados. — Acho que quero pensar.

— Tudo bem — disse Lotty, imediatamente seguindo pelo caminho abaixo. — Mas não pense por muito tempo — ela chamou de volta sobre o ombro. — Escreva e o convide o quanto antes.

— Convidar quem? — perguntou Rose, surpresa.

— Seu marido.

Capítulo 12

No jantar, quando as quatro se sentaram juntas à mesa pela primeira vez, Pequenina apareceu.

Ela apareceu pontualmente, e em um daqueles vestidos de chá que costumam ser descritos como deslumbrantes. Este realmente era deslumbrante. Certamente deslumbrou a sra. Wilkins, que não conseguia tirar os olhos da figura encantadora à sua frente. Era um vestido rosa perolado que se agarrava ao corpo da adorável Pequenina como se também a amasse.

— Que vestido lindo! — exclamou a sra. Wilkins, animada.

— O quê? Este trapo antigo? — disse Pequenina, olhando para baixo como se quisesse ver qual vestido estava usando. — Eu o tenho há uns cem anos. — E se concentrou na sopa.

— Você deve sentir muito frio com ele — disse a sra. Fisher, com os lábios comprimidos; pois o vestido mostrava muito da jovem; todo o seu braço, por exemplo, e mesmo onde a cobria, o tecido era tão fino que ainda deixava visível.

— Quem, eu? — perguntou Pequenina, erguendo os olhos por um momento. — Ah, não.

E ela continuou a tomar sua sopa.

— Você não deve pegar um resfriado, sabe? — comentou a sra. Arbuthnot, sentindo que tanta beleza deveria ser preservada a todo custo. — Há uma grande diferença quando o sol se põe aqui.

— Estou bem aquecida — respondeu ela, tomando sua sopa diligentemente.

— Parece que não está usando nada por baixo — disse a sra. Fisher.

— Eu não estou. Pelo menos, quase nada — disse Pequenina, terminando sua refeição.

— Que imprudência — disse a sra. Fisher —, e que demasiadamente impróprio.

Com isso, Pequenina a encarou.

A sra. Fisher havia chegado ao jantar sentindo-se amigável em relação à lady Caroline. Ela, pelo menos, não havia invadido sua sala e escrito com sua caneta enquanto estava sentada na escrivaninha dela. A sra. Fisher havia suposto que ela sabia como se comportar. Mas agora sua percepção mudara, pois vir vestida — ou quase despida — assim para uma refeição era um comportamento apropriado? Tal comportamento não apenas era extremamente

impróprio, mas também muito inconveniente, pois a criatura indelicada certamente pegaria um resfriado e infectaria todo o grupo. A sra. Fisher tinha uma grande objeção aos resfriados das outras pessoas, que sempre eram fruto de tolices; e então eram passados para ela, que não tinha feito absolutamente nada para merecê-los.

Cabeça de vento, pensou a sra. Fisher, contemplando severamente lady Caroline. *Não tem nada na cabeça além de vaidade.*

— Mas não há homens aqui — disse a sra. Wilkins —, então como pode ser impróprio? Notou como é difícil ser imprópria sem homens? — perguntou ela à sra. Fisher, que tentou fingir que não ouviu.

A sra. Fisher não respondeu nem olhou para ela; mas Pequenina olhou para ela e fez algo com a boca que em qualquer outra boca teria sido um sorriso amarelo. Visto de fora, através do buquê de capuchinhas, era o mais belo dos sorrisos breves com covinhas.

Aquela ali tinha um semblante bem vivo, pensou Pequenina, observando a sra. Wilkins com um interesse despertando. Era um pouco como um campo de milho varrido por luzes e sombras. Tanto ela quanto a morena, Pequenina notou, haviam trocado de roupa, mas apenas para colocar suéteres de seda. A mesma quantidade de esforço teria sido suficiente para se vestirem adequadamente, refletiu Pequenina. Naturalmente, elas pareciam não se encaixar com os suéteres. Não importava o que a sra. Fisher vestisse; na verdade, a única coisa para ela, além de plumas e arminho, era o que ela vestia. Mas essas outras ainda eram bastante jovens e atraentes. Tinham belos rostos. Como a vida seria diferente para elas se soubessem se valorizar. E ainda assim — Pequenina de repente se entediou e desviou seus pensamentos, comendo torrada, distraída — de que importava? Se você se esforçasse para tirar o melhor de si mesma, apenas atrairia pessoas ao seu redor que acabariam querendo se apropriar de você.

— Eu tive um dia maravilhoso — começou a sra. Wilkins, seus olhos brilhando.

Pequenina baixou os seus.

Ah, ela pensou, *ela vai começar a falar sem parar.*

Como se alguém estivesse interessado no dia dela, pensou a sra. Fisher, também abaixando os olhos.

Na verdade, sempre que a sra. Wilkins falava, a sra. Fisher deliberadamente baixava os olhos. Assim ela marcava sua desaprovação. Além disso, parecia ser a única coisa segura a se fazer com o olhar, pois ninguém sabia o que a criatura indisciplinada diria a seguir. Aquilo que ela acabara de dizer, por exemplo, sobre os homens — dirigido também a ela — o que ela quis dizer? *Melhor não conjecturar*, pensou a sra. Fisher; e seus olhos,

embora baixados, ainda viram lady Caroline estender a mão para a garrafa de Chianti e encher seu copo novamente.

Mais uma vez. Ela já havia feito isso uma vez, e o peixe estava sendo retirado da sala de jantar. A sra. Fisher podia ver que a outra senhora respeitável do grupo, a sra. Arbuthnot, também estava percebendo. A sra. Arbuthnot era, ela esperava e acreditava, respeitável e bem-intencionada. É verdade que ela também havia invadido sua sala de estar, mas sem dúvida tinha sido arrastada para lá pela outra. A sra. Fisher não tinha quase nada contra a sra. Arbuthnot, e observou com aprovação que ela só bebia água. Isso era o correto a se fazer. De fato, para lhe dar o devido crédito, a sardenta também fazia o mesmo; muito apropriado para a idade delas. Ela mesma bebia vinho, mas com moderação: uma refeição, uma taça. E ela tinha 65 anos, poderia muito bem, seria até indicado, tomar ao menos duas taças.

— Isso é muito ruim para você — ela disse à lady Caroline, interrompendo completamente o que a sra. Wilkins estava contando sobre seu dia maravilhoso e indicando o copo de vinho.

No entanto, lady Caroline não deve ter ouvido, pois continuou a bebericar, com o cotovelo na mesa, e a ouvir o que a sra. Wilkins estava dizendo.

E o que ela estava dizendo? Ela tinha convidado alguém para o castelo? Um homem?

A sra. Fisher não podia acreditar no que estava ouvindo. Evidentemente era um homem, pois ela se referia à pessoa como ele.

De repente e pela primeira vez — mas então isso era muito importante — a sra. Fisher se dirigiu diretamente à sra. Wilkins. Ela tinha 65 anos e não se importava muito com que tipos de mulheres passaria o mês, mas se as mulheres se misturariam com homens, então era uma questão completamente diferente. Ela não compactuaria com isso. Não aprovaria tais comportamentos impróprios. Na entrevista em Londres, não disseram nada sobre homens; se tivesse dito, ela teria se recusado a vir, é claro.

— Qual é o nome dele? — perguntou a sra. Fisher, interpondo-se abruptamente.

A sra. Wilkins se virou para ela com uma leve surpresa.

— Wilkins — ela disse.

— Wilkins?

— Sim.

— Seu nome?

— E o dele.

- Um parente?
- Não de sangue.
- Qual vínculo?
- Um marido.

A sra. Fisher baixou os olhos mais uma vez. Ela não podia conversar com a sra. Wilkins. Havia algo sobre as coisas que ela dizia... “Um marido.” Sugerindo um de muitos. Sempre aquele toque inconveniente em tudo. Por que ela não podia dizer “Meu marido”? Além disso, a sra. Fisher tinha, ela mesma sabia lá por qual motivo, presumido que ambas as jovens de Hampstead eram viúvas. Viúvas da guerra. Havia uma ausência na menção a maridos na entrevista que não era natural, ela considerava, se tais pessoas existissem afinal. E se um marido não era um parente, quem seria então? “Não de sangue.” Que maneira de falar. Um marido era o primeiro de todos os parentes. Como ela se lembrava bem de Ruskin — não, não era Ruskin, era a Bíblia que dizia que um homem deveria deixar seu pai e sua mãe e se unir apenas à sua esposa; mostrando que ela se tornava, por meio do casamento, uma relação ainda maior que a de sangue. E se os pais do marido não deveriam ser nada para ele em comparação com a esposa, quanto menos os pais da esposa deveriam ser para ela em comparação com o marido. Ela mesma não pôde deixar seus pais para se unir ao sr. Fisher porque, quando se casou, eles já não estavam mais vivos, mas certamente os teria deixado se estivessem lá. Não de sangue, de fato. Conversa boba.

O jantar estava muito bom. Sabor atrás de sabor. Costanza havia decidido fazer como bem entendesse quanto à nata e aos ovos na primeira semana, e ver o que aconteceria no final, quando as contas precisassem ser pagas. Sua experiência com os ingleses era que eles eram discretos sobre contas. Eram de poucas palavras. Acreditavam com facilidade. Além disso, quem era a anfitriã ali? Na ausência de uma definida, ocorreu a Costanza que ela mesma poderia ser a responsável. Então fez o jantar como queria, e estava muito bom.

As quatro, no entanto, estavam tão ocupadas com sua própria conversa que comeram sem notar o quão bom estava. Nem mesmo a sra. Fisher, que era tão enérgica nesses assuntos. A excelente culinária passou despercebida para ela; o que mostrava o quanto devia estar agitada.

Ela estava. Culpa daquela sra. Wilkins. Ela era capaz de agitar qualquer pessoa. E ela era, sem dúvida, encorajada pela lady Caroline, que, por sua vez, claramente era influenciada pelo Chianti.

A sra. Fisher estava muito contente por não ter a presença de homens ali, pois certamente ficariam abobados em relação à lady Caroline. Ela era exatamente o tipo de jovem que os desequilibraria; especialmente naquele momento, a sra. Fisher reconheceu. Talvez fosse o Chianti intensificando sua

personalidade, mas ela era indiscutivelmente muito atraente; e havia poucas coisas que a sra. Fisher detestava mais do que ter que observar enquanto homens sensatos e inteligentes, que momentos antes estavam falando de forma séria e interessante sobre assuntos reais, tornavam-se tolos e babões — ela os tinha visto realmente babando — apenas pela presença de uma bela cabeça oca. Mesmo o sr. Gladstone, um homem muito sábio, cuja mão havia repousado por um momento inesquecível solenemente em sua cabeça, teria deixado de falar com sensatez e se lançaria em brincadeiras ao reparar em lady Caroline.

— Veja bem — disse a sra. Wilkins; uma mania boba com o qual ela geralmente começava suas frases. A sra. Fisher desejava a cada vez dizer: “Perdão... eu não vejo, ouço”... mas por que se incomodar? — Veja bem — disse a sra. Wilkins, inclinando-se em direção à lady Caroline —, nós combinamos em Londres que se alguma de nós quisesse, poderíamos trazer um convidado, não foi? Então, agora estou fazendo isso.

— Não me lembro disso — disse a sra. Fisher com os olhos no prato.

— Ah, sim, nós fizemos... não é mesmo, Rose?

— Sim... eu me lembro — disse lady Caroline. — Só que parecia inacreditável que alguém pudesse querer. A ideia era fugir dos conhecidos.

— E dos maridos também.

Novamente aquele plural inapropriado. Completamente inapropriado, pensou a sra. Fisher. Tais insinuações. A sra. Arbuthnot claramente pensou o mesmo, pois tinha ficado vermelha.

— E do afeto familiar — disse lady Caroline... ou era o Chianti falando por ela? Certamente era o Chianti.

— E a falta de afeto familiar — disse a sra. Wilkins, que luz ela estava lançando sobre sua vida doméstica e seu caráter.

— Isso não seria tão ruim — disse lady Caroline. — Eu ficaria bem assim. Isso me daria espaço.

— Ah não, não... é horrível! — exclamou a sra. Wilkins. — É como se a gente estivesse nu.

— Mas eu gosto disso — disse lady Caroline.

— Francamente... — disse a sra. Fisher.

— É uma sensação divina, livrar-se das coisas — disse lady Caroline, que estava conversando apenas com a sra. Wilkins e não prestava atenção às outras duas.

— Ah, mas em uma ventania, não ter nada e saber que nunca terá nada, e então sentir cada vez mais frio até finalmente morrer... este é o

sentimento de se viver com alguém que não nos ama.

Essas confidências, pensou a sra. Fisher... e não havia nenhuma desculpa para a sra. Wilkins, que as fazia totalmente sem álcool. A sra. Arbuthnot, julgando pela sua expressão facial, compartilhava completamente da desaprovação da sra. Fisher; ela estava inquieta.

— Mas ele não a ama? — perguntou lady Caroline, tão desavergonhadamente indiscreta quanto a sra. Wilkins.

— Mellersh? Ele nunca demonstrou nenhum sinal disso.

— Delicioso — murmurou lady Caroline.

— Francamente... — disse a sra. Fisher.

— Eu não achei nada disso delicioso. Eu estava infeliz. E agora, desde que cheguei aqui, eu simplesmente me vejo sendo infeliz de novo. Tão infeliz quanto antes. E tudo por causa de Mellersh.

— Você quer dizer que ele não valia a pena?

— Francamente... — disse a sra. Fisher.

— Não, não é isso. Quero dizer que, de repente, evolui.

Lady Caroline, girando lentamente a haste de sua taça entre os dedos, examinou o rosto iluminado a sua frente.

— E agora que estou bem, descobri que não posso simplesmente ficar aqui e me regozijar sozinha. Não posso ser feliz, excluindo-o. Preciso compartilhar. Entendo exatamente como se sentiu o Beato Damozel.

— Quem era Beato Damozel? — perguntou Pequenina.

— Francamente... — disse a sra. Fisher; com tanta ênfase desta vez que lady Caroline se virou para ela.

— Eu deveria conhecer? — ela perguntou. — Não conheço nada sobre história natural. Parece o nome de um pássaro.

— É um poema — disse a sra. Fisher, friamente.

— Ah — respondeu Pequenina.

— Vou emprestá-lo para você — disse a sra. Wilkins, rindo.

— Não — disse Pequenina.

— E seu autor — disse a sra. Fisher gelidamente —, embora talvez não seja exatamente o que se desejava que ele fosse, frequentemente estava à mesa do meu pai.

— Que aborrecimento para você — disse Pequenina. — É o que minha mãe está sempre fazendo... convidando escritores. Eu odeio escritores.

Não me importaria tanto se não escrevessem livros. Continue sobre Mellersh — ela disse, virando-se para a sra. Wilkins.

— Francamente... — disse a sra. Fisher.

— Tantas camas vazias — disse a sra. Wilkins.

— Quais camas vazias? — perguntou Pequeninina.

— As que estão nesta casa. Afinal, cada uma das camas deveria ter alguém feliz ocupando-a. Oito camas e apenas quatro pessoas. É terrível ser tão ganancioso e guardar tudo só para si. Quero que Rose convide o marido dela também. Você e a sra. Fisher não têm maridos, mas por que não convidar alguma amiga para desfrutar de momentos gloriosos aqui?

Rose mordeu o lábio. Ela ficou vermelha, e então ficou pálida. *Se ao menos Lotty ficasse quieta*, pensou ela. Tudo bem, de repente, ter se tornado uma santa e querer amar todo mundo, mas precisava ser tão indelicada? Rose sentiu que todas as suas feridas doloridas estavam sendo abertas. Se ao menos Lotty ficasse quieta...

E a sra. Fisher, com ainda mais frieza do que a com que recebeu a ignorância de lady Caroline sobre a Beato Damozel, disse:

— Só há um quarto desocupado nesta casa.

— Só um? — ecoou a sra. Wilkins, surpresa. — Então quem está em todos os outros?

— Nós — disse a sra. Fisher.

— Mas não estamos em todos os quartos. Deve haver pelo menos seis. Então deveríamos ter dois quartos extras, e o proprietário nos disse que havia oito camas, não é mesmo, Rose?

— Há seis quartos — disse a sra. Fisher; pois tanto ela quanto lady Caroline haviam vasculhado completamente o local quando chegaram, para ver em qual parte ficariam mais confortáveis, e ambas sabiam que havia seis quartos, dois dos quais eram muito pequenos, e em um desses Francesca dormia na companhia de uma cadeira e de uma cômoda, e o outro, igualmente mobiliado, estava vazio. A sra. Wilkins e a sra. Arbuthnot mal tinham olhado a casa, tendo passado a maior parte do tempo ao ar livre, maravilhadas com a paisagem, e, na agitada distração de suas mentes quando começaram a negociar por San Salvatore, tiveram a ideia de que as oito camas das quais o proprietário falava eram o mesmo que oito quartos; o que não era verdade. Havia de fato oito camas, mas quatro delas estavam nos quartos da sra. Wilkins e da sra. Arbuthnot.

— Há seis quartos — repetiu a sra. Fisher. — Nós estamos ocupando quatro deles, Francesca o quinto, e o sexto está vazio.

— Então — disse Pequeninina — por mais que nos sintamos generosas, não poderíamos convidar mais ninguém. Não é uma sorte?

— Mas então só há espaço para mais um? — disse a sra. Wilkins, olhando em volta para os três rostos.

— Sim, e você o tem — disse Pequeninina.

A sra. Wilkins ficou surpresa. Essa questão das camas foi inesperada. Ao convidar Mellersh, ela pretendia colocá-lo em um dos quatro quartos extras que imaginava que existiam. Afinal, se havia muitos quartos e servos suficientes, não tinha motivo para que eles compartilhassem o mesmo quarto como faziam em sua pequena casa. O amor, mesmo o amor universal, o tipo de amor com o qual ela se sentia inundada, não deveria ser testado. Muita paciência e abnegação eram necessárias para um sono conjugal bem-sucedido. Placidez; uma fé constante; isso também era necessário. Ela tinha certeza de que gostaria muito mais de Mellersh, e ele não se importaria tanto com ela, se não estivessem trancados juntos à noite, se de manhã pudessem se encontrar com o afeto alegre de amigos entre os quais não houvesse sombra de diferenças sobre a janela ou os arranjos da hora da higiene, ou de absurdos pequenos ressentimentos sobre algo que um deles havia achado injusto. Sua felicidade, ela sentia, e sua capacidade de ser amiga de todos, era o resultado de sua nova liberdade repentina e sua paz. Haveria esse sentimento de liberdade, essa paz, depois de uma noite trancada com Mellersh? De manhã, ela seria capaz de ser plena com ele, como estava naquele momento, sentindo nada além de bondade e cheia de amor? Afinal, ela não havia estado no paraíso por muito tempo. E se ela não estivesse ali tempo suficiente para que sua brandura se tornasse permanente? Naquela manhã mesmo, que alegria extraordinária foi se ver sozinha ao acordar e poder puxar os lençóis do jeito que quisesse!

Francesca teve que cutucá-la. Estava tão absorta que não reparou na sobremesa.

Se, pensou a sra. Wilkins, distraída ao se servir, eu compartilhar meu quarto com Mellersh, corro o risco de perder tudo o que sinto por ele agora. Se, por outro lado, eu o colocar no quarto de hóspedes, impeço que a sra. Fisher e lady Caroline possam convidar alguém. É verdade que elas não parecem querer fazer isso no momento, neste lugar, mas a qualquer instante uma delas pode ser tomada pelo desejo de fazer alguém feliz, e então elas não seriam capazes por causa de Mellersh.

— Que dilema — ela disse em voz alta, franzindo o cenho.

— Qual? — perguntou Pequeninina.

— Onde colocar Mellersh — respondeu ela.

Pequenina a encarou.

— Por que, um quarto não é suficiente para ele? — ela perguntou.

— Ah, sim, é suficiente. Mas assim não restará mais nenhum quarto... nenhum quarto para alguém que você possa querer convidar.

— Eu não vou querer — respondeu Pequenina.

— Ou você — disse a sra. Wilkins para a sra. Fisher. — Rose, é claro, não conta. Tenho certeza de que ela gostaria de compartilhar o quarto com o marido. Está escrito no rosto dela.

— Francamente... — disse a sra. Fisher.

— Francamente o quê? — perguntou a sra. Wilkins, virando-se esperançosamente para ela, pois acreditou que desta vez a palavra daria início a uma frase completa com alguma sugestão útil.

Mas não. Ficou por isso mesmo. Como antes, era apenas sinal de frieza.

Desafiada, no entanto, a sra. Fisher logo continuou:

— Francamente — ela começou —, devo supor que você propõe reservar o único quarto extra para uso exclusivo de sua própria família?

— Ele não é minha própria família — disse a sra. Wilkins. — É meu marido. Veja...

— Eu não vejo nada — a sra. Fisher não se conteve em interromper desta vez... que truque intolerável. — No máximo ouço, e relutantemente.

Mas a sra. Wilkins, tão imune à repreensão quanto a sra. Fisher temia, imediatamente repetiu a fórmula cansativa e lançou-se em um longo e excessivamente indelicado discurso sobre o melhor lugar para o tal Mellersh dormir.

Mellersh — a sra. Fisher, lembrando-se dos Thomas, dos Johns, dos Alfred e dos Roberts de sua época, nomes simples e ainda assim gloriosos, pensou que ser batizado como Mellersh era pura afetação — ao que parecia, era o marido da sra. Wilkins, e, portanto, seu lugar estava claramente indicado. Por que essa conversa? Ela mesma, como se estivesse prevendo a chegada do homem, mandara colocar uma segunda cama no quarto da sra. Wilkins. Havia certas coisas na vida que nunca eram discutidas, apenas feitas. A maioria das coisas relacionadas aos maridos não era discutida; e ter uma mesa de jantar inteira ocupada com uma discussão sobre onde um deles deveria dormir era um ultraje à decência. Como e onde os maridos dormiam deveria ser algo do conhecimento apenas de suas esposas. Às vezes, nem mesmo as esposas sabiam, e então o casamento tinha momentos infelizes por isso; mas tais momentos também não eram discutidos; a decência continuava a ser preservada. Pelo menos, era assim em seu tempo. Ter que ouvir se o sr. Wilkins deveria ou não dormir com a sra. Wilkins, e os motivos pelos quais

ele deveria ou não, era tanto desinteressante quanto indelicado.

Ela poderia ter exigido decoro e mudado o assunto da conversa, se não fosse por lady Caroline. Lady Caroline encorajava a sra. Wilkins e se envolvia na discussão com a mesma falta de reservas que a sra. Wilkins. Sem dúvida, impulsionada pelo Chianti, mas seja qual fosse o motivo, lá estava ela. E, caracteristicamente, lady Caroline estava totalmente a favor de que o sr. Wilkins ficasse com o quarto de hóspedes. Ela já considerava isso como feito. Qualquer outro arranjo seria impossível, ela disse; sua expressão era bárbara. Será que ela nunca leu a Bíblia, a sra. Fisher foi tentada a perguntar... “E os dois serão uma só carne”? Claramente, então, deveriam dividir um quarto. Mas a sra. Fisher não questionou. Ela não se incomodaria em aludir tais textos para uma mulher solteira.

No entanto, havia uma maneira de fazer com que o sr. Wilkins ocupasse seu devido lugar e salvar a situação: poderia dizer que ela mesma pretendia convidar alguém. Era seu direito. Todas elas tinham dito isso. Além de inadequado, era monstruoso que a sra. Wilkins quisesse monopolizar o único quarto de hóspedes, quando em seu próprio quarto havia tudo o que era necessário para seu marido. Talvez ela realmente convidasse alguém — não convidar, mas sugerir que viesse. Havia Kate Lumley, por exemplo. Kate poderia vir e pagar sua parte; e ela era de sua própria geração e conhecia a maioria das pessoas que a sra. Fisher conhecia. Kate, é claro, estivera um pouco mais à margem; costumava ser convidada apenas para as grandes festas, não para os eventos mais íntimos, e ainda se mantinha à margem. Havia algumas pessoas que nunca saíam da margem, e Kate era uma delas. No entanto, muitas vezes, essas pessoas eram mais agradáveis de se estar do que as outras, pois sempre eram gratas.

Sim; ela de fato poderia pensar em convidar Kate. A pobre alma nunca se casara, mas nem todo mundo poderia esperar se casar, e ela estava bastante confortável — não tanto, mas o suficiente para pagar suas próprias despesas se viesse, e ainda assim ficaria muito grata. Sim; Kate era a solução. Se ela viesse, os Wilkins seriam domados e a sra. Wilkins impedida de ter mais do que sua parte dos quartos. Além disso, a sra. Fisher se livraria do isolamento espiritual. Ela desejava o isolamento físico entre as refeições, mas não gostava do isolamento que vem do espírito. Convivendo com essas três jovens alienadas, esse tipo de isolamento certamente a abateria. Mesmo a sra. Arbuthnot, devido à sua amizade com a sra. Wilkins, parecia ter a mente alienada. Em Kate, ela encontraria um apoio. Kate não se intrometeria em sua sala de estar, pois era educada, estaria lá nas refeições para apoiá-la.

A sra. Fisher nada disse no momento; mas assim que se reuniram em volta da lareira na sala de estar — ela descobrira que não havia lareira em sua própria sala de estar e, portanto, seria forçada, enquanto as noites permanecessem frias, a passá-las no outro cômodo —, enquanto Francesca

estava servindo café e lady Caroline estava poluindo o ar com fumaça, a sra. Wilkins, parecendo aliviada e contente, disse:

— Bem, se ninguém realmente quer aquele quarto e não o usaria de qualquer maneira, ficarei muito feliz se Mellersh puder ficar com ele.

— Claro que sim — disse lady Caroline.

Então, a sra. Fisher falou:

— Eu tenho uma amiga — disse ela com a voz profunda; e um silêncio repentino caiu sobre as outras.

— Kate Lumley — disse a sra. Fisher.

Ninguém falou.

— Talvez você a conheça — continuou a sra. Fisher, dirigindo-se a lady Caroline.

Não, lady Caroline não conhecia Kate Lumley; e a sra. Fisher, sem perguntar às outras se elas conheciam, pois tinha certeza de que não conheciam ninguém relevante, prosseguiu:

— Desejo convidá-la para se juntar a mim — disse a sra. Fisher.

Silêncio total.

Então Pequenina disse, virando-se para a sra. Wilkins:

— Isso resolve o caso de Mellersh, então.

— Isso resolve o caso do sr. Wilkins — disse a sra. Fisher —, embora eu seja incapaz de entender por que isso sequer foi um caso.

— Receio que não tenha outra alternativa, então — disse lady Caroline novamente para a sra. Wilkins. — A menos — ela acrescentou — que ele não possa vir.

Mas a sra. Wilkins, com a testa franzida — e se, afinal, pensou, ela ainda não estivesse totalmente bem no paraíso? — só pôde dizer, um pouco desconfortável:

— Eu o *vejo* aqui.

Capítulo 13

Os dias monótonos — apenas aparentemente monótonos — passaram banhados de sol, e os empregados, observando as quatro senhoras, chegaram à conclusão de que havia pouca vitalidade nelas.

Para eles, San Salvatore parecia adormecida. Ninguém vinha para o chá, nem as senhoras iam a lugar algum para o chá. Outros inquilinos, em outras primaveras, tinham sido muito mais ativos. Havia agitação e desbravamento; o barco era usado; excursões eram feitas; a carruagem de Beppo era solicitada; pessoas de Mezzago vinham e passavam o dia; a casa ressoava com vozes; às vezes até bebiam champanhe. A vida era variada, era interessante. Mas isso? O que era isso? Os empregados nem sequer eram repreendidos. Foram deixados completamente por conta própria. Eles bocejavam.

A completa ausência de cavalheiros também era surpreendente. Como os cavalheiros poderiam ser mantidos afastados de tanta beleza? Pois, juntas, e mesmo excluindo a idosa, as três damas mais jovens geravam uma soma formidável do que os cavalheiros normalmente procuravam.

Além disso, o evidente desejo de cada uma delas de passar longas horas afastadas das outras intrigava os empregados. O resultado era um silêncio mortal na casa, exceto nas horas das refeições. Parecia tão vazia quanto havia sido durante todo o inverno, por qualquer som de vida que houvesse. A senhora idosa se sentava em seu quarto, sozinha; a senhora de olhos escuros vagava solitária, e, como Domenico lhes contou, às vezes a encontrava enquanto cumpria seu afazeres incompreensivelmente entre as rochas; a bela senhora loira estava em sua cadeira baixa no jardim superior, sozinha; a senhora loira, menos bela, mas ainda assim bonita, subia as colinas e permanecia lá por horas, sozinha; e todos os dias o sol brilhava lentamente ao redor da casa, então desaparecia à noite no mar, sem nada ter acontecido

Os criados bocejavam.

No entanto, as quatro visitantes, embora seus corpos permanecessem sentados — era o que fazia a sra. Fisher — ou deitados — era o caso de lady Caroline — ou vagando — era o que fazia a sra. Arbuthnot — ou solitários nas colinas — era a sra. Wilkins —, não estavam de forma alguma apáticas de fato. Suas mentes estavam excepcionalmente ocupadas. Mesmo à noite, não paravam de pensar, e os sonhos que tinham eram claros, curtos e rápidos, muito diferentes dos sonhos densos que tinham em casa. Havia algo na atmosfera de San Salvatore que produzia atividade mental em todos, exceto nos nativos. Eles, como antes, independentemente da beleza ao redor deles ou do que as estações pródigas fizessem, permaneciam imunes a pensamentos que não fossem aqueles aos quais estavam acostumados. Durante toda a vida,

havam visto, ano após ano, o incrível espetáculo recorrente de abril nos jardins, e o hábito o tornara invisível para eles. Eles eram tão cegos para isso, tão inconscientes disso, quanto o cão de Domenico dormindo ao sol.

As visitantes não podiam fechar os olhos para isso — era muito marcante depois de um março particularmente úmido e sombrio em Londres. De repente, ser transportada para aquele lugar onde o ar era tão calmo que prendia a respiração, onde a luz era tão dourada que as coisas mais comuns eram transfiguradas — ser transportada para aquela calorosa delicadeza, aquela fragrância acariciadora, e ter o velho castelo cinza como cenário, e, ao longe, as serenas colinas claras de Perugini, formando um contraste impressionante. Mesmo lady Caroline, acostumada com a beleza durante toda a vida, que tinha estado em todos os lugares e visto tudo, surpreendeu-se com tudo isso. Naquele ano, a primavera se apresentava particularmente maravilhosa, e de todos os meses em San Salvatore, abril, se o tempo estivesse bom, era o melhor. Maio era quente e seco; março era instável, e podia ser severo e frio em seu brilho; mas abril vinha suavemente como uma bênção, e se fosse um abril bom, era tão bonito que seria impossível não se sentir diferente, não se sentir tocado e comovido.

A sra. Wilkins, como vimos, respondeu ao lugar instantaneamente. Ela, por assim dizer, imediatamente se despiu de todas as suas vestes e mergulhou direto na glória, sem hesitar, com um grito de êxtase.

A sra. Arbuthnot se sentiu tocada e comovida, mas de forma diferente. Ela teve sensações estranhas... que em breve serão descritas.

A sra. Fisher, sendo mais velha, tinha um comportamento mais fechado, mais impermeável, e oferecia mais resistência; mas ela também sentiu coisas estranhas, que também serão descritas em seu devido tempo.

Lady Caroline, já muito familiarizada com casas bonitas e bons climas, não se surpreendeu como as outras, mas ainda assim reagiu quase tão rapidamente quanto a sra. Wilkins. O lugar teve uma influência quase instantânea sobre ela também, e de uma parte dessa influência estava ciente: tinha feito com que ela, desde a primeira noite, quisesse pensar, e agiu sobre ela de forma curiosa como uma consciência. O que essa consciência parecia pressioná-la para notar, com uma insistência que a assustava — lady Caroline hesitava em aceitar a palavra, mas ela continuava vindo à sua cabeça — era que ela era fútil.

Fútil. Ela. Imagine.

Ela precisava pensar mais sobre isso.

Na manhã seguinte ao primeiro jantar juntas, ela acordou com um sentimento de arrependimento por ter falado tanto com a sra. Wilkins na noite anterior. Ela se perguntava o que a teria feito agir de tal maneira. Agora, é claro, a sra. Wilkins iria se apegar a ela, se tornaria inseparável; e o

pensamento de uma aproximação e de tal inseparabilidade que durariam quatro semanas fez o espírito de Pequenina desfalecer dentro de si. Sem dúvida, a encorajada sra. Wilkins estaria à espreita no jardim superior, esperando interceptá-la assim que ela saísse, e a saudaria com alegria matinal. Como ela odiava ser saudada com alegria matinal — ou, na verdade, saudada de qualquer maneira. Ela não deveria ter encorajado a sra. Wilkins. Encorajar era fatal. Já era ruim o suficiente não encorajar, pois o simples fato de ficar ali sentada e não dizer nada já parecia geralmente envolvê-la, mas encorajar ativamente era suicídio. O que diabos ela tinha feito? Agora teria que desperdiçar todo seu tempo precioso, o valioso e adorável tempo para pensar, para se resolver consigo mesma, para se livrar da sra. Wilkins.

Com grande cautela e nas pontas dos pés, equilibrando-se cuidadosamente para que as pedrinhas não fizessem barulho, ela saiu furtivamente para o seu recanto; mas o jardim estava vazio. Não era necessário se livrar de ninguém. Não via nem a sra. Wilkins nem ninguém mais. Tinha o jardim inteiramente para si. Exceto por Domenico, que logo veio e parou, regando suas plantas, novamente todas aquelas que estavam mais próximas dela, ninguém mais apareceu. Depois de muito tempo seguindo pensamentos que pareciam fugir dela assim que os alcançava, e cochilando nos intervalos dessa perseguição, quando ela sentiu fome, olhou para o relógio e viu que já passava das três, percebeu que ninguém nem mesmo se deu ao trabalho de chamá-la para o almoço. Então, Pequenina não pôde deixar de observar, se alguém foi deixada de lado, foi ela mesma.

Bem, mas que delícia, e que novidade maravilhosa. Agora realmente seria capaz de pensar, sem interrupções. Era delicioso ser esquecida.

Ainda assim, estava com fome; e a sra. Wilkins, após aquela excessiva simpatia na noite anterior, pelo menos poderia ter dito que o almoço estava pronto. Ela realmente tinha sido excessivamente simpática — tão gentil sobre os arranjos para Mellersh, querendo que ele ficasse com o quarto de hóspedes e tudo mais. Não costumava se interessar por esses arranjos, na verdade, ela nunca se interessava; então Pequenina considerava que até mesmo se esforçou para ser agradável com a sra. Wilkins. E, em troca, a sra. Wilkins nem se importou se ela ia ou não almoçar.

Felizmente, embora estivesse com fome, não se importava em perder uma refeição. A vida era cheia de refeições. Elas ocupavam uma proporção enorme do tempo de uma pessoa; e a sra. Fisher era, ela temia, uma daquelas pessoas que prolongavam as refeições. Tinha jantado com a sra. Fisher duas vezes, e cada vez tinha sido mais difícil se despedir, prolongando-se lentamente para quebrar inúmeras nozes e beber um copo de vinho que parecia que nunca seria terminado. Provavelmente seria uma boa ideia criar o hábito de perder o almoço, e como era bastante fácil fazer com que o chá fosse trazido até ela e tomava o café da manhã no quarto, só teria que se

sentar à mesa da sala de jantar e suportar as nozes uma vez ao dia.

Pequenina afundou a cabeça confortavelmente nas almofadas e, com os pés cruzados no parapeito baixo, entregou-se a mais pensamentos. Ela dizia a si mesma, como tinha dito em intervalos ao longo da manhã: *Agora vou pensar*. Mas como nunca havia pensado em nada na vida, era difícil. Extraordinário como a atenção não se fixava; como a mente divagava. Ao se preparar para revisitar seu passado como uma preliminar para considerar o futuro, e procurar nele qualquer justificativa para aquela palavra perturbadora, “fútil”, a próxima coisa que ela percebeu foi que não estava pensando nisso de jeito nenhum, mas, de alguma forma, seu pensamento estava no sr. Wilkins.

Bem, era bem fácil pensar no sr. Wilkins, embora não fosse agradável. Ela encarava sua chegada com apreensão. Pois não era apenas profundo e inesperado contratempo ter um homem no grupo, e um homem, além disso, do tipo que ela estava certa de que o sr. Wilkins devia ser, mas ela tinha medo — e seu medo era o resultado de uma experiência lamentavelmente invariável — de que ele pudesse querer ficar perto dela.

Essa possibilidade evidentemente ainda não tinha ocorrido à sra. Wilkins, e não era algo que ela poderia sinalizar; ao menos não sem parecer terrivelmente grosseira. Esperava que o sr. Wilkins fosse uma maravilhosa exceção à regra. Se fosse, ela ficaria tão grata que acreditava que poderia realmente gostar bastante dele.

Mas... ela tinha apreensões. E se ele a rodeasse a ponto de ela ter que sair do seu adorável jardim? E se a luz no rosto engraçado e oscilante da sra. Wilkins se apagasse? Particularmente, Pequenina não gostaria que isso acontecesse com o rosto da sra. Wilkins, embora nunca tenha conhecido esposas, nenhuma, que fosse capaz de entender que ela não queria nada com os maridos delas. Já tinha conhecido esposas que também não queriam seus maridos, mas isso não as impedia de ficarem indignadas se achassem que outra pessoa os queria, e nem de terem certeza, ao vê-los rondando Pequenina, de que ela estava tentando conquistá-los. Tentando conquistá-los! A mera ideia, a simples lembrança dessas situações, a encheu de um tédio tão extremo que instantaneamente a fez dormir de novo.

Quando ela acordou, continuou pensando sobre o sr. Wilkins.

Agora, pensou Pequenina, se o sr. Wilkins não fosse uma exceção e se comportasse da maneira usual, a sra. Wilkins entenderia, ou simplesmente estragaria suas férias? Ela parecia esperta, mas entenderia isso? Ela parecia entender e enxergar dentro das pessoas, mas faria isso quando se tratasse do sr. Wilkins?

A experiente Pequenina estava cheia de dúvidas. Ela balançou os pés no parapeito; arrumou uma almofada. Talvez fosse melhor tentar explicar para a sra. Wilkins, nos dias que ainda restavam antes da chegada — explicar de

maneira geral, de forma vaga e abrangente — sua atitude em relação a essas questões. Ela também poderia expor seu estranho desgosto pelos maridos das pessoas e seu profundo desejo de ficar sozinha, pelo menos por este mês.

Mas Pequenina também tinha suas dúvidas sobre isso. Tal conversa significava uma certa familiaridade, significava embarcar em uma amizade com a sra. Wilkins; e se, depois de se aproximar muito da sra. Wilkins, o sr. Wilkins se revelasse astuto — as pessoas ficavam bem astutas quando estavam determinadas a algo — e conseguisse, afinal, se infiltrar em seu jardim, a sra. Wilkins poderia facilmente acreditar que tinha sido enganada e que Pequenina era desleal. Desleal! E por causa do sr. Wilkins. Esposas eram realmente patéticas.

Às quatro e meia, ela ouviu sons de xícaras do outro lado dos arbustos de troviscos. Será que estavam mandando chá para ela?

Não; os sons não se aproximaram, pararam perto da casa. O chá seria no jardim, no seu jardim. Pequenina considerou que pelo menos poderiam ter perguntado se ela se importava em ser incomodada. Todos sabiam que ela ficava sentada ali.

Talvez alguém trouxesse o chá para ela em seu recanto.

Não; ninguém trouxe nada.

Bem, ela estava com fome demais para não ir e tomar chá com as outras hoje, mas daria instruções rigorosas para Francesca seguir nos próximos dias.

Ela se levantou e caminhou em direção aos sons do chá, com aquela graça lenta que era outro de seus numerosos e incontáveis atrativos. Estava consciente não apenas de estar com muita fome, mas também de querer conversar com a sra. Wilkins novamente. A sra. Wilkins não tinha se apegado, deixou-a completamente livre o dia todo, apesar da aproximação da noite anterior. Claro, ela era uma original, e colocou um suéter de seda para o jantar, mas não tinha se apegado. Isso era ótimo. Pequenina foi em direção ao chá, ansiosa para ver a sra. Wilkins; e quando avistou a mesa, viu apenas a sra. Fisher e a sra. Arbuthnot.

A sra. Fisher estava servindo o chá, e a sra. Arbuthnot estava oferecendo *macarons* para a sra. Fisher. Toda vez que a sra. Fisher oferecia algo à sra. Arbuthnot — sua xícara, leite ou açúcar — a sra. Arbuthnot oferecia seus *macarons* — insistindo com uma dedicação estranha, quase com obstinação. Seria um tipo de jogo? Pequenina se perguntou, sentando-se e pegando um *macaron*.

— Onde está a sra. Wilkins? — perguntou Pequenina.

Elas não sabiam. Pelo menos, a sra. Arbuthnot, ao ser questionada por Pequenina, não sabia; a sra. Fisher, ao ouvir o nome, logo demonstrou

desinteresse.

Aparentemente a sra. Wilkins não tinha sido vista desde o café da manhã. A sra. Arbuthnot achava que tinha ido para um piquenique. Pequenininha sentia falta dela. Ela comeu os enormes *macarons*, os melhores e maiores que já tinha encontrado, em silêncio. O chá sem a sra. Wilkins era monótono; e a sra. Arbuthnot tinha aquele terrível ar maternal, de querer mimar alguém, fazendo se sentir muito confortável, persuadindo a comer — convencendo-a, que já estava, francamente, comendo até demais —, que parecia ter acompanhado os passos de Pequenininha pela vida. As pessoas não podiam deixá-la em paz? Ela era perfeitamente capaz de comer sem incentivos. Tentou conter a sra. Arbuthnot sendo rude com ela. Inútil. A rudeza não era aparente. Permaneceu, como todos os sentimentos ruins de Pequenininha, coberta pelo véu impenetrável de sua beleza.

A sra. Fisher permaneceu monumental, sem dar atenção a nenhuma das duas. Ela teve um dia curioso e estava um pouco preocupada. Estivera completamente sozinha, pois nenhuma das três foram almoçar, e nenhuma delas se deu o trabalho de avisá-la que não viriam. A sra. Arbuthnot, chegando casualmente para o chá, comportara-se de maneira estranha, até que lady Caroline se juntou a elas e a distraiu.

A sra. Fisher estava preparada para não desgostar da sra. Arbuthnot, cujo cabelo repartido e a expressão suave pareciam muito decentes e femininos, mas ela certamente tinha hábitos difíceis de gostar. Seu hábito de imediatamente ecoar qualquer oferta feita a ela de comida ou bebida, de devolver a oferta, por assim dizer, não era comum. “Gostaria de mais chá?”, certamente era uma pergunta para a qual a resposta era simplesmente sim ou não; mas a sra. Arbuthnot persistia no truque que havia exibido no dia anterior no café da manhã, de adicionar ao seu sim ou não as palavras “E você?”. Ela tinha feito isso novamente hoje, no café da manhã, e agora de novo no chá — as duas refeições em que a sra. Fisher presidia e servia. Por que ela fazia isso? A sra. Fisher não conseguia entender.

Mas isso não era o que a preocupava; isso era apenas incidental. O que a preocupava era que naquele dia, ela não tinha sido incapaz de se concentrar em qualquer coisa e não tinha feito nada além de vagar inquieta entre sua sala de estar e suas ameias. Tinha sido um dia desperdiçado, e ela detestava o desperdício. Tinha tentado ler e tentado escrever para Kate Lumley; mas não — algumas palavras lidas, algumas linhas escritas, e ela se levantava novamente e saía para as ameias, para encarar o mar.

Não importava que a carta para Kate Lumley não tinha sido escrita. Havia tempo suficiente para isso. Deixe que as outras suponham que sua vinda estava arranjada. Melhor ainda. Assim, o sr. Wilkins seria mantido fora do quarto de hóspedes e colocado onde deveria ficar. Kate poderia esperar. Ela seria seu álibi. Kate como álibi era tão bom quanto se ela realmente estivesse

ali, pois havia alguns pontos a considerar sobre Kate. Por exemplo, se a sra. Fisher estivesse inquieta, iria preferir que Kate não estivesse lá para reparar. Havia uma falta de dignidade na inquietação, em ficar indo para frente e para trás. Mas importava, sim, que ela não conseguisse ler uma frase dos escritos de nenhum de seus grandes amigos mortos; não, nem mesmo de Browning, que estivera tanto na Itália, nem de Ruskin, cuja a obra *As Pedras de Veneza* ela trouxera consigo para reler quase no próprio local; nem mesmo uma frase de um livro realmente interessante como aquele que encontrara em sua sala de estar, sobre a vida doméstica do imperador alemão, pobre homem — escrito na década de 1890, quando ele ainda não tinha começado a ser tão pecador, o que, ela estava firmemente convencida, era o problema dele agora, e cheio de coisas emocionantes sobre seu nascimento, seu braço direito e seus companheiros — sem ter que largá-lo para ir encarar o mar.

A leitura era muito importante; exercitar e desenvolver a mente era um dever primordial. Como alguém poderia ler se estivesse constantemente andando para lá e para cá? Curiosa essa inquietação. Ela estaria ficando doente? Não, ela se sentia bem; na verdade, excepcionalmente bem, e ia para dentro e para fora muito rapidamente — trotava, na verdade — e sem sua bengala. Muito estranho que ela não conseguisse ficar quieta, pensou, franzindo o cenho para o topo de alguns jacintos roxos no Golfo de La Spezia brilhando além de um promontório; muito estranho que ela, que caminhava tão lentamente, dependendo tanto de sua bengala, de repente estivesse trotando.

Achou que seria interessante conversar com alguém sobre isso. Não com Kate, mas com um estranho. Kate só olharia para ela e sugeriria uma xícara de chá. Ela sempre sugeria xícaras de chá. Além disso, Kate tinha um rosto sem expressão. Aquela sra. Wilkins, agora — mesmo sendo irritante, tagarela, impertinente e censurável — provavelmente entenderia, e talvez soubesse o que estava causando essa mudança nela. Mas ela não podia dizer nada para a sra. Wilkins. Ela era a última pessoa para quem admitiria seus sentimentos. A dignidade dela a proibia de fazer isso. Confidenciar à sra. Wilkins? Jamais.

E a sra. Arbuthnot, enquanto mimava a Pequenininha durante o chá, também sentia que teve um dia curioso. Como o da sra. Fisher, tinha sido ativo, mas, ao contrário do dela, apenas mentalmente. Seu corpo tinha permanecido completamente imóvel; sua mente, por outro lado, não se aquietou, estava excessivamente ativa. Por anos, ela fez de tudo para não ter tempo para pensar. Sua rotina intensa na paróquia impedia que memórias e desejos a perturbassem. Naquele dia, eles se aglomeraram. Ela voltou para o chá se sentindo angustiada, e o fato de se sentir assim em um lugar tão encantador, com tudo ao seu redor para fazê-la feliz, só a deixava mais angustiada. Mas como poderia se alegrar sozinha? Como alguém poderia se alegrar e apreciar a vida sozinho? Exceto Lotty. Lotty parecia ser capaz disso.

Ela tinha descido a colina logo após o café da manhã, sozinha e claramente alegre, pois não sugeriu que Rose fosse junto, e estava cantarolando enquanto caminhava.

Rose tinha passado o dia sozinha, sentada com as mãos agarrando os joelhos, olhando diretamente para a frente. Estava observando as espadas cinzentas dos agaves e, em seus talos altos, os lírios pálidos que cresciam no lugar remoto que ela havia encontrado, enquanto além deles, entre as folhas cinzentas e as flores azuis, via o mar. O lugar que ela havia encontrado era um recanto escondido onde as pedras queimadas pelo sol eram cobertas de tomilho, e onde era provável que ninguém viesse. Estava fora da vista e do som da casa; fora de qualquer caminho; estava perto do final do promontório. Estava tão quieta que, logo, lagartos passaram por seus pés, e alguns pássaros pequeninos, como tentilhões, assustados no início, iam e vinham voando entre as moitas ao seu redor, como se ela não estivesse lá. Como era bonito. E de que adiantava isso sem ninguém lá, ninguém que amasse estar com ela, que pertencesse a ela, a quem pudesse dizer: “Olhe”. E ninguém que diria: “Olhe... querida”? Sim, alguém que a chamaria de *querida*, e a doce palavra, dita por alguém que a amasse, a faria feliz.

Permaneceu completamente imóvel, olhando para a frente. Estranho não sentir vontade de rezar neste lugar. Ela, que sempre rezava em casa, parecia não conseguir fazê-lo ali de jeito nenhum. Na primeira manhã, apenas lançou um breve agradecimento ao céu ao sair da cama e foi direto para a janela para ver como tudo estava — lançou o agradecimento ao céu descuidadamente, como uma bola, e não pensou mais sobre isso. Naquela manhã, lembrando-se disso e, envergonhada, ajoelhou-se com determinação; mas talvez a determinação fosse ruim para as orações, pois não conseguiu pensar em nada para dizer. Suas orações noturnas também não aconteciam. Estivera tão absorta em outros pensamentos que as esqueceu; e, uma vez na cama, dormia e girava entre sonhos claros, curtos e rápidos antes mesmo de ter tempo para se esticar.

O que havia acontecido com ela? Por que havia deixado de lado a âncora da oração? Ela também estava com dificuldade de se lembrar dos pobres, em se lembrar até mesmo de que existiam pobres. Férias, é claro, eram boas, e eram reconhecidas por todos como algo positivo, mas será que deveriam apagar tão completamente, fazer um estrago tão grande, na realidade? Talvez fosse saudável se esquecer dos pobres, pois retornaria a eles com mais entusiasmo. Mas não podia ser saudável se esquecer de suas orações, e ainda menos não se importar com isso.

Rose não se importava. Ela sabia disso. E, pior ainda, sabia que não se importava em não se importar. Neste lugar, ela era indiferente às duas coisas que haviam preenchido sua vida e a fizeram parecer feliz por anos. Bem, se ao menos ela pudesse se alegrar com seu maravilhoso novo ambiente, ter pelo

menos isso para contrapor à indiferença, o desapego, mas não conseguia. Ela não tinha afazeres; não rezava; ela estava vazia.

Lotty havia estragado seu dia, assim como havia estragado o dia anterior — Lotty, com seu convite ao marido, com sua sugestão de que ela também deveria convidar o dela. Tendo-a feito voltar a pensar em Frederick, e então sumido; durante toda a tarde, ela a deixou sozinha com seus pensamentos. Desde então, tudo era sobre Frederick. Enquanto em Hampstead ele vinha até ela apenas em seus sonhos, aqui ele deixava seus sonhos livres e passava o dia inteiro em seus pensamentos. E novamente naquela manhã, enquanto lutava para não pensar nele, Lotty havia perguntado a ela, logo antes de desaparecer, cantarolando pelo caminho, se ela já havia escrito e convidado o marido, e mais uma vez ele foi lançado em sua mente, e ela não conseguiu tirá-lo de lá.

Como poderia convidá-lo? O afastamento deles tinha durado tanto tempo, tantos anos; ela dificilmente saberia quais palavras usar; além disso, ele não viria. Por que ele viria? Ele não se importava em estar com ela. Sobre o que eles poderiam conversar? Entre eles estava a barreira do trabalho dele e da religião dela. Ela não poderia suportar o trabalho dele, suportar ser sustentada por ele. Como poderia, acreditando como acreditava em pureza, na responsabilidade pelo efeito de suas ações sobre os outros? E ele, ela sabia, inicialmente havia ressentido e depois apenas se entediado com a religião dela. Ele a deixou ir; a abandonou; ele não se importava mais; aceitava sua religião com indiferença, como um fato. Tanto a religião quanto ela mesma — a mente de Rose, tornando-se mais luminosa na luz clara de abril em San Salvatore, de repente viu a verdade — o entediavam.

Naturalmente, quando entendeu isso, quando naquela manhã isso lhe ocorreu pela primeira vez, ela não gostou; por um tempo toda a beleza da Itália foi apagada. O que poderia ser feito a respeito? Ela não poderia deixar de acreditar no bem e desaprovar o mal, e devia ser errado viver inteiramente com os rendimentos de adultérios, por mais que as histórias fossem de falecidos famosos. Além disso, se ela fizesse isso, se sacrificasse todo o seu passado, sua criação, seu trabalho dos últimos dez anos, ela o entediaria menos? Rose sentiu, bem lá no fundo, que uma vez que tivesse entediado alguém profundamente, seria quase impossível deixar de entediá-lo. Uma vez um chato, sempre um chato — certamente era isso o que ocorria para a pessoa entediada, ela pensou.

Então é melhor se apegar à sua religião, pensou ela, olhando para o mar com os olhos embaçados. Era melhor — ela mal notou o caráter reprovador de seu pensamento — do que nada. Mas, ah, ela queria se apegar a algo tangível, amar algo vivo, algo que se pudesse segurar contra o coração, que pudesse ver, tocar e cuidar. Se seu pobre bebê não tivesse morrido... os bebês não se entediam com a gente, demoravam muito para crescer e nos

descobrir. E talvez o próprio bebê nunca nos descobrisse; talvez sempre fossemos para ele, não importa o quão velho e barbudo ele ficasse, alguém especial, alguém diferente de todos os outros, e se por nenhum outro motivo, precioso por sermos insubstituíveis.

Sentada, com olhos turvos olhando para o mar, ela sentiu um desejo extraordinário de segurar algo só seu junto ao peito. Rose era esguia e tão reservada na figura quanto no caráter, mas teve uma sensação estranha de... como poderia descrever? Havia algo em San Salvatore que a fazia sentir algo forte no peito. Ela queria abraçar junto ao peito, confortar e proteger, acalmar a cabeça querida que repousaria sobre ele com afagos suaves e murmúrios de amor. Frederick, o filho de Frederick — vindo até ela, apoiado nela, porque estavam infelizes, porque haviam sido machucados... Eles precisariam dela caso se machucassem; eles se permitiriam ser amados quando estivessem tristes.

Bem, a criança se foi, não voltaria nunca mais; mas talvez Frederick — algum dia — quando ele estivesse velho e cansado...

Essas foram as reflexões e emoções da sra. Arbuthnot naquele primeiro dia em San Salvatore sozinha. Ela voltou para o chá sentindo-se triste, como não se sentia há anos. San Salvatore tinha tirado dela a fachada cuidadosamente construída de felicidade sem oferecer nada em troca. Sim — tinha dado a ela anseios em troca, essa dor e a saudade, esse estranho sentimento de acalantar alguém junto ao peito; mas isso era ainda pior do que nada. E ela, que era equilibrada, que nunca ficava irritada em casa, que era sempre gentil, naquela tarde não pôde, nem mesmo em sua desolação, suportar a suposição da sra. Fisher de que era a anfitriã do chá.

Uma coisa tão pequena não deveria a incomodar, mas incomodou. Sua natureza estaria mudando? Será que além de ter retomado antigos anseios por Frederick, também se transformaria em alguém que queria brigar por coisas pequenas? Depois do chá, quando tanto a sra. Fisher quanto a lady Caroline desapareceram novamente, ficou bastante evidente que ninguém a queria, ela estava mais desanimada do que nunca, sobrecarregada pela discrepância entre o esplendor do lado de fora, a beleza quente e abundante e a autossuficiência da natureza, e o grande vazio em seu coração.

Lotty voltou para o jantar, incrivelmente mais sardenta, exalando o sol que havia tomado o dia todo, falando, rindo, sem tato, sem prudência, sem reserva; e lady Caroline, tão quieta no chá, agora estava desperta e animada. A sra. Fisher passava despercebida, e Rose estava começando a reviver um pouco, pois a energia de Lotty enquanto contava as aventuras de seu dia era contagiante, um dia que para qualquer outra pessoa poderia facilmente ser resumido em nada além de uma caminhada muito longa sob muito calor, e com alguns sanduíches. De repente ela disse, capturando o olhar de Rose:

— Enviou a carta?

Rose corou. Essa falta de tato...

— Que carta? — perguntou Pequenina, interessada, com os cotovelos em cima da mesa e o queixo apoiado nas mãos. A fase das nozes tinha chegado, e não havia nada a fazer além de esperar na posição mais confortável possível até que a sra. Fisher terminasse de quebrá-las.

— Para convidar o marido dela a vir para cá — disse Lotty.

A sra. Fisher olhou para cima. Outro marido? Isso não acabaria? Nem esta, então, era uma viúva; mas o marido dela, sem dúvida, era um homem decente e respeitável, seguindo uma ocupação igualmente decente e respeitável. Ela tinha pouca expectativa no sr. Wilkins; tão pouca que se absteve de perguntar o que ele fazia.

— Enviou? — insistiu Lotty, quando Rose não respondeu.

— Não — disse Rose.

— Ah, bom, então amanhã — disse Lotty.

Rose queria repetir seu “não”. Em seu lugar, Lotty teria feito isso além de expor todos os seus motivos. Mas ela não podia se abrir dessa maneira, em frente a todas elas. Como Lotty, que via tantas coisas, não reparava que seu silêncio sobre o marido significava que Frederick ocupava um lugar machucado em seu coração?

— Quem é seu marido? — perguntou a sra. Fisher, ajustando cuidadosamente outra noz entre o quebra-nozes.

— Quem mais poderia ser — respondeu Rose rapidamente, imediatamente irritada com a sra. Fisher — senão o sr. Arbuthnot?

— É claro, quis dizer, o que faz o sr. Arbuthnot?

E Rose, ficando dolorosamente vermelha com isso, disse após uma pequena pausa:

— É meu marido.

Naturalmente, a sra. Fisher ficou indignada. Não poderia acreditar que esta mulher, com seu cabelo arrumado e sua voz suave, também fosse impertinente.

Capítulo 14

Naquela primeira semana, a glicínia começou a murchar, e as flores da árvore-de-judas e dos pessegueiros caíram, cobrindo o chão com tons cor-de-rosa. Então todas as frésias desapareceram, e as íris ficaram escassas. Enquanto estes estavam iam se desvanecendo, as rosas banksiae desabrochavam, e as grandes rosas trepadeiras subitamente se exibiram com esplendor nos muros e nas treliças. Havia um tipo especial de rosa amarela entre elas; uma rosa muito bonita. Os tamariscos e os troviscos estavam no ápice da beleza, e os lírios, mais altos do que nunca. No final da semana, as figueiras começaram a oferecer sombra, a flor de ameixa aparecia entre as oliveiras, as modestas weigelas floridas surgiam em rosa, e sobre as rochas se espalhavam massas de flores de folhas grossas, em tons vibrantes de roxo e em um amarelo claro e pálido.

A resposta do sr. Wilkins também chegou no final de semana; assim como sua esposa previu que ele faria, ele o fez. Havia sinais quase de ansiedade ao aceitar seu convite, pois ele não esperou para escrever uma carta em resposta à dela, mas enviou um telegrama.

Isso, com certeza, era ansiedade. Isso mostrava, pensou Pequenina, um desejo óbvio de encontrá-la; e observando o rosto feliz de sua esposa e ciente de seu desejo de que Mellersh aproveitasse suas férias, Pequenina disse a si mesma que ele seria um tolo se desperdiçasse seu tempo preocupando-se com qualquer outra pessoa. *Se ele não for legal com ela*, pensou Pequenina, *vou lançá-lo das ameias*. Pois, até o final da semana, ela e a sra. Wilkins haviam se tornado Caroline e Lotty uma para a outra, e eram amigas.

A sra. Wilkins sempre foi amigável, mas Pequenina relutou contra isso. Ela tentou ser cautelosa, mas como era difícil ser cautelosa com a sra. Wilkins! Liberta de qualquer vestígio disso, ela era tão completamente sem reservas, tão expansiva, que sem se dar conta, Pequenina estava agindo sem reservas também. E ninguém poderia ser mais sem reservas do que Pequenina, uma vez que ela se abria.

A única dificuldade com Lotty era que ela quase sempre estava em outro lugar. Não conseguia acompanhá-la; não conseguia fazê-la parar para conversar. Os receios de Pequenina de que ela iria ficar grudada nela o dia inteiro agora, em retrospecto, eram ridículos. Porque Lotty nunca ficava grudada nela. Os únicos momentos em que realmente se viam era durante e após o jantar. Ela se tornava invisível durante todo o dia e voltava no final da tarde parecendo um perfeito desastre, com o cabelo cheio de pedaços de musgo e as sardas mais fortes do que nunca. Talvez estivesse aproveitando ao máximo o tempo antes da chegada de Mellersh, fazendo todas as coisas que queria fazer e planejava se dedicar depois a sair com ele, arrumada e com suas

melhores roupas.

Pequenina a observava, interessada, mesmo a contragosto, porque parecia tão extraordinário ser tão feliz com tão pouco. San Salvatore era lindo, e o tempo estava divino; mas paisagens e clima nunca tinham sido o suficiente para Pequenina; como poderiam ser o suficiente para alguém que logo teria que deixar tudo para trás e voltar para Hampstead? Além disso, havia a iminência de Mellersh, daquele Mellersh de quem Lotty havia fugido tão recentemente. Entendia o desejo de querer compartilhar, de fazer um belo gesto, mas os belos gestos que Pequenina conhecia não tornavam ninguém feliz. Ninguém realmente gostava de ser o objeto de um, e sempre significava um esforço por parte de quem o fazia. Ainda assim, tinha que admitir que não havia esforço da parte de Lotty; era bem evidente que tudo o que ela fazia e dizia era sem esforço, e que ela estava simples e completamente feliz.

A sra. Wilkins estava assim, pois suas dúvidas quanto a ter tido tempo de se firmar na serenidade concedida pelo local, para que conseguisse permanecer serena na companhia de Mellersh, tinham ido embora até o meio da semana. Ela sentia que agora nada poderia abalá-la. Estava pronta para qualquer coisa. Estava firme, enraizada, fundamentada no paraíso. Seja lá o que Mellersh dissesse ou fizesse, ela não sairia do paraíso, nem um centímetro; não se incomodaria e nem ficaria irritada. Pelo contrário, ela puxaria o marido para o seu lado, e eles se sentariam confortavelmente juntos, envolvidos em luz, e ririam de como ela costumava ter medo dele em Hampstead, e de como seu medo foi infundado. Mas ele não precisaria de tanto incentivo. Após um dia ou dois, seria natural e irresistivelmente transportado para as brisas perfumadas daquele ar divino; e lá ele se sentaria, adornado de estrelas; era o que pensava a sra. Wilkins, em cuja mente, entre outras coisas, flutuavam alguns fragmentos cintilantes de poesia. Ela deu um risinho ao pensar na imagem de Mellersh, aquele advogado de família, de cartola e casaco preto, adornado de estrelas. Mas riu afetuosamente, quase com um orgulho maternal ao pensar em como ele ficaria esplêndido em roupas tão finas.

— Coitadinho — murmurou para si mesma, com afeto. E acrescentou: — Tudo de que ele precisa é de uma boa mudança de ares.

Isso foi na primeira metade da semana. No início da última metade, quando o sr. Wilkins chegou, ela parou até mesmo de se assegurar de que era inabalável, de que estava tão permeada pelo ambiente que nada a atingiria, não pensava nem ficava mais reparando nisso; ela o considerava como certo. Dizia, não apenas para si mesma, mas também para lady Caroline, que tinha encontrado seu lugar no paraíso.

Ao contrário do que a sra. Fisher considerava apropriado — mas é claro que era ao contrário; o que mais esperaria da sra. Wilkins? —, ela não foi encontrar o marido em Mezzago, apenas caminhou até o ponto onde a

carruagem de Beppo o deixaria com sua bagagem, na rua de Castagneto. A sra. Fisher não estava feliz com a chegada do sr. Wilkins; estava certa de que qualquer pessoa que tivesse se casado com a sra. Wilkins deveria ser, no mínimo, imprudente, mas um marido, independentemente disso, deveria ser recebido da maneira adequada. O sr. Fisher sempre foi devidamente recebido. Nunca, em toda a sua vida matrimonial, ele havia chegado sem ser recebido em uma estação, nem jamais partira sem ser visto. Esses gestos, essas cortesias, fortaleciam os laços conjugais e faziam o marido sentir que podia contar com a presença constante de sua esposa. Estar sempre presente era o segredo essencial para ser uma boa esposa. O que teria acontecido com o sr. Fisher se ela tivesse negligenciado e deixado de agir conforme esse princípio? Preferia não pensar nisso. Mesmo com todos os seus esforços, muita coisa havia acontecido; pois, por mais que se cuidasse em tapar, a vida matrimonial ainda parecia conter rachaduras.

Mas a sra. Wilkins não se preocupou. Simplesmente desceu a colina cantarolando — a sra. Fisher podia ouvi-la — e encontrou o marido na rua tão casualmente como se ele fosse um alfinete. As outras três, ainda na cama, pois era muito cedo, ouviram-na enquanto ela passava sob suas janelas pelo caminho sinuoso para encontrar o sr. Wilkins, que vinha no trem da manhã. Pequenina sorriu, Rose suspirou e a sra. Fisher tocou a campainha e pediu a Francesca que lhe trouxesse o café da manhã no quarto. Naquele dia, as três fizeram o desjejum em seus quartos, movidas por um instinto comum de se esconder.

Pequenina sempre tomava o café da manhã na cama, mas, naquele dia, sentia o mesmo instinto de se esconder, e durante a refeição fez planos para passar o dia inteiro onde estava. No entanto, talvez não fosse tão necessário ter tanto cuidado naquele dia quanto no próximo. Naquele dia, Pequenina avaliava, Mellersh estaria bem ocupado. Ele iria querer tomar um banho, o que era trabalhoso em San Salvatore, uma verdadeira aventura; para se ter um banho quente de banheira levava muito tempo. Envolveria a presença de toda a equipe: Domenico e o garoto Giuseppe tratando da caldeira, contendo o fogo quando subia ferozmente, usando o fole quando ameaçava apagar, acendendo-o novamente quando apagava; Francesca, ansiosa, cuidando da torneira, regulando seu gotejamento, porque se fosse aberta demais, a água logo esfriava, e se não fosse o suficiente, a caldeira explodia por dentro e misteriosamente inundava a casa; e Costanza e Angela correndo para cima e para baixo trazendo baldes de água quente da cozinha para complementar o que a torneira fornecia.

A banheira havia sido instalada recentemente e era, ao mesmo tempo, o orgulho e o terror dos empregados. Era muito exclusiva. Ninguém a entendia por completo. Havia longas instruções impressas coladas na parede, nas quais a palavra *pericoloso* aparecia repetidamente. Assim que a sra. Fisher viu essa palavra no banheiro, voltou para o seu quarto e pediu uma esponja; e

quando as outras descobriram o que significava e o quão relutantes os empregados estavam em deixá-las sozinhas com a caldeira; como Francesca se recusava a isso e ficava de costas, vigiando a torneira; como os outros esperavam ansiosos do lado de fora da porta até que quem estivesse no banho saísse em segurança, elas também mandaram trazer esponjas para seus quartos.

No entanto, o sr. Wilkins era um homem, e certamente iria querer se banhar em uma banheira grande. Pequeninina pensou que isso o manteria ocupado por um bom tempo. Depois, ele teria que desfazer as malas e, após a noite de viagem no trem, provavelmente dormiria. Assim, estaria ocupado durante todo o dia e não as encontraria até o jantar.

Por fim, Pequeninina concluiu que estaria completamente segura no jardim naquele dia, e, como de costume, levantou-se após o café da manhã, demorando para se arrumar, com um ouvido ligeiramente atento aos sons da chegada do sr. Wilkins, de sua bagagem sendo levada para o quarto de Lotty do outro lado do corredor, de sua voz educada ao perguntar a Lotty, primeiro: “Devo dar algo a este sujeito?”. E imediatamente depois: “Eu queria tomar um banho quente”. Seguida da voz animada de Lotty, assegurando-lhe de que ele não precisava dar nada ao sujeito porque ele era o jardineiro, e de que sim, ele poderia tomar um banho quente; e logo depois disso, o corredor estava cheio dos ruídos familiares de madeira e água sendo trazida, de pés apressados, de línguas vociferando; tudo para a preparação do banho.

Pequenina terminou de se vestir e ficou ociosa em sua janela, esperando até ouvir o sr. Wilkins entrar no banheiro. Quando ele estivesse lá, em segurança, sairia e se acomodaria em seu jardim para retomar suas indagações sobre o sentido de sua vida. Ela estava avançando em suas indagações. Cochilava com menos frequência e começava a concordar que “fútil” era a palavra adequada para descrever seu passado. Além disso, estava com medo de que seu futuro parecesse sombrio.

Ela podia ouvir a voz educada do sr. Wilkins novamente. A porta de Lotty se abriu, e ele estava saindo de lá, perguntando o caminho para o banheiro.

— Onde conseguir ver várias pessoas reunidas à porta — respondeu a voz de Lotty, ainda alegre, Pequeninina ficou feliz em notar. Seus passos seguiram pelo corredor, e os passos de Lotty desceram as escadas. Então pareceu haver uma breve discussão à porta do banheiro; não uma discussão, mais um coro de vociferações de um lado, e do outro uma determinação silenciosa sobre tomar banho sozinho, Pequeninina supôs.

O sr. Wilkins não falava italiano, e a expressão *pericoloso* não chamou sua atenção. Ele fechou a porta na cara dos empregados, resistindo a Domenico, que tentou até o último momento se espremer para ficar ali, e se

trancou como um homem deveria fazer em seu banho. Enquanto se preparava para entrar na banheira, julgava o peculiar padrão de comportamento desses estrangeiros que, tanto homens quanto mulheres, aparentemente desejavam ficar com ele enquanto se banhava. Na Finlândia, ele ouvira dizer, as nativas não apenas ficavam presentes em tais ocasiões, como de fato lavavam o viajante. Mas nunca ouviu que o mesmo acontecia na Itália, que de alguma forma parecia muito mais próxima da civilização — talvez porque tivesse ido para lá, e não para a Finlândia.

Examinando de forma imparcial essa reflexão e equilibrando cuidadosamente as reivindicações à civilização da Itália e da Finlândia, o sr. Wilkins entrou na banheira e fechou a torneira. Naturalmente, ele fechou a torneira. Era o que se fazia. Mas nas instruções, impressas em letras vermelhas, havia um parágrafo dizendo que a torneira não deveria ser fechada enquanto ainda houvesse fogo na caldeira. Deveria ser deixada aberta — não totalmente, mas aberta — até que o fogo se apagasse por completo; caso contrário, e ali novamente estava a palavra *pericoloso*, a caldeira explodiria.

O sr. Wilkins entrou na banheira, fechou a torneira e a caldeira explodiu, exatamente como estava escrito nas instruções. Explodiu, felizmente, apenas por dentro, mas com um ruído terrível, e o sr. Wilkins pulou para fora da banheira e correu para a porta, com o instinto de anos de treinamento fazendo-o agarrar uma toalha enquanto corria.

Pequenina ouviu a explosão do corredor.

Meu Deus, pensou ela, lembrando das instruções, *lá vai o sr. Wilkins!*

Ela correu em direção ao topo da escada para chamar os empregados. Enquanto corria, o sr. Wilkins saía apressado, segurando sua toalha, e os dois se chocaram.

— Banheira maldita! — gritou o sr. Wilkins muito irritado, quase esquecendo-se de que seu corpo estava apenas parcialmente escondido pela toalha.

E foi assim que se conheceram. O sr. Wilkins, com os ombros expostos em uma ponta e as pernas na outra, e lady Caroline Dester, a pessoa que havia feito ele engolir a raiva que sentia de sua esposa e vir para a Itália.

Em sua carta, Lotty havia dito quem estava em San Salvatore, além dela mesma e da sra. Arbuthnot. E o sr. Wilkins percebeu de imediato que esta era uma oportunidade que talvez nunca mais se repetisse. Lotty havia dito apenas: “Há outras duas damas aqui, a sra. Fisher e lady Caroline Dester”. Foi o suficiente. Ele sabia tudo sobre os Droitwiches, sua riqueza, suas conexões, seu lugar na história e o poder que tinham, caso escolhessem exercê-lo, de tornar mais um advogado feliz ao adicioná-lo aos que já empregavam. Algumas pessoas empregavam um advogado para um ramo de seus negócios e outro para os demais. Os Droitwiches deviam ter muitos negócios. Ele

também ouvira — pois considerava que era parte de seu ofício ouvir e, tendo ouvido, lembrar-se — da beleza de sua única filha. Mesmo que os próprios Droitwiches não precisassem de seus serviços, sua filha poderia precisar. A beleza conduzia a situações estranhas; conselhos nunca seriam demais. E mesmo que nenhum deles, nem os pais, nem a filha, nem qualquer um de seus brilhantes filhos, precisasse de sua capacidade profissional, ainda era obviamente uma relação muito valiosa a ser feita. Abriam-se perspectivas. Criava possibilidades. Ele poderia continuar vivendo em Hampstead por anos e nunca mais encontrar uma chance como essa.

Assim que recebeu a carta de sua esposa, ele telegrafou e fez as malas. Isso era negócio. Ele não perdia tempo quando se tratava de negócios; tampouco arriscava uma chance ao negligenciar ser amigável. Recebeu sua esposa de maneira perfeitamente amável, consciente de que a amabilidade, em tais circunstâncias, era sabedoria. Além disso, ele realmente se sentia amável... muito. Pela primeira vez, Lotty estava realmente ajudando-o. Ele a beijou afetuosamente ao sair da carruagem de Beppo, e temeu que ela tivesse se levantado cedo demais. Não reclamou da subida íngreme; contou-lhe sobre sua jornada e, quando solicitado, admirou a paisagem obedientemente. Tudo o que ele iria fazer naquele primeiro dia estava cuidadosamente planejado em sua mente: fazer a barba, tomar banho, vestir roupas limpas, dormir um pouco, e então almoçar e se apresentar à lady Caroline.

No trem, ele havia pensado cuidadosamente em como seria sua saudação a ela — expressaria brevemente sua gratificação por encontrar alguém de quem ele, assim como o mundo inteiro, já havia ouvido falar —, mas, é claro, seria sutil, muito sutil; faria uma breve referência aos seus pais e ao papel que sua família havia desempenhado na história da Inglaterra; com o devido tato, é claro; e uma ou duas frases sobre seu irmão mais velho, lorde Winchcombe, que conquistou a cruz vitoriana na guerra, sob circunstâncias que só poderiam fazer — ele poderia ou não adicionar isso — o coração de todo inglês bater mais forte de orgulho. Assim, os primeiros passos rumo ao que poderia muito bem ser o ponto de virada em sua carreira teriam sido dados.

E aqui estava ele... não, era terrível demais, o que poderia ser mais terrível? Apenas de toalha, com água escorrendo pelas pernas, e aquela exclamação. No momento em que a exclamação saiu, ele soube que a dama era lady Caroline; soube no mesmo instante. O sr. Wilkins raramente usava tal palavra, e nunca, jamais na presença de uma dama ou de um cliente. Quanto à toalha... afinal, por que ele viera? Por que não ficou em Hampstead? Seria impossível superar isso.

Mas o sr. Wilkins ainda não conhecia a Pequenina. Na verdade, assim que o viu naquela situação, ela torceu o rosto, fazendo um esforço enorme para não rir, e depois de conter o riso e se recompor, seu rosto sério

novamente, disse com a mesma tranquilidade como se ele estivesse vestido:

— Como vai?

Que compostura perfeita. O sr. Wilkins poderia tê-la adorado. Essa habilidade de ignorar o que não a convém com maestria. O sangue azul, é claro, vindo à tona.

Cheio de gratidão, ele pegou a mão que ela estendeu e disse:

— Como vai? — E o simples fato de repetir as palavras corriqueiras pareceu restaurar a situação ao normal magicamente. Na verdade, ele estava tão aliviado, e esse aperto de mãos era tão natural, convencional, que ele se esqueceu de que só estava de toalha e sua compostura profissional retornou. Ele se esqueceu de como estava vestido, mas não se esqueceu de que esta era lady Caroline Dester, a dama pela qual ele veio até a Itália, e não se esqueceu de que foi em seu rosto, seu rosto adorável e imponente, que lançara sua terrível exclamação. Precisava implorar imediatamente pelo seu perdão. Dizer uma palavra dessas a uma dama — a qualquer dama, mas entre todas as damas, justamente esta...

— Receio ter usado uma linguagem imperdoável — começou o sr. Wilkins, muito seriamente, tão grave e cheio de cerimônias como se estivesse vestido.

— Achei bem apropriada — disse Pequenina, que estava acostumada a palavrões.

O sr. Wilkins ficou incrivelmente aliviado e mais calmo com a resposta. Ela não se ofendera, afinal. Sangue azul, claro. Apenas quem tinha o sangue azul poderia se dar ao luxo de ter uma atitude tão liberal, tão compreensiva.

— A senhorita é a lady Caroline Dester, não é? — perguntou ele, sua voz soando ainda mais cuidadosamente cordial do que o habitual, pois estava cheia de regozijo, alívio e alegria de ter sido perdoado pela situação.

— Sim — disse Pequenina, sem conseguir evitar de sorrir. Ela não pôde evitar. Não tinha a intenção de sorrir para o sr. Wilkins, nunca; mas realmente ele parecia... era como se a voz dele superasse todo o resto, estava alheia à toalha e às pernas, e falava como se estivesse na igreja.

— Permita-me me apresentar — disse o sr. Wilkins, com a cerimônia de uma sala de visitas. — Meu nome é Mellersh-Wilkins.

E instintivamente estendeu a mão pela segunda vez ao proferir as palavras.

— Achei que fosse — respondeu Pequenina, pela segunda vez tendo sua mão sacudida, e pela segunda vez incapaz de não sorrir.

Ele estava prestes a prosseguir com o primeiro gracioso elogio que havia preparado no trem, alheio, já que não podia se ver, ao fato de que estava sem suas roupas, quando os empregados subiram as escadas correndo e, ao mesmo tempo, a sra. Fisher apareceu na entrada de sua sala de estar. Tudo aconteceu muito rapidamente, e os empregados que vieram da cozinha, e a sra. Fisher que perambulava em suas ameias, não conseguiram aparecer antes do segundo aperto de mãos.

Os empregados, ao ouvirem o ruído que tanto temiam, souberam de imediato o que havia acontecido e correram para o banheiro para tentar estancar o vazamento, sem prestar atenção à figura de toalha no corredor. Mas a sra. Fisher, sem saber o que poderia ter sido o barulho e, saindo de seu quarto para perguntar, ficou paralisada na porta.

Aquilo era o suficiente para deixar qualquer um perplexo. Lady Caroline apertando a mão daquele que, evidentemente, se estivesse vestido, seria o marido da sra. Wilkins, e ambos conversando como se...

Então Pequenina percebeu a presença da sra. Fisher e se voltou imediatamente para ela.

— Deixe-me apresentar o sr. Mellersh-Wilkins — disse ela graciosamente. — Ele acabou de chegar. Esta — ela acrescentou, virando-se para o sr. Wilkins — é a sra. Fisher.

E o sr. Wilkins, muito cortês, reagiu imediatamente à fórmula convencional. Primeiro, ele fez uma reverência para a senhora idosa na entrada, depois foi até ela, seus pés molhados deixando pegadas conforme avançava, e, ao alcançá-la, ele educadamente estendeu a mão.

— É um prazer conhecer uma amiga de minha esposa — disse o sr. Wilkins em um tom de voz perfeito.

Pequenina aproveitou a deixa para escapar para o jardim.

Capítulo 15

O efeito estranho deste incidente foi que, quando se encontraram naquela noite para o jantar, tanto a sra. Fisher quanto lady Caroline tiveram uma sensação singular de que secretamente já conheciam o sr. Wilkins. Ele já não era mais visto como um homem qualquer. Não poderia ser visto por elas como teria sido se o tivessem encontrado vestido. Aquela tensão inicial dos encontros não existia; elas se sentiram imediatamente íntimas e indulgentes; quase sentiram por ele como as enfermeiras sentem — como aqueles que ajudam pacientes ou crianças pequenas em seus banhos. Elas estavam familiarizadas com as pernas do sr. Wilkins.

O que a sra. Fisher disse a ele naquela manhã, no choque inicial, nunca será revelado, mas o que o sr. Wilkins disse em resposta a ela, quando caiu em si sobre sua condição, foi um pedido de desculpas tão elegante, tão apropriado em sua confusão, que ela acabou ficando com bastante pena dele e completamente apaziguada. Afinal, foi um acidente, e ninguém poderia evitar acidentes. Quando ela o viu novamente no jantar, vestido, polido, imaculado em linho e com o cabelo elegantemente penteado, teve essa sensação singular de que já o conhecia secretamente e, adicionado a isso, sentia um tipo de orgulho quase pessoal por sua aparência, o que logo se estendeu de forma sutil a um orgulho quase pessoal por tudo o que ele dizia.

Para a sra. Fisher, não havia dúvida alguma de que a companhia de um homem era infinitamente melhor que a de uma mulher. A presença e a conversa do sr. Wilkins imediatamente elevou o padrão da mesa de jantar de algo como uma caverna de ursos — sim, uma caverna de ursos — para uma reunião social civilizada. Ele falava como os homens falam, sobre assuntos interessantes, e, embora fosse extremamente cortês com lady Caroline, não mostrava nenhum sinal de se desfazer em sorrisos e idiotices sempre que se dirigia a ela. Ele era, de fato, precisamente cortês com a própria sra. Fisher; e quando, pela primeira vez àquela mesa, a política foi introduzida, ele a ouviu com a seriedade adequada quando ela manifestou o desejo de falar, e tratou suas opiniões com a atenção que mereciam. Ele parecia pensar como ela sobre Lloyd George, e no que diz respeito à literatura, era igualmente sólido. De fato, houve uma conversa de verdade, e ele gostava de nozes. Como ele poderia ter se casado com a sra. Wilkins era um mistério.

Lotty, por sua vez, observava com olhos arregalados. Esperava que Mellersh levasse pelo menos dois dias até chegar a essa fase, mas o feitiço de San Salvatore havia funcionado instantaneamente. Ele não estava sendo apenas agradável no jantar, pois ela sempre o via sendo agradável em jantares com outras pessoas, mas tinha sido agradável durante o dia todo — tão agradável que havia elogiado sua aparência enquanto ela escovava os cabelos

e a beijou. Ele a beijou! E não tinha sido um beijo de bom-dia ou de boa-noite.

Bem, sendo assim, ela adiaría contar a verdade a ele sobre suas economias e sobre Rose não ser realmente a anfitriã até o dia seguinte. Uma pena ter que estragar as coisas. Estava prestes a contar, assim que ele tivesse descansado, mas parecia uma pena perturbar um estado de espírito tão belo como o de Mellersh neste primeiro dia. Era melhor deixá-lo se firmar mais no paraíso também. Uma vez que se firmasse, ele não se importaria com mais nada.

Seu rosto brilhava de deleite com o efeito instantâneo de San Salvatore. Nem mesmo a catástrofe do banho, da qual ela havia sido informada quando voltou do jardim, havia o abalado. Claro, tudo de que ele precisava era de férias. Como ela tinha sido rude com ele quando quis levá-la à Itália. Mas, no fim, o modo como as coisas aconteceram foi muito melhor, embora não por mérito dela. Falava e ria alegremente, sem um pinga de medo dele, e mesmo quando ela disse, impressionada com sua aparência imaculada, que ele parecia estar tão limpo que poderiam servir o jantar em cima dele, e Pequenina riu, Mellersh riu também. Em casa, esse comentário o teria incomodado, supondo que em casa ela tivesse tido coragem de dizer isso.

Foi uma noite ótima. Pequenina, sempre que olhava para o sr. Wilkins, o via enrolado em uma toalha, pingando, e se sentia indulgente. A sra. Fisher estava encantada com ele. Rose era uma anfitriã digna aos olhos do sr. Wilkins, calma e digna, e ele admirava a forma como ela renunciava ao seu direito de se sentar à cabeceira da mesa — como um gracioso cumprimento, é claro, à idade da sra. Fisher. A sra. Arbuthnot era naturalmente reservada, considerou o sr. Wilkins. Ela era a mais reservada das três damas. Ele a encontrara antes do jantar, quando estava sozinha por um momento na sala de estar, e expressara com educação seu apreço por sua bondade em desejar que ele se juntasse ao grupo, e ela fora bem reservada. Seria tímida? Provavelmente. Ela tinha corado e murmurado, como se estivesse se desculpando, e então as outras entraram. No jantar, falou muito pouco. Ele, é claro, ficaria mais familiarizado com ela nos próximos dias, e tinha certeza de que seria agradável.

Enquanto isso, lady Caroline era ainda mais do que o sr. Wilkins havia imaginado, e havia recebido seus comentários, habilmente inseridos entre os pratos, com graciosidade. A sra. Fisher era exatamente a idosa que ele esperava encontrar em toda a sua vida profissional. E Lotty não só havia melhorado imensamente sua relação com lady Caroline, mas estava claramente *au mieux* — o sr. Wilkins sabia um pouco de francês. Durante o dia, ele ficou remoendo os pensamentos, atormentado pelo modo como havia ficado conversando com lady Caroline, esquecendo-se de que não estava vestido, e finalmente havia escrito para ela uma nota pedindo desculpas

profundas, suplicando-lhe que ignorasse sua incrível e incompreensível distração, à qual ela havia respondido a lápis no verso do envelope: “Não se preocupe”. Ele acatou às suas ordens e deixou isso de lado. O resultado foi que agora estava muito bem. Naquela noite, antes de dormir, ele beliscou a orelha da esposa. Ela ficou surpresa. Esses afetos...

Aliás, aquela manhã não abalou o estado de espírito do sr. Wilkins, e ele manteve o bom humor durante todo o dia, apesar de ser o primeiro dia da segunda semana e, portanto, o dia de pagamento.

O fato de ser dia de pagamento antecipou a confissão de Lotty, que, quando chegou o momento, estava inclinada a adiar um pouco mais. Ela não estava com medo, sentia até ousadia, mas Mellersh estava de tão bom humor... por que arriscar estragá-lo tão cedo? No entanto, logo após o café da manhã, quando Costanza apareceu com um monte de pedacinhos de papel sujos repletos de somas a lápis, e bateu na porta da sra. Fisher, sendo mandada embora; e na porta de lady Caroline, que também a mandou embora; e na porta de Rose, de quem não obteve resposta porque Rose tinha saído; ela interceptou Lotty, que estava mostrando a casa para Mellersh, apontou para os pedaços de papel e falou muito rapidamente e com a voz alta, dando de ombros muitas vezes, e sempre apontando para os pedaços de papel, Lotty se lembrou de que uma semana havia se passado sem que ninguém pagasse nada, e que o momento de acertar as contas havia chegado.

— Essa bondosa senhora deseja algo? — perguntou o sr. Wilkins melodiosamente.

— Dinheiro — respondeu Lotty.

— Dinheiro?

— São as contas da casa.

— Bem, você não tem nada a ver com isso — disse o sr. Wilkins serenamente.

— Ah, sim, eu tenho...

E a confissão foi antecipada.

O modo como Mellersh lidou com a situação foi maravilhoso. Ele sempre imaginou que a poupança dela deveria ser usada exatamente para isso. Não a interrogou, como teria feito em casa; apenas aceitou tudo conforme ia sendo despejado, sobre suas mentiras e tudo mais, e quando ela terminou e disse:

— Acredito que você tem todo o direito de estar zangado, mas espero que não esteja e que me perdoe.

Ele apenas perguntou:

— O que poderia ter sido melhor do que essas férias?

Então, ela passou o braço por entre o dele e o segurou firme, dizendo:

— Ah, Mellersh, você é mesmo muito amável! — Seu rosto ficou ruborizado, cheio de orgulho dele.

O fato de ele ter se entregado tão rapidamente à atmosfera, de imediatamente ter se tornado nada além de gentileza, revelava a afinidade que ele tinha com coisas boas e belas. Ele pertencia naturalmente a este lugar de calmaria celestial. Era extraordinário como ela o havia julgado mal — ele era um ser de luz por natureza. Imagina não se importar com as terríveis mentiras que ela havia contado antes de sair de casa; imagina passar até mesmo por cima delas sem comentários. Maravilhoso. Ainda assim, não era surpreendente, afinal, ele estava no paraíso. No paraíso, ninguém se importava com coisas do passado, nem se preocupava em perdoar e esquecer, todos estavam muito felizes. Ela apertou o braço dele em gratidão e apreço; e embora ele não tenha retirado o braço, também não respondeu ao aperto. O sr. Wilkins tinha um hábito de ser mais frio e raramente gostava de carinho.

Enquanto isso, Costanza, percebendo que havia perdido a atenção dos Wilkins, retornou para a sra. Fisher, que pelo menos entendia italiano, além de ser, aos olhos dos empregados, marcada pela idade e pela aparência, a pessoa que provavelmente pagaria as contas. Enquanto a sra. Fisher dava os toques finais em sua *toilette*, terminando de se ajeitar, ou seja, colocando chapéu, véu, boá e luvas, para dar um passeio no jardim inferior pela primeira vez desde sua chegada, Costanza explicou que, a menos que lhe fosse dado dinheiro para pagar as contas da última semana, as lojas de Castagneto recusariam dar crédito para a comida da semana atual. Nem mesmo dariam créditos para as refeições daquele dia, afirmou Costanza, que vinha gastando muito e estava ansiosa para pagar todos os parentes a quem devia, e também para descobrir como aquelas damas lidariam com os gastos. Logo seria a hora da *colazione*, e como poderia haver tal refeição sem carne, peixe, ovos, sem...

A sra. Fisher pegou as contas de suas mãos e olhou para o total. Ela ficou tão surpresa com o valor, tão horrorizada com a extravagância que aquilo testemunhava, que se sentou na cadeira de sua escrivaninha para estudar a questão minuciosamente.

Aquela meia hora foi bem difícil para Costanza. Não achava que os ingleses fossem tão mercenários. E *la Vecchia*, como a chamavam na cozinha, sabia tanto italiano, e com uma obstinação que encheu Costanza de vergonha por ela, pois tal conduta era a última esperada dos nobres ingleses. Ela passou item por item, exigindo e persistindo até obter explicações para cada um deles.

Não havia explicações, exceto que Costanza teve uma semana gloriosa, podendo fazer exatamente o que decidia, de esplêndida liberdade

desenfreada, e esse era o resultado.

Costanza, não tendo explicações, chorou. Era terrível pensar que, a partir de agora, teria que cozinhar sob vigilância, sob suspeita; e o que seus conhecidos diriam quando percebessem que os pedidos que recebiam estavam sendo reduzidos? Diriam que ela não tinha influência; todos a desprezariam.

A cozinheira chorou, mas a sra. Fisher permaneceu impassível. Em italiano devagar e admirável, ela informou que não pagaria as contas até a semana seguinte, e que a comida deveria continuar sendo preparada de maneira tão boa quanto antes, e a um quarto do custo.

Costanza lançou as mãos para o alto.

Na semana seguinte, prosseguiu a sra. Fisher, impassível, se constatasse que isso havia sido cumprido, pagaria tudo. Caso contrário... ela fez uma pausa; pois o que faria nem ela mesma sabia. Mas ela fez uma pausa e lançou um olhar impenetrável para ela, majestosa e ameaçadora, e Costanza ficou intimidada.

Então, tendo dispensado Costanza com um gesto, a sra. Fisher foi reclamar com lady Caroline. Tinha a impressão de que era lady Caroline quem fazia os pedidos das refeições e, portanto, era a responsável por esses valores. Mas agora desconfiava de que a cozinheira tinha sido deixada livre para fazer exatamente o que queria desde que chegaram lá, o que, é claro, era simplesmente vergonhoso.

Pequenina não respondeu, mas a sra. Fisher abriu a porta mesmo assim, pois suspeitava de que ela estivesse lá e apenas fingiu que não ouviu a batida. Mesmo vazio, o quarto ainda estava perfumado pela presença dela, como uma flor.

— Perfume — resmungou a sra. Fisher, fechando a porta novamente; e desejou que Carlyle pudesse ter tido cinco minutos de conversa com essa jovem. E ainda assim... talvez até mesmo ele...

Ela desceu para procurá-la no jardim e, no hall, encontrou o sr. Wilkins. Ele estava com o chapéu na cabeça e acendia um charuto.

Apesar de se sentir indulgente na presença do sr. Wilkins, e de se sentir peculiar e até misticamente ligada a ele após o encontro da manhã anterior, a sra. Fisher ainda não conseguia aprovar charutos dentro de casa. Ao ar livre, ela tolerava, mas não era necessário ter este hábito dentro de casa com tanto espaço do lado de fora. Mesmo o sr. Fisher, que tinha sido um homem apegado aos velhos hábitos, tinha abandonado este logo após o casamento.

No entanto, ao ver a sra. Fisher, o sr. Wilkins rapidamente tirou o chapéu, e no mesmo instante jogou o charuto fora. Ele o jogou na água de um grande vaso de lírios, e a sra. Fisher, ciente do valor que os homens davam aos

seus charutos recém-acesos, não pôde deixar de se impressionar com essa imediata e magnífica *amende honorable*.

Mas o charuto não chegou à água do vaso. Ficou preso nos lírios e continuou a soltar fumaça entre eles, um objeto estranho e depravado.

— Para onde você vai, minha bela... — começou o sr. Wilkins, avançando em direção à sra. Fisher; mas ele parou a tempo.

Seriam os espíritos da manhã impelindo-o a se dirigir à sra. Fisher com uma canção de ninar? Ele nem sequer estava ciente de que conhecia esse verso. Muito estranho. O que poderia tê-lo levado a pensar em tal cantiga nesse momento, justo em sua mente, que era tão controlada? Ele tinha muito respeito pela sra. Fisher e não gostaria de insultá-la de forma alguma se dirigindo a ela como uma criada, bela ou não. Ele desejava estar bem com ela. Ela era uma mulher respeitável e, ele suspeitava, de posses. No café da manhã, tiveram um tempo agradável juntos, e ele havia ficado impressionado com a aparente intimidade dela com pessoas conhecidas. Vitorianos, é claro; mas era reconfortante falar sobre eles depois do estresse das festas georgianas de seu cunhado no Hampstead Heath. Sentia que estavam se dando muito bem. Ela já mostrava todos os sinais de em breve desejar se tornar uma cliente. Não a ofenderia por nada no mundo. Então utilizou-se da frieza para conseguir escapar daquela situação.

— A senhora está de saída — disse ele com muita educação, pronto para acompanhá-la, caso ela confirmasse sua suposição.

— Quero encontrar lady Caroline — disse a sra. Fisher, dirigindo-se para a porta de vidro que levava ao jardim superior.

— Uma busca agradável — observou o sr. Wilkins. — Posso ajudá-la? Permita-me... — ele acrescentou, abrindo a porta para ela.

— Ela costuma se sentar naquele canto, atrás das moitas — disse a sra. Fisher. — E não sei se será uma busca agradável. Ela tem deixado as contas se acumularem de maneira terrível e precisa de uma boa reprimenda.

— Lady Caroline? — disse o sr. Wilkins, incapaz de compreender tal atitude. — Se me permite perguntar, o que lady Caroline tem a ver com as contas daqui?

— A administração da casa ficou ao encargo dela, e como todas compartilhamos as despesas igualmente, deveria ter sido uma questão de honra para ela...

— Mas... lady Caroline administrando a casa para todo o grupo? Um grupo que inclui minha esposa? Minha cara, a senhora me deixa sem palavras. Você não sabia que ela é filha dos Droitwiches?

— Ah, então é isso — disse a sra. Fisher, pisando pesadamente sobre

as pedras em direção ao canto escondido. — Bem, isso explica tudo. A confusão que aquele Droitwich causou em seu departamento durante a guerra foi um escândalo nacional. Isso equivalia a apropriação indébita dos fundos públicos.

— Mas, eu lhe asseguro, é impossível esperar que a filha dos Droitwiches... — começou o sr. Wilkins com sinceridade.

— Os Droitwiches não vêm ao caso — interrompeu a sra. Fisher. — As responsabilidades assumidas devem ser cumpridas. Não pretendo que meu dinheiro seja desperdiçado pelo bem dos Droitwiches.

Uma senhora teimosa. Talvez não tão fácil de lidar como ele esperava. Mas muito rica. Apenas a consciência de grande riqueza poderia fazê-la estalar os dedos dessa maneira para os Droitwiches. Lotty, ao ser questionada, tinha sido vaga sobre as circunstâncias da sra. Fisher, e descreveu sua casa como um mausoléu com peixes dourados nadando nele; mas agora ele tinha certeza de que ela era muito bem de vida. Ainda assim, desejou não ter se juntado a ela, pois não queria estar presente em tal espetáculo de repreensão à lady Caroline Dester.

Mais uma vez, no entanto, ele estava subestimando Pequenina. Seja lá o que sentiu ao olhar para cima e avistar o sr. Wilkins descobrindo seu recanto logo na primeira manhã, nada além de um ar angelical apareceu em seu rosto. Ela tirou os pés do parapeito quando a sra. Fisher se sentou nele e, séria, ouviu seus comentários iniciais sobre não ter dinheiro para desperdiçar em despesas domésticas imprudentes e descontroladas, então interrompeu seu discurso puxando uma das almofadas de trás de sua cabeça e oferecendo-a a ela.

— Sente-se nisso — disse Pequenina, segurando-a. — Você ficará mais confortável.

O sr. Wilkins prontamente se levantou para ajudá-la.

— Ah, obrigada — disse a sra. Fisher, parando de falar.

Foi difícil retomar o ritmo. Solícito, o sr. Wilkins colocou a almofada entre a ligeiramente levantada sra. Fisher e a pedra do parapeito, e mais uma vez ela teve que ser interrompida para agradecer. Além disso, lady Caroline não disse nada em sua defesa; apenas a olhou e ouviu, com o rosto de um anjo atento.

Para o sr. Wilkins, parecia difícil repreender uma Dester tão angelical e estranhamente quieta. A sra. Fisher, ele ficou feliz em ver, gradualmente achou difícil também, pois sua severidade diminuiu e ela acabou dizendo com a voz fraca:

— Você deveria ter me dito que não estava a par disso.

— Eu não sabia que você achava que eu estava — respondeu, com a

voz adorável.

— Agora eu gostaria de saber — disse a sra. Fisher —, o que propõe fazer pelo resto do tempo aqui.

— Nada — disse Pequenina, sorrindo.

— Nada? Você quer dizer que...

— Se as senhoras me permitirem fazer uma sugestão — interpôs o sr. Wilkins no seu jeito mais suave e profissional. Ambas o olharam, e lembrando-se dele como o viram pela primeira vez, sentiram-se indulgentes. — Eu aconselharia vocês a não estragarem férias tão deliciosas com preocupações sobre a administração da casa.

— Exatamente — disse a sra. Fisher. — É o que pretendo evitar.

— Muito sensato — comentou o sr. Wilkins. — Então, por que não oferecer à cozinheira, uma excelente cozinheira, a propósito, uma certa quantia *per diem*? — O sr. Wilkins sabia o necessário em latim. — E explicar a ela que, com essa quantia, ela deve preparar suas refeições tão bem quanto antes? Poderíamos facilmente calcular isso. As despesas de um hotel moderado, por exemplo, serviriam como base, divididas pela metade, ou talvez até mesmo em um quarto.

— E a semana que passou? — perguntou a sra. Fisher. — E quanto as contas terríveis desta primeira semana?

— Serão meu presente para San Salvatore — disse Pequenina, que não gostava da ideia das economias de Lotty serem reduzidas muito além do que ela estava preparada.

Houve silêncio. A sra. Fisher se sentiu sem chão.

— Claro, se está decidida a desperdiçar seu dinheiro... — respondeu por fim, desaprovando a atitude, mas imensamente aliviada, enquanto o sr. Wilkins contemplava as preciosas qualidades do sangue azul.

Essa prontidão, por exemplo, em não se preocupar com dinheiro, essa generosidade — admirava essa qualidade nas pessoas mais do que qualquer outra coisa, era algo extraordinariamente útil para as classes profissionais. Quando encontrada, deveria ser calorosamente incentivada e aprovada. A sra. Fisher não agia assim. Ela aceitou, mas com relutância — o que ele deduziu que com suas posses vinha da avareza. Presentes eram presentes, e não é educado recusá-los; e se lady Caroline tinha prazer em presentear sua esposa e a sra. Fisher com a comida da semana inteira, era papel delas aceitar com gratidão. Não se deveria desencorajar presentes.

Então, em nome de sua esposa, o sr. Wilkins expressou o que ela gostaria de expressar, observando para lady Caroline — com um toque de leveza, pois presentes devem ser aceitos de forma a evitar constranger o

doador — que ela tinha sido, nesse caso, a anfitriã de Lotty desde sua chegada, ele se virou quase alegremente para a sra. Fisher e apontou que ela e sua esposa agora deveriam escrever em conjunto a carta de agradecimento habitual pela hospitalidade a lady Caroline.

— Collins — disse o sr. Wilkins, em uma referência à tradição inglesa de usar nomes genéricos para se referir a alguém em uma carta de agradecimento comum. — Prefiro usar o nome Collins nessa carta, ao invés de “Anfitriã”. Vamos chamá-la de Collins.

Pequenina sorriu e ofereceu sua cigarrreira. A sra. Fisher não pôde deixar de se sentir aplacada. Graças ao sr. Wilkins encontraram uma solução para evitar o desperdício, e ela odiava o desperdício tanto quanto ter que pagar por ele; além disso, conseguiram resolver a questão sobre a administração da casa. Por um momento pensou que se todas tentassem obrigá-la a cuidar da casa durante suas breves férias por causa da própria indiferença (lady Caroline), ou da incapacidade de falar italiano (as outras duas), ela teria que chamar Kate Lumley, afinal. Kate podia fazer isso. Kate e ela tinham aprendido italiano juntas. Só permitiria a vinda de Kate sob a condição de que ela fizesse isso.

Mas a solução do sr. Wilkins foi muito melhor. Realmente ele era um homem muito superior. Nada como a companhia proveitosa e agradável de um homem inteligente. E quando ela se levantou, depois de ter resolvido o assunto para o qual tinha vindo, e disse que agora pretendia dar um pequeno passeio antes do almoço, o sr. Wilkins não ficou com lady Caroline, como ela temia que a maioria dos homens que conhecia teria feito — ele pediu para acompanhá-la no passeio; evidentemente preferia uma boa conversa a um rosto bonito. Um homem sensato e companheiro. Inteligente e culto. Um homem do mundo. Um homem. Ela ficou muito contente por não ter escrito para Kate. O que ela queria com Kate? Havia encontrado uma companhia melhor.

Mas o sr. Wilkins não acompanhou a sra. Fisher por causa da conversa, mas sim porque, quando ela se levantou e ele se levantou também em respeito, pretendendo apenas acompanhá-la até a saída do recanto, lady Caroline colocou os pés novamente no parapeito e, ajeitando a cabeça de lado nas almofadas, fechou os olhos. A filha dos Droitwiches desejava dormir. Não cabia a ele continuar ali e impedi-la.

Capítulo 16

Assim começou a segunda semana, e tudo estava em harmonia. A chegada do sr. Wilkins, ao invés de perturbar essa harmonia, como as três integrantes do grupo temiam — e a quarta que só foi protegida do medo por sua fé no efeito de San Salvatore nele —, aumentou-a. Ele se encaixava. Estava determinado a agradar, e de fato agradava. Era muito amável com sua esposa; não apenas em público, como ela estava acostumada, mas quando estavam a sós também, quando certamente não precisaria agradá-la se não quisesse. Mas ele queria. Estava muito grato, muito satisfeito com ela, por tê-lo apresentado à lady Caroline, o que realmente fez florescer seu amor por Lotty. Também estava orgulhoso; pois deve haver, refletiu ele, muito mais nela do que havia suposto, para que lady Caroline se tornasse tão íntima e afetuosa com ela. E quanto mais ele a tratava como se ela fosse realmente muito agradável, mais Lotty se expandia e se tornava isso, e mais ele, afetado, por sua vez, tornava-se realmente muito agradável também; de modo que eles giravam e giravam, não em um círculo vicioso, mas em um círculo altamente virtuoso.

Mellersh a mimava. Não havia muito carinho em seu jeito, porque ele era, por natureza, um homem reservado; no entanto, tal era a influência de San Salvatore sobre ele, como Lotty supunha, que nesta segunda semana, às vezes, ele beliscava ambas as suas orelhas, uma após a outra, em vez de apenas uma. E Lotty, maravilhada com o afeto que se desenvolvia tão rapidamente, perguntava-se o que ele faria se continuasse nesse ritmo; na terceira semana, quando o seu suprimimento de orelhas tivesse se esgotado.

Ele foi particularmente gentil em relação à pia, genuinamente não querendo ocupar muito espaço no pequeno quarto. Rápida em retribuir, Lotty estava ainda mais desejosa de não atrapalhar; e o quarto se tornou o cenário de muitos *combat de générosité*, cada um dos quais os deixava mais satisfeitos um com o outro. Ele não tomou mais banho no banheiro, embora este estivesse consertado e pronto para uso. Logo de manhã, ao se levantar, descia para o mar; e apesar de as noites frescas tornarem a água fria cedo, ele mergulhava como um homem deveria e subia para o café da manhã esfregando as mãos e se sentindo, como disse à sra. Fisher, preparado para qualquer coisa.

A crença de Lotty na irresistível influência da atmosfera celestial de San Salvatore sendo assim claramente justificada, e o sr. Wilkins, a quem Rose conhecia como alarmante e Pequenina havia retratado como gelidamente cruel, sendo tão evidentemente um homem mudado, tanto Rose quanto Pequenina começaram a pensar que, afinal, Lotty poderia ter razão, e que aquele lugar realmente funcionava como um purificador de caráter.

Elas estavam mais inclinadas a pensar assim, porque também sentiam

uma transformação ocorrendo dentro delas: naquela semana, ambas se sentiam mais esclarecidas — Pequeninina em seus pensamentos, muitos dos quais eram agora bastante agradáveis, pensamentos amigáveis sobre seus pais e parentes, com um vislumbre de reconhecimento dos benefícios extraordinários que havia recebido das mãos do... do quê? Do destino? Da providência? De qualquer forma, de algo, e de como, tendo recebido esses benefícios, ela os tinha desperdiçado ao não ser feliz; e Rose em seu coração, que embora ainda ansiasse por algum propósito, pois estava chegando à conclusão de que ansiar sem agir não adiantava de nada, e que ela deveria ou de alguma forma parar de ansiar ou dar pelo menos uma chance, mesmo que remota, de se tranquilizar ao escrever para Frederick e pedir que ele viesse.

Se o sr. Wilkins poderia ser mudado, pensou Rose, por que não Frederick? Como seria maravilhoso... seria muito maravilhoso se o lugar também agisse sobre ele e fosse capaz de fazê-los se entenderem, até mesmo se tornarem mais amigáveis um com o outro. Rose, que nunca havia mudado seu pensamento, agora estava começando a acreditar que sua desaprovação e rigidez sobre os livros do marido, e sua absorção austera a boas obras literárias, tinham sido tolas e talvez até mesmo erradas. Ele era seu marido, e ela o tinha repellido. Ela tinha afugentado o amor, o precioso amor, e isso não podia ser bom. Lotty não estava certa quando disse que nada importava, exceto o amor? Certamente, nada parecia ter muito valor a menos que fosse construído sobre o amor. Mas, uma vez afugentado, poderia ele voltar? Sim, em meio àquela beleza, na atmosfera de felicidade que Lotty e San Salvatore pareciam espalhar ao redor como uma infecção divina, ele poderia.

No entanto, primeiro, ela precisava fazê-lo chegar até lá, e certamente ele não poderia ir se ela não escrevesse informando onde estava.

Ela escreveria. Precisava escrever; pois se o fizesse, havia pelo menos uma chance de ele vir. Se não escrevesse, não haveria nenhuma. E então, uma vez aqui, cercado por esta beleza completamente suave, gentil e doce, seria mais fácil conversar com ele, tentar explicar e pedir algo diferente, ao menos uma tentativa de mudar o futuro de suas vidas, em vez do vazio da separação, do frio — ah, o frio — de nada além da grande ventania da fé, da grande aridez das obras. Ora, uma pessoa no mundo inteiro, uma pessoa pertencente a alguém, sua, para conversar, cuidar, amar, se interessar, valia mais do que todos os discursos em palanques e os elogios de presidentes do mundo todo. Também valia mais — Rose não podia evitar o pensamento que lhe surgia — do que todas as orações.

Esses pensamentos não eram racionais, como os de Pequeninina, que estava totalmente livre de anseios, mas pensamentos que vinham do coração. Eles se alojaram lá; era no coração de Rose que doía, sentindo-se terrivelmente solitária. E quando sua coragem a abandonava, como acontecia na maioria dos dias, e parecia impossível escrever para Frederick, ela olharia

para o sr. Wilkins e se reanimaria.

Ali estava ele, um homem transformado, indo todas as noites para aquele quarto pequeno e desconfortável, aquele quarto cuja proximidade havia sido a única preocupação de Lotty, e, de manhã, ele e Lotty saindo de lá tão serenos e amáveis um com o outro quanto quando entraram. E ele, que era tão crítico em casa mesmo com a menor das coisas, como Lotty tinha lhe contado, havia emergido da catástrofe que foi aquele primeiro banho tão intocado de espírito quanto Sadraque, Mesaque e Abede-Nego emergiram ilesos do fogo? Milagres estavam acontecendo neste lugar. Se podiam acontecer com o sr. Wilkins, por que não com Frederick?

Ela se levantou rapidamente. Sim, ela escreveria. Escreveria para ele imediatamente.

Mas e se...

Ela parou. E se ele não respondesse? E se nem sequer respondesse?

Ela se sentou novamente para pensar um pouco mais.

Rose passou a maior parte da segunda semana com essa hesitação.

Então havia a sra. Fisher. Sua inquietação aumentou naquela segunda semana. Aumentou tanto que ela poderia muito bem não ter ficado com sua sala de estar privativa, pois não conseguia mais permanecer sentada nem por dez segundos. E somada à inquietação, à medida que os dias da segunda semana se passavam, ela tinha uma sensação curiosa de que a preocupava, de uma coragem crescente. Ela conhecia a sensação, porque já a teve na infância, especialmente em primaveras que passaram rápido, quando os lilases pareciam florescer em uma única noite, mas era estranho sentir aquilo novamente depois de mais de cinquenta anos. Ela gostaria de mencionar a sensação a alguém, mas estava envergonhada. Era uma sensação tão absurda para sua idade. No entanto, cada vez mais e mais frequentemente, e a cada dia mais e mais, a sra. Fisher tinha uma sensação ridícula, como se estivesse prestes a florescer.

Séria, tentou reprimir a sensação imprópria. Ora, florescer. Ela tinha ouvido falar de cajados secos, pedaços de madeira morta, em que de repente brotavam novas folhas, mas apenas em lendas. Ela não estava em uma lenda. Sabia perfeitamente seu lugar. A dignidade exigia que ela não tivesse nada a ver com folhas frescas em sua idade; e ainda assim, lá estava... o sentimento de que, em breve, a qualquer momento, ela poderia brotar, completamente verdejante.

A sra. Fisher ficou perturbada. Havia muitas coisas que ela detestava, e uma delas era quando os idosos se sentiam jovens e agiam de acordo. Claro que apenas imaginavam, estavam apenas se enganando; mas quão deploráveis eram os resultados. Ela mesma envelhecera como as pessoas deveriam

envelhecer — firme e tranquila. Sem interrupções, sem ressurgências tardias e retornos espasmódicos. Se, depois de todos esses anos, ela agora fosse ser iludida em algum tipo de ruptura inadequada, que humilhação.

Na verdade, estava grata por Kate Lumley não estar lá naquela segunda semana. Seria muito desagradável ter Kate observando-a se seu comportamento mudasse. Kate a conhecia a vida toda. Ela sentia que ser ela mesma seria menos doloroso diante de estranhos do que diante de uma velha amiga — aqui a sra. Fisher franziu a testa para o livro em que estava tentando se concentrar em vão, pensando de onde vinha essa expressão? Velhos amigos, refletiu a sra. Fisher, sempre a comparavam com sua versão mais nova. Sempre fazem isso se alguém muda. Eles se surpreendem com as mudanças. Retomam assuntos do passado; digamos que esperam que não haja mudanças depois dos cinquenta anos, até o final dos dias de alguém.

Que tolice dos amigos, pensou a sra. Fisher, seus olhos passando bem devagar, linha por linha na página, e nem uma palavra penetrando em sua consciência. É condenar alguém a uma morte prematura. Deve-se continuar (é claro, com dignidade) a se permitir as mudanças, não importa quão velho possa ser. Ela não tinha nada contra mudanças, contra mais maturidade, porque, obviamente, enquanto se estivesse vivo não se estava morto, decidiu a sra. Fisher. Desenvolvimento, mudança, maturação eram vida. O que ela detestaria seria a imaturidade, como voltar a ser um fruto verde. Ela detestaria isso intensamente; e era o que ela sentia que estava prestes a acontecer.

De fato, isso a deixava muito inquieta, e só conseguia se distrair se estivesse em constante movimento. Cada vez mais inquieta, e incapaz de ficar confinada em suas ameias, ela vagou cada vez mais, sem rumo, dentro e fora do jardim superior, para a grande surpresa de Pequenina, principalmente quando percebeu que tudo o que a sra. Fisher fazia era ficar alguns minutos encarando a vista, tirar algumas folhas mortas das roseiras e ir embora novamente.

Ela encontrava um alívio temporário enquanto conversava com o sr. Wilkins, mas embora ele se juntasse a ela sempre que pudesse, nem sempre estava lá, pois dividia sua atenção de maneira justa entre as três damas. Quando estava em outro lugar, ela tinha que enfrentar e lidar com seus pensamentos da melhor maneira que podia. Talvez fosse o excesso de luz e de cor em San Salvatore que fizesse com que todos os outros lugares se tornassem escuros e sem vida; e *Prince of Wales Terrace* parecia um local muito escuro e sem vida para ter que voltar... uma rua escura e estreita, e sua casa escura e tão estreita quanto a rua, sem nada realmente vivo ou jovem ali. Os peixes dourados mal podiam ser considerados vivos, ou talvez meio vivos, e certamente não eram jovens, e exceto por eles, havia apenas as empregadas, que eram velhas e empoeiradas.

Coisas empoeiradas e velhas. A sra. Fisher fez uma pausa em seus

pensamentos, detida pela estranha expressão. De onde veio? Como era possível que tenha surgido? Poderia facilmente ter sido uma expressão da sra. Wilkins, quase uma gíria. Talvez fosse dela, e ela a tivesse ouvido e inconscientemente a captado.

Se fosse isso, seria algo sério e repugnante. Que a tola criatura penetrasse na mente da sra. Fisher e estabelecesse sua personalidade lá, a personalidade que ainda, apesar da aparente harmonia entre ela e seu marido inteligente, era tão estranha à própria sra. Fisher, tão distante do que ela entendia e gostava, e a infectasse com suas frases indesejáveis, era muito perturbador. Nunca em sua vida uma frase desse tipo tinha passado pela sua cabeça. Nunca em sua vida ela havia pensado em suas empregadas, ou em qualquer outra pessoa, como coisas velhas e empoeiradas. Suas empregadas não eram velhas e empoeiradas; eram mulheres respeitáveis e organizadas, que tinham permissão para usar o banheiro todas as noites de sábado. Idosas, com certeza, mas ela também era, assim como sua casa, assim como seus móveis e seus peixes dourados. Todos eram idosos, como deveriam ser, juntos. Mas havia uma grande diferença entre ser idoso e ser uma coisa velha e empoeirada.

Como era verdadeiro o que Ruskin disse, que más companhias corrompem bons modos. Mas Ruskin disse isso? Pesando melhor, ela não tinha certeza, mas era exatamente o tipo de coisa que ele teria dito, e em todo caso era verdade. Sua mente estava sendo estragada pelo simples fato de ouvir a má comportada sra. Wilkins nas refeições — ela não ouvia, evitava ouvir; ainda assim, era evidente que tinha ouvido. Falas que, por serem tão frequentemente vulgares, indelicadas e profanas, e sempre, ela lamentava dizer, acompanhada dos risos de lady Caroline, deviam ser classificadas como más. Logo, ela poderia não apenas pensar, mas também dizer. Como seria terrível. Se essa fosse a sua mudança, passar a fazer discursos inconvenientes, a sra. Fisher receava que dificilmente conseguiria suportar com qualquer grau de compostura.

Nesta fase, a sra. Fisher desejava mais do que nunca poder conversar sobre seus estranhos sentimentos com alguém que entenderia. No entanto, não havia ninguém que a entendesse, exceto a própria sra. Wilkins. Ela entenderia. A sra. Fisher estava certa de que ela compreenderia assim que falasse. Mas isso era impossível. Seria tão abjeto quanto implorar ao próprio micróbio que estava infectando alguém por proteção contra sua doença.

Portanto, ela continuou a suportar suas sensações em silêncio, e foi impelida por elas a aparecer tantas vezes sem rumo no jardim superior, o que logo chamou a atenção de todos, inclusive de Pequenina.

Pequenina já tinha notado e se perguntado brevemente sobre isso antes de o sr. Wilkins a questionar em uma manhã, enquanto arrumava suas almofadas para ela — ele tinha criado o hábito e considerado um privilégio

ajudar lady Caroline a se acomodar em sua cadeira — se havia algo de errado com a sra. Fisher.

Naquele momento, a sra. Fisher estava de pé perto do parapeito, com as mãos protegendo os olhos do sol e examinando cuidadosamente as distantes casas brancas de Mezzago. Eles podiam vê-la através dos galhos dos troviscos.

— Não sei — respondeu Pequenina.

— Presumo que ela seja uma dama que dificilmente tenha algum tipo de preocupação — disse o sr. Wilkins.

— Eu imagino que sim — disse Pequenina, sorrindo.

— Mas sua inquietação parece sugerir isso. Se ela tiver algum tipo de preocupação, eu ficaria mais do que feliz em ajudá-la com conselhos.

— Tenho certeza de que o senhor seria muito gentil.

— É claro que ela deve ter o próprio consultor jurídico, mas ele não está aqui. E eu, sim. E um advogado aqui neste lugar — disse o sr. Wilkins, que se esforçava para tornar sua conversa leve quando falava com lady Caroline, ciente de que se deve ser leve com as jovens senhoras — vale por dois...

— Deveria perguntar a ela.

— Perguntar se ela precisa de assistência? A senhorita aconselharia isso? Não seria um pouco... um pouco indelicado tocar nesse assunto, a questão se uma dama tem ou não algo em mente?

— Talvez ela lhe conte se for conversar com ela. Acho a sra. Fisher muito solitária.

— Você é muito gentil e atenciosa — declarou o sr. Wilkins, desejando, pela primeira vez em sua vida, ser estrangeiro para que pudesse beijar a mão dela respeitosamente ao se retirar com obediência para ir acalantar a solidão da sra. Fisher.

Era incrível a variedade de motivos que Pequenina inventava para o sr. Wilkins sair do seu recanto. Cada manhã ela encontrava um diferente, que o deixava satisfeito depois de arrumar as almofadas para ela. Ela permitia que ele arrumasse as almofadas porque descobriu quase que de imediato, nos primeiros cinco minutos da primeira noite, que seu receio de que ele se apegasse a ela e ficasse admirando-a sem parar eram infundados. O sr. Wilkins não a admirava daquela maneira. Ela podia sentir que ele não era esse tipo de homem, e, se fosse, não ousaria agir dessa maneira com ela. Ele era muito respeitoso. Poderia dirigir seus movimentos em relação a ela apenas levantando uma sobrancelha. Sua única preocupação era servir. Ela estava aberta a gostar dele se ele fosse tão prestativo a ponto de não a admirar, e ela

gostava dele. Pequeninha não esqueceu de seus modos na primeira manhã com a ocasião da toalha, e ele a divertia, e era gentil com Lotty. É verdade que ela gostava mais dele quando ele não estava lá, mas geralmente gostava mais de todos quando não estavam lá. Certamente ele parecia ser um daqueles homens raros que nunca olhavam para uma mulher com segundas intenções. O conforto disso, a simplificação que trouxe para as relações do grupo, era imenso. Do ponto de vista dela, o sr. Wilkins era simplesmente ideal; era único e precioso. Sempre que pensava nele, e talvez estivesse inclinada a pensar nos aspectos dele que eram um pouco entediantes, ela se lembrava disso e murmurava:

— Mas que tesouro.

O único objetivo do sr. Wilkins durante sua estadia em San Salvatore era ser um tesouro, de fato. As três damas, não incluindo sua esposa, deveriam gostar dele e confiar nele a qualquer custo. Então, quando surgisse um problema em suas vidas — e em que vidas não surgem problemas mais cedo ou mais tarde? — elas se lembrariam de como ele era confiável e simpático, e recorreriam a ele em busca de conselhos. Damas com preocupações era exatamente o que ele queria. lady Caroline, ele julgava, não tinha nenhuma preocupação em mente, mas tanta beleza — pois ele não podia deixar de ver o que era evidente — devia ter encontrado suas dificuldades no passado e teria mais delas no futuro. No passado, ele não estava por perto; no futuro, esperava estar. Enquanto isso, o comportamento da sra. Fisher, a segunda em importância do ponto de vista profissional, se mostrava uma promessa. Era quase certo que a sra. Fisher tinha algo em mente. Ele a observara com atenção, e estava quase certo disso.

Com a terceira, a sra. Arbuthnot, ele até então tinha feito menos progresso, pois ela era muito reservada e quieta. Mas essa própria reclusão, essa tendência a evitar os outros e passar seu tempo sozinha, poderia indicar que ela também estava preocupada com algo? Se sim, ele era o homem certo. Ele a cultivaria. Ele a seguiria e se sentaria com ela, e a encorajaria a falar mais sobre si mesma. O sr. Arbuthnot, pelo que Lotty havia lhe dito, era um funcionário do Museu Britânico — nada especialmente importante no momento, mas o sr. Wilkins considerava parte de seu negócio conhecer todos os tipos de pessoas. Além disso, promoções eram sempre possíveis. O sr. Arbuthnot, se promovido, poderia se tornar muito valioso.

Quanto a Lotty, ela era encantadora. Realmente tinha todas as qualidades que ele lhe atribuíra durante o namoro, e elas tinham sido, aparentemente, apenas suspensas desde então. Suas primeiras impressões sobre ela estavam agora sendo endossadas pelo afeto e até mesmo admiração que lady Caroline demonstrava por ela. Lady Caroline Dester era a última pessoa, ele tinha certeza, a se enganar sobre tal assunto. Seu conhecimento do mundo, sua constante associação apenas com o melhor, devia torná-la

totalmente infalível. Então, Lotty era evidentemente aquilo que antes do casamento ele acreditava que fosse... ela era valiosa. Certamente tinha sido muito valiosa ao apresentá-lo à lady Caroline e à sra. Fisher. Um homem em sua profissão poderia ser imensamente ajudado por uma esposa inteligente e atraente. Por que ela não tinha se apresentado assim mais cedo? Por que esse florescimento repentino?

O sr. Wilkins começou a acreditar que havia algo peculiar na atmosfera de San Salvatore, como Lotty havia informado de prontidão. Causava expansão. Fazia aflorar qualidades latentes. Sentindo-se cada vez mais satisfeito, e até mesmo encantado, com sua esposa, e muito contente com o progresso que estava fazendo com as outras duas, e esperançoso do progresso a ser feito com a terceira mais reservada, o sr. Wilkins não conseguia se lembrar de ter tido férias tão agradáveis. A única coisa que talvez pudesse ser melhorada era a maneira como o chamavam de sr. Wilkins. Nenhuma delas o chamava de sr. Mellersh-Wilkins. No entanto, ele havia se apresentado para lady Caroline — ele se sentiu um pouco acuado ao se lembrar das circunstâncias — como Mellersh-Wilkins.

Ainda assim, isso era algo pequeno, não era o suficiente para se preocupar. Seria tolo se em um lugar como este e em meio a uma sociedade como aquela, ele se preocupasse com qualquer coisa. Ele nem mesmo estava preocupado com o custo das férias, e havia decidido pagar não apenas suas próprias despesas, mas também as de sua esposa, e surpreendê-la no final, apresentando-lhe suas economias intactas como quando começou a juntá-las. Apenas a consciência de que estava preparando uma surpresa feliz para Lotty o fazia se sentir ainda mais caloroso em relação a ela.

Na verdade, o sr. Wilkins, que havia começado agindo com plena consciência para ter os melhores modos possíveis, permaneceu assim inconscientemente e sem nenhum esforço.

Enquanto isso, os belos dias dourados da segunda semana estavam passando por eles, um por um, igualmente belos aos da primeira semana, e o perfume dos campos de feijão em flor no morro atrás da vila vinha até San Salvatore sempre que o vento soprava. Na segunda semana, narcisos-dos-poetas desapareceram na longa grama à beira do caminho em zigue-zague, e gladiolos selvagens, finos e em cor-de-rosa, surgiam em seu lugar, cravos brancos floresciam nas extremidades, enchendo todo o jardim com seu cheiro esfumado e doce, e uma moita que ninguém havia notado explodiu em glória e fragrância, e era um arbusto de lilases roxo. Mal podiam acreditar em tal confusão de primavera e verão, apenas quem via aqueles jardins acreditaria. Parecia que tudo estava brotando ao mesmo tempo; o que na Inglaterra demorava seis longos meses para surgir, ali estavam todas amontoadas em um único mês. Até mesmo as primulas foram encontradas um dia pela sra. Wilkins, em um canto frio nas colinas; e pareciam bastante

tímidas comparadas aos gerânios de San Salvatore.

Capítulo 17

No primeiro dia da terceira semana, Rose escreveu para Frederick.

Para não hesitar novamente e deixar de postar a carta, ela a entregou a Domenico e pediu que ele enviasse; pois se ela não escrevesse agora, não teriam mais tempo. Metade do mês já havia passado. Mesmo que Frederick sáísse assim que recebesse a carta, o que é claro que ele não faria, já que precisaria arrumar as malas e o passaporte, além de não estar com pressa para vir, ele não chegaria em cinco dias.

Depois de fazer isso, Rose sentiu arrependimento. Ele não viria. Nem se incomodaria em responder. E se respondesse, seria apenas dando alguma razão que não era verdadeira, e com isso só conseguiria ficar ainda mais infeliz do que antes.

O tipo de coisa que se fazia quando se estava ociosa. Essa ressurreição de Frederick, ou melhor, essa tentativa de ressuscitá-lo, o que era além do resultado de não ter absolutamente nada para fazer? Ela desejou nunca ter tirado férias. Por que quis essas férias? O trabalho era sua salvação; o trabalho era a única coisa que a protegia, que a mantinha firme em seus verdadeiros valores. Em casa, em Hampstead, absorta e ocupada, havia conseguido deixar Frederick de lado, pensando nele apenas com a suave melancolia com que se pensa em alguém que já se amou um dia, mas que há muito tempo está morto; e agora este lugar, a ociosidade neste lugar sereno, a lançara de volta ao estado miserável de onde tinha saído tão cuidadosamente anos atrás. Se Frederick viesse, ela só o aborreceria. Ela não tinha percebido, logo após chegar em San Salvatore, que era isso o que realmente o mantinha afastado dela? E por que ela deveria supor que agora, após uma longa separação, seria capaz de não o entediar, seria capaz de fazer qualquer coisa além de ficar diante dele como uma idiota que mal abria a boca? Além disso, que posição desesperançosa ter como que suplicar por ele: Por favor, espere um pouco... *Por favor, não seja impaciente... acho que talvez eu não seja mais uma pessoa tão entediante.*

Mil vezes por dia, Rose pensava que deveria ter deixado Frederick em paz. Lotty, que perguntava todas as noites se ela já tinha enviado a carta, exclamou com alegria quando a resposta finalmente foi positiva, e jogou os braços ao redor dela.

— Agora seremos completamente felizes! — exclamou a entusiasmada Lotty.

Mas nada parecia tão incerto para Rose, e sua expressão se tornou cada vez mais preocupada.

O sr. Wilkins, querendo descobrir o que ocorria, passeava ao sol usando seu chapéu panamá, e começava a encontrá-la por acaso.

— Eu não sabia — disse o sr. Wilkins na primeira vez que a encontrou, levantando o chapéu educadamente — que você também gostava deste lugar em particular. — E se sentou ao lado dela.

À tarde, ela escolheu outro lugar; e não fazia meia hora que estava ali até o sr. Wilkins, balançando sua bengala, aparecer na esquina.

— Estamos destinados a nos encontrar em nossos passeios — disse o sr. Wilkins, de maneira agradável. E se sentou ao lado dela mais uma vez.

O sr. Wilkins era muito gentil, e ela percebeu que o havia julgado mal em Hampstead. Este era o homem real, amadurecido como fruta pelo saudável sol de San Salvatore, mas Rose queria ficar sozinha. Ainda assim, sentia gratidão por ele ter a ajudado a provar que, embora pudesse entediar Frederick, não entediava todo mundo; se o fizesse, ele não teria aproveitado tantas ocasiões para ficar conversando com ela até a hora de entrar. É verdade que ele a entediava, mas isso não era nada comparado a se ela o entediasse. Então, de fato, sua vaidade teria sido seriamente ferida. Pois agora que Rose não podia mais rezar, estava sendo atacada por todo tipo de fraqueza: vaidade, sensibilidade, irritabilidade, combatividade — demônios estranhos e desconhecidos aglomerando-se e tomando posse de seu coração ferido e vazio. Ela nunca fora vaidosa, irritável ou combativa em sua vida. Será que San Salvatore era capaz de causar efeitos opostos, e o mesmo sol que amadurecia o sr. Wilkins, a tornaria uma pessoa azeda?

Na manhã seguinte, para garantir sua solidão, ela desceu para as rochas à beira da água onde ela e Lotty tinham se sentado no primeiro dia, enquanto o sr. Wilkins ainda estava tendo um tempo agradável com a sra. Fisher no café da manhã. Frederick já devia ter recebido sua carta. Hoje, se ele fosse como o sr. Wilkins, ela poderia receber um telegrama dele.

Ela tentou silenciar a absurda esperança que zombava dela. Ainda assim... se o sr. Wilkins enviou um telegrama, por que não Frederick? Aparentemente, o encanto de San Salvatore espreitava até mesmo no papel de carta. Lotty nem sonhava em receber um telegrama, e quando foi almoçar, lá estava. Seria maravilhoso demais se quando voltasse para o almoço, encontrasse um ali para ela também...

Rose abraçou firmemente seus joelhos. Como ela ansiava apaixonadamente por ser importante para alguém de novo — não quando estava em cima de um palanque, ou em uma organização, mas alguém importante na vida privada, apenas para uma outra pessoa, sem ninguém mais saber ou notar. Não parecia pedir muito em um mundo repleto de pessoas, apenas ter uma delas, apenas uma entre milhões para si mesma. Alguém que precisasse de você, que pensasse em você, que estivesse ansioso para te encontrar — ah, ah era desesperador o quanto ela queria ser preciosa para alguém!

Passou a manhã inteira sob o pinheiro à beira do mar. Ninguém se aproximou. As horas passavam lentamente; pareciam intermináveis. Mas ela não iria embora antes do almoço, daria tempo para o telegrama chegar...

Naquele dia, Pequenina, encorajada pelas persuasões de Lotty e também por acreditar que talvez já tivesse ficado tempo suficiente em sua cadeira, aconchegada nas almofadas, levantou-se e foi com Lotty até as colinas para comer sanduíches e permanecer lá até de noite. O sr. Wilkins, que desejava ir com elas, ficou com a sra. Fisher por conselho de lady Caroline, para não deixar a senhora sozinha. Embora ele tenha a deixado só por volta das onze para ir procurar a sra. Arbuthnot, a fim de passar um tempo com ela também, dividindo-se imparcialmente entre essas senhoras solitárias, voltou logo depois, enxugando a testa, e continuou na companhia da sra. Fisher, pois desta vez a sra. Arbuthnot havia se escondido com sucesso. Quando voltou, reparou que havia chegado um telegrama para ela. Uma pena não saber onde ela estava para avisá-la.

— Devemos abrir? — ele perguntou para a sra. Fisher.

— Não — respondeu ela.

— Pode exigir uma resposta.

— Não aprovo violação à correspondência alheia.

— Violação! Minha querida senhora...

O sr. Wilkins ficou chocado. Que palavra. Violação. Ele tinha o maior respeito possível pela sra. Fisher, mas às vezes a achava uma pessoa difícil. Tinha certeza de que ela gostava dele, e estavam caminhando bem para que ela se tornasse uma cliente, ele sentia, mas temia que ela fosse uma cliente obstinada e que guardava segredos. Ela era certamente cheia de segredos, pois embora ele tivesse sido cordial e simpático por uma semana inteira, ela ainda não havia dado a mínima pista do que claramente a preocupava.

— Pobrezinha — disse Lotty, quando ele perguntou se ela tinha alguma ideia sobre os problemas da sra. Fisher. — Ela não tem amor.

— Amor? — repetiu o sr. Wilkins, genuinamente surpreso. — Mas, minha querida... na idade dela...

— *Qualquer* tipo de amor — disse Lotty.

Naquela mesma manhã, ele havia perguntado à esposa, pois agora buscava e respeitava sua opinião, se ela poderia lhe dizer qual era a preocupação da sra. Arbuthnot, pois ela também havia permanecido persistentemente reservada, embora ele tivesse feito o seu melhor para que ela confiasse nele.

— Ela sente falta do marido — disse Lotty.

— Ah — disse o sr. Wilkins, entendendo agora a melancolia tímida e sutil da sra. Arbuthnot. E acrescentou: — Muito apropriado.

— Toda mulher sente — disse Lotty, sorrindo para ele.

E o sr. Wilkins, sorrindo de volta, respondeu:

— É mesmo?

— Claro.

E o sr. Wilkins, muito satisfeito com ela, embora ainda fosse bastante cedo para carinhos, beliscou sua orelha.

Pouco antes do meio-dia e meia, Rose subiu lentamente pela pérgola e entre as camélias alinhadas de cada lado dos antigos degraus de pedra. Os fios de pervincas que desciam por eles quando ela chegou haviam desaparecido, e agora havia esses arbustos belamente enfeitados. Rosa, branco, vermelho, listrado... ela tocou e cheirou um após o outro, para não se decepcionar muito rapidamente. Enquanto não tivesse visto por si mesma, visto a mesa no corredor completamente vazia, exceto por seu vaso de flores, ainda poderia ter esperança, ainda poderia ter a alegria de imaginar o telegrama ali, esperando por ela. Mas camélia não possui aroma, lembrou-a o sr. Wilkins, que estava parado na entrada à sua espera e sabia o que era necessário em horticultura.

Ela se sobressaltou ao ouvir sua voz e olhou para cima.

— Chegou um telegrama para você — disse o sr. Wilkins.

Ela o encarou, com a boca aberta.

— Procurei por você em todos os lugares, mas não consegui...

Claro. Ela sabia disso. Teve certeza o tempo todo. Brilhante e ardente, a juventude pairou sobre ela novamente. Rose subiu os degraus correndo, vermelha como a camélia que acabara de tocar, e estava no corredor, rasgando o telegrama antes que sr. Wilkins terminasse sua frase. Ora, se as coisas pudessem ser assim... ora, não havia fim para... por que, ela e Frederick... eles iriam... de novo... finalmente...

— Nenhuma má notícia, espero? — disse o sr. Wilkins, que havia a seguido, ao notar que quando ela leu o telegrama, ficou parada encarando o papel. Ele ficou curioso, pois o rosto dela foi ficando cada vez mais pálido.

Ela se virou e olhou para o sr. Wilkins como se estivesse tentando lembrar quem ele era.

— Ah, não. Pelo contrário... — Ela conseguiu sorrir. — Vou receber uma visita — disse ela, estendendo o telegrama; e quando ele o pegou, ela se afastou em direção à sala de jantar, murmurando algo sobre o almoço estar pronto.

O sr. Wilkins leu o telegrama que havia sido enviado naquela manhã de Mezzago, e dizia:

Estarei por perto, a caminho de Roma. Poderia fazer uma visita esta tarde?

— *Thomas Briggs*

Por que um telegrama como este faria aquela interessante dama ficar pálida? Pois sua palidez ao lê-lo foi tão marcante que convenceu o sr. Wilkins de que ela estava recebendo um golpe.

— Quem é Thomas Briggs? — ele perguntou, seguindo-a até a sala de jantar.

Ela lançou um olhar vago para ele.

— Quem é...? — ela repetiu, alinhando seus pensamentos novamente.

— Thomas Briggs.

— Ah. Sim. Ele é o proprietário desta casa. É muito simpático. Ele virá esta tarde.

Thomas Briggs estava vindo naquele exato momento. Sua carruagem andava ao longo da estrada entre Mezzago e Castagneto, e ele esperava, sinceramente, que a dama de olhos escuros entendesse que tudo o que ele queria era vê-la, e de maneira alguma checar se sua casa ainda estava lá. Um proprietário gentil não se intrometia na vida do inquilino, ele sabia. Mas... ele tinha pensado tanto nela desde aquele dia. Rose Arbuthnot. Um nome tão bonito. E uma criatura tão bela... suave, com a pele branca como leite, maternal no melhor sentido desde que ela não era sua mãe e não poderia ter sido mesmo que tentasse, pois os pais eram as únicas coisas impossíveis de serem mais jovens que si mesmos. Além disso, ele estava passando tão perto. Parecia um absurdo não dar uma olhada e ver se ela estava bem acomodada. Ele ansiava para vê-la em sua casa. Ansiava em vê-la naquele ambiente que ele conhecia tão bem, vê-la sentada em suas cadeiras, bebendo em suas xícaras, usando todas as suas coisas. Será que ela colocava a grande almofada de brocado carmesim que ficava na sala para apoiar sua cabecinha escura? Seus cabelos e a brancura de sua pele ficariam lindos contra ela. Ela tinha visto o retrato na escada? Ele se perguntava se ela teria gostado. E explicaria a ela. Se ela não pintasse, e ela de fato não tinha sugerido isso, talvez não notasse o quanto o formato das sobrancelhas e a leve covinha na bochecha...

Ele disse ao cocheiro para esperar em Castagneto e atravessou a *piazza*, sendo saudado por crianças e cachorros que o conheciam e que surgiam de repente, vindos de lugar nenhum, e caminhando rapidamente pela trilha em zigue-zague, pois era um homem jovem e ativo com pouco mais de 30 anos, puxou a antiga corrente da campainha, e esperou com decoro ao lado da porta aberta até que alguém permitisse que ele entrasse.

Ao vê-lo, Francesca ergueu tudo o que podia erguer — sobranceiras, pálpebras e mãos — e o assegurou com volubilidade que tudo estava em perfeita ordem e que ela estava cumprindo seu dever.

— Claro, claro — disse Briggs, interrompendo-a. — Ninguém duvida disso.

Ele pediu que ela levasse seu cartão para a dama.

— Qual dama? — perguntou Francesca.

— Qual dama?

— Há quatro — disse Francesca, notando um deslize por parte dos inquilinos, pois seu mestre parecia surpreso; e ela se sentiu satisfeita, pois a rotina estava monótona e deslizes agitavam as coisas.

— Quatro? — ele repetiu, surpreso. — Bem, então leve para todas — ele disse, recompondo-se, pois notou a expressão dela.

O café tinha sido servido no jardim superior, à sombra do pinheiro-manso. Apenas a sra. Fisher e o sr. Wilkins estavam ali, pois a sra. Arbuthnot, depois de não comer nada e ficar completamente em silêncio no almoço, desapareceu logo depois.

Enquanto Francesca levava o cartão para o jardim, seu mestre ficou examinando o quadro daquela madona na escadaria, feito por um pintor italiano desconhecido, encontrado por ele em Orvieto, e que se parecia tanto com sua inquilina. A semelhança era realmente notável. Claro, sua inquilina, naquele dia em Londres, estava usando um chapéu, mas ele tinha quase certeza de que o cabelo dela teria aquele exato caimento sobre a testa. A expressão dos olhos, séria e doce, era a mesma. Ele se regozijava ao pensar que sempre teria o retrato dela.

Ele olhou para cima ao ouvir passos, e lá estava ela, descendo as escadas exatamente como ele a tinha imaginado naquele lugar, vestida de branco.

Ficou surpresa por vê-lo tão cedo. Havia suposto que ele chegaria na hora do chá, e ela pretendia se sentar em algum lugar ao ar livre onde pudesse ficar sozinha até então.

Ele a observou descendo as escadas com o maior interesse, cheio de ansiedade. Em determinado momento, ela estaria no mesmo nível de seu retrato.

— É realmente extraordinário — disse Briggs.

— Como vai? — disse Rose, determinada a apenas dar as devidas saudações.

Ela não se alegrava com essa visita. Era como a objetificação do

telegrama amargo em seu coração; ele estava ali, em vez de Frederick, fazendo o que ela desejava que Frederick fizesse, ocupando o lugar dele.

— Apenas fique parada por um momento...

Ela obedeceu de imediato.

— Sim, é realmente surpreendente. Se importaria de tirar o chapéu?

Surpresa, Rose o tirou em obediência.

— Sim, eu havia imaginado... só queria ter certeza. Veja... você notou...

Ele começou a fazer gestos rápidos e estranhos, indo do rosto no retrato, medindo-o, olhando para ela.

A surpresa de Rose se tornou divertimento, e ela não pôde deixar de sorrir.

— O senhor veio para me comparar com o quadro? — ela perguntou.

— Vê como é extraordinariamente parecida...

— Eu não sabia que parecia tão imponente.

— Não parece. Não agora. Mas há um minuto, igualmente imponente. Ah, sim... como você está? — ele terminou, de repente, notando a mão dela estendida. Então ele riu e a cumprimentou, ficando corado até a raiz de seus cabelos claros, algo que era próprio dele.

Francesca retornou.

— A *signora* Fisher ficará feliz em vê-lo — disse ela.

— Quem é a *signora* Fisher? — ele perguntou a Rose.

— Uma das quatro damas que estão compartilhando a casa.

— Então estão em quatro?

— Sim. Minha amiga e eu descobrimos que não poderíamos arcar com as despesas sozinhas.

— Oh, quer dizer... — começou Briggs, confuso, pois ele teria preferido que Rose Arbuthnot, essa mulher com nome tão bonito, não precisasse arcar com nada, mas ficasse em San Salvatore pelo tempo que quisesse como sua convidada.

— A sra. Fisher está tomando café no jardim superior — disse Rose.
— Vou levá-lo até lá e apresentá-lo.

— Não quero ir. Você estava com o chapéu, então provavelmente iria para uma caminhada. Posso acompanhá-la? Gostaria muito de andar com você.

— Mas a sra. Fisher gostaria de conhecê-lo.

— Ela não pode esperar?

— Sim — disse Rose, com o sorriso que tanto o atraiu no primeiro dia. — Acho que ela pode esperar até o chá.

— Você fala italiano?

— Não — disse Rose. — Por quê?

Nisso, ele se virou para Francesca e disse a ela rapidamente, pois era fluente em italiano, para ir ao jardim superior e dizer a senhora que ele tinha encontrado sua amiga, a sra. Arbuthnot, e estava indo dar um passeio com ela, portanto se apresentaria mais tarde.

— Você me convida para o chá? — ele perguntou a Rose, quando Francesca foi embora.

— Claro. A casa é sua.

— Não é. É sua.

— Até a próxima semana. — Ela sorriu.

— Venha e me mostre todas as paisagens — ele disse com ansiedade; e estava evidente, até para a autodepreciativa Rose, que ela não entediava o sr. Briggs.

Capítulo 18

A caminhada foi muito agradável, pararam diversas vezes para se sentar em alguns cantos onde o sol batia, perfumados de tomilho, e se algo poderia ter ajudado Rose a se recuperar da amarga decepção daquela manhã, seria a companhia e a conversa do sr. Briggs. Ele realmente a ajudou a se recompor. E o mesmo que Lotty havia experimentado com seu marido, ocorreu com eles: quanto mais o sr. Briggs achava Rose encantadora, mais encantadora ela se tornava.

Briggs era um homem incapaz de ocultar seus sentimentos e nunca perdia tempo. Eles ainda não tinham chegado ao final do promontório onde fica o farol — Briggs pediu a ela para mostrar o farol, porque sabia que o caminho até lá era largo o suficiente, e razoavelmente plano, para dois caminharem lado a lado — antes que ele lhe contasse a impressão que ela havia causado nele em Londres.

Como até mesmo as mulheres mais religiosas e sóbrias gostam de saber que causaram uma boa impressão, especialmente do tipo que não tem nada a ver com caráter ou méritos, Rose ficou contente. Com isso, ela sorriu e ficou ainda mais atraente. A cor chegou às suas bochechas, e o brilho aos seus olhos. Ela se ouviu dizendo coisas que realmente pareciam interessantes e até mesmo divertidas. Se Frederick estivesse ouvindo agora, ela pensou, talvez visse que ela não poderia ser tão entediante, afinal de contas; pois aqui estava um homem bonito, jovem e certamente inteligente — ele parecia inteligente, e ela esperava que fosse, pois então o elogio seria ainda maior — que estava evidentemente muito feliz em passar a tarde apenas conversando com ela.

E, de fato, o sr. Briggs parecia muito interessado. Ele queria saber tudo sobre o que ela tinha feito desde o momento em que chegou lá. Perguntou se ela tinha visto isso, aquilo e tal coisa na casa, do que ela mais gostava, em qual quarto estava, se estava confortável, se Francesca estava se comportando, se Domenico cuidava bem dela e se ela não gostava de usar a sala amarela — a que sempre recebia a visita do sol e que tinha vista para Gênova.

Rose se sentiu envergonhada por ter reparado tão pouco na casa e por ter visto pouquíssimas coisas das quais ele mencionou como curiosas ou bonitas. Afogada em pensamentos sobre Frederick, ela parecia ter vivido em San Salvatore de olhos fechados; mais da metade do tempo tinha se passado, e o que havia tirado de bom nisso? Ela poderia muito bem ter ficado esse tempo todo no Hampstead Heath. Não, talvez, não; apesar de todos os seus desejos, tinha consciência de que estava envolta em beleza; e de fato, foi essa beleza, esse desejo de compartilhá-la, que a fez começar a desejar mais.

No entanto, o sr. Briggs estava tão cheio de vida que ela não

conseguia poupar nenhuma atenção neste momento para Frederick. Ela elogiou os empregados em resposta às suas perguntas, e elogiou a sala amarela sem lhe dizer que só tinha estado lá uma vez e que foi rapidamente expulsa, e confessou que não sabia quase nada sobre arte e curiosidades, mas pensava que talvez, se alguém lhe contasse sobre elas, aprenderia mais, e contou que tinha passado todos os dias desde sua chegada ao ar livre, porque o lado de fora daquele lugar era tão maravilhoso, e diferente de tudo o que já tinha visto.

Briggs caminhou ao lado dela enquanto pôde, feliz, sentindo o brilho inocente de compartilhar uma vida familiar. Ele era órfão e filho único, e tinha uma disposição familiar calorosa. Ele teria adorado ter uma irmã e teria mimado muito sua mãe. Naquele momento, começava a pensar em se casar; pois embora tivesse sido muito feliz com seus vários amores, cada um dos quais, contrariamente à experiência usual, se transformara finalmente em uma amiga devotada, ele gostava de crianças, e achava que talvez agora tivesse chegado à idade de se estabelecer, se não quisesse estar velho demais quando seu filho completasse 20 anos. San Salvatore ultimamente parecia um pouco abandonado. Ele ouvia ecos quando andava por lá. Se sentia solitário lá; tão solitário que este ano preferiu perder uma primavera. Faltava uma esposa ali. Faltava aquele toque de calor e beleza, pois ele nunca pensava em uma esposa sem pensar também em calor e beleza — ela seria, é claro, bonita e gentil. Era engraçado como ele já estava tão apaixonado por essa ideia de esposa.

Uma amizade com aquela dama de nome doce se construía enquanto caminhavam em direção ao farol. Ele tinha certeza de que em breve estaria contando a ela tudo sobre si, seu passado e suas esperanças futuras; e o pensamento de ter estabelecido uma relação de confiança tão rapidamente o fez rir.

— Por que está rindo? — ela perguntou, olhando para ele e sorrindo.

— É tão parecido com voltar para casa — ele disse.

— Mas aqui é sua casa, então é de fato.

— Quero dizer, o sentimento de realmente voltar para casa. Para uma... uma família. Eu nunca tive família. Sou órfão.

— Oh, é mesmo? — disse Rose com empatia. — Espero que não tenha sido há muito tempo. Não... quero dizer, espero que não tenha ficado órfão há muito tempo. Não... desculpe, não sei o que quero dizer, além de que sinto muito.

Ele riu de novo.

— Ah, estou acostumado. Eu não tenho ninguém. Nem irmãos ou irmãs.

— Então é filho único — ela observou.

— Sim. E há algo em você que é exatamente minha ideia de uma... de uma família.

Ela sorriu.

— Tão... acolhedor — ele disse, olhando para ela e procurando por uma palavra.

— Você não pensaria assim se visse minha casa em Hampstead — disse ela. Uma lembrança daquela casa austera, de seus assentos duros passaram em sua mente, com nada de aconchegante ali, exceto o negligenciado e abandonado sofá Du Barri. Não era de se admirar, pensou por um momento, que Frederick a evitasse. Não havia nada de acolhedor na família deles.

— Não acredito que qualquer lugar onde você more possa ser algo além de exatamente como você — ele disse.

— Não vai fingir que San Salvatore é como eu, vai?

— Na verdade, é exatamente isso. Admite que é um lugar muito bonito, certo?

Ele disse várias coisas como essa. Ela aproveitou o passeio. Não conseguia lembrar de nenhum passeio tão agradável desde seus dias de namoro.

Ela voltou para o chá parecendo bem diferente, o sr. Wilkins notou, e na companhia do sr. Briggs. *Problemas, temos problemas aqui*, pensou o sr. Wilkins, ativando seu lado profissional. Ele podia se ver sendo chamado para dar conselhos em breve. Havia Arbuthnot, e também Briggs. Problemas se aproximando, mais cedo ou mais tarde. Mas por que o telegrama de Briggs ressoou tanto sobre aquela dama? Se ela tivesse ficado pálida por excesso de alegria, então o problema estava mais perto do que ele supunha. Ela não estava pálida agora; estava mais parecida com seu nome do que ele a tinha visto até então. Como uma rosa. Bem, ele era o homem que resolvia problemas. Lamentava, é claro, que as pessoas devessem se meter neles, mas estando envolvidas, ele era a salvação delas.

Energizado por esses pensamentos, afinal sua carreira era muito preciosa para ele, o sr. Wilkins fez as honras ao sr. Briggs, tanto em sua qualidade de inquilino de San Salvatore quanto de possível suporte em dificuldades, recebendo-o com grande hospitalidade, e mostrou-lhe as várias características do lugar, levando-o até o parapeito para que visse Mezzago do outro lado da baía.

A sra. Fisher também foi muito atenciosa. Esta era a casa deste jovem. Ele era um homem de posses. Ela gostava da propriedade, e gostava de homens de posses. Além disso, havia um mérito peculiar em ser um homem de posses tão jovem. Herança, é claro; e herança era mais respeitável do que

qualquer aquisição. Indicava que havia pais; e em uma época em que a maioria das pessoas parecia não ter nem querer pais, ela também gostava disso.

Foi uma refeição agradável, com todos sendo amáveis e estando satisfeitos. Briggs achou a sra. Fisher uma idosa querida, e demonstrou isso; e novamente a magia funcionou, e ela se tornou uma idosa querida. Ela desenvolveu afeição por ele, e uma espécie de afeição que era quase divertida — na verdade, antes mesmo de o chá terminar, incluiu em alguma observação que fez a ele, as palavras “Meu querido rapaz”.

Palavras estranhas na boca da sra. Fisher. Era duvidoso se em sua vida as tinha usado antes. Rose se surpreendeu. Como as pessoas eram realmente agradáveis. Quando ela pararia de julgá-las sem antes conhecê-las? Nem suspeitava desse lado da sra. Fisher, e começou a se perguntar se a versão dela com a qual estava familiarizada não tinha talvez, sido o efeito de seu próprio comportamento reativo e irritante. Provavelmente, sim. Como ela devia ter sido horrível. Ela se sentiu muito injusta quando viu a sra. Fisher, diante de seus olhos, se desabrochar em real amabilidade quando alguém a tratou bem. Poderia ter se afundado no chão de vergonha quando a sra. Fisher riu, e em choque, percebeu que este som era uma novidade. Nenhuma vez antes ela ou qualquer outra pessoa ali tinha ouvido a sra. Fisher rir. Que acusação contra todos eles! Pois todos tinham rido, alguns mais e outros menos, em algum momento desde a chegada, e apenas a sra. Fisher não havia rido. Claramente, ela ainda não tinha se divertido como estava se divertindo agora. Ninguém tinha se importado se ela se divertia ou não, exceto talvez Lotty. Sim; Lotty se importava, e queria que ela fosse feliz; mas Lotty parecia irritar a sra. Fisher, enquanto ao contrário, ela nunca tinha estado com ela por cinco minutos sem querer provocá-la e se opor a ela.

Como ela tinha sido horrível. Ela se comportara de forma imperdoável. Sua culpa se manifestou em uma solicitude tímida em relação à sra. Fisher, o que fez o observador Briggs achá-la ainda mais angelical, e desejar por um momento ser uma idosa, para ser tratado por Rose Arbuthnot exatamente assim. Evidentemente, não havia fim, ele pensou, para as coisas que ela poderia fazer com tamanha doçura. Ele nem se importaria de tomar remédio, um remédio realmente desagradável, se fosse Rose Arbuthnot inclinando-se sobre ele para medicá-lo.

Ela sentiu os olhos azuis e brilhantes de Briggs, ainda mais brilhantes porque ele estava bastante queimado de sol, fixados nela, e, sorrindo, perguntou a ele sobre o que ele estava pensando.

Mas ele disse que não poderia contar isso a ela, e acrescentou:

— Algum dia.

Problema, problema, pensou o sr. Wilkins, mais uma vez ativando seu

lado profissional. *Bem, eu sou o homem que eles irão precisar.*

— Tenho certeza de que não tem pensamentos que não poderíamos ouvir — disse a sra. Fisher benignamente.

— Tenho certeza de que estaria contando todos os meus segredos para a senhora em uma semana — disse o sr. Briggs.

— Estaria contando para alguém que sabe guardá-los muito bem, então — disse a sra. Fisher benevolmente. Ele era exatamente o tipo de filho que ela teria gostado de ter tido. — E em troca — ela continuou —, eu ousaria dizer que contaria os meus.

— Ah, não — disse o sr. Wilkins, adaptando-se ao tom brincalhão —, devo protestar. Realmente devo. Sou o amigo mais antigo. Eu conheci a sra. Fisher há dez dias, e você, Briggs, ainda não a conhece nem por um dia. Afirmo meu direito de ser informado dos segredos dela primeiro. Isso é — ele acrescentou, fazendo uma reverência galante — se ela tiver algum... o que peço licença para duvidar.

— Ah, não tenho! — exclamou a sra. Fisher, pensando naquelas folhas verdes. O fato de ela ter soltado uma exclamação já era surpreendente, mas que ela o fizesse com alegria era realmente miraculoso. Rose só podia observá-la com admiração.

— Então vou arrancá-los — disse Briggs com igual alegria.

— Não precisarão de muito esforço — disse a sra. Fisher. — Minha dificuldade é contê-los.

Poderia ter sido Lotty falando. O sr. Wilkins ajustou a lupa que carregava consigo para ocasiões como esta e examinou a sra. Fisher cuidadosamente. Rose observou, incapaz de não sorrir também, já que a sra. Fisher parecia tão divertida, embora Rose não soubesse exatamente por quê. Seu sorriso era um pouco incerto, pois a diversão da sra. Fisher era uma novidade com aspectos imponentes, e tinha que se acostumar com isso.

O que a sra. Fisher estava pensando era o quanto eles ficariam surpresos se ela lhes contasse sobre sua sensação muito estranha e excitante de jovialidade. Eles pensariam que ela era uma velha muito boba, e ela também teria pensado assim dois dias atrás; mas a ideia de ser como um broto estava se tornando familiar para ela. Estava mais *apprivoisée* agora, como o querido Matthew Arnold costumava dizer, e embora sem dúvida seria melhor se sua aparência e as sensações combinassem, e supondo que não combinassem — não se podia ter tudo —, não era melhor se sentir jovem em algum sentido do que velho em todos os sentidos? Teria tempo suficiente para ser velha em todos os sentidos novamente, por dentro e por fora, quando voltasse para seu sarcófago na *Prince of Wales Terrace*.

No entanto, é provável que sem a chegada de Briggs, a sra. Fisher

continuaría fermentando secretamente em sua concha. Os outros só a conheciam como severa. Relaxar de repente teria sido mais do que sua dignidade poderia suportar — especialmente em relação às três jovens mulheres. Mas o estranho Briggs havia chegado, um estranho que imediatamente se afeiçoou a ela como nenhum jovem havia se afeiçoado em sua vida, e foi a chegada de Briggs e seu apreço real e manifesto — pois era exatamente uma avó assim que gostaria de ter tido, pensou Briggs, sedento por uma vida em família e tudo o que isso trazia — que libertou a sra. Fisher de sua concha; e aqui ela estava finalmente, como Lotty havia previsto, satisfeita, de bom humor e benevolente.

Lotty, voltando meia hora depois do seu piquenique e seguindo o som das vozes no jardim superior, na esperança de ainda encontrar chá, entendeu imediatamente o que havia acontecido, pois a sra. Fisher estava rindo.

Ela rompeu seu casulo, pensou Lotty; e tão ágil como era em todos os seus movimentos, além de impulsiva, e sem nenhum senso de propriedade para preocupá-la e atrasá-la, se inclinou sobre o encosto da cadeira da sra. Fisher e a beijou.

— Meu Deus! — exclamou a sra. Fisher, dando um salto, pois tal coisa não acontecia com ela desde os primeiros dias do sr. Fisher, e mesmo assim apenas timidamente. Este beijo foi um beijo real, e repousou na bochecha da sra. Fisher por um momento com uma estranha e suave doçura.

Quando ela viu de quem era, um rubor profundo se espalhou por seu rosto. A sra. Wilkins havia a beijado e o beijo pareceu tão afetuosos... Mesmo que ela quisesse, não poderia, na presença do apreciativo sr. Briggs, retomar sua severidade descartada e a repreender; mas ela não queria. Será possível que a sra. Wilkins gostasse dela durante todo esse tempo, enquanto ela própria a desgostava tanto? Um calor estranho se infiltrou pelas defesas congeladas do coração da sra. Fisher. Uma jovem havia a beijado — uma jovem quis beijá-la. Muito corada, ela observou a criatura estranha, aparentemente sem ter ciência de ter feito algo extraordinário, apertando as mãos do sr. Briggs, quando ele foi apresentado por seu marido, e imediatamente iniciando uma conversa muito amigável com ele, como se o conhecesse a vida toda. Que criatura estranha; era uma criatura muito estranha. Era natural, sendo ela tão estranha, que alguém pudesse ter a julgado mal, talvez...

— Tenho certeza de que gostaria de chá — disse Briggs para Lotty, com uma hospitalidade ansiosa. Ele a achava encantadora com suas sardas, desarrumada após um piquenique e tudo mais. Como deveria ser uma irmã para ele.

— Este já está frio — ele disse, sentindo a chaleira. — Vou pedir para a Francesca preparar um para você.

Ele parou e corou.

— Ora, perdão, esqueci que não sou o anfitrião — disse ele, rindo e olhando ao redor para eles.

— Muito natural, muito natural — tranquilizou-o o sr. Wilkins.

— Vou até lá e aviso a Francesca — disse Rose, levantando-se.

— Não, não — disse Briggs. — Não vá embora. — E ele colocou as mãos na boca e gritou. — Francesca!

Ela veio correndo. Na experiência de Rose, nenhum chamado tinha sido respondido por ela com tanta rapidez.

— A voz de seu mestre — observou o sr. Wilkins.

— Prepare outro chá — ordenou Briggs em italiano. — Rápido, rápido. — E caiu em si novamente, e pediu perdão a todos.

— Muito natural, muito natural — tranquilizou-o o sr. Wilkins mais uma vez.

Briggs então explicou a Lotty o que já tinha explicado duas vezes, uma vez para Rose e outra para os outros dois: estava a caminho de Roma e pensou em parar em Mezzago para checar se estavam confortáveis e continuar sua jornada no dia seguinte, passando a noite em um hotel em Mezzago.

— Mas que ridículo — disse Lotty. — Claro que deve ficar aqui. É a sua casa. Há o quarto de Kate Lumley — acrescentou, virando-se para a sra. Fisher. — A senhora não se importaria que o sr. Briggs o ocupasse por uma noite, não é mesmo? — perguntou, virando-se novamente para Briggs e rindo.

E, para sua imensa surpresa, a sra. Fisher riu também. Ela sabia que em qualquer outro momento esse comentário lhe pareceria excessivamente impróprio, no entanto, agora apenas achava engraçado.

De fato, assegurou a Briggs, Kate Lumley não estava ocupando aquele quarto. Muito felizmente, pois ela era uma pessoa excessivamente larga e o quarto era bem estreito. Kate Lumley poderia entrar nele, mas mal se mexeria. Uma vez dentro, ela se encaixaria tão apertada que provavelmente nunca mais conseguiria sair. Estava inteiramente à disposição do sr. Briggs, e ela esperava que ele não fizesse nada tão absurdo quanto ir para um hotel — ele, o proprietário de todo o lugar.

Rose ouviu o discurso com os olhos arregalados de espanto. A sra. Fisher riu muito enquanto o fazia. Lotty também riu bastante e, ao final, inclinou-se e a beijou novamente — beijou-a várias vezes.

— Como vê, meu querido rapaz — disse a sra. Fisher —, você deve ficar aqui e nos dar o prazer de sua companhia.

— Seria um imenso prazer, com certeza — corroborou o sr. Wilkins calorosamente.

— Um prazer muito grande — repetiu a sra. Fisher, parecendo exatamente como uma mãe satisfeita.

— Claro — disse Rose, quando Briggs se virou para ela, interrogativamente.

— Que gentileza de todos vocês — disse ele, com o rosto tomado por sorrisos. — Adoraria ser um hóspede aqui. É algo novo. E com três...

Ele parou e olhou em volta.

— Desculpe — começou —, não deveria ter uma quarta anfitriã? Francesca disse que havia quatro damas nesta casa.

— Sim. Lady Caroline — disse Lotty.

— Então não seria melhor ter certeza de que ela está de acordo?

— Ah, ela está, sim — começou Lotty.

— A filha dos Droitwiches, Briggs — disse o sr. Wilkins. — É improvável que falte com hospitalidade.

— A filha dos... — repetiu Briggs. Mas parou abruptamente, pois ali na porta estava a própria filha dos Droitwiches; vindo em sua direção, alcançando o brilho do pôr do sol, estava aquilo que ele ainda não havia visto em sua vida, apenas sonhado, seu ideal de beleza na forma mais plena.

Capítulo 19

E então, quando ela falou... pobre Briggs. Ele estava perdido. Tudo o que Pequenina disse foi “Como vai”, quando o sr. Wilkins o apresentou, mas foi o suficiente para fazê-lo se derreter por completo.

De um jovem alegre, conversador, feliz, transbordando vida e simpatia, ele se tornou silencioso, solene, com pequenas gotas de suor escorrendo na testa. Além disso, ele ficou desajeitado, deixando cair a colher enquanto entregava a xícara a ela, manuseando mal os *macarons*, fazendo com que um rolasse no chão. Seus olhos não conseguiam se desviar do rosto encantador nem por um momento sequer; e quando o sr. Wilkins, elucidando-o, pois ele falhava em se elucidar, informou a lady Caroline que o sr. Briggs era o proprietário de San Salvatore, que estava a caminho de Roma, mas havia parado em Mezzago etc. etc., e que as outras três senhoras haviam o convidado para passar a noite em sua própria casa, em vez de um hotel, e que o sr. Briggs só estava esperando o selo de aprovação dela para este convite, sendo ela a quarta anfitriã. Quando o sr. Wilkins, equilibrando suas frases e sendo admiravelmente claro e apreciando o som de sua própria voz culta, explicou a posição desta maneira para a lady Caroline, Briggs se sentou e não disse nem uma palavra.

Uma profunda melancolia tomou Pequenina. Os sintomas da típica pessoa que a monopolizava estavam todos lá, eram muito familiares, e ela sabia que se Briggs ficasse, seu período de paz poderia ser considerado encerrado.

Então, Kate Lumley lhe ocorreu. Ela se agarrou a Kate como último recurso.

— Seria muito bom — disse ela, dando um breve sorriso para Briggs. Por decência, ela não podia deixar de sorrir, pelo menos um pouco, mas mesmo um pouco revelava a covinha, e os olhos de Briggs se fixaram mais do que nunca. — Mas há espaço?

— Sim, há — respondeu Lotty. — Tem o quarto de Kate Lumley.

— Pensei que sua amiga viria imediatamente — disse Pequenina para a sra. Fisher, e, para Briggs, pareceu que ele nunca tinha ouvido música até então.

— Ah, não — disse a sra. Fisher, com uma estranha placidez, reparou Pequenina.

— A srta. Lumley — disse o sr. Wilkins — ou devo dizer a senhora? — ele perguntou a sra. Fisher.

— Kate nunca se casou — respondeu a sra. Fisher complacientemente.

— Certo. A srta. Lumley não chegará hoje, de qualquer forma, lady Caroline. E o sr. Briggs tem que continuar sua jornada amanhã, então sua estadia de forma alguma interferirá na possível visita da srta. Lumley.

— Então é claro que eu me uno ao convite — disse Pequenina, com o que para Briggs foi a mais divina cordialidade.

Ele balbuciou algo, corando muito, e Pequenina pensou, *Ah*, e virou a cabeça para o lado; mas isso apenas fez com que Briggs pudesse admirar seu perfil, e se existia algo mais adorável do a visão de frente de Pequenina, era seu perfil.

Bem, era apenas durante esta tarde e à noite. Ele partiria, sem dúvida, logo pela manhã. Levaria horas para chegar em Roma. Terrível se ele se arrastasse até o trem noturno. Ela tinha a sensação de que o principal expresso para Roma passava à noite. Por que diabos aquela mulher, Kate Lumley, ainda não tinha chegado? Ela tinha se esquecido completamente dela, mas agora se lembrava de que deveria tê-la convidado quinze dias atrás. O que teria acontecido com ela? Esse homem, uma vez ali, a encontraria em Londres, assombraria os lugares que ela poderia frequentar. Ele tinha o potencial, seu olhar experiente podia ver, de se tornar um persistente e apaixonado seguidor.

O sr. Wilkins, observando o rosto de Briggs e o repentino silêncio, pensou que se existisse qualquer entendimento entre este jovem rapaz e a sra. Arbuthnot, agora teriam problemas. *Problemas de natureza diferente do tipo que eu temia, em que Arbuthnot teria desempenhado um papel de destaque, na verdade, o papel de suplicante, mas problemas que podem precisar de ajuda e conselho, ainda assim, por não serem escandalosos publicamente. Briggs, impelido por suas paixões e sua beleza, aspirará à filha dos Droitwiches. Ela, natural e corretamente, o repelirá. A sra. Arbuthnot, deixada de lado, ficará chateada e demonstrará isso. Arbuthnot, ao chegar em San Salvatore, encontrará sua esposa em lágrimas, e isso será um enigma. Ao indagar sobre a causa, será recebido com uma reserva glacial. Mais problemas, então, podem ser esperados, e encontrarão nele um bom conselheiro. Quando Lotty disse que a sra. Arbuthnot queria o marido, ela estava errada. A sra. Arbuthnot quer o Briggs, e parece muito que ela não vai consegui-lo.* Bem, sr. Wilkins tinha certeza de que era o homem de que eles precisariam.

— Onde estão suas coisas, sr. Briggs? — perguntou a sra. Fisher, em seu tranquilo tom de voz maternal. — Não deveriam ser trazidas? — Afinal, o sol já estava quase escondendo-se no mar, e a umidade doce e perfumada de abril estava começando a invadir o jardim.

Briggs ficou surpreso.

— Minhas coisas? — ele repetiu. — Ah, sim, eu devo buscá-las. Estão em Mezzago. Vou enviar Domenico. Minha carruagem está esperando

na vila. Ele pode voltar nela. Vou lá e digo a ele.

Ele se levantou. Com quem ele estava falando? Com a sra. Fisher, aparentemente, mas seus olhos estavam fixos em Pequenina, que não disse nada e não olhava para ninguém.

Então, voltando a si, ele gaguejou:

— Sinto muito — disse, ainda perdido. — Vou descer e buscá-las eu mesmo.

— Podemos enviar Domenico, não seria um problema — disse Rose; e com sua voz gentil, ele virou a cabeça.

Ora, lá estava sua amiga, a dama de nome doce — mas como ela mudou neste curto intervalo! Seria a luz fraca tornando-a tão sem cor, com características simples, tão opaca, tão parecida com um fantasma? Um fantasma agradável, é claro, e ainda com um nome bonito, mas apenas um fantasma.

Ele se virou dela para Pequenina novamente, e se esqueceu da existência de Rose Arbutnot. Como era possível para ele se preocupar com qualquer outra pessoa ou coisa ao estar encarando seu sonho realizado?

Briggs não havia suposto ou esperado que alguém tão belo pudesse mesmo sair de seus sonhos e se materializar. Ele nunca havia conhecido sequer uma aproximação até agora. Mulheres bonitas, mulheres encantadoras, ele havia conhecido e apreciado, mas nunca a própria divindade. Costumava pensar, que se visse uma mulher perfeita, morreria. Embora permanecesse vivo tendo agora conhecido o que para si era uma mulher de beleza perfeita, ficou tão próximo de se tornar um incapaz de cuidar de seus próprios assuntos que parecia que de fato havia morrido.

Os outros foram obrigados a organizar tudo para ele. Com perguntas, extraíram dele que sua bagagem estava no guarda-volumes da estação em Mezzago, e mandaram chamar Domenico, e, instigado e incentivado por todos, exceto Pequenina, que permanecia em silêncio e não olhava para ninguém, Briggs foi induzido a dar a ele as instruções necessárias para voltar na carruagem e trazer suas coisas.

Foi uma triste visão ver o colapso de Briggs. Todos perceberam, até mesmo Rose.

Como eu sempre digo, pensou a sra. Fisher, a maneira como um rosto bonito pode transformar um homem encantador em um idiota está além da paciência.

Sentindo o ar esfriar e o sofrimento evidente de Briggs, ela entrou para ordenar que seu quarto fosse preparado, lamentando agora por tê-lo pressionado a ficar. Por um momento, havia se esquecido do que o rosto de

lady Caroline causava, ainda mais devido à ausência de quaisquer efeitos negativos produzidos sobre o sr. Wilkins. Pobre rapaz. Tão encantador também, perdido. Era verdade que não podia acusar lady Caroline, pois ela não estava dando a menor atenção a ele, mas isso não ajudava. Assim como mariposas imbecis, homens, até mesmo os inteligentes, se debatiam ao redor da luz de um impassível rosto bonito. Ela já os tinha visto fazendo isso. Havia observado com muita frequência. Quase colocou a mão de forma maternal na cabeça loira de Briggs enquanto passava por ele. Pobre rapaz.

Então Pequenina, tendo terminado seu cigarro, levantou-se e entrou também. Ela não via motivo para ficar ali apenas para satisfazer o desejo do sr. Briggs de observá-la. Teria gostado de ficar mais tempo lá fora, ir para o seu cantinho atrás dos arbustos de troviscos e olhar o céu ao pôr do sol, observar as luzes se acendendo uma a uma no vilarejo abaixo, e sentir a doce umidade da noite, mas se o fizesse, o sr. Briggs certamente a seguiria.

A velha tirania que lhe era tão familiar havia recomeçado. Suas férias de paz e libertação foram interrompidas, talvez até acabadas, pois quem podia ter certeza de que ele iria embora amanhã, afinal? Ele poderia sair da casa, expulso por Kate Lumley, mas não havia nada que o impedisse de alugar um quarto no vilarejo e vir para cá todos os dias. Essa tirania de uma pessoa sobre outra! E seu rosto era tão miseravelmente bem-feito, que nem sequer poderia franzir a testa para ele sem ser mal interpretada.

Pequenina, que amava este momento da noite em seu recanto, sentiu-se indignada com o sr. Briggs por estar privando-a disso, e virou as costas para o jardim e para ele, dirigindo-se para casa sem olhar ou dizer uma palavra. Briggs, quando percebeu a intenção dela, pulou de pé, afastou as cadeiras que nem estavam no seu caminho, chutou um banquinho que estava no caminho para o lado, apressou-se até a porta, que estava escancarada, para segurá-la aberta, e a seguiu através dela, caminhando ao seu lado pelo corredor.

O que faria com o sr. Briggs? Bem, era o corredor dele; não poderia impedir que ele o percorresse.

— Espero — ele disse, incapaz de tirar os olhos dela enquanto caminhava, e por isso bateu em várias coisas que de outra forma teria evitado... a quina de uma estante de livros, um antigo armário esculpido, quase derrubando a água de um vaso de flores que estava em cima da mesa — que esteja bem acomodada aqui. Se não estiver, eu vou... vou esfolá-los vivos.

Sua voz vibrava. O que faria com sr. Briggs? Ela poderia, é claro, ficar no quarto o tempo todo, dizer que estava indisposta, não aparecer no jantar; mas, mais uma vez, a tirania disso...

— Estou muito bem acomodada, sim — respondeu Pequenina.

— Se eu soubesse que você viria... — ele começou.

— É um lugar maravilhoso — disse Pequenina, fazendo o possível para parecer distante e austera, mas com pouca esperança de sucesso.

A cozinha ficava neste andar, e ao passarem pela porta entreaberta, foram observados pelos empregados, cujos pensamentos, comunicados uns aos outros por olhares, foram reproduzidos por sons grosseiros como “Ahá” e “Ohô” — sons que representavam e incluíam sua apreciação do inevitável, sua previsão do inevitável, e sua completa compreensão e aprovação.

— Vai subir? — perguntou Briggs, enquanto ela parava ao pé da escada.

— Sim.

— Para qual sala vai? A sala de estar ou a amarela?

— Vou para o meu quarto.

Então ele não poderia subir com ela; tudo o que podia fazer era esperar até que saísse de novo.

Ele ansiava por perguntar qual era o quarto dela — o emocionava ouvir que um dos quartos de sua casa era dela — para que pudesse imaginá-la nele. Ansiava saber se, por alguma feliz coincidência, era o seu quarto, para sempre preenchido com o seu encanto; mas ele não ousava. Descobriria isso mais tarde com outra pessoa — Francesca, ou qualquer um dos outros.

— Então não vou vê-la até o jantar?

— O jantar é às oito — foi a resposta evasiva de Pequenina enquanto subia as escadas.

Ele a observou se afastar.

Ela passou pela madona, o retrato de Rose Arbuthnot, e a figura de olhos escuros que ele havia achado tão doce parecia empalidecer, encolher até se tornar insignificante enquanto ela passava.

Pequenina virou a curva da escada, e o sol poente, brilhando através da janela oeste em seu rosto por um momento, a glorificou.

Ela desapareceu e o sol também se apagou, as escadas ficaram escuras e vazias.

Ele ouviu até que seus passos se tornassem silenciosos, tentando descobrir pelo som da porta ao se fechar em qual quarto ela havia entrado, depois vagou sem rumo pelo corredor e se voltou novamente ao jardim superior.

Da sua janela, Pequenina o viu lá. Ela viu Lotty e Rose sentadas no parapeito onde ela gostaria de estar, e viu o sr. Wilkins abordando Briggs,

evidentemente contando a ele a história do oleandro no meio do jardim.

Briggs estava ouvindo com uma paciência que ela achou bastante agradável, considerando que era o seu oleandro e a história do próprio pai dele. Ela sabia que o sr. Wilkins estava contando a história pelos gestos dele. Domenico havia contado a ela logo após sua chegada, e também havia contado a sra. Fisher, que havia contado ao sr. Wilkins. A sra. Fisher gostava muito dessa história e a mencionava com frequência. Era sobre uma bengala de cerejeira. O pai de Briggs havia enfiado essa bengala no chão naquele local e disse ao pai de Domenico, que na época era o jardineiro: “Aqui nós teremos um oleandro”. E o pai de Briggs deixou a bengala no chão como lembrete para o pai de Domenico, e logo depois — quanto tempo, ninguém se lembrava —, a bengala começou a brotar, e era um oleandro.

Ali estava o pobre sr. Briggs, ouvindo com paciência a história que ele devia conhecer desde a infância.

Provavelmente estava pensando em outra coisa. Ela tinha medo de que ele estivesse. Como era infeliz, como era extremamente infeliz, a determinação que as pessoas tinham em se apossar de outras pessoas. Se ao menos pudessem cuidar de si mesmas. Por que o sr. Briggs não podia ser mais como Lotty, que nunca queria nada de ninguém, que se sentia completa e respeitava o espaço dos outros? Amava estar com Lotty. Com ela, era livre, e ainda assim, amparada. O sr. Briggs parecia bastante agradável também. Achava que poderia gostar dele se ele não gostasse dela de forma tão excessiva.

Pequenina se sentiu melancólica. Ali estava ela, trancada em seu quarto abafado pelo sol da tarde que tinha se derramado nele, em vez de estar no jardim fresco, e tudo por causa do sr. Briggs.

Que tirania intolerável, pensou, enfurecendo-se. Ela não suportaria; sairia mesmo assim; ela desceria correndo enquanto o sr. Wilkins — esse homem realmente era uma preciosidade — mantinha o sr. Briggs ocupado, contando-lhe sobre o oleandro, e sairia de casa pela porta da frente, escondendo-se nas sombras do caminho em zigue-zague. Ninguém poderia vê-la lá; ninguém pensaria em procurá-la lá.

Ela pegou um xale, pois não pretendia voltar por um bom tempo, talvez nem mesmo para o jantar — seria tudo culpa do sr. Briggs se ela não fosse jantar e ficasse faminta — e dando outro olhar pela janela para ver se ainda estava segura, saiu sorrateiramente e escapou para as árvores protetoras do caminho ziguezagueante, e lá se sentou em um dos bancos disposto em cada curva para ajudar no caminho daqueles que ficavam sem fôlego.

Ah, isso é adorável, pensou Pequenina com um suspiro de alívio. Como estava fresco. Cheiroso. Ela podia ver a calmaria da água do pequeno porto através dos troncos dos pinheiros, e as luzes surgindo nas casas do outro

lado, e ao seu redor, o crepúsculo verde era salpicado pelo rosa-claro dos gladiolos na grama e pelo branco das margaridas amontoadas.

Ah, muito adorável. Tão silencioso. Nada se movia — nem uma folha, nem um caule. O único som era o latido de um cachorro ao longe, em algum lugar nas colinas, ou quando a porta do pequeno restaurante na praça abaixo era aberta e vinha um burburinho de vozes, imediatamente silenciado pelo fechar da porta.

Ela inspirou profundamente, sentindo prazer. Ah, isso era... Sua respiração profunda foi interrompida. O que era aquilo? Ela se inclinou para frente, ouvindo com atenção, seu corpo tenso. Passos. No caminho em zigue-zague. Briggs. Ele ia encontrá-la. Deveria correr? Não... os passos estavam subindo, não descendo. Alguém da vila. Talvez Angelo, com provisões. Ela relaxou mais uma vez. Mas os passos não eram de Angelo, aquele jovem ágil e flexível; eram passos lentos e firmes, que parava sua caminhada às vezes.

Alguém que não está acostumado com colinas, pensou Pequeninina.

A ideia de voltar para a casa não lhe ocorreu. Ela não tinha medo de nada na vida, exceto do amor. Bandidos ou assassinos não causavam medo na filha dos Droitwiches; ela só teria medo deles se deixassem de ser bandidos e assassinos para ter segundas intenções amorosas com ela. No momento seguinte, os passos dobraram a esquina de onde ela estava e pararam.

Tomando fôlego, pensou Pequeninina, sem se virar.

Então, como ele — pelos sons dos passos, ela deduziu que pertenciam a um homem — não se movia, ela virou a cabeça e avistou com surpresa uma pessoa que ela via muito em Londres, o conhecido escritor de memórias cômicas, sr. Ferdinand Arundel.

Ela o encarou. Nada a espantava mais no fato de sempre ser seguida, mas ficou surpresa que ele tivesse descoberto onde estava. Sua mãe tinha prometido fielmente não contar a ninguém.

— Você? — ela disse, sentindo-se traída. — Aqui?

Ele se aproximou dela e tirou o chapéu. Sua testa sob o chapéu estava molhada de suor por causa da subida. Ele parecia envergonhado e suplicante, como um cachorro culpado, mas dedicado.

— Perdoe-me — ele disse. — Lady Droitwich me revelou sua localização, e como eu estava passando por aqui a caminho de Roma, pensei em parar em Mezzago para ver como você estava.

— Mas... minha mãe não lhe disse que eu estava descansando em um refúgio?

— Sim. Ela disse. E é por isso que não quis incomodá-la mais cedo, durante o dia. Pensei que provavelmente dormiria o dia todo e acordaria por

volta desse horário para jantar.

— Mas...

— Eu sei. Não tenho mais desculpas. Não pude evitar.

Isso é culpa da minha mãe, por sempre convidar escritores para o almoço, e minha, por sempre parecer mais agradável do que de fato sou, pensou Pequenina.

Ela tinha sido agradável com Ferdinand Arundel; gostava dele — ou melhor, ela não o desgostava. Ele parecia ser um homem jovial e simples, e tinha um olhar de cachorrinho. Além disso, embora fosse evidente que ele a admirava, em Londres não havia se comportado de maneira intrusiva. Lá, ele tinha sido apenas uma pessoa bondosa e inofensiva, de conversa afável, que ajudava a tornar os almoços agradáveis. Agora, parecia que ele também era um intruso. Ora, segui-la até lá... ousar fazer isso. Ninguém havia feito isso. Talvez sua mãe tivesse dado o endereço a ele porque o considerava absolutamente inofensivo, e achou que ele poderia ser útil em mandar notícias a ela.

Bem, seja lá o que ele fosse, possivelmente ele não poderia causar o mesmo problema que um jovem ativo como o sr. Briggs causaria. Ela sentia que o sr. Briggs, apaixonado, seria imprudente, não hesitaria em nada, perderia a cabeça. Podia imaginá-lo usando a escada de corda e fazendo serenata sob sua janela — o que seria algo realmente difícil e desconfortável. O sr. Arundel não tinha a disposição para esse tipo de imprudência. Ele tinha vivido tempo demais e muito bem. Ela tinha certeza de que ele não cantaria e nem gostaria de fazê-lo. Ele devia ter pelo menos 40 anos. Quantos bons jantares um homem não poderia ter comido até os 40 anos? E se, durante esse tempo, em vez de se exercitar, tivesse ficado sentado escrevendo livros, naturalmente adquiriria a figura que o sr. Arundel tinha — a figura mais adequada para a conversa do que para a aventura.

Pequenina, que tinha ficado melancólica ao ver Briggs, ficou filosófica ao ver Arundel. Aqui estava ele. Ela não podia mandá-lo embora até depois do jantar. Ele precisava ser alimentado.

Sendo assim, era melhor aproveitar e aceitar com boa vontade o que, de qualquer forma, não poderia ser evitado. Além disso, ele seria uma proteção temporária contra o sr. Briggs. Pelo menos estava familiarizada com Ferdinand Arundel e poderia ouvir dele notícias sobre sua mãe e seus amigos, e tal conversa colocaria uma barreira defensiva no jantar entre ela e as investidas do outro. Era apenas por um jantar, e ele não podia consumi-la.

Portanto, ela se preparou para ser amigável.

— Eu devo jantar às oito — ela disse, ignorando o último comentário dele —, e você deve subir e se alimentar também. Sente-se, descanse, e me

conte como todos estão.

— Posso realmente jantar com a senhorita? Nestas roupas de viagem? — ele disse, limpando a testa antes de se sentar ao lado dela.

Ela era tão adorável que parecia uma fantasia de sua imaginação, ele pensou. Apenas olhar para ela por uma hora, apenas ouvir sua voz, era recompensa suficiente por sua jornada e seus receios.

— Claro. Suponho que tenha deixado sua carruagem na vila, e seguirá de Mezzago pelo trem noturno.

— Talvez fique em um hotel de Mezzago para partir amanhã. Mas me conte sobre você — ele disse, olhando para o perfil adorável. — Londres está extraordinariamente monótona e vazia. Lady Droitwich disse que a senhorita estava com pessoas que ela não conhecia. Espero que tenham sido gentis com você? A senhorita parece... bem, como se realmente tivesse encontrado o que veio procurar aqui.

— São todos muito gentis — disse Pequenina. — Eu as encontrei em um anúncio.

— Um anúncio?

— Descobri que é uma boa maneira de fazer amigos. Estou mais afeiçoada a uma delas do que tenho sido com qualquer outra pessoa em anos.

— Mesmo? Quem?

— Vai descobrir qual delas é quando as vir. Me conte sobre minha mãe. Quando a viu pela última vez? Nós combinamos de não nos escrever, a menos que houvesse algo importante. Eu queria ter um mês completamente em branco.

— E agora eu vim e interrompi. Não consigo expressar o quanto estou envergonhado... tanto por ter feito isso quanto por não ter conseguido evitá-lo.

— Ah, mas — disse Pequenina rapidamente, pois ele não poderia ter vindo em melhor hora, quando ela sabia que lá em cima, esperando por ela, estava o apaixonado Briggs — estou realmente muito feliz em vê-lo. Me conte sobre minha mãe.

Capítulo 20

Pequenina queria tanto saber sobre sua mãe, que Arundel teve que inventar. Ele falaria sobre qualquer coisa que ela desejasse, contanto que pudesse estar com ela por um tempo, vendo-a e ouvindo-a, mas ele sabia muito pouco sobre os Droitwiches e seus amigos — além de encontrá-los em grandes eventos onde a literatura também está inclusa, e divertindo-os em almoços e jantares, ele realmente sabia muito pouco sobre eles. Para eles, ele sempre foi o sr. Arundel; ninguém o chamava de Ferdinand; e ele só conhecia os boatos que saíam nos jornais e entre os frequentadores de clubes. Mas ele era, no entanto, bom em inventar; e assim que chegou ao fim do que sabia para responder às suas perguntas e mantê-la ali consigo, passou a fabular. Foi bastante fácil associar algumas das coisas divertidas que ele constantemente pensava sobre outras pessoas e fingir que eram verdadeiras. Pequenina, que sentia muita saudade dos pais, estava sedenta por notícias, e ficava cada vez mais interessada pelas coisas que ele gradualmente lhe transmitia.

No início eram notícias comuns. Ele tinha encontrado sua mãe aqui e a visto ali. Ela estava muito bem; ela disse isso e aquilo. Mas logo as coisas que lady Droitwich havia dito adquiriram uma qualidade incomum: eram coisas divertidas.

— Minha mãe disse *isso*? — interrompeu Pequenina, surpresa.

E logo lady Droitwich começou a fazer coisas engraçadas, além de dizê-las.

— Minha mãe *fez* isso? — perguntou Pequenina, com os olhos arregalados.

Arundel se empolgou. Ele atribuiu algumas das ideias mais divertidas que teve ultimamente à lady Droitwich, e também qualquer coisa encantadora e engraçada que tivesse sido feita — ou que poderia ter sido feita, pois ele conseguia imaginar praticamente qualquer coisa.

Os olhos de Pequenina se arregalaram em admiração e orgulho, cheia de afeto por sua mãe. Quem imaginaria como minha mãe pode ser divertida... Que graça... Ela realmente fez isso? Que adorável. E ela realmente disse... Como é maravilhoso que ela tenha pensado nisso. Que tipo de reação Lloyd George teve?

Ela riu sem parar, e sentiu uma grande vontade de abraçar sua mãe. O tempo passou voando e já estava escurecendo quase completamente, e o sr. Arundel ainda continuava a entretê-la. Eram quase oito horas quando ela, de repente, lembrou-se do jantar.

— Oh, céus! — ela exclamou, levantando-se.

— Sim. Está tarde — disse Arundel.

— Vou depressa mandar uma empregada vir até você. Preciso me apressar, ou nunca estarei pronta a tempo...

E ela desapareceu pelo caminho com a rapidez de uma jovem e esbelta gazela.

Arundel a seguiu. Ele não queria chegar muito suado, então teve que ir devagar. Felizmente estava perto do topo, e Francesca desceu pela pérgola para guiá-lo para dentro, e depois de mostrar-lhe onde ele poderia lavar as mãos, ela o colocou na sala de estar vazia para descansar perto do fogo crepitante.

Ele se afastou o máximo que pôde do fogo e ficou em uma das janelas, olhando para as luzes distantes de Mezzago. A porta da sala de estar estava aberta, e a casa estava quieta com o silêncio que antecede o jantar, quando os moradores estão todos trancados em seus aposentos se vestindo. Briggs em seu quarto estava jogando fora gravata após gravata. Pequeninina, no dela, estava se apressando em colocar um vestido preto com a ideia de que o sr. Briggs não seria capaz de vê-la tão claramente se estivesse de preto. A sra. Fisher estava prendendo o xale de renda, que transformava seu vestido de dia em vestido de noite, com o broche que Ruskin havia lhe dado em seu casamento, formado por dois lírios de pérolas amarrados por uma fita de cetim azul em que estava escrito em letras douradas *Esto perpetua*. O sr. Wilkins estava sentado na ponta da cama, escovando os cabelos da esposa — ele tinha progredido em demonstrações de afeto até esta terceira semana — enquanto ela, por sua vez, sentada em uma cadeira na sua frente, colocava as abotoaduras dele em uma camisa limpa. E Rose, vestida e pronta, estava sentada à janela pensando em seu dia.

Rose estava bem consciente do que havia acontecido com o sr. Briggs. Se tivesse tido alguma dificuldade para entender isso, Lotty teria resolvido ao fazer comentários bem francos enquanto as duas estavam na mureta, depois do chá. Lotty estava encantada com mais amor surgindo em San Salvatore, mesmo que não fosse correspondido, e disse que quando o marido de Rose estivesse lá, não haveria outro lugar no mundo que transbordasse mais felicidade do que San Salvatore, agora que a sra. Fisher também finalmente se soltara — Rose protestou contra a expressão, e Lotty retorquiu que era de Keats.

— Seu marido pode chegar em breve — disse Lotty, balançando os pés —, talvez amanhã à noite, se ele tiver saído imediatamente, haverá dias finais gloriosos antes de todos nós voltarmos para casa, revigorados. Acredito que jamais seremos os mesmos... e não ficaria surpresa se Caroline não acabasse gostando do jovem Briggs. Está no ar. Você acaba gostando das pessoas aqui.

Rose se sentou próxima à janela, pensando nessas coisas. O otimismo de Lotty... mas tinha sido justificado pelo sr. Wilkins; e agora também pela sra. Fisher. Se ao menos também fizesse efeito sobre Frederick! Pois Rose, que entre o almoço e o chá havia parado de pensar no marido, agora, entre o chá e o jantar, pensava nele mais do que nunca.

Aquele breve interlúdio de admiração tinha sido engraçado e encantador, mas é claro que não poderia continuar, uma vez que Caroline aparecesse. Rose conhecia o seu lugar. Ela podia ver tão bem quanto qualquer pessoa a incomum e singular beleza de lady Caroline. Mas como sentimentos de admiração e apreciação faziam alguém se sentir importante, capaz de realmente merecê-los, sentir-se diferente, vibrante. Pareciam despertar qualidades de que nem suspeitava. Estava certa de que tinha sido uma mulher muito divertida entre o almoço e o chá, e também bonita. Teve certeza de sua beleza; ela viu nos olhos do sr. Briggs, tão claramente quanto em um espelho. Por um breve momento, ela pensou, tinha sido como uma mosca entorpecida em um zumbido alegre ao redor do fogo crepitante em um quarto no inverno. Ela ainda zumbia, ainda se arrepiava, apenas com a lembrança. Tinha sido muito divertido ter um admirador, mesmo que por pouco tempo. Não é de se espantar que as pessoas gostem de admiradores. De alguma forma estranha, admiradores pareciam fazer com que alguém se sentisse vivo.

Embora tivesse acabado, isso ainda a fazia brilhar, e se sentia mais revigorada, mais otimista, mais como Lotty provavelmente se sentia sempre, do que ela tinha se sentido desde que era uma garota. Ela se vestiu com cuidado, embora soubesse que o sr. Briggs não a veria mais, mas lhe dava prazer ver quão bonita ela poderia ser. E quase colocou uma camélia vermelha em seus cabelos, perto da orelha. Ela a segurou ali por um minuto, parecia quase pecaminosamente atraente e era exatamente da cor de sua boca, mas a tirou com um sorriso e um suspiro, colocando-a no lugar reservado para flores, que é a água. Não podia ser boba, pensou. Pense nos pobres. Logo estaria de volta a eles, e como veria uma camélia atrás da orelha, então? Pareceria delirante.

Mas em algo ela estava determinada: a primeira coisa que faria quando chegasse em casa seria resolver as coisas com Frederick. Se ele não viesse para San Salvatore, era isso o que ela faria, a primeira coisa. Deveria ter feito isso há muito tempo, mas, quando tentava, sempre era prejudicada por ser tão terrivelmente apaixonada por ele e ter tanto medo de que feridas destruíssem seu coração miserável e mole. Mas, agora, deixe-o feri-la o quanto quiser, tanto quanto ele possa, ela ainda teria que resolver as coisas com ele. Não que ele a ferisse intencionalmente; ela sabia que ele nunca quis isso, sabia que muitas vezes ele nem tinha ideia de que tinha a machucado. Para uma pessoa que escrevia livros, pensava Rose, Frederick não parecia ter muita imaginação. De qualquer forma, ela disse a si mesma, levantando-se da penteadeira, as coisas não poderiam continuar assim. Ela teria que resolver as

coisas com ele. Essa vida separada, essa solidão congelante, ela já havia tido o bastante disso. Por que ela também não poderia ser feliz? Por que diabos — a expressão enérgica combinava com seu humor de rebeldia — ela também não poderia amar e ser amada?

Ela olhou para o seu relógio. Ainda faltavam dez minutos para o jantar. Cansada de ficar no quarto, pensou em ir para as ameias da sra. Fisher, que estariam vazias a essa hora, e assistir à lua emergir do mar.

Ela foi para o corredor superior com essa intenção, mas, no caminho, foi atraída pela luz do fogo brilhando através da porta aberta da sala de estar.

Como estava alegre. O fogo transformava a sala. Uma sala escura e feia durante o dia tinha sido transformada, assim como ela havia sido transformada pelo calor de... não, ela não seria boba; ela pensaria nos pobres; pensar neles sempre a trazia de volta à sobriedade.

Ela espiou. Luz do fogo e flores; e do lado de fora, a cortina azul da noite. Como era bonito. Que lugar belo era San Salvatore. E aquele lilás magnífico na mesa — ela precisava cheirá-lo...

Mas ela nunca chegou ao lilás. Deu um passo em direção a ele, e então parou, pois tinha visto uma figura olhando pela janela no canto mais distante, e era Frederick.

Todo o sangue no corpo de Rose correu para o coração, que pareceu parar de bater.

Frederick. Veio.

Ela ficou completamente imóvel. Ele não tinha a ouvido. Ele não se virou. Ela ficou olhando para ele. O milagre tinha acontecido, ele tinha vindo.

Ela prendeu a respiração. Então ele precisava dela, pois tinha vindo imediatamente. Então também devia estar pensando, ansiando...

Seu coração, que parecia ter parado de bater, agora a sufocava pela forma como batia acelerado. Frederick a amava então — ele devia amá-la, ou por que teria vindo? Algo, talvez sua ausência, o tinha feito se voltar para ela, querê-la... e agora o entendimento que tinha decidido ter com ele seria bastante... seria bastante... fácil...

Seus pensamentos não fluíam. Sua mente gaguejava. Ela não conseguia pensar. Só conseguia ver e sentir. Não sabia como tinha acontecido. Foi um milagre. Deus poderia fazer milagres. Deus tinha feito este. Deus poderia... Deus poderia... poderia...

Sua mente gaguejou novamente e se interrompeu.

— Frederick... — ela tentou dizer; mas nenhum som saiu, ou, se saiu, o crepitar do fogo o encobriu.

Ela precisava se aproximar. Começou a se arrastar em direção a ele... bem suavemente.

Ele não se moveu. Não tinha ouvido.

Ela se aproximou cada vez mais; o fogo crepitava e ele não ouvia nada.

Ela parou por um momento, incapaz de respirar. Estava com medo. E se ele... e se ele... oh, mas ele tinha vindo, ele tinha vindo.

Ela continuou, bem perto dele, e seu coração batia tão alto que ela pensava que ele devia ser capaz de ouvir. E ele não podia sentir... ele não sabia...

— Frederick — ela sussurrou, mal conseguindo até mesmo sussurrar, sufocada pelo batimento do coração.

Ele girou nos calcanhares.

— Rose! — ele exclamou, olhando fixamente para ela.

Mas ela não viu o seu olhar, pois seus braços estavam em volta do pescoço dele, e sua bochecha estava contra a dele, e ela murmurava, com os lábios em seu ouvido:

— Eu sabia que você viria... no fundo do meu coração, eu sempre soube que você viria.

Capítulo 21

Ora, Frederick não era o tipo de homem que machucaria alguém se pudesse evitar; além disso, ele estava completamente perplexo. Não apenas sua esposa estava aqui — aqui, entre todos os lugares do mundo —, mas ela estava se agarrando a ele como não fazia há anos, murmurando palavras de amor e dando-lhe as boas-vindas. Se ela o recebia assim, devia estar esperando por ele. Estranho, mas era a única coisa que era evidente naquela situação — isso, e a suavidade de sua bochecha contra a dele, e o doce cheiro dela, há muito esquecido.

Frederick estava atordoado. Mas não sendo o tipo de homem que machucaria alguém, ele também colocou os braços ao redor dela, e depois disso, também a beijou; e logo estava beijando-a quase tão ternamente quanto ela o beijava; e logo ele a estava beijando com ainda mais ternura; e mais uma vez, e era exatamente como se nunca tivesse parado.

Ele estava perplexo, mas ainda conseguia beijar. Parecia estranhamente natural fazer isso. Sentia-se como se tivesse 30 anos novamente, e não 40, e Rose fosse sua Rose de 20, a Rose que ele havia adorado tanto antes de ela começar a julgar seu trabalho com sua ideia do que era certo e errado. Ela se tornou estranha, fria, e cada vez mais afetada, e ah, fora tão lamentável. Ele não conseguia alcançá-la naqueles dias; ela não queria, não conseguia entender. Ela continuava a apontar tudo com a expressão “aos olhos de Deus”: aos olhos de Deus não poderia ser certo, não era certo. Seu rosto infeliz — seja lá o que suas convicções religiosas fizessem por ela, não a tornavam uma pessoa feliz — seu rostinho infeliz, retorcido pelo esforço para ser paciente, tinha sido mais do que ele podia suportar ver, e ele havia se mantido afastado o máximo que podia. Ela nunca deveria ter sido filha de um pároco de uma igreja decadente — um demônio; ela estava completamente despreparada a se opor à sua criação.

O que havia acontecido, por que ela estava ali, por que ela voltara a ser sua Rose novamente, ultrapassava sua compreensão; e enquanto isso, e até que ele entendesse, ainda podia beijá-la. Na verdade, ele não conseguia parar de beijá-la; e agora era ele quem começava a murmurar, a dizer coisas apaixonadas em seu ouvido, sob o cabelo que tinha um cheiro tão doce e que lhe provocava cócegas exatamente como ele se lembrava.

Ao abraçá-la junto ao seu coração e sentir aqueles braços macios em volta de seu pescoço, apossava-se dele uma deliciosa sensação de... a princípio ele não sabia o que esse calor delicado e pervasivo era, e então reconheceu como segurança. Sim; segurança. Não havia mais necessidade de se envergonhar de sua figura, e fazer piadas sobre isso para antecipar as dos outros e mostrar que não se importava; não havia mais necessidade de se

envergonhar por ficar sem fôlego ao subir colinas, ou de se torturar imaginando como parecia para damas mais jovens — um homem de meia-idade, quão absurda era sua incapacidade de se afastar delas. Rose não se importava com essas coisas. Com ela, ele estava seguro. Para ela, ele era seu amante, como costumava ser; e ela nunca notaria ou se importaria com as mudanças desprezíveis que o envelhecimento havia causado nele e que continuaria causando cada vez mais.

Frederick continuou, portanto, com cada vez mais calor e crescente deleite a beijar sua esposa, e o simples fato de tê-la em seus braços o fez esquecer de todo o resto. Como ele poderia, por exemplo, lembrar ou pensar em lady Caroline, para mencionar apenas uma de suas complicações, quando aqui estava sua doce esposa, miraculosamente renovada, sussurrando as palavras mais queridas contra a bochecha dele, palavras românticas, o quanto ela o amava, o quanto ela sentira sua falta? Por um breve instante, pois mesmo nos momentos de amor existem breves instantes de pensamento lúcido, ele reconheceu o imenso poder daquela mulher à sua frente comparado ao da outra, por mais bonita que fosse, que agora estava em outro lugar. Mas isso foi o mais longe que ele chegou em lembrar de Pequenina. Ela era como um sonho, fugindo diante da luz da manhã.

— Quando você partiu? — murmurou Rose, com a boca em seu ouvido. Ela não podia soltá-lo; nem mesmo para falar, ela não conseguia soltá-lo.

— Ontem de manhã — murmurou Frederick, abraçando-a firmemente. Ele também não conseguia soltá-la.

— Oh... no mesmo instante, então — murmurou Rose.

Isso era enigmático, mas Frederick respondeu:

— Sim, no mesmo instante. — E beijou seu pescoço.

— Como minha carta chegou rápido até você — murmurou Rose, cujos olhos estavam fechados pelo excesso de sua felicidade.

— Não é? — disse Frederick, que sentia vontade de fechar os olhos também.

Então ela enviou uma carta. Sem dúvida em breve ele iria compreender mais as coisas, mas, enquanto isso, era tão estranho e comoventemente doce estar abraçando sua Rose novamente junto a seu coração após tantos anos, que ele não conseguia se preocupar em tentar adivinhar nada. Oh, ele fora feliz durante esses anos, porque não estava nele ser alguém infeliz; além disso, quantas coisas interessantes a vida lhe ofereceu, quantos amigos, quanto sucesso, quantas mulheres apenas esperando para ajudá-lo a apagar o pensamento da esposa mudada, petrificada, piedosa em casa, que não gastava seu dinheiro, que ficava

horrorizada com seus livros, que se afastava cada vez mais dele, e sempre que tentava esclarecer as coisas com ela, perguntava com obstinação paciente o que ele achava que as coisas que ele escrevia para ganhar a vida pareciam aos olhos de Deus.

— Ninguém — ela disse uma vez — deveria escrever um livro que Deus não gostasse de ler. Essa é a prova, Frederick.

E ele riu, histérico, soltou um riso alto e saiu correndo de casa, longe do rosto solene dela — longe do rosto patético e solene dela...

Mas essa Rose era como sua juventude ressurgindo, o melhor momento de sua vida, aquele período repleto de sonhos e esperanças. Como eles sonhavam juntos, antes de ele se debruçar sobre seus livros de memórias; como faziam planos, riam e se amavam. Por um tempo, eles viveram no coração da poesia. Após os dias felizes vinham as noites felizes, as noites abençoadas, com ela adormecida junto ao seu coração, e quando ele acordava de manhã, ela ainda estava lá, em seu peito, mal se movendo em seu sono profundo e contente. Era incrível ter tudo isso de volta, apenas com o toque dela, o rosto dela contra o seu — era maravilhoso que ela pudesse lhe trazer a juventude de volta.

— Querida... querida — ele murmurou, submerso em lembranças, segurando-a.

— Meu marido amado. — ela suspirou, com profunda felicidade.

Briggs entrou alguns minutos antes do toque do gongo, na esperança de que lady Caroline pudesse estar lá e ficou muito surpreso. Ele havia suposto que Rose Arbuthnot era viúva, e ainda supunha isso, então ficou muito surpreso.

Nossa, pensou Briggs, clara e distintamente, pois o choque do que viu na janela o surpreendeu tanto que por um momento ele se libertou de sua própria confusão. Em voz alta, ele disse, muito vermelho:

— Ah, digo... me desculpe. — E depois ficou hesitante, perguntando-se se não deveria voltar para o seu quarto.

Se não tivesse dito nada, eles não teriam notado sua presença, mas quando ele pediu desculpas, Rose se virou e olhou para ele como alguém que está tentando se lembrar de quem era, e Frederick também olhou para ele, sem vê-lo por completo no início.

Eles não pareciam se importar ou estar constrangidos, pensou Briggs. Ele não podia ser irmão dela; nenhum irmão jamais lançou aquele olhar ao rosto de uma mulher. Era muito desconfortável. Se eles não se importavam, ele se importava. Ficou chateado por encontrar sua madona se comportando daquela maneira.

— Este é um dos seus amigos? — Frederick conseguiu perguntar a Rose após um instante, enquanto ela continuava a olhar para Briggs com uma espécie de boa vontade abstrata e radiante.

— É o sr. Briggs — disse Rose, reconhecendo-o. — Este é meu marido — ela acrescentou.

E Briggs, apertando a mão dele, teve tempo apenas para pensar como era surpreendente ter um marido quando se era viúva antes de o gongo soar. Então lembrou que logo lady Caroline estaria lá, e ele parou de raciocinar mais uma vez, tornando-se um ser com os olhos fixos na porta.

Pela porta, imediatamente entrou, em uma procissão interminável aos seus olhos, primeiro a sra. Fisher, muito imponente em seu xale de renda e broche de noite, que ao vê-lo relaxou imediatamente em sorrisos e benignidade, apenas para endurecer quando viu o estranho; então o sr. Wilkins, mais limpo e arrumado do que qualquer homem na Terra; e então, amarrando algo às pressas enquanto o seguia, a sra. Wilkins; e mais ninguém.

Lady Caroline estava atrasada. Onde ela estaria? Será que ouviu o gongo? Não deveria ser batido novamente? E se ela não viesse para o jantar, afinal...

Briggs sentiu um arrepio.

— Me apresente — disse Frederick com a entrada da sra. Fisher, tocando o cotovelo de Rose.

— Meu marido — disse Rose, segurando-o pela mão, seu rosto exalando delicadeza.

Este deve ser o último dos maridos, a menos que lady Caroline tire um da manga, pensou a sra. Fisher.

Mas ela o recebeu com graça, pois ele certamente parecia exatamente um marido, nada como aqueles que fingem ser maridos quando não agem como tal, e disse que ele provavelmente tinha vindo para acompanhar sua esposa de volta para casa naquele fim de mês, e comentou que agora a casa estaria cheia e completa.

— Então — acrescentou, sorrindo para Briggs —, finalmente faremos jus ao dinheiro gasto.

Briggs sorriu automaticamente, porque conseguiu perceber que alguém estava sendo brincalhão com ele, mas não ouviu nem olhou para ela. Não apenas seus olhos estavam fixos na porta, mas todo o seu corpo estava concentrado nela.

Apresentado por sua vez, o sr. Wilkins foi muito hospitaleiro e chamou Frederick de *sir*.

— Bem, *sir* — disse o sr. Wilkins calorosamente — aqui estamos nós, aqui estamos nós... — E, depois de apertar sua mão com uma compreensão que só não era mútua porque Arbuthnot ainda não sabia o que o aguardava em termos de problemas, olhou para ele como um homem deveria, diretamente nos olhos, e permitiu que seu olhar transmitisse tão claramente quanto era possível que nele seria encontrada firmeza, integridade e confiabilidade. Na verdade, um amigo. A sra. Arbuthnot estava muito corada, observou o sr. Wilkins. Ele nunca a tinha visto tão corada.

Bem, eu sou o homem que eles irão procurar, pensou ele.

A saudação de Lotty foi efusiva, feita com ambas as mãos.

— Eu não te disse? — Ela riu para Rose por cima do ombro enquanto Frederick estava apertando as mãos dele nas suas.

— O que disse a ela? — perguntou Frederick, para dizer alguma coisa. A forma como todos o estavam recebendo era confusa. Parecia que todos esperavam por ele, não apenas Rose.

A jovem simpática de cabelos claros não respondeu, mas parecia extraordinariamente feliz em vê-lo. Por que ela estaria tão satisfeita em vê-lo?

— Que lugar encantador — disse Frederick, confuso, fazendo o primeiro comentário que lhe ocorreu.

— É uma fonte de amor — disse a jovem de cabelos claros; o que o deixou ainda mais confuso.

E sua confusão se tornou excessiva com as próximas palavras que ouviu, ditas pela senhora idosa:

— Não vamos esperar. Lady Caroline sempre se atrasa. — Pois foi só então, ao ouvir seu nome, que realmente se lembrou de lady Caroline, o que lhe gerou muita confusão.

Ele entrou na sala de jantar como um homem em um sonho. Tinha ido a este lugar para ver lady Caroline, e havia dito isso a ela. Ele até disse, em sua estupidez — era verdade, mas que estupidez — que não tinha conseguido evitar vir. Ela não sabia que ele era casado. Ela achava que seu nome era Arundel. Todo mundo em Londres achava que seu nome era Arundel. Ele havia usado e escrito sob esse nome por tanto tempo que quase pensava que era ele mesmo. No curto período desde que ela o deixara no banco no jardim, onde disse a ela que veio porque não podia evitar, ele encontrara Rose novamente, a abraçara apaixonadamente e fora abraçado, e se esquecera de lady Caroline. Seria uma extraordinária sorte se o atraso de lady Caroline significasse que ela estava cansada ou entediada e não viria para o jantar, afinal. Então ele poderia... não, ele não poderia. Ele ficou ainda mais vermelho do que o habitual ao pensar em tal covardia. Não, ele não poderia ir embora depois do jantar, pegar seu trem e desaparecer para Roma; não a

menos que, é claro, Rose fosse com ele. Mesmo assim, que fuga covarde. Não, ele não poderia.

Quando chegaram à sala de jantar, a sra. Fisher foi para a cabeceira da mesa. Ele se perguntou se esta era a casa da sra. Fisher. Ele não sabia; não sabia de nada... e Rose, que chegara ao fim em seus dias de desafiar a sra. Fisher, afinal, ninguém poderia dizer olhando para uma mesa qual era o início e qual era o fim, levou Frederick para o assento ao lado dela. Se ao menos ele pudesse ter ficado sozinho com Rose, pensou; apenas mais cinco minutos sozinho com Rose, para que pudesse ter perguntado a ela...

Mas provavelmente não teria perguntado nada, apenas teria continuado a beijá-la.

Ele olhou ao redor. A jovem de cabelos claros estava dizendo ao homem que chamavam de Briggs para ir se sentar ao lado da sra. Fisher — então a casa, era da jovem de cabelos claros e não da sra. Fisher? Ele não sabia; não sabia de nada — e ela mesma se sentou do outro lado de Rose, de modo que estava de frente para ele, Frederick, e ao lado do homem afável que tinha dito “Aqui estamos nós”, quando era muito evidente que eles estavam lá, de fato.

Ao lado de Frederick, e entre ele e Briggs, havia uma cadeira vazia: a de lady Caroline. Tão pouco quanto lady Caroline sabia da presença de Rose na vida de Frederick, Rose não sabia da presença na de lady Caroline na vida do marido. O que cada uma pensaria? Ele não sabia; ele não sabia de nada. Sim, ele sabia de algo, que sua esposa havia feito as pazes com ele — de repente, milagrosa, inexplicável e divinamente. Além disso, não sabia de mais nada. Ele sentia que não poderia lidar com essa situação. Deveria seguir. Só podia ficar à deriva.

Em silêncio, Frederick tomou sua sopa, e os olhos, os grandes olhos expressivos da jovem mulher à sua frente, estavam sobre ele, ele podia sentir, com um olhar crescente de inquirição. Eram, ele podia ver, olhos muito inteligentes e atraentes, e cheios de benevolência também. Provavelmente ela achava que ele deveria falar — mas se ela soubesse de tudo, não pensaria assim. Briggs também não falava. Parecia inquieto. O que havia com ele? Rose também não falava, mas isso era natural. Ela nunca foi de falar muito. Ela tinha a expressão mais adorável no rosto. Quanto tempo essa expressão duraria em seu rosto após a entrada de lady Caroline? Ele não sabia; não sabia de nada.

Mas o homem agradável à esquerda da sra. Fisher falava o suficiente por todos. Aquele sujeito deveria ter sido um pastor. Púlpitos eram o lugar para uma voz como a dele; teria uma posição episcopal em seis meses. Ele estava explicando para Briggs, que se remexia em sua cadeira — por que Briggs se remexia em sua cadeira? — que ele devia ter saído pelo mesmo

trem que Arbuthnot, e quando Briggs, que não disse nada, se contorceu em aparente discordância, ele se comprometeu a provar isso para ele, e o fez em longas frases claras.

— Quem é o homem que está falando? — Frederick perguntou a Rose em um sussurro; e a jovem mulher à sua frente, cujos ouvidos pareciam ter a rapidez da audição de criaturas selvagens, respondeu:

— Ele é meu marido.

— Então, pelas regras — disse Frederick, agradavelmente, se recompondo —, não deveria estar sentada ao lado dele.

— Mas eu quero. Gosto de me sentar ao lado dele. Eu não gostava antes de vir para cá.

Frederick não conseguiu pensar em nada para dizer, então apenas sorriu de forma neutra.

— É este lugar — ela disse, acenando para ele. — Este lugar faz a gente entender. Você não tem ideia do quanto vai aprender antes de voltar para casa.

— Eu espero sinceramente que sim — disse Frederick com verdadeiro fervor.

A sopa foi retirada e o peixe foi servido. Briggs, do outro lado da cadeira vazia, parecia mais inquieto do que nunca. O que havia com ele? Será que não gostava de peixe?

Frederick se perguntava o quanto Briggs ficaria agitado se estivesse em sua situação. Frederick continuava a limpar o bigode e não conseguia levantar o olhar acima do prato, mas isso era tudo o que ele demonstrava do que estava sentindo.

Embora não olhasse para cima, sentia os olhos da jovem mulher à sua frente vasculhando-o como grandes holofotes, e os olhos de Rose também estavam sobre ele, ele sabia, mas repousavam sem questionamentos, lindamente, como uma bênção. Por quanto tempo eles continuariam fazendo isso depois que lady Caroline estivesse lá? Ele não sabia; não sabia de nada.

Ele limpou o bigode pela vigésima vez, mesmo sem necessidade, e não conseguiu manter a mão firme. A jovem mulher à sua frente viu que sua mão não estava totalmente firme, e seus olhos o vasculharam com mais persistência. Por que não tirava os olhos dele? Ele não sabia; não sabia de nada.

Então, Briggs pulou de pé. O que havia com Briggs? Oh, sim, claro: ela tinha chegado.

Frederick limpou o bigode e também se levantou. Ele estava metido

nisso agora. Situação absurda, irreal. Bem, o que quer que acontecesse, ele só podia se deixar levar — se deixar levar e parecer um idiota para lady Caroline, o mais absoluto e enganoso idiota — um idiota que também era um réptil, pois ela bem poderia pensar que ele estava zombando dela no jardim quando disse, sem dúvida com a voz trêmula — tolo e idiota — que tinha vindo porque não tinha conseguido evitar. Quanto ao que pareceria para sua Rose — quando lady Caroline o apresentasse como seu amigo que ela havia convidado para jantar... bem, só Deus sabia disso.

Assim, enquanto se levantava, ele limpou o bigode pela última vez antes da catástrofe.

Mas ele estava subestimando Pequenina.

Aquela inteligente jovem deslizou para a cadeira que Briggs segurava para ela, e quando Lotty se inclinou ansiosamente e disse, antes que qualquer outra pessoa pudesse dizer uma palavra:

— Veja só, Caroline, como o marido de Rose chegou rápido aqui!

Pequenina se virou para ele sem o menor vestígio de surpresa no rosto, estendeu a mão e sorriu como um anjo, e disse:

— E eu atrasada logo na sua primeira noite.

A filha dos Droitwiches...

Capítulo 22

Aquela era uma noite de lua cheia. O jardim era um lugar encantado onde todas as flores pareciam brancas. Os lírios, os troviscos, as flores de laranjeira, as cravinas, os cravos, as rosas brancas — era possível vê-las tão claramente quanto durante o dia; mas as flores coloridas existiam apenas como fragrância.

As três mulheres mais jovens se sentaram na mureta no final do jardim após o jantar, Rose um pouco afastada das outras. Elas observaram a enorme lua movendo-se lentamente sobre o lugar onde Shelley havia vivido seus últimos meses quase cem anos antes. O mar tremeluzia ao encontro da lua. As estrelas piscavam e vibravam. As montanhas eram contornos azulados e enevoados, com pequenos aglomerados de luzes brilhando por entre pequenos amontoados de casas. No jardim, as plantas permaneciam completamente imóveis, retas e não perturbadas pelo menor sopro de ar. Através das portas de vidro, a sala de jantar, com sua mesa iluminada por velas e flores brilhantes — naquela noite, capuchinhas e calêndulas — brilhava como uma caverna mágica de cores, e os três homens fumando ao redor dela pareciam figuras estranhamente animadas vistas do silêncio, da imensa e fresca calma do lado de fora.

A sra. Fisher tinha ido para a lareira na sala de estar. Pequenina e Lotty, com os rostos voltados para o céu, falavam muito pouco e em sussurros. Rose não disse nada. Seu rosto também estava voltado para cima. Ela estava olhando para o pinheiro-manso, que se destacava gloriosamente contra as estrelas. De vez em quando, os olhos de Pequenina e os de Lotty se fixavam em Rose, que estava adorável. Naquele momento, em qualquer lugar, entre todas as belezas conhecidas, ela teria sido adorável. Ninguém poderia tê-la ofuscado, apagado sua luz naquela noite; ela estava brilhando demais.

Lotty se inclinou e sussurrou no ouvido de Pequenina:

— Amor.

Pequenina assentiu.

— Sim — ela disse, em voz baixa.

Ela foi obrigada a admitir. Era só olhar para Rose para saber que ali estava o amor.

— Não há nada igual — sussurrou Lotty.

Pequenina ficou em silêncio.

— É uma coisa maravilhosa permanecer amando — sussurrou Lotty depois de uma pausa, durante a qual ambas observaram o rosto de Rose

voltado para cima. — Talvez saiba me dizer qual outra coisa no mundo faz maravilhas assim.

Mas Pequenina não sabia dizer a ela; e se soubesse, que noite para começar a argumentar. Esta era uma noite para...

Ela se conteve. Amor novamente. Estava por toda parte. Não havia como escapar. Ela tinha vindo a este lugar para escapar dele, e aqui estava o amor em seus diferentes estágios. Até a sra. Fisher parecia ter sido tocada por uma das facetas do amor, e estava diferente no jantar — cheia de preocupação porque o sr. Briggs não comia, e seu rosto, quando se voltava para ele, cheio de um ar maternal.

Pequenina ergueu o olhar para o pinheiro imóvel entre as estrelas. A beleza o faz amar, e o amor faz de você bonito...

Ela puxou seu xale mais perto, com um gesto de defesa, de manter-se afastada e longe. Ela não queria ficar sentimental. Era difícil não ficar, aqui; a maravilhosa noite invadia por todos os cantos, e trazia consigo, quer se desejasse ou não, sentimentos muito fortes — sentimentos que não se podia controlar, coisas grandiosas sobre a morte, o tempo e o desperdício; coisas gloriosas e devastadoras, magníficas e sombrias, ao mesmo tempo arrebatamento e terror, e um imenso anseio que partia o coração. Ela se sentia pequena e terrivelmente sozinha. Sentia-se exposta e desprotegida. Instintivamente, puxou seu xale para mais perto. Ela tentava se proteger com esse pedaço de chiffon.

— Suponho que o marido de Rose, para você, parece apenas um homem comum, de meia-idade e de bom coração — sussurrou Lotty.

Pequenina baixou o olhar das estrelas e olhou para Lotty por um momento enquanto recolocava seus pensamentos em foco.

— Apenas um homem um tanto vermelho e redondo — sussurrou Lotty.

Pequenina baixou a cabeça.

— Ele não é — sussurrou Lotty. — Rose o enxerga além disso tudo. Isso são apenas detalhes. Ela vê o que nós não conseguimos ver, porque o ama.

Sempre o amor.

Pequenina se levantou e, enrolando-se com firmeza em seu xale, afastou-se para seu recanto onde passava o dia, sentou-se ali sozinha na mureta e olhou à distância, através do mar, o mar onde o sol havia se posto, o mar com a sombra distante se estendendo até ele, onde ficava a França.

Sim, o amor fazia maravilhas, e o sr. Arundel — ela não conseguia se acostumar imediatamente com seu outro nome — era para Rose o próprio

amor; mas também fazia maravilhas invertidas, não transformava inevitavelmente as pessoas em santos e anjos. De fato, às vezes fazia justamente o oposto. Ela tinha experimentado isso em excesso. Se o amor tivesse a deixado em paz, se tivesse ao menos sido moderado e infrequente, ela poderia, pensou, ter se tornado uma pessoa bastante decente, de mente generosa, bondosa, humana. E o que ela era, graças a esse amor do qual Lotty falava tanto? Pequenina procurou uma descrição justa. Ela era uma solteirona mimada, azeda, desconfiada e egoísta.

As portas de vidro da sala de jantar se abriram, e os três homens saíram para o jardim, a voz do sr. Wilkins fluindo à frente deles. Parecia que ele estava falando sozinho; os outros dois não diziam nada.

Talvez fosse melhor ela voltar para Lotty e Rose; seria tedioso ser descoberta e cercada naquele beco sem saída pelo sr. Briggs.

Ela se levantou relutantemente, pois considerava imperdoável o sr. Briggs forçá-la a ter que sair assim, forçá-la a abandonar qualquer lugar em que desejasse ficar; e emergiu dos arbustos de trevos sentindo-se como uma figura esbelta e severa, ressentida, e desejando que parecesse tão esbelta e severa quanto se sentia; assim provocaria repugnância à alma do sr. Briggs e estaria livre dele. Mas sabia que não teria essa aparência, por mais que tentasse. No jantar, a mão dele tremia enquanto bebia, e ele não conseguia falar com ela sem ficar vermelho e depois empalidecer. Os olhos da sra. Fisher buscaram os dela, com o apelo de alguém que pede para que seu único filho não seja machucado.

Como um ser humano, um homem feito à imagem e semelhança de Deus, poderia se comportar assim, pensou Pequenina, franzindo o cenho enquanto saía de seu recanto. Ela tinha certeza de que ele era melhor do que isso, com sua juventude, atratividade e inteligência. Ele tinha cérebro. Ela prestara bastante atenção nele no jantar sempre que a sra. Fisher o fazia se virar para responder a ela, e ali teve certeza de que ele tinha cérebro. Além disso, tinha caráter; havia algo nobre em sua cabeça, sobre o formato de sua testa — nobre e gentil. Portanto, era ainda mais deplorável que ele permitisse se deixar levar por mera aparência, que desperdiçasse qualquer uma de suas forças, qualquer paz de espírito, rondando uma mulher bonita. Se ao menos ele enxergasse através dela, além da aparência, ele seria curado, e ela poderia continuar sentada, sem ser perturbada nesta maravilhosa noite.

Logo além dos arbustos de trevos, ela encontrou Frederick, apressado.

— Eu estava determinado a encontrá-la primeiro — disse ele —, antes de ir até Rose. — E acrescentou rapidamente: — Quero beijar seus pés.

— É mesmo? — disse Pequenina, sorrindo. — Então devo ir calçar meus sapatos novos. Estes não são nem de longe bons o suficiente.

Ela se sentia imensamente bem-disposta em relação a Frederick. Ele, pelo menos, não iria mais a perseguir. Seus dias de perseguição, tão repentinos e breves, tinham acabado. Bom homem; um homem agradável. Agora definitivamente gostava dele. Era óbvio que ele tinha se metido em alguma confusão, e ela estava grata a Lotty por impedi-la a tempo de dizer algo que iria complicar tudo no jantar. Mas no que quer que ele estivesse metido, agora estava fora disso; seu rosto e o de Rose tinham a mesma luz.

— Eu vou te adorar para sempre, agora — disse Frederick.

Pequenina sorriu.

— Vai mesmo? — ela disse.

— Eu te adorava antes por causa de sua beleza. Agora te adoro porque você não é apenas tão bonita quanto um sonho, mas também tão decente quanto um homem.

Pequenina riu.

— Sou? — ela disse, divertida.

— Quando a jovem impetuosa deixou escapar no último momento que eu sou o marido de Rose — continuou Frederick —, você se comportou exatamente como um homem se comportaria com seu amigo.

— Eu? — disse Pequenina, evidenciando sua famosa covinha.

— É a mais rara e preciosa das combinações: ser mulher e ter a lealdade de um homem — disse Frederick.

— É mesmo? — Pequenina sorriu, um pouco melancólica. Esses eram de fato elogios generosos. Se ao menos ela fosse realmente assim...

— E eu quero beijar seus pés.

— Isto não o poupará de problemas? — ela perguntou, estendendo a mão.

Ele a pegou e a beijou rapidamente, já se apressando para ir.

— Deus a abençoe — ele disse enquanto partia.

— Onde está a sua bagagem? — Pequenina perguntou.

— Ah, céus, sim... — disse Frederick, pausando. — Está na estação.

— Vou mandar buscá-la.

Ele desapareceu pelos arbustos. Ela entrou em casa para dar a ordem; e foi assim que Domenico, pela segunda vez naquela noite, se viu viajando para Mezzago sem entender bem o motivo.

Depois de fazer os arranjos necessários para a felicidade perfeita dessas duas pessoas, ela foi para o jardim novamente, muito absorta em

pensamentos. O amor parecia trazer felicidade para todos, exceto para ela mesma. Certamente havia capturado todos ali, em suas diferentes variedades, exceto ela mesma. O pobre sr. Briggs tinha sido capturado por sua variação menos digna. Coitado. Ele era um problema que a perturbava, e ela temia que sua partida no dia seguinte não resolveria isso.

Quando ela alcançou os outros, o sr. Arundel — ela continuava se esquecendo de que ele não era o sr. Arundel — já estava com o braço enlaçado no de Rose, indo embora com ela, provavelmente para ficarem sozinhos no jardim inferior. Sem dúvida, eles tinham muito a dizer um ao outro; algo que estava errado entre eles sem dúvida tinha sido corrigido. San Salvatore agindo com seu feitiço de felicidade, Lotty diria. Ela podia acreditar totalmente nisso. Mesmo ela estava mais feliz do que tinha sido há muito tempo. A única pessoa que sairia vazia seria o sr. Briggs.

Pobre sr. Briggs. Quando ela chegou perto do grupo, ele parecia jovem e simpático demais para não ser feliz. Parecia descabido que o proprietário do lugar, a pessoa a quem deviam tudo isso, fosse o único a sair sem ser abençoado.

O remorso se apoderou de Pequenina. Tinha passado dias muito agradáveis em sua casa, deitada em seu jardim, desfrutando de suas flores, contemplando suas vistas, usando suas coisas, estando confortável, descansada — recuperando-se, na verdade. Ela tinha tido os dias mais tranquilos, pacíficos e reflexivos de sua vida; e tudo realmente graças a ele. Ah, ela sabia que pagava a ele alguma quantia ridícula por semana, desproporcional aos benefícios que recebia em troca, mas o que era isso na balança? E não era inteiramente graças a ele que ela tinha conhecido Lotty? Se não fosse assim, ela e Lotty nunca teriam se encontrado; nunca a teria conhecido.

O remorso colocou sua mão rápida e calorosa em Pequenina. A gratidão impulsiva a inundou. Ela foi direto até Briggs.

— Eu devo tanto a você — disse ela, dominada pela súbita consciência de tudo o que devia a ele, e envergonhada de sua grosseria à tarde e no jantar. É claro que ele não percebia que ela estava sendo grosseira. É claro que seu interior desagradável estava camuflado, como de costume, pela beleza de seu exterior; mas ela sabia disso. Ela tinha sido grosseira. Tinha sido grosseira com todos há anos. Qualquer olhar atento, pensou Pequenina, qualquer olhar realmente atento, a veria pelo que ela era: uma solteirona mimada, amarga, desconfiada e egoísta.

— Eu devo tanto a você — disse Pequenina com sinceridade, caminhando direto até Briggs, humilhada por esses pensamentos.

Ele a olhou, maravilhado.

— Você me deve? — ele disse. — Mas sou eu quem... sou eu

quem... — ele gaguejou. Vê-la em seu jardim... nada ali, nenhuma flor era mais branca, mais requintada do que ela.

— Por favor — disse Pequenina, ainda mais honestamente —, tire essa ideia irreal de sua mente. Você não me deve nada. Como poderia?

— Eu não lhe devo nada? — repetiu Briggs. — Ora, eu lhe devo minha primeira visão de... de...

— Ah, pelo amor de Deus... pelo amor de Deus — disse Pequenina suplicante —, por favor, seja comum. Não seja humilde. Por que deveria ser humilde? É ridículo você ser humilde. Você vale cinquenta de mim.

Imprudente, pensou o sr. Wilkins, que estava ali parado também, enquanto Lotty estava sentada no muro. Ele ficou surpreso, preocupado, chocado que lady Caroline encorajasse Briggs dessa forma. *Muito, muito imprudente...*, pensou o sr. Wilkins, balançando a cabeça.

A condição de Briggs já estava tão ruim que o único curso a tomar com ele era repeli-lo totalmente, considerava o sr. Wilkins. Nenhuma medida pela metade era de alguma utilidade com Briggs, bondade e conversa familiar só seriam mal interpretadas pelo jovem infeliz. A filha dos Droitwiches não poderia realmente desejar encorajá-lo, isso era impossível. Briggs era bem de vida, mas era apenas Briggs; seu nome sozinho provava isso. Era improvável que lady Caroline apreciasse por completo o efeito de sua voz e de seu rosto, e como faziam com que palavras que de outra forma seriam ordinárias parecessem — bem, encorajadoras. Mas essas palavras não eram totalmente comuns; ele temia que ela não as tivesse ponderado suficientemente. De fato, ela precisava de um conselheiro — alguém sagaz e objetivo como ele. Lá estava ela, de pé diante de Briggs, quase estendendo as mãos para ele. Briggs, é claro, deveria ser grato, pois estavam tendo umas férias muito agradáveis em sua casa, mas não grato em excesso e não apenas por lady Caroline. Naquela mesma noite, o sr. Wilkins tinha considerado se apresentar a ele no dia seguinte para uma rodada de agradecimentos coletivos antes de sua partida; mas ele não deveria ser agradecido assim, à luz da lua, no jardim, pela senhora por quem ele estava tão manifestamente apaixonado.

O sr. Wilkins, portanto, desejando ajudar lady Caroline nesta situação por meio de uma tática rapidamente aplicada, disse com muita vivacidade:

— É claro que deveria ser agradecido, Briggs. Por favor, permita-me acrescentar minhas expressões de gratidão, e as de minha esposa, às de lady Caroline. Deveríamos ter proposto um voto de agradecimento a você no jantar. Você deveria ter sido brindado. Certamente seria muito apropriado.

Mas Briggs não lhe deu atenção alguma; ele simplesmente continuou olhando para lady Caroline como se ela fosse a primeira mulher que ele já tinha visto. Nem lady Caroline, observou o sr. Wilkins, deu-lhe atenção; ela também continuou olhando para Briggs, e com aquela estranha expressão de

quase apelo. Muito imprudente. Muito.

Lotty, por outro lado, deu-lhe muita atenção, escolhendo este momento, em que lady Caroline precisava de apoio e proteção especiais, para se levantar da mureta, colocar o braço nele e levá-lo embora.

— Eu quero te contar uma coisa, Mellersh — disse Lotty neste momento, levantando-se.

— Depois — disse o sr. Wilkins, afastando-a com a mão.

— Não... agora — disse Lotty; e ela o levou embora.

Ele foi com extrema relutância. Briggs não deveria ter espaço nessa situação — nem um centímetro.

— Bem... o que é? — ele perguntou impacientemente, enquanto ela o levava em direção à casa. lady Caroline não deveria ser deixada assim, exposta a aborrecimentos.

— Ah, mas ela não está — assegurou Lotty a ele, como se ele tivesse dito isso em voz alta, o que certamente não tinha. — Caroline está perfeitamente bem.

— Certamente não está tudo bem. Esse jovem Briggs está...

— Claro que está. O que você esperava? Vamos entrar, para perto do fogo e da sra. Fisher. Ela está muito sozinha.

— Eu não posso — disse o sr. Wilkins, tentando recuar — deixar lady Caroline sozinha no jardim.

— Não seja bobo, Mellersh... ela não está sozinha. Além disso, eu quero te contar algo.

— Bem, me conte, então.

— Dentro de casa.

Com uma relutância que aumentava a cada passo, o sr. Wilkins foi levado cada vez mais para longe de lady Caroline. Ele acreditava em sua esposa e confiava nela, mas nessa ocasião achava que ela estava cometendo um terrível engano. Na sala de estar estava a sra. Fisher junto ao fogo, e certamente era mais agradável para o sr. Wilkins, que preferia ficar dentro de casa próximo à lareira após o anoitecer do que ficar em jardins à luz da lua. Ele preferia estar lá dentro que ao ar livre, se pudesse ter trazido consigo lady Caroline em segurança. Naquelas condições, ele entrou com extrema relutância.

A sra. Fisher, com as mãos dobradas no colo, não fazia nada, apenas olhava fixamente para o fogo. O lampião estava convenientemente posicionado para leitura, mas ela não estava lendo. Naquela noite, não parecia

valer a pena ler seus grandes amigos mortos. Eles sempre diziam as mesmas coisas agora — repetiam as mesmas coisas várias vezes, e nunca mais se poderia obter algo novo deles. Sem dúvida, eles eram maiores do que qualquer um agora, mas tinham essa imensa desvantagem de estarem mortos. Nada mais poderia ser esperado deles; enquanto dos vivos, o que mais se poderia esperar? Ela ansiava pelos vivos, pelos que mudavam — os cristalizados e acabados a cansavam. Ela pensava que se ao menos tivesse tido um filho — um filho como o sr. Briggs, um querido rapaz como aquele, progredindo, se desenvolvendo, vivo, afetuoso, cuidando dela e a amando...

A expressão em seu rosto causou um aperto no coração da sra. Wilkins. *Pobrezinha*, ela pensou, toda a solidão da idade surgindo, a solidão de ter excedido sua estadia bem-vinda no mundo, de estar nele apenas por tolerância, a completa solidão da velha mulher sem filhos que fracassou em fazer amigos. Parecia que as pessoas só podiam ser realmente felizes aos pares — de qualquer tipo, não necessariamente amantes, mas pares de amigos, de mães e filhos, de irmãos e irmãs — e onde a outra metade do par da sra. Fisher seria encontrada?

A sra. Wilkins achou que talvez fosse melhor beijá-la novamente. O beijo desta tarde tinha sido um grande sucesso; ela sabia disso, tinha sentido instantaneamente a reação da sra. Fisher à demonstração de afeto. Então ela atravessou a sala, inclinou-se e a beijou, dizendo alegremente:

— Estamos de volta... — O que de fato era evidente.

Desta vez, a sra. Fisher levantou a mão e segurou a bochecha da sra. Wilkins contra a própria — esta criatura viva, cheia de afeto, de sangue quente; e enquanto fazia isso, ela se sentiu segura com essa estranha criatura, certa de que ela, que fazia coisas incomuns com tanta naturalidade, aceitaria a ação e não a envergonharia ficando surpresa.

A sra. Wilkins não ficou nada surpresa; ela estava encantada. *Acho que sou a outra metade do par dela*, foi o que passou por sua mente. *Acho que sou eu, sinto que sou eu, que vou me tornar a grande amiga da sra. Fisher!*

Quando ela levantou a cabeça, seu rosto estava cheio de risos. Os desdobramentos causados por San Salvatore eram extraordinários. Ela e a sra. Fisher... ela via que seriam grandes amigas.

— Onde estão os outros? — perguntou a sra. Fisher. — Obrigada, querida — acrescentou, quando a sra. Wilkins colocou um banquinho sob os pés dela, um banquinho claramente necessário, porque as pernas da sra. Fisher eram curtas.

Eu me vejo ao longo dos anos, pensou a sra. Wilkins, com os olhos brilhando, *ajudando a sra. Fisher a apoiar os pés*.

— Os Frederick — ela disse, endireitando-se — foram para o jardim

inferior... acho que estão namorando.

— Os Frederick?

— Os Arbuthnot, então, se preferir.

— Por que não dizer os Arbuthnot, minha querida? — perguntou o sr. Wilkins.

— Muito bem, Mellersh... os Arbuthnot. E os Briggs também.

— Os Briggs! — exclamou o sr. Wilkins, agora muito zangado; pois a implicação para ele era um insulto ultrajante à raça inteira dos Dester. Dester mortos, Dester vivos e Dester ainda inofensivos porque ainda não tinham nascido. — Francamente...

— Me desculpe se não gosta disso, Mellersh — disse a sra. Wilkins, fingindo docilidade.

— Gostar! Você perdeu o juízo. Eles nunca tinham posto os olhos um no outro até hoje.

— Isso é verdade. Mas é por isso que eles podem seguir em frente agora.

— Seguir em frente! — O sr. Wilkins só conseguia repetir as palavras ultrajantes.

— Me desculpe se não gosta disso, Mellersh — disse a sra. Wilkins novamente —, mas...

Seus olhos cinzentos brilhavam, e seu rosto ondulava com a luz e a convicção que tanto surpreenderam Rose na primeira vez que se encontraram.

— É inútil se incomodar — ela disse. — Eu não lutaria contra isso, se fosse você. Porque...

Ela parou, e olhou primeiro para um rosto solene alarmado e depois para o outro, e o riso, bem como a luz, tremulou e dançou sobre ela.

— Eu os vejo sendo os Briggs — concluiu a sra. Wilkins.

Na última semana, a seringueira floresceu em San Salvatore, assim como todas as acácias. Ninguém havia notado quantas acácias havia, até que um dia o jardim estava cheio de um novo perfume, e lá estavam as árvores delicadas, as adoráveis sucessoras das glicínias, penduradas por toda parte entre suas folhas trêmulas com flores. Deitar-se sob uma árvore de acácia naquela última semana e olhar para cima através dos galhos com suas folhas frágeis e flores brancas balançando contra o azul do céu, enquanto o menor movimento do ar sacudia seu perfume, foi uma grande felicidade. De fato, o jardim inteiro se vestiu gradualmente de branco, e ficou cada vez mais perfumado. Havia os

lírios, tão vigorosos quanto sempre, e os cravos, as rosas brancas, o jasmim, e, por fim, a fragrância viva das acácias. Quando, no dia primeiro de maio, todos partiram, mesmo depois de terem chegado no pé da colina e passado pelos portões de ferro da vila, ainda conseguiam sentir o aroma das acácias.

FIM